UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

NATHALIA LOPES DA SILVA

RECONFIGURAÇÕES DA NOTICIABILIDADE NA PÓS-CONVERGÊNCIA: MANIFESTAÇÕES RESIDUAIS NO JORNAL CORREIO DO ESTADO (MS)

CAMPO GRANDE/MS
2025

NATHALIA LOPES DA SILVA

RECONFIGURAÇÕES DA NOTICIABILIDADE NA PÓS-CONVERGÊNCIA: MANIFESTAÇÕES RESIDUAIS NO JORNAL CORREIO DO ESTADO (MS)

Tese apresentada como parte do requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Interartes.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva.

CAMPO GRANDE/MS
2025

NATHALIA LOPES DA SILVA

RECONFIGURAÇÕES DA NOTICIABILIDADE NA PÓS-CONVERGÊNCIA: MANIFESTAÇÕES RESIDUAIS NO JORNAL CORREIO DO ESTADO (MS)

Tese apresentada como parte do requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Interartes.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva.

Defendida e aprovada em: 17 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Mário Luiz Fernandes (Titular interno)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Ramiro Giroldo (Titular interno)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dra. Laura Strelow Storch (Titular externo)
Universidade Federal de Santa Maria (UFMS)

Profª. Drª. Vivian de Carvalho Bellocchio (Titular externo)
Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

Prof. Dr. Gerson Luiz Martins (Suplente interno)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profª. Drª. Rosana Zanelatto (Suplente interno)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti (Suplente externo)
Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

Prof. Drª. Kérley Winques (Suplente externo)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - código de financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela sabedoria e pela Sua infinita bondade.

À minha mãe, Florencia, minha gratidão por seu apoio e amor incondicional em toda a minha trajetória, por me dar forças nos momentos difíceis e por fazer o possível e o impossível para que eu realize meus sonhos.

À minha mãe, Juraci - guerreira que é exemplo de força, determinação e amor - por nunca ter medido esforços para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

À minha mãe/vó, Linda, que me ensinou a nunca desistir e a ter fé apesar das adversidades.

Ao meu amor, Vinícius, por todo incentivo, apoio, compreensão e carinho que me sustentaram em todos os momentos.

Ao meu irmão, Wellerson, pelo apoio durante o mestrado e por me ajudar a chegar até aqui.

À minha amiga, Maria do Horto, pela amizade e pelo apoio sincero ao longo do tempo que nos conhecemos.

Ao meu amigo e orientador na graduação em Jornalismo, Alexandre Augusti, por todos os ensinamentos e por me incentivar a chegar até aqui.

À minha orientadora de mestrado, Vivian, por sua dedicação, compreensão e por tudo o que aprendi ao seu lado.

A todas as amigas e amigos que de alguma forma contribuíram na minha trajetória acadêmica ou pessoal, minha gratidão.

Agradeço ao Correio do Estado pela disponibilidade e colaboração nesta pesquisa, fornecendo informações que enriqueceram significativamente este estudo.

Por fim, gostaria de expressar meu profundo agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva, com quem tive o privilégio de aprender muito e por quem tenho grande admiração. Mais que um professor e orientador, ele é um verdadeiro exemplo de profissionalismo e dedicação. Agradeço sua paciência e compreensão, e, acima de tudo, o apoio e incentivo contínuos que foram essenciais para minha trajetória acadêmica. Suas orientações foram não só valiosas para a realização deste trabalho, mas também para meu crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a problematizar possíveis alterações na lógica jornalística da noticiabilidade (Shoemaker, 2006; Shoemaker, Cohen, 2006; Silva, 2013) em um recorte geográfico regional peculiar – na redação jornalística do Correio do Estado, veículo localizado em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul – a partir de um contexto de transformações nas formas contemporâneas de sociabilidade e nos modos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos que aportam numa cultura de "pós-convergência midiática" (Fagerjord, 2011, Nash, 2012, Ramírez, 2013). Para tanto, a pesquisa busca compreender e debater a hipotética dissolução da noção tradicional de regularidade temporal como característica central das rotinas produtivas (Martín-Barbero, 2003; Thompson, 1998) e da própria concepção de vida cotidiana (Heller, 2016; Souza Martins, 2003) como padrão cultural hegemônico da sociedade contemporânea (Berger e Luckmann, 1985; Giddens, 1991; Lipovetsky, 2005). Para que o objetivo central do estudo seja alcançado, reflete-se sobre como a desconstrução contemporânea da noção tradicional de vida cotidiana (Heller, 2016; Souza Martins, 2003) tenciona os conceitos de "convergência midiática" (Jenkins, 2001; 2008) e de "convergência jornalística" (Salaverría; Negredo, 2008, Barbosa, 2009) como construções culturais que abrem caminho para a lógica da "pós-convergência" (Fagerjord, 2010; Nash, 2012; Ramírez, 2020) e alteram a própria concepção de seleção noticiosa em um cenário regional – isto é, busca-se uma proposição para o conceito de pós-convergência jornalística e sua aderência residual na prática do jornalismo sul-mato-grossense. Em termos do itinerário do estudo, desenvolve-se uma discussão teórico-conceitual de caráter bibliográfico que embasa a etapa empírica da pesquisa, a qual é fundamentada no modelo metodológico proposto por Lopes (2003). Tal modelo prevê o desenvolvimento de quatro instâncias de pesquisa: a) epistemológica (vigilância epistêmica); b) teórica (definição de quadros de referência); c) metódica (proposição de quadros de análise); e d) técnica (construção da empiria e análise dos dados) (Lopes, 2003). Após a realização dos procedimentos relacionados às três primeiras instâncias, a etapa relacionada à instância técnica envolveu três momentos: 1) observação direta na redação do veículo Correio do Estado e realização de entrevistas semiestruturadas com jornalistas do veículo, contemplando diferenças, como gênero, idade e nível hierárquico; 2) tratamento dos dados por meio da descrição e 3) interpretação dos dados, com base na discussão teórica-conceitual e na sistematização dos resultados. Como principais resultados destacam-se: a) a confirmação da ideia de que a noticiabilidade não se refere às características intrínsecas de um acontecimento, mas ao "julgamento pessoal" (Shoemaker, 2016), inscrito na construção de sentido coletivo da vida cotidiana, que determina se esse acontecimento tem potencial para se tornar notícia no espaço simbólico da redação, baseado nas dimensões do "desvio e da significância social" (Shoemaker, 2014); b) que os acontecimentos relacionados ao contexto local e regional sofrem menos influência de algoritmos e métricas digitais no processo de noticiabilidade; c) que as dimensões da noticiabilidade, como o desvio e significância social, envolvem aspectos que abarcam o contexto socioeconômico e cultural nas especificidades do Mato Grosso do Sul e de seus jogos de forças; d) que o processo de noticiabilidade no contexto Sul-mato-grossense também é moldado, sobremaneira, pelas suas particularidades culturais, econômicas e sociais; e) a identificação, ainda que de forma residual, das transformações em curso no processo de noticiabilidade em um contexto peculiar de pós-convergência jornalística.

Palavras-chave: Jornalismo; Noticiabilidade; Pós-convergência jornalística; Vida cotidiana; Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This research aims to explore potential changes in the journalistic logic of newsworthiness (Shoemaker, 2006; Shoemaker, Cohen, 2006; Silva, 2013) within a peculiar regional geographic context—the newsroom of Correio do Estado, a media outlet located in Campo Grande, the capital of Mato Grosso do Sul. The study focuses on transformations in contemporary forms of sociability and in the modes of production, circulation, and consumption of symbolic goods within a culture of "post-media convergence" (Fagerjord, 2011; Nash, 2012; Ramírez, 2013). To achieve this, the research seeks to understand and debate the hypothetical dissolution of the traditional notion of temporal regularity as a central characteristic of production routines (Martín-Barbero, 2003; Thompson, 1998) and of the very conception of everyday life (Heller, 2016; Souza Martins, 2003) as a hegemonic cultural pattern of contemporary society (Berger and Luckmann, 1985; Giddens, 1991; Lipovetsky, 2005). The study reflects on how the contemporary deconstruction of the traditional notion of everyday life (Heller, 2016; Souza Martins, 2003) challenges the concepts of "media convergence" (Jenkins, 2001; 2008) and "journalistic convergence" (Salaverría; Negredo, 2008; Barbosa, 2009). These cultural constructions pave the way for the logic of "post-convergence" (Fagerjord, 2010; Nash, 2012; Ramírez, 2020), altering the very conception of news selection in a regional context. In other words, the research aims to propose a concept of journalistic post-convergence and its residual adherence in the practice of journalism in Mato Grosso do Sul. In terms of methodology, the study develops a bibliographic, theoretical-conceptual discussion to support the empirical phase of the research, which is based on the methodological model proposed by Lopes (2003). This model encompasses four research stages: a) epistemological (epistemic vigilance); b) theoretical (definition of reference frameworks); c) methodical (proposition of analytical frameworks); and d) technical (construction of empirical data and data analysis) (Lopes, 2003). After completing the procedures related to the first three stages, the technical stage involved three steps: 1) Direct observation in the Correio do Estado newsroom and semi-structured interviews with journalists from the outlet, considering differences such as gender, age, and hierarchical level. 2) Data processing through description. 3) Data interpretation based on theoretical-conceptual discussion and the systematization of results. The main findings include: a) confirmation of the idea that newsworthiness does not pertain to the intrinsic characteristics of an event but rather to the "personal judgment" (Shoemaker, 2016) inscribed in the collective sense-making of everyday life, determining whether an event has the potential to become news within the symbolic newsroom space, based on the dimensions of "deviation and social significance" (Shoemaker, 2014); b) events related to the local and regional context are less influenced by algorithms and digital metrics in the newsworthiness process; c) the dimensions of newsworthiness, such as deviation and social significance, involve aspects that encompass the socioeconomic and cultural context of Mato Grosso do Sul and its power dynamics; d) the process of newsworthiness in the context of Mato Grosso do Sul is also significantly shaped by its cultural, economic, and social specificities; e) the identification, albeit residual, of ongoing transformations in the newsworthiness process within a peculiar context of journalistic post-convergence.

Keywords: Journalism; Newsworthiness; Journalistic Post Convergence; Daily Live; Mato Grosso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Modelo gráfico para a relação entre doxa, paradoxo e jornalismo..... 52
Figura 02: Edição única do final de semana do jornal impresso Correio do Estado..... 79
Figura 03: Foto da sala de redação Jornalista Júlio da Silva..... 80
Figura 04: *Hiperlink* na matéria "Após desistência na Capital, PSD pode largar candidaturas para apoiar PSDB".....81
Figura 05: Imagem criada por I.A utilizada para ilustrar matéria jornalística.....83
Figura 06: Matéria "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil", de 26/06/2024, no *site* do Correio do Estado.....103
Figura 07: Matéria "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil", de 27/06/2024, no jornal impresso (versão digitalizada).....103
Figura 08: Matéria "Traficantes brasileiros 'compram' polícia do Paraguai, diz PF", de 01/07/2024, no *site* Correio do Estado.....104
Figura 09: Matéria "Traficantes brasileiros 'compram' polícia do Paraguai, diz PF", de 01/07/2024, no jornal impresso (versão digitalizada).....104
Figura 10: Matéria "Conta de luz pode ficar até R$72 mais cara neste mês no Estado", de 01/07/2024, no *site* Correio do Estado.....105
Figura 11: Matéria "Conta de luz pode ficar até R$72 mais cara neste mês no Estado", de 01/07/2024, no jornal impresso (versão digitalizada).....105
Figura 12: Captura de tela da postagem da página do *Facebook* do Correio do Estado em 30/06/2024..... 106
Figura 13: Captura de tela do "Drops do CE" publicado no perfil do *Instagram* do Correio do Estado em 27/06/2024.....107
Figura 14: Captura de tela da publicação de 27 junho de 2024, no perfil do *Instagram* do Correio do Estado..... 107

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Fases metodológicas da pesquisa com base em Lopes (2003)..... 22
Quadro 02: Sistematização dos valores-notícia com base em Wolf (1995) e Traquina (2005) .....
.....45
Quadro 03: Categorias de análise..... 73
Quadro 04: Temas dos destaques das capas do jornal impresso Correio do Estado no período de 26/06/2024 a 02/07/2024..... 101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....13
1 NOTAS SOBRE O ITINERÁRIO DA PESQUISA.....21
2 VIDA COTIDIANA, SOCIABILIDADE MODERNA E DISRUPÇÕES DA PÓS-MODERNIDADE.....26
2.1 Vida cotidiana.....30
2.2 Pós-modernidade.....33
3 NOTICIABILIDADE: ESTADO DA ARTE E DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO.....39
3.1 Da perspectiva culturalista à concepção cognitiva nos estudos sobre noticiabilidade. 46
3.2 Perspectivas contemporâneas da noticiabilidade: *gatewhatched* e *sharewortness*..... 53
4 CONVERGÊNCIA E PÓS-CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO..... 55
4.1 Cultura da convergência..... 55
4.1.1 Convergência jornalística.....57
4.2 Plataformização e metrificação no jornalismo.....61
4.3 Pós-convergência 63
4.3.1 Rumo a uma definição de pós-convergência jornalística.....70
5 ANÁLISE DESCRITIVA DOS PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA 72
5.1 Apontamentos sobre a estrutura dos meios de comunicação em Mato Grosso do Sul..... 73
5.2 **Análise descritiva na observação na redação do Correio do Estado.....75**
5.2.1 Categoria 1: Perspectivas de noticiabilidade.....76
5.2.2 Categoria 2: Elementos da convergência jornalística.....78
5.2.2.1 Subcategoria 1: integração entre meios distintos..... 78
5.2.2.2 Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7..... 78
5.2.2.3 Subcategoria 3: a reorganização das redações..... 79
5.2.2.4 Subcategoria 4: jornalistas que são *plataform-agnostic*.....81
5.2.2.5 Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais.....81
5.2.3 Categoria 3: Banco de dados, plataformização e metrificação..... 82
5.2.4 Categoria 4: Elementos da pós-convergência jornalística..... 82
5.2.4.1 Subcategoria 1: hipermediação..... 82

5.2.4.2 Subcategoria 2: biodigitalidade....84
5.2.4.3 Subcategoria 3: hiperconexão....84
5.2.4.4 Subcategoria 4: hipersimulação....84
5.3 Análise descritiva das entrevistas semiestruturadas com jornalistas....85
5.3.1 Categoria 1: Perspectivas de noticiabilidade....85
5.3.2 Categoria 2: Elementos da convergência jornalística....88
5.3.2.1 Subcategoria 1: integração entre meios distintos....88
5.3.2.2 Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7....89
5.3.2.3 Subcategoria 3: a reorganização das redações....89
5.3.2.4 Subcategoria 4: jornalistas que são *plataform-agnostic*....90
5.3.2.5 Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais....91
5.3.3 Categoria 3: Banco de dados, plataformização e metrificação....91
5.3.4 Categoria 4: Elementos da pós-convergência jornalística....93
5.3.4.1 Subcategoria 1: hipermediação....93
5.3.4.2 Subcategoria 2: biodigitalidade....94
5.3.4.3 Subcategoria 3: hiperconexão....94
5.3.4.4 Subcategoria 4: hipersimulação....96
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO....97
6.1 **Categoria 1: Perspectivas de noticiabilidade....97**
6.2 **Categoria 2: Elementos da convergência jornalística....102**
6.2.1 Subcategoria 1: integração entre meios distintos....102
6.2.2 Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7....108
6.2.3 Subcategoria 3: a reorganização das redações....110
6.2.4 Subcategoria 4: jornalistas que são *plataform-agnostic*....111
6.2.5 Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais....111
6.3 Categoria 3: Banco de dados, plataformização e metrificação....111
6.4 Categoria 4: Elementos da pós-convergência jornalística....113
6.4.1 Subcategoria 1: hipermediação....113
6.4.2 Subcategoria 2: biodigitalidade....115
6.4.3 Subcategoria 3: hiperconexão....115
6.4.4 Subcategoria 4: hipersimulação....116
6.5 Sistematização dos principais resultados....116

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....123
REFERÊNCIAS..... 130
APÊNDICES.....138
ANEXOS..... 187

INTRODUÇÃO

O começo do século XXI tem sido marcado por transformações na ritmização da vida cotidiana (Heller, 2016; Souza Martins, 2003) e por mudanças nos modos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos e não simbólicos (Lipovetsky, 2005; Bauman, 2009; 2001). Esta pesquisa demonstra sua relevância, na medida em que propõe uma discussão sobre a hipotética dissolução da noção tradicional de regularidade como característica central das rotinas produtivas (Martín-Barbero, 2003; Thompson, 1998) e da própria concepção de cotidiano como padrão cultural da sociedade contemporânea. A partir dessa problematização, busca-se discutir sobre a desconstrução da lógica contemporânea do conceito de cotidiano e como isso tenciona os conceitos culturais de convergência (Jenkins, 2008) e convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008, Barbosa, 2009), sob o prisma das discussões atuais ligadas à pós-convergência (Fagerjord, 2010; Nash, 2012; Ramírez, 2020).

Esta pesquisa tem o objetivo principal de investigar de que modo a suposta dissolução da regularidade da vida cotidiana e a pós-convergência jornalística, enquanto processos socioculturais, poderiam impactar em aspectos das dimensões da noticiabilidade no vértice do campo profissional. Os objetivos específicos são: a) desenvolver uma discussão teórico-conceitual sobre os conceitos de vida cotidiana, noticiabilidade e pós-convergência; b) realizar observação participante na redação do jornal Correio do Estado e entrevistas com os jornalistas do veículo a fim de analisar possíveis alterações na operacionalização da noticiabilidade, resultantes das mudanças na ritmização da vida cotidiana e nos processos de produção associados à pós-convergência jornalística, identificando suas manifestações em um contexto regional específico; c) Interpretar os dados obtidos na investigação empírica, organizando-os por categorias previamente definidas e analisando-os à luz da fundamentação teórica e conceitual.

Para atingir os objetivos propostos, discute-se as concepções de ritmização da vida cotidiana, as definições de noticiabilidade e de pós-convergência como processos socioculturais. O debate busca refletir sobre a pós-convergência enquanto fenômeno tensionado por mudanças estruturais no ritmo e na rotinização da vida cotidiana moderna, analisando seus impactos na dinâmica da noticiabilidade. Além disso, considera-se a hipótese de que a dissolução de uma temporalidade regular, decorrente dessas transformações e das mudanças nos modos de produção capitalista contemporâneo, afeta a noticiabilidade.

A pesquisa parte da hipótese central de que a pós-convergência, como processo cultural, influencia a operacionalização das dimensões constitutivas da noticiabilidade

(Shoemaker, 2006; Shoemaker & Cohen, 2006; Silva, 2013). Assim, a questão norteadora do estudo é: como a pós-convergência impacta as dimensões da noticiabilidade?

Parte-se do princípio de que formas simbólicas, como o jornalismo, transcodificam e materializam o ritmo da vida cotidiana moderna (Sodré, 2009; Faro, 2011; Silva, 2013). Para ilustrar essa relação, Sodré (2009, p.92) compara a pauta jornalística à pauta musical, argumentando que os microaspectos de um fato fluem ritmicamente dentro de uma métrica, representada pela temporalidade cotidiana. Silva (2013) reforça essa perspectiva ao compreender a noticiabilidade como construção sociocultural ancorada em parâmetros estéticos-expressivos da modernidade, destacando a narrativa jornalística como prática cultural que dilui paradoxos e reordena simbolicamente a vida cotidiana.

Acredita-se que valores socioculturais estruturados no cotidiano, materializados por meio da transcodificação, influenciam tanto o conteúdo quanto a produção das formas simbólicas, como o jornalismo. Dessa forma, a incorporação da pós-convergência jornalística nas redações, entendida como processo sociocultural, pode refletir mudanças na ritmização da vida cotidiana moderna.

Conforme pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT, 2025)[1] foram produzidas, no período de 2004 a 2024, 11 teses na área de Comunicação que abordam os assuntos noticiabilidade e *newsworthiness*[2]. Destaca-se que esse dado representa um baixo número de produções sobre o assunto frente à relevância do tema. Sobre o assunto "vida cotidiana" foram produzidos, desde 2004, no Brasil, 76 teses[3], os quais, em sua grande maioria, foram desenvolvidos na área de Serviço Social. Esse dado também demonstra a necessidade de desenvolvimento de pesquisas, abordando o tema relacionado aos fenômenos comunicacionais.

Quanto à "pós-convergência", foi desenvolvida uma tese, em Comunicação, de Armando Fávaro (2013), intitulada "Processo de produção jornalístico: a edição no

---

[1] Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=title&filter%5B%5D=%7Eformat%3A%22doctoralThesis%22&filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2004+TO+2024%5D%22&join=AND&bool0%5B%5D=AND&lookfor0%5B%5D=newsworthiness&type0%5B%5D=AllFields. Acesso em: 22 jan. 2025.

[2] Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=newsworthiness&type=AllFields&limit=20&sort=relevance . Acesso em: 07 out. 2023.

[3] Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?filter%5B%5D=%7Elanguage%3A%22por%22&filter%5B%5D=%7Eformat%3A%22doctoralThesis%22&filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2004+TO+2024%5D%22&join=AND&bool0%5B%5D=AND&lookfor0%5B%5D=vida+%28cotidiana+OR+cotidiano%29&type0%5B%5D=Subject&sort=year .Acesso em: 22 jan. 2025.

fotojornalismo pós convergência das mídias". Também foram produzidas duas dissertações[4], de Matheus Bertolini Amorin (2020), "As Extremidades de Thirteen Reasons Why: Suicídio é comunicação?" e de Luiza de Mello Stefano (2019), "Conectividade TV e Web: a construção do fluxo e da dinâmica comunicacional do BBB18 a partir do engajamento dos fãs". Dessa forma, pode-se perceber que foram produzidas poucas investigações voltadas ao tema na última década e que nenhuma delas se debruça sobre as questões abordadas nesta pesquisa, reforçando, assim, a relevância deste estudo.

Essas pesquisas representam temas em voga na modernidade. Conforme Souza Martins (2013, p.18-19), a modernidade "é constituída pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada". Nesse sentido, o autor aponta que, para parte significativa da população ocidental, a vida cotidiana "se tornou um refúgio para o desencanto de um futuro improvável, de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder" (2013, p.51).

A vida cotidiana se organiza a partir do "aqui" e do "agora" (Berger; Luckmann, 1985). Para os autores, esse "aqui e agora é o foco da minha atenção à realidade da vida cotidiana". Assim, no mundo do trabalho, a consciência é "dominada pelo motivo pragmático", ou seja, a atenção do sujeito e minha atenção a esse mundo é definida pelo que faço, fiz ou pretendo fazer (Berger; Luckmann, 1985, p.39). Segundo os autores, "a realidade da vida cotidiana é admitida como sendo a realidade" (1985, p.40). E o "mundo da vida cotidiana" se organiza de forma especial e temporal, de modo que essa temporalidade se caracteriza como um atributo inerente à consciência (Berger; Luckmann, 1985). Berger e Luckmann (1985, p.46) apontam para o caráter coercitivo da estrutura temporal, a qual proporciona certa ordem nos acontecimentos da vida vivida. Dessa forma, "a mesma estrutura temporal, como já foi indicado, é coercitiva. Não posso inverter à vontade as sequências impostas por ela, 'primeiro as primeiras coisas' é um elemento essencial do meu conhecimento da vida cotidiana".

Souza Martins (2013, p.56) também refletem sobre isso e destacam "[...] a dinâmica do imobilismo, do repetitivo, da permanência e do que muitos também chamam de *vida cotidiana*". O sociólogo brasileiro pontua que, embora exista essa rotina na vida cotidiana,

---

[4] Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=year&filter%5B%5D=%7Eformat%3A%22masterThesis%22&filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2004+TO+2024%5D%22&filter%5B%5D=dc.subject.cnpq.fl_str_mv%3A%22CNPQ%3A%3ACIENCIAS+SOCIAIS+APLICADAS%3A%3ACOMUNICACAO%22&join=AND&bool0%5B%5D=AND&lookfor0%5B%5D=p%C3%B3s-converg%C3%AAncia&type0%5B%5D=AllFields. Acesso em: 22 jan. 2025.

ainda há espaço para a criação e a revolução. Conforme o autor, “mesmo na rotina alienadora da fábrica e da produção há momentos de iluminação e criação, de invasão do cotidiano e do senso comum pela realidade e pelo conhecimento que revolucionam o cotidiano” (Souza Martins, 2013, p.56). Esses instantes de invenção, ousadia, atrevimento e transgressão, ocorrem posteriormente “nos instantes da inviabilidade da reprodução” (Souza Martins, 2013, p.57). Como concepções-chave dessa pesquisa, as ideias de cotidiano e de modernidade serão problematizadas à frente na tese.

Outro conceito central do estudo remete à noção de noticiabilidade. Entre as definições clássicas do conceito, Mauro Wolf (1995, p.195) o define como “um conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias”. Dessa forma, desenvolvem-se então os critérios de noticiabilidade, ou seja, “um conjunto de critérios, de relevância, que definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada acontecimento, isto é, a sua ‘aptidão’ para ser transformado em notícia” (Wolf, 1995, p.189).

A pesquisadora Gislene Silva (2005) propõe uma abordagem mais ampla, conceituando a noticiabilidade como qualquer elemento “potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia”. Conforme Silva (2005, p.97), esse processo envolve diversos aspectos da produção noticiosa. A autora aponta que é um reducionismo conceituar a noticiabilidade apenas como “conjunto de elementos por meio dos quais a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos”, ou ainda, somente como o “conjunto de elementos intrínsecos que demonstram a aptidão ou potencial de um evento para ser transformado em notícia”. Isto é, a “noticiabilidade seria a soma desses dois conjuntos, acrescentada daquele terceiro que trata de questões ético-epistemológicas” (Silva, 2005, p.97). Nesse sentido, em uma leitura culturalista para o fenômeno, Sodré (2009) amplia essa perspectiva e entende que o processo de noticiabilidade envolve fatores culturais e sociais e está ligada a aspectos como a regularidade e o ritmo da vida cotidiana.

Por seu turno, embasado nas teorias de Shoemaker (2006), Silva (2013) ressalta a concepção de noticiabilidade para além dos atributos que as ocorrências cotidianas devem possuir para se tornarem notícia, destacando-a como uma construção cognitiva realizada pelos indivíduos. Para Shoemaker (2014, p.16), “noticiabilidade é um constructo cognitivo, um julgamento feito pelos seres humanos”. A autora aponta que o conceito de noticiabilidade está

relacionado às "dimensões do desvio e da significância social de um acontecimento". Nesse sentido, Silva (2013) sublinha que esse processo diz respeito a "julgamentos individuais" de modo que um acontecimento não recebe *status* de notícia devido apenas a características intrínsecas ao fato. O autor explicita que é "baseado no modo como um acontecimento se conecta a uma determinada realidade que ocorre o entendimento do mundo por parte das pessoas envolvidas nessa dinâmica interpretativa" (Silva, 2013, p.32). Em suma, para Silva (2013), esse processo localiza a noticiabilidade também como uma "construção sociocultural".

No escopo da presente pesquisa, essas discussões são pensadas tendo como base o conceito de convergência midiática. Segundo Jenkins (2008, p.27), a convergência deve ser entendida como um processo em curso que envolve os âmbitos social, cultural e econômico. Trata-se de um processo caracterizado pelo "fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, pela cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e pelo comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação". Quando se aborda o tema, a ideia de convergência tecnológica surge instantaneamente como referência central ao termo. Contudo, Jenkins (2008), responsável por elaborar o conceito, argumenta que, a despeito da importância do aspecto tecnológico, não se trata de seu fator determinante. Em seu livro homônimo, o autor enfatiza o argumento "contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos" (Jenkins, 2008, p.28). O autor destaca que esse processo "representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos" (Jenkins, 2008, p.28).

Jenkins (2008) afirma que a convergência, enquanto processo cultural, não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. "A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros". Dialogando com a linha de pensamento de Jenkins (2001; 2008; 2015), Salaverría (2003, p.1) entende o processo de convergência nos meios jornalísticos como um fenômeno que também vai além da evolução tecnológica. A convergência jornalística é considerada uma forma de "subconvergência" (Barbosa, 2009) que possui práticas específicas, ou seja, é um processo que envolve mudanças organizacionais que impactam na forma de organização das rotinas de produção de certos veículos jornalísticos. Isso à medida que implicam em alterações nas formas de produção a partir da integração de equipes de meios diferentes, que seguem princípios próprios (Barbosa, 2009).

A ideia de "pós-convergência", por sua vez, entendida como uma evolução sobre o

conceito anterior, é abordada por Ramírez (2020, p.10, tradução nossa), que reconhece a pertinência da ideia de convergência e aponta que, por muito tempo, esse "tem sido útil para a compreensão de uma conjuntura histórica específica". Contudo, o autor aponta a necessidade de atualização do conceito com base na realidade contemporânea. Ramírez (2020) ressalta que, devido à forma como o ambiente digital tem evoluído, o conceito de convergência mostra-se incapaz de acompanhar os desdobramentos das transformações sociotécnicas. Nesse horizonte, Ramírez (2020, p.13, tradução nossa) destaca que "para conceituar a pós-convergência é preciso examinar a evolução da tecnologia digital, as tecnologias e sua rápida aquisição de todas as plataformas de mídia". O autor aponta ainda que a pós-convergência não se configura como uma teoria em si, mas sim como uma "realização teórica" (Ramírez, 2020, p.17).

Nash (2012, p.13) conceitua a pós-convergência como uma etapa de desenvolvimento de um novo meio, quando os seus praticantes começam a explorar suas potencialidades intrínsecas, com o objetivo de criar conteúdos que só sejam possíveis nesse novo âmbito. Para Ramírez (2020, p.17, tradução nossa), "se a convergência foi o ponto de inflexão que marcou um momento, a mídia digital começou a penetrar na vida de maneira profunda, então o futuro da mídia só existe na pós-convergência". O autor entende que reconhecer a pós-convergência como uma realização teórica é fundamental para que sejam efetuados avanços na teoria da mídia, pois "presume que a mídia digital está progredindo em direção a uma "digitalização da vida" de formas podem não parecer óbvias ou plausíveis agora, mas que são vislumbrados dentro da própria lógica da digitalidade" (Ramírez, 2020, p.22).

Por meio dos estudos citados, pode-se perceber que as pesquisas clássicas sobre noticiabilidade voltaram suas abordagens, principalmente, para os critérios de seleção que levam um acontecimento a se transformar em notícia em um cenário pré-convergente. Em termos históricos, muitos pesquisadores buscaram responder quais as características intrínsecas que os fatos deveriam ter para serem classificados pelos jornalistas como dignos de ganhar o *status* de acontecimento noticioso. Muitos desses estudos também consideram fatores organizacionais e a cultura profissional dos jornalistas no processo (Wolf, 1995).

Na contrapartida de uma abordagem clássica, Silva (2005), Shoemaker (2006; 2014), Shoemaker e Cohen (2006), Sodré (2009) e Silva (2013) propõem uma abordagem diferente da clássica, compreendendo a noticiabilidade como um processo mais amplo e complexo, que abrange as diferentes esferas da produção noticiosa (Silva, 2005). Shoemaker (2014, p.16), como mencionado, percebe a noticiabilidade como um processo que se refere a construções cognitivas que se relacionam às "dimensões do desvio e da significância social de um

acontecimento". Sodré (2009) aponta que a noticiabilidade é um processo que não diz respeito apenas às decisões dos jornalistas, mas abarca fatores culturais e sociais. Silva (2013) percebe a noticiabilidade como uma construção cultural, que transcodifica e materializa o ritmo da vida cotidiana moderna.

Sob o ponto de vista estrutural, este trabalho divide-se em três partes, sendo a primeira dedicada à metodologia. Neste capítulo, adota-se o modelo metodológico de Lopes (2003), que identifica quatro instâncias interligadas, presentes em todas as fases de uma pesquisa: a) epistemológica, voltada para a vigilância epistêmica; b) teórica, relacionada à definição de quadros de referência; c) metódica, que propõe os quadros de análise; e d) técnica, destinada à construção da empiria e à análise dos dados. Segundo a autora, cada uma das instâncias interage com as outras e "está presente em cada fase da pesquisa" (2003, p.119).

A segunda etapa, concretizada nos capítulos de fundamentação teórico-conceitual, edifica reflexões sobre os temas que norteiam a tese, como vida cotidiana, pós-convergência e noticiabilidade. O segundo capítulo aborda principalmente as questões referentes à vida cotidiana, modernidade e pós-modernidade, com base principalmente nas ideias de Berger e Luckmann (1985), Souza Martins (2013), Muniz Sodré (2019), Silva (2013), Agnes Heller (2016), Martín-Barbero (2003), Anthony Giddens (1991), Lipovetsky (2005), entre outros.

O terceiro capítulo discute os conceitos de noticiabilidade, refletindo sobre as diversas definições elaboradas ao longo do tempo. Para tanto, este estudo baseia-se nas ideias de Wolf (2005), Silva (2005), Shoemaker (2014), Shoemaker e Cohen, 2006, Sodré (2009) e Silva (2013), principalmente na ideia da noticiabilidade como construção sociocultural (Sodré, 2009; Silva, 2013).

O quarto capítulo da discussão teórico-conceitual aborda a cultura da convergência, sua origem e definição, com base em Jenkins (2001; 2008). A partir dessa discussão inicial, conceitua-se a ideia de convergência jornalística e as características que envolvem as transformações na rotina e nas práticas dos profissionais a partir de Salaverría e Negredo (2008) e Barbosa (2009). Por conseguinte, discute-se o conceito de pós-convergência (Ramírez, 2020 Fagerjord, 2010; Nash, 2013), analisando seus possíveis desdobramentos enquanto realização teórica que busca explicar os processos culturais que envolvem os atuais cenários tecnológico e midiático.

Na instância técnica, que se refere à construção dos dados, buscou-se a efetivação de três operações metodológicas, sendo elas: 1) técnicas de observação; 2) técnicas de seleção; 3) técnicas de operacionalização. Lopes (2003) destaca que técnicas que objetivam construí-los sempre se relacionam com a perspectiva teórica adotada.

A terceira parte, por sua vez, contém a descrição dos procedimentos de análise, a interpretação, a discussão e os resultados, construídos a partir do contato com a redação do Correio do Estado e de entrevistas semiestruturadas com jornalistas. A observação foi realizada de 26 de junho de 2024 a 02 de julho de 2024 na sede da empresa jornalística. Nesse mesmo período, foram realizadas as entrevistas com seis jornalistas da empresa, conforme definições estabelecidas no capítulo destinado à metodologia. Por fim, na quarta parte, são apresentados os resultados alcançados a partir da discussão teórico-conceitual e da investigação empírica.

CAPÍTULO I

NOTAS SOBRE O ITINERÁRIO DA PESQUISA

Nesta primeira etapa, caracterizada pela pesquisa bibliográfica, desenvolve-se uma reflexão crítica sobre os temas que fundamentam as bases teóricas da tese. Essa reflexão aborda: a concepção de modernidade (Giddens, 1991; Souza Martins, 2009); o conceito de pós-modernidade (Lipovetsky, 2005; Lyotard, 2009; Bauman, 2009); as alterações no ritmo da vida cotidiana (Thompson, 1998; Martín-Barbero, 2003; Souza Martins, 2009; Heller, 2016); as principais concepções de noticiabilidade (Wolf, 1995; Shoemaker, 2006; Shoemaker e Cohen, 2006; Sodré, 2009; Silva, 2013); as definições sobre a concepção de cultura da convergência (Jenkins, 2001; 2008) e de convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008; Barbosa, 2009); e, por fim, a noção de pós-convergência (Fagerjord, 2010; Nash, 2012; Ramírez, 2020). Com base nas discussões realizadas, reflete-se, ao final, sobre a possibilidade de formular um conceito de pós-convergência jornalística.

Para alcançar os objetivos traçados na fase empírica deste estudo, propõe-se a aplicação do modelo metodológico de Lopes (2003). A autora aponta que a "metodologia na pesquisa se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa" (Lopes, 2003, p.94). Esses métodos são "o conjunto de decisões, opções particulares" realizados durante um processo de pesquisa, que envolvem quatro instâncias inter-relacionadas: a) epistemológica; b) teórica; c) metódica; d) técnica (Lopes, 2003, p.119).

A instância epistemológica, segundo Lopes (2003, p.121), desempenha uma "função de vigilância crítica na pesquisa", com operações destinadas a explicitar os obstáculos e realizar a autocorreção da pesquisa, além de construir o objeto científico. Para garantir a cientificidade dessa prática, a autora propõe duas operações metodológicas principais: a 1) ruptura epistemológica e a 2) construção do objeto científico.

A instância teórica, por sua vez, corresponde ao espaço de "formulação de hipóteses e conceitos, da definição da problemática e da proposição de regras de interpretação" (Lopes, 2003, p.123). Trata-se da adequação dos modelos teóricos ao objeto empírico. Lopes observa que a teoria, concebida como parte integrante do processo metodológico, é o meio pelo qual se realiza a ruptura epistemológica em relação às pré-noções do senso comum. Para isso, são necessárias duas operações: 1) a formulação teórica e 2) a explicitação conceitual. A teoria, portanto, conecta os contextos da prova e da descoberta, conferindo coerência ao processo de pesquisa.

A instância metódica diz respeito ao papel do método na pesquisa, configurando-se

como o “espaço do enunciado das regras de estruturação do objeto científico, impondo a este certa figura, certa ordem entre seus elementos” (Lopes, 2003, p.126). Essa instância reúne os elementos da investigação em um espaço de causação, a partir de duas operações fundamentais: 1) a exposição, que articula e formaliza o sentido e a estruturação das teorias e problemáticas úteis à pesquisa; e 2) a causação, que conecta teses, fatores variáveis e proposições.

Por fim, a instância técnica refere-se aos procedimentos de coleta de informações e sua transformação em dados pertinentes ao problema de pesquisa (Lopes, 2003, p.128). As operações técnicas que compõem essa instância são: 1) técnicas de observação; 2) técnicas de seleção; e 3) técnicas de operacionalização. Essas operações estão sempre vinculadas à perspectiva teórica adotada, garantindo a coerência metodológica.

As técnicas de observação, segundo Lopes (2003, p.129), são aplicadas à medida que “a significação das práticas sociais é apreendida como significação pertinente a uma problemática científica”. Por sua vez, as técnicas de seleção transformam os dados coletados por meio de três operações principais: quantificação, codificação e descrição. Já as técnicas de operacionalização consistem em “um conjunto de operações técnicas de caráter dedutivo que realizam a conexão entre o dado e o fato” (Lopes, 2003, p.130).

A pesquisadora brasileira aponta também que as fases metodológicas da pesquisa podem ser divididas em quatro, desdobradas nas seguintes operações: 1) definição do objeto (problema de pesquisa, quadro teórico de referência e hipóteses); 2) observação (amostragem e técnicas de coletas); 3) descrição (análise descritiva); e 4) interpretação (análise interpretativa, conclusões e bibliografia). É possível visualizar a organização do modelo metodológico no quadro a seguir:

Quadro 1: Fases metodológicas da pesquisa com base em Lopes (2003).

COMPONENTES SINTAGMÁTICOS DO MODELO METODOLÓGICO	
Fases metodológicas	Operações metodológicas
I. Definição do objeto	1. Problema de pesquisa; 2. Quadro teórico de referência; 3. Hipóteses;
II. Observação	4. Amostragem; 5. Técnicas de coletas;
III. descrição	6. Análise descritiva;

IV. Interpretação	7. Análise interpretativa; 8. Conclusões*; 9. Bibliografia*.

*Conclusões e bibliografia não constituem operações da fase IV.

Fonte: Lopes (2003, p.136).

Conforme Lopes (2003, p. 147), "a etapa de observação nas pesquisas sociais empíricas é realizada por meio de técnicas de observação direta e indireta". Assim, na fase de observação, composta pelas operações metodológicas de amostragem e técnicas de coletas, foi desenvolvida uma observação participante na redação jornalística do veículo Correio do Estado com o objetivo de investigar de que modo as transformações estruturadas na lógica da regularidade da vida cotidiana e na convergência jornalística, enquanto processos culturais, podem impactar na construção sociocultural da noção de noticiabilidade. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis jornalistas do veículo. Desde sua fundação como jornal impresso em 1954, o Correio do Estado atua regionalmente na veiculação de notícias (Correio do Estado, 2023). Em 2023, passou a ser uma "franquia jornalística"[5] (Belochio; Zago, 2014), mantendo representações no *Instagram* e *Facebook*, além de proporcionar o acesso no *site* – para assinantes – ao jornal impresso em formato digital.

Esse veículo foi escolhido por suas características, que atendem aos objetivos da pesquisa: trata-se de um jornal impresso tradicional que posteriormente criou uma versão digital, permitindo a coleta de dados representativos da diversidade de processos produtivos nesse contexto. A escolha de uma franquia jornalística regional, cuja mídia matriz é o jornal impresso, busca contemplar informações que possibilitem investigar mudanças nas dimensões constitutivas da concepção de noticiabilidade em um cenário de pós-convergência.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de compreender as impressões dos profissionais acerca de possíveis transformações nos processos de noticiabilidade em contexto de pós-convergência. Nas entrevistas semiestruturadas, o pesquisador "organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal" (Gerhardt; Silveira, 2009, p.72).

Nesse contexto, as etapas da fase empírica da pesquisa receberam as seguintes

[5] As franquias jornalísticas se formam no jornalismo a partir de uma organização que foi constituída e desenvolvida com marca específica e que, com o tempo, cria representações desta marca. Ela passa a ser utilizada em outros espaços, seguindo os seus princípios organizacionais, mas variando os públicos que são atingidos. Isso através da geração de novos componentes a partir da empresa e da marca que originaram o negócio (Zago; Belochio, 2014).

abordagens:

- Etapa 1: Após a realização do exame de qualificação e a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da UFMS, realizou-se o desenvolvimento do trabalho de observação participante da rotina de trabalho na redação do Correio do Estado por seis dias, cinco horas por dia, incluindo dias úteis e um plantão de final de semana, de 26 de junho a 02 de julho de 2024. O objetivo foi verificar as possíveis transformações nas rotinas produtivas, características do contexto de convergência jornalística. Os dados serão anotados com base nas seguintes questões de pesquisa[6]:

a. Frente ao cenário contemporâneo marcado por transformações estruturais na ritmização da vida cotidiana e de mudanças nos modos de produção, mostra-se necessário investigar: De que maneira se desenvolve uma possível dissolução da noção tradicional de regularidade como característica central das rotinas produtivas e da própria concepção de cotidiano como padrão cultural da sociedade contemporânea?

b. Como se desenvolvem possíveis alterações na operacionalização prática das dimensões constitutivas da concepção de noticiabilidade (Shoemaker, 2006; Shoemaker, Cohen, 2006) em um cenário de pós-convergência jornalística?

c. De que forma se verifica, no âmbito das redações regionais, marcadas por suas intrínsecas peculiaridades, uma hipotética materialização, concreta ou residual, das características da pós-convergência (Nash, 2013; Fargerjord, 2010; Ramírez, 2020) jornalística?

- Etapa 2: Concomitantemente ao procedimento metodológico da observação direta, realizou-se entrevistas semiestruturadas com seis jornalistas do Correio do Estado. Três desses jornalistas têm mais de 10 anos de experiência e buscou-se contemplar a diversidade geracional, de gênero e posições hierárquicas na redação, a fim de obter dados acerca de suas impressões sobre possíveis transformações nos processos de noticiabilidade. Complementarmente, todas as entrevistas foram realizadas individualmente de forma presencial e gravadas em áudio. A transcrição das entrevistas na íntegra encontra-se no *apêndice C*. Foi solicitado aos entrevistados a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE). Pode-se verificar a versão preliminar das questões apresentadas aos entrevistados no *apêndice A*.

- Etapa 3: Após a coleta dos dados empíricos, realizou-se a etapa de descrição, que envolve a observação e interpretação por meio da análise descritiva. Segundo Lopes (2003), a descrição constitui a primeira etapa da análise. Inicialmente, foram examinados os dados

[6] No apêndice B constam os relatos completos das observações.

obtidos por meio da observação direta, seguidos pelos captados nas entrevistas.

- Etapa 4: Em seguida, realizou-se a segunda etapa de análise, voltada para a interpretação e/ou explicação dos dados. Nesta fase, os achados são teorizados conforme "a perspectiva teórica adotada desde o início" (Lopes, 2003, p.151). A análise foi conduzida com base nas teorias previamente elencadas (instâncias epistemológicas e teóricas), nas categorias de pesquisa definidas e nas hipóteses desenvolvidas.

Conclui-se que a metodologia adotada foi adequada para o desenvolvimento desta pesquisa, oferecendo o embasamento teórico necessário para a coleta, interpretação dos dados empíricos e elaboração final da tese.

CAPÍTULO II
VIDA COTIDIANA, SOCIABILIDADE MODERNA E AS DISRUPÇÕES DA PÓS-MODERNIDADE

"Moderny Times". A history of industry, of individual enterprise - humanity crusading in the pursuit of happiness.
(Chaplin, 1936)

"Tempo é dinheiro", "perder tempo", "o tempo voa", todas essas são expressões populares que demonstram o quanto a noção de tempo está relacionada ao ritmo acelerado da modernidade e à necessidade de não desperdiçá-lo. Não é por acaso que o clássico filme satírico "Tempos Modernos" (1936), de Charles Chaplin, começa com a imagem de um relógio, seguido por cenas que mostram o trabalho frenético e padronizado dos funcionários em uma fábrica, na qual o principal objetivo – expresso logo no título do longa-metragem de Chaplin – é o aumento da produtividade.

A modernidade pode ser compreendida como um período histórico com características específicas de uma realidade social, econômica e cultural. Giddens (1991) considera que a modernidade se refere a um conjunto de práticas socioculturais particulares que surgiram entre os séculos XVI e XVII. Autores como Lyotard (2009) e Lipovetsky (2005) apontam que seu término ocorreu em torno dos anos 1980 ou 1990, dando início à chamada pós-modernidade.

Diante desse contexto, cabe ressaltar que muitos estudos têm investigado as marcas constitutivas da modernidade (Giddens, 1991; Souza Martins, 2009), as transformações no ritmo da vida cotidiana (Heller, 2016; Martín-Barbero, 2003; Thompson, 1998) e o surgimento e as características da pós-modernidade (Lyotard, 2009; Lipovetsky, 2005; Bauman, 2009). Em termos históricos, o estabelecimento de práticas socioculturais próprias da modernidade está associado ao desenvolvimento do capitalismo e da industrialização. Esse cenário transformou a forma como as pessoas se relacionam com o tempo e com o trabalho, tornando-se relevante investigar como tais alterações têm evoluído através dos tempos.

O surgimento exato da modernidade não é um consenso entre estudiosos do tema. Isso ocorre, pois muitos pesquisadores consideram a modernidade como um conjunto de práticas socioculturais. Dessa forma, seria impreciso datar com certeza seu início ou fim. Contudo, Giddens (1991, p.8) aponta que, de maneira simplificada, a "'modernidade' se refere ao estilo,

costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência".

O estabelecimento das práticas que constituem a modernidade está estritamente ligado à concepção de tempo e às formas como o homem se relaciona com ele. Giddens (1991, p.21) lembra que mesmo nas culturas pré-modernas já existiam formas de mensurar a temporalidade. O autor afirma que "todas as culturas pré-modernas possuíam maneiras de calcular o tempo. O calendário, por exemplo, foi uma característica tão distintiva dos estados agrários quanto a invenção da escrita".

Entre os povos antigos, a marcação do tempo estava relacionada às tarefas diárias, como o trato com os animais ou o cuidado com as plantações: "é bem reconhecido que, entre os povos primitivos, a medição do tempo está comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas" (Thompson, 1998, p.269).

A invenção do relógio mecânico foi um marco, não apenas para as formas de mensuração do tempo, mas porque proporcionou transformações sociais e culturais. Giddens (1991, p.21) destaca que "a uniformidade de mensuração do tempo pelo relógio mecânico correspondeu à uniformidade na organização social do tempo" e que essa transformação "coincidiu com a expansão da modernidade". Martín-Barbero (2003) observa que o surgimento e disseminação do relógio enquanto instrumento de medição deu origem a uma série de valores e comportamentos que se referem à relação do homem com o tempo.

> O deslocamento que situa na produção o eixo da nova organização da temporalidade é um dispositivo de longo alcance que faz sua aparição, segundo Le Goff, no século XIV. A aparição do relógio possibilita a *unificação* dos tempos, e a "descoberta" pelo mercador do *valor* do tempo dá origem a uma nova moral e a uma nova piedade: "Perder o tempo se converte em pecado grave, em um escândalo espiritual. Sobre o modelo do dinheiro, à semelhança do mercador que se converte no contador do tempo, desenvolve-se uma moral calculadora e uma piedade avara. (Martín-Barbero, 2003, p.143, grifos do autor)

Thompson (1998, p.279) aponta que, na década de 1790, aconteceu uma disseminação de relógios fixos e de bolso no mesmo período em que a Revolução Industrial exigia mais sincronização na produção. Assim, "o pequeno instrumento que regulava os novos ritmos da vida industrial era ao mesmo tempo uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço".

Sodré (2009, p.82) observa que "um *continuum* pontual, infinito e quantificado é a síntese da representação ocidental do tempo". Conforme o autor, "a partir do movimento das ações cotidianas [...] cria-se uma unidade que correlaciona de perto o fluxo das coisas e a

cultura, e faz do tempo a entidade métrica do movimento ou da passagem, inscrevendo os resultados da medição em calendários e relógios" (Sodré, 2009, p. 84). Dessa forma, a construção da atualidade e, por conseguinte, da modernidade decorrem da experiência temporal que requer "o predomínio do tempo sobre o espaço" (Sodré, 2009, p. 84).

Do tempo orientado pelas tarefas domésticas ao regido pelo relógio e pela industrialização, as práticas socioculturais foram se transformando. A partir disso, Giddens (1991, p.57) aponta que o "industrialismo se torna o eixo principal da interação dos seres humanos com a natureza em condições de modernidade". Além disso, o autor destaca que a indústria moderna, moldada "pela aliança da ciência com a tecnologia, transforma o mundo da natureza de maneiras inimagináveis às gerações anteriores".

Bauman (2001) reflete sobre o marco que delimita o começo da modernidade. Para o autor, esse período reflete as transformações que envolvem a forma como o homem passa a se relacionar socialmente com o tempo e o espaço. Nas suas palavras:

> A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca (Bauman, 2001, p.16).

Sodré (2009, p.85) destaca que o tempo "seja linear ou descontínuo", quando "colocado sob a lei estrutural do valor, ou seja, do *capital*, é tratado como mercadoria valiosa, podendo ser vendido ou comprado". Nesse horizonte, a vinculação das ideias de tempo e de dinheiro "torna-se imprescindível para a organização capitalista da sociedade". Martín-Barbero (2003, p.143), em sentido semelhante, afirma que a mudança significativa que ocorreu sobre as relações entre tempo, trabalho e capitalismo se encontra na ideia de tempo do trabalho (produção) como "fonte de valor". Para o autor:

> Do tempo do mercador ao do capitalismo industrial se conserva a primazia alcançada pelo tempo-medida e pelo tempo-valor frente ao tempo-vivido, mas se produz uma mudança profunda: o tempo valorizado, ou melhor, a fonte de valor, já não é o da circulação do dinheiro e das mercadorias, mas o da produção, o do trabalho enquanto tempo irreversível e homogêneo. (Martín-Barbero, 2003, p.143)

Sodré (2009) observa que essa mudança na concepção de tempo característica da era moderna se distancia da significação tradicional, marcada pelos ciclos cosmológicos ou fenômenos da natureza. Contudo, destaca que o ritmo está presente em ambas representações.

> Essa moderna imagem do tempo, metrificado pelos relógios, assim como transformado em mercadoria e força produtiva, nada tem a ver com a concepção antiga dos ciclos cosmológicos ou fenômenos rítmicos que orquestraram a natureza como se fossem manifestações de ordem transcendente. Mas o ritmo se faz presente tanto nas formas antigas quanto nas formas modernas, embora nestas últimas de maneira funcional. (Sodré, 2009, p.86)

Dois fatores são apontados como determinantes para o estabelecimento da sociabilidade moderna. Para o pesquisador, a nova forma de mensuração do tempo, a qual se organiza em "unidades cronológicas e métricas (voltadas a um futuro 'unidimensional e contínuo')", bem como a divisão do conhecimento em áreas "intelectualizadas e objetivas, marcam a nova sociabilidade de uma sociedade que passa a responder por moderna" (Silva, 2013, p.114).

Anômala e inconclusiva é como Souza Martins (2013) percebe a modernidade no Brasil e países da América Latina. Para o autor, o estudo do tema nesses locais "[...] passa, isso sim, pelo reconhecimento de sua anomalia e inconclusividade, embora tenha se tornado um cacoete subdesenvolvido na era da globalização: mais se fala da modernidade do que ela efetivamente é" (Souza Martins, 2013, p.18).

Conforme Souza Martins (2013, p.18-19), a modernidade é composta por "ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada". Assim, segundo o autor, entende-se que a aceleração do desenvolvimento econômico capitalista ocasionado pela modernidade impactou a sociedade significativamente, social e culturalmente, provocando o aumento das desigualdades. Para ele, tais lógicas comandam as "rotinas modernas" (Silva, 2013), especialmente o "mundo do trabalho":

> A exploração não priva (o trabalhador) apenas do trabalho excedente em relação ao trabalho necessário. Priva-o também da clareza em relação ao que está acontecendo, ao confisco do tempo de trabalho excedente. O processo de valorização do capital implica em tornar o trabalhador conivente com a exploração que sofre. Ele deve legitimá-la para submeter-se a ela. Desse modo, ele perde a visibilidade do processo em que está envolvido. Mas essa perda de visibilidade, que o faz reconhecer-se como juridicamente igual e torna economicamente desigual, o coloca, ao mesmo tempo, em face da contradição que se encerra na sua exploração (Souza Martins, 2013, p.154).

Nessa linha interpretativa, a modernidade funciona como um tipo de "mistificação desmistificadora das imensas possibilidades de transformação humana e social que o capitalismo foi capaz de criar, mas não é capaz de realizar" (Souza Martins, 2013, p.19). Para o autor, a modernidade atua dessa maneira, pois coloca à disposição da consciência de cada

indivíduo e na sua vida cotidiana um vasto rol de concepções e alternativas de vida à disposição no mercado globalizado. Nesse sentido, Silva (2013, p.107) explica que, na modernidade, as relações sociais passam a ser baseadas em práticas que valorizam o bem-estar e novos princípios éticos e morais: "O hedonismo, (caracterizado pelo prazer individual e imediato), nesse contexto, vivencia um sobressalto e emerge como uma distinção da experiência moderna com reflexos inevitáveis nos modos contemporâneos de vida".

Ao propor uma discussão sociológica sob a perspectiva temporal, Rosa (2019) reflete sobre a modernidade e sua relação com o tempo, destacando o conceito de "aceleração social". Para o sociólogo alemão, compreender integralmente a constituição da sociedade moderna exige considerar a aceleração social como um aspecto fundamental desse processo. Rosa diferencia três tipos de aceleração: a "aceleração técnica", a "aceleração do ritmo de vida" e a "aceleração social". Segundo ele, a sociedade moderna pode ser caracterizada como uma "sociedade da aceleração", pois "contém em si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais) uma junção de ambas as formas de aceleração – a aceleração técnica e a intensificação do ritmo de vida através da redução de recursos temporais – e da tendência à aceleração e ao crescimento[7]" (Rosa, 2009, p.135).

A "aceleração do ritmo de vida", conforme Rosa (2009, p.133), bem como a falta de tempo são resultados do "aumento quantitativo logicamente independente dos processos da aceleração técnica". O autor destaca que, na modernidade, "produzimos, comunicamos e transportamos não apenas mais rápido, mas também em maior volume do que em todas as outras épocas sociais anteriores" (Rosa, 2009, p.133).

2.1 Vida cotidiana

As transformações mencionadas impactam diretamente o surgimento da concepção moderna de vida cotidiana. Souza Martins (2013, p.126) observa que "[...] nem todas as sociedades e nem todas as épocas tiveram vida cotidiana. As sociedades em que a vida é vivida com estilo provavelmente não têm vida cotidiana". O autor destaca, ainda, como o capitalismo redefiniu o sentido do trabalho na sociedade moderna, originando a concepção de vida cotidiana:

> Justamente quando, com o desenvolvimento do capitalismo, a finalidade do trabalho passa a ser o próprio trabalho, tenha sentido ou não, e o trabalhador se põe numa

[7] C.f. Rosa (2009, p.135) se refere ao crescimento do aumento do volume total de produção, daquilo que é comunicado e das formas de comunicação.

> relação de divórcio e alteridade com sua obra, que se acumula sem destino, na acumulação pela acumulação, é que o trabalho sem sentido dá origem à vida cotidiana (Souza Martins, 2013, p.126).

Para Agnes Heller (2016, p.31), o indivíduo característico da cotidianidade "é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade". Logo, entende-se que esse indivíduo, embora tenha capacidade para desenvolver suas habilidades sociais, no sentido mais amplo, está impossibilitado diante de aspectos limitadores da vida cotidiana, como a falta de tempo. Heller (2016, p.31) ressalta o caráter abrangente da vida cotidiana e reflete sobre as impossibilidades de afastamento ou imersão total na cotidianidade:

> A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais "insubstancial" que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.

Silva (2013, p.116) destaca que "a concepção de vida cotidiana [...] vincula-se às relações possíveis entre o cotidiano e a cotidianidade". Nesse sentido, Heller (2016, p.49) aponta que "o pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, nessa medida, é possível falar de unidade *imediata* de pensamento e ação na cotidianidade". Logo, entende-se que o cotidiano e a cotidianidade estão estritamente ligados na formação do sentido de vida cotidiana moderno.

Agnes Heller (2016, p.32) aponta que "a vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere a conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividades". A autora realiza uma classificação metodológica na qual destaca "partes orgânicas da vida cotidiana", ou seja, elementos que compõem a estrutura e o pensamento da vida cotidiana, os quais se organizam em cinco eixos, sendo eles: vida privada, descanso, lazer, atividade social e trabalho. Contudo, a acepção de vida cotidiana e seu conteúdo não são só heterogêneos, mas seguem uma ordem hierárquica. Conforme Heller (2016, p.32), "todavia, diferentemente da circunstância da heterogeneidade, a forma concreta da hierarquia não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função de diferentes estruturas econômico-sociais".

A vida cotidiana organiza-se a partir do "aqui" e do "agora" (Berger; Luckmann, 1985), que despertam nos indivíduos a atenção para a realidade específica desse contexto.

Segundo os autores, no mundo do trabalho, a consciência é "dominada pelo motivo pragmático", ou seja, a atenção dos sujeitos é orientada por suas ações, sejam elas presentes, passadas ou futuras (Berger; Luckmann, 1985, p.39). Além disso, afirmam que "a realidade da vida cotidiana é admitida como sendo a realidade" (1985, p.40). O "mundo da vida cotidiana" também se configura espacial e temporalmente, sendo essa temporalidade um atributo inerente à consciência (Berger; Luckmann, 1985).

Berger e Luckmann (1985, p.46) apontam para o caráter coercitivo da estrutura temporal, a qual proporciona uma certa ordem nos acontecimentos da vida cotidiana. Dessa forma, "a mesma estrutura temporal [...] é coercitiva. Não posso inverter à vontade as sequências impostas por ela, 'primeiro as primeiras coisas' é um elemento essencial do meu conhecimento da vida cotidiana". Da mesma forma, Souza Martins (2013, p.56) discorrem que "a dinâmica do imobilismo, do repetitivo, da permanência" é também o que muitos denominam de vida cotidiana.

A inauguração da concepção de temporalidade na modernidade, conforme Silva (2013, p.114), foi "norteada pelo solapamento do 'tempo denso' e do 'tempo vivido', respalda-se ainda em uma nova marcação rítmica que caracteriza o modo de vida do cotidiano". Assim, "esse novo tempo cronologicamente pontuado e ritmado, por sua vez, incorpora-se e torna-se predominante também no senso comum, marcando – no plano simbólico – a experiência cotidiana socialmente construída".

Conforme Silva (2013, p.110), a maneira como as pessoas vivem e se relacionam na modernidade tem influência de "traços históricos e culturais de diferentes naturezas que, evidentemente, transpassam as referidas experiências da satisfação e do bem-estar". Esses traços estão presentes na forma como o homem moderno se relaciona com a cotidianidade, destacando-se o traço que dá origem à "formação da temporalidade moderna" e, consequentemente, ao "padrão mediado pelo ritmo da regularidade" (Silva, 2013, p.110). Conforme o autor,

> Tais traços, como os demais, também resultam em "heranças profundas nos modos com os quais o homem ordinário lida com seu cotidiano". **Um dos traços mais significativos**, **nesse sentido, resulta na formação da temporalidade moderna com base em aspectos próprios da calculabilidade e da cotidianidade - um percurso que**, **partindo da mensurabilidade e da linearidade incorporadas à dimensão temporal moderna, desemboca na configuração de um padrão mediado pelo ritmo da regularidade"** (Silva, 2013, p.110, grifo nosso).

Com base na argumentação de Silva (2013), pode-se compreender que a regularidade, enquanto padrão rítmico característico da sociedade moderna, origina-se nas heranças

socioculturais profundas que moldam a forma como o indivíduo comum se relaciona com a vida cotidiana. Logo, “a ideia de regularidade cotidiana, por seu turno, vincula-se à concepção de racionalidade instrumental, da qual, [...] é resultante de uma série de processos sociais hegemônicos” (Silva, 2013, p.115).

A regularidade cotidiana é interpretada como uma “figura de tempo que se estabelece como padrão cultural essencial para o entendimento da sociabilidade moderna”. Essa concepção vai além da noção de algo ‘rotineiro’, pois, como destaca Silva (2013, p.117), “é exatamente em sua contraditória falta de sentido que reside sua maior complexidade”. Além disso, reduzir a vida cotidiana às práticas repetitivas e rotineiras representa, para o autor, um “empobrecimento conceitual” (Silva, 2013, p.118).

A heterogeneidade da vida cotidiana é destacada por Heller (2016, p.32) que aponta esse caráter em diversos aspectos, mas destaca o âmbito que se relaciona ao “conteúdo e à significação ou importância de novos tipos de atividades”. Dessa forma, entende-se que há uma maior diversificação nessas esferas da cotidianidade. A autora destaca ainda, que “são partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (Heller, 2016, p.32).

Assim, embora exista um padrão e uma rotina na vida cotidiana, ainda há espaço para a criação e a revolução – isto é, a vida cotidiana é simultaneamente e contraditoriamente o espaço da alienação e da emancipação frente às contradições do dia a dia. Conforme Souza Martins (2013, p.56), “mesmo na rotina alienadora da fábrica e da produção há momentos de iluminação e criação, de invasão do cotidiano e do senso comum pela realidade e pelo conhecimento que revolucionam o cotidiano”. Esses instantes de invenção, ousadia, atrevimento e transgressão ocorrem potencialmente “nos instantes da inviabilidade da reprodução” (Souza Martins, 2013, p.57). Nesse sentido, para muitas pessoas, a vida cotidiana “se tornou um refúgio para o desencanto de um futuro improvável, de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder” (Souza Martins, 2013, p.51).

2.2 Pós-Modernidade

Muito se discute sobre um possível fim da modernidade e começo da pós-modernidade. Giddens (1991, p.8) aponta que já, no final do século XX, muitos teóricos argumentavam que a humanidade se encontrava no limite de “uma nova era”, que estaria levando a sociedade para além da modernidade.

Schwarcz (2020, p.6) argumenta que o século XXI começou apenas após a pandemia de Covid-19, ocorrida entre 2020 e 2022. A autora, com base em Hobsbawm, entende que os séculos não acabam devido a fatores cronológicos, mas nas "crises que colocam em questão verdades que já pareciam consolidadas". Para Schwarcz, a ampliação dos recursos tecnológicos foi o grande marco do século XX e as ideias de libertação e emancipação que proporcionaram. Contudo, a pesquisadora afirma que, ao expor as vulnerabilidades e limitações da humanidade, a pandemia demarcou o final do século XX.

Pós-modernidade (Lyotard, 2009), modernidade líquida (Bauman, 2007) e hipermodernidade (Lipovetsky, 2005), muitas são as nomenclaturas, as reflexões e os conceitos formulados em busca de uma definição para essa nova configuração sociocultural.

O filósofo francês Jean-François Lyotard é um dos expoentes originais na discussão sobre a pós-modernidade. Em 1979, lançou a primeira versão da obra "A condição pós-moderna", na qual inaugurou conceitos sobre suas origens e características. Para Lyotard (2009, p.15), a ideia de pós-moderno "designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do século XIX". O autor afirma que "considera-se pós-moderna a incredulidade em relação aos metarrelatos" (2009, p.16). Assim, a experiência pós-moderna ocorreria a partir do abandono das crenças locais em virtude de perspectivas totalizantes da história, as quais determinariam normas de conduta morais e políticas para todos igualmente.

Michel Maffesoli (2011) apresenta uma visão que vai de encontro com a de Lyotard (2009). Para o sociólogo francês, "se a modernidade se encarna nas instituições e nas grandes narrativas de que são portadoras, a pós-modernidade dá importância às tribos, aos espaços que ocupam, às formas de sociabilidade que aí se desenvolvem" (Maffesoli, 2011, p.21). Dessa forma, na pós-modernidade, é dado um destaque especial "à vivência local e à convivência através das imagens". O teórico francês afirma ainda que, nesse contexto, a característica da heterogeneidade, marcante nas sociedades pós-modernas, manifesta-se a partir do retorno ao "local", de modo que voltam aos discursos sociais "termos como 'país', 'território', 'espaço', remetendo para um sentimento de pertença reforçado, para a partilha emocional e que nos levou a dizer que o lugar faz ligação" (Maffesoli, 2011, p.22).

Pós-modernidade, para Lipovetsky (2004, p.52), não é o termo ideal para definir as transformações ocorridas nas sociedades democráticas avançadas. O autor entende que essa expressão é um neologismo "ambíguo", "desajeitado" e até impreciso. Ele destaca que "o rótulo pós-moderno ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia". Contudo, aponta que:

> O neologismo pós-moderno tinha um mérito: salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões políticas e as militâncias era mesmo preciso dar um nome à enorme transformação que se desenrolava no palco das sociedades abastadas, livres do peso das grandes utopias futuristas da primeira modernidade (Lipovetsky, 2004, p. 52).

Em tempos nos quais o prefixo "hiper" recebe cada vez mais destaque, como nas expressões "hipercapitalismo", "hipermercado", "hiperpotência", "hipertexto" e "hiperindividualismo", Lipovetsky (2004) elabora o termo hipermodernidade para conceituar o que ele define como uma "segunda modernidade". Para o autor, o termo pós-modernidade não seria adequado, pois "dirige um olhar para um passado que se decreta morto; fazia pensar numa extinção sem determinar o que nos tornávamos". Nessa perspectiva, o sociólogo francês acredita que a hipermodernidade se constitui da "modernidade consumada" (Lipovetsky, 2004, p.54).

Entre as características da hipermodernidade está a personalização, citada por Lipovetsky (2005). Conforme o pesquisador, o desenvolvimento das sociedades democráticas avançadas proporciona que essas desvendem "sua inteligibilidade à luz de uma lógica nova, a qual denominamos processo de personalização, que remodela continuamente e em profundidade o conjunto de setores da vida social" (Lipovetsky, 2005, p.15-16).

O individualismo e a busca pela realização pessoal também são características marcantes das sociedades pós-modernas (Lipovetsky, 2005; Bauman, 2009). Essas transformações nos valores individuais estão ligadas às mudanças nos padrões de consumo, conforme sinaliza Lipovetsky:

> O ideal moderno de subordinação dos indivíduos a regras racionais coletivas foi pulverizado, o processo de personalização promoveu e encarnou um valor fundamental: o da realização pessoal, do respeito à singularidade subjetiva, da personalidade incomparável, quaisquer que sejam as novas formas de homogeneização realizadas simultaneamente. O direito de ser absolutamente si mesmo, de aproveitar a vida ao máximo é, certamente, inseparável de uma sociedade que instituiu o indivíduo livre como valor principal e não é mais do que manifestação definitiva da ideologia individualista; mas foi a revolução de estilos de vida ligada à revolução do consumo que permitiu esse desenvolvimento de direitos e desejos do indivíduo, essa mutação na ordem dos valores individualistas (Lipovetsky, 2005, p.17-18).

Na era pós-moderna ocorreu um "salto adiante da lógica individualista: o direito à liberdade [...], ganha os costumes e o cotidiano. Viver livre e sem pressões, escolher seu modo de existência são os pontos mais significativos no social e no cultural do nosso tempo" (Lipovetsky, 2005, p.18). O teórico explica que a sociedade anterior era reconhecida por suas conquistas, pela crença no futuro, na ciência e na técnica, já as sociedades pós-modernas são sedentas por destacar-se através de uma identidade própria, das suas diferenças (Lipovetsky, 2005).

O conceito de modernidade líquida, por sua vez, é definido por Bauman (2001) como a época marcada em que as relações econômicas, produtivas e sociais não seriam mais sólidas, passando a apresentar alto nível de fluidez, maleabilidade e fragilidade. Dessa forma, tais relações estariam propensas a não se manterem por períodos longos de tempo. Bauman (2001, p.13) explica que:

> O "derretimento dos sólidos", traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.

O sociólogo classifica a modernidade em duas acepções: pesada e leve (ou líquida). Na modernidade pesada, a ideia de progresso estava associada ao "tamanho crescente e à expansão territorial" (Bauman, 2001, p.146). Ele também utiliza uma analogia tecnológica, relacionando a modernidade sólida ao termo *hardware* e a modernidade líquida ao termo *software*. Segundo Bauman (2001, p.154), "o trabalho sem corpo da era do *software* não mais amarra o capital, permitindo ao capital ser extraterritorial, volátil e inconstante".

O autor também reflete sobre a questão do ritmo e da temporalidade na modernidade líquida. Para ele, na "vida líquida", forma de vida característica da sociedade "líquido-moderna", a velocidade na qual se vivenciam os fenômenos é mais importante que a duração. Bauman (2009, p.14) observa que "velocidade e não duração, é o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena". Dessa forma, entende-se que essa aceleração estaria relacionada à necessidade socialmente estabelecida de aproveitar ao máximo o tempo disponível – uma dissolução da concepção moderna de regularidade.

O desenvolvimento da pós-modernidade influencia a visão de que a sociedade estava se tornando mais plural, diversa e "menos carregada de expectativas em relação ao futuro" (Lipovetsky, 2004, p.51). Consequentemente, essas perspectivas repletas de entusiasmo do "progresso histórico" carregam em si uma nova temporalidade, "dominada pelo precário e pelo efêmero". Assim, Lipovetsky (2004, p.51) afirma que "confundindo-se com a derrocada das construções voluntaristas do futuro e o concomitante triunfo das normas consumistas, centradas na vida presente, o período pós-moderno indicava o advento de uma temporalidade social inédita, marcada pela primazia do aqui e agora". O sociólogo francês aponta que nesse contexto a crença no futuro se desfaz e as pessoas não acreditam mais no porvir, por isso "atualmente todos querem viver o momento atual, aqui e agora" (Lipovetsky, 2005, p.19).

Na sociedade pós-moderna, observa-se uma redução do tempo dedicado às dinâmicas sociais e coletivas, embora a exigência de prever e organizar esse tempo seja cada vez maior (Lipovetsky, 2005). Nesse sentido, Maffesoli (2011, p.23) sinaliza que o presente "pós-moderno encontra a filosofia do kairós que colocou a tônica sobre as ocasiões e as boas oportunidades, sendo a existência apenas, numa certa medida, uma sequência de instantes eternos que convém viver, o melhor possível, aqui e agora". Entende-se que o desenvolvimento temporal da pós-modernidade está relacionado à evolução da lógica moderna, na qual a sociedade rompeu com a tradição do tempo cíclico e passou a mensurar o tempo de forma linear, em segundos, minutos, horas, dias, etc. Essa forma de contagem proporcionou o surgimento dessa nova temporalidade que não se baseia mais na totalidade do ciclo, mas no instante do relógio.

Lipovetsky (2004) explica que as transformações na temporalidade foram influenciadas pelo capitalismo. Dessa maneira, a lógica "urgentista" do mercado teria proporcionado uma aceleração no ritmo das atividades. Segundo o autor:

> A ascendência crescente do mercado e do capitalismo financeiro pôs em xeque as visões estatais de longo prazo em favor do desempenho a curto prazo. [...] Por toda a parte, as palavras-chave das organizações são flexibilidade, rentabilidade, *just in time*, 'concorrência temporal', atraso zero - tantas outras orientadas que são testemunho de uma modernização exacerbada que contrai o tempo numa lógica urgentista (Lipovetsky, 2004, p.63).

O sociólogo francês aponta o papel do neoliberalismo nas transformações no espaço-tempo e na construção de uma nova temporalidade. Para Lipovetsky (2004, p.63), "se a sociedade neoliberal e informatizada não criou a mania do presente, não há dúvida de que contribuiu para a culminância disso ao interferir nas escalas do tempo, intensificando nossa

vontade de libertar-nos das limitações do espaço-tempo". O autor evidencia que o desenvolvimento das sociedades modernas ocorreu a partir da "inversão do tempo", o qual estabeleceu um predomínio do "futuro sobre o passado" (Lipovetsky, 2004, p.67).

Diante do exposto, destaca-se que as pesquisas prévias apresentadas neste capítulo discutem as transformações sociais, culturais e econômicas que redefiniram a relação do homem com o tempo, originando a modernidade e a concepção de vida cotidiana (Giddens, 1991; Thompson, 1999; Martín-Barbero, 2005; Sodré, 2009; Souza Martins, 2013; Heller, 2016). Essas investigações também exploram a gênese da pós-modernidade, suas características e impactos (Lipovetsky, 2004; 2005; Lyotard, 2009; Bauman, 2001; 2009; Maffesoli, 2011). No entanto, considera-se que é possível aprofundar esses debates, especialmente no contexto contemporâneo, marcado por transformações no ritmo da vida cotidiana e nos modos de produção. Nesse cenário, torna-se fundamental problematizar a dissolução da ideia tradicional de vida cotidiana, considerando a hipótese de que sua regularidade, enquanto padrão cultural, está se dissolvendo na sociedade contemporânea.

Sodré (2009) destaca que o ritmo se faz presente em todas as formas de representação do tempo, tanto nas antigas quanto nas modernas. Já Silva destaca a "[...] narrativa jornalística como uma das pedras angulares da modernidade" (2013, p.71). O jornalismo se insere historicamente nessa lógica da temporalidade cotidiana moderna, porque a "temporalização operada pelo jornalismo realiza uma síntese da continuidade, das mudanças e passagens que, de modo disperso ou caótico, definem o cotidiano". Nas palavras de Sodré (2009, p.87):

> A periodização que orienta a sequencialidade temporal de jornais e revistas [...] é um exemplo de vinculação da experiência do tempo com os fatos da comunidade. Se o tempo cronológico já implicava em si mesmo homogeneização da duração, o discurso informativo, acionado pelo tempo, constrói uma imagem de unidade de funcionamento do cotidiano.

No jornalismo moderno, um dos temas mais relevantes se relaciona ao universo da noticiabilidade, o qual diz respeito aos fatores que envolvem a seleção de uma ocorrência cotidiana, em detrimento de outro, para receber o *status* de notícia. Tais elementos abrangem fatores sociais, culturais, econômicos, profissionais e individuais. De acordo com Silva (2013), esse processo pode ser considerado como uma construção substancialmente sociocultural. Em termos modernos, a noticiabilidade também está estreitamente relacionada à "pontuação rítmica" (Sodré, 2009) da vida cotidiana, à marcação semiótica e à temporalidade moderna. Tais temas serão aprofundados e discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO III
NOTICIABILIDADE: ESTADO DA ARTE E DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO

O termo *newsworthiness*, em português noticiabilidade, pode ser entendido semanticamente como a qualidade ou condição do que é noticiável ou gera interesse. Tal discussão, todavia, mostra-se mais complexa no plano teórico-conceitual. Dessa forma, é preciso refletir sobre como esse conceito se desenvolve social e culturalmente. Como citado na introdução deste estudo, nos últimos dez anos um número reduzido de teses e dissertações investigaram no Brasil questões relacionadas à noticiabilidade. Diante disso, torna-se fundamental realizar novas reflexões, revisitando pesquisas prévias que buscam explicar esse fenômeno.

Neste capítulo, desenvolve-se o percurso da revisão sistemática com base em estudos clássicos, como Peucer (2000), Galtung e Ruge (1993), Gans (2004), White (1950) e Breed (1955). Complementarmente, aborda-se o tema pela perspectiva culturalista, fundamentada em Sodré (2009). Discute-se, ainda, a noticiabilidade como um constructo cognitivo, com base nas contribuições de Shoemaker e Vos (2011), Shoemaker (2016), Shoemaker e Cohen (2016) e Silva (2013; 2014). Por fim, reflete-se acerca dos estudos contemporâneos que analisam como aspectos da noticiabilidade se desenvolvem no contexto digital, apresentando os conceitos de *gatewatching*, de acordo com Bruns (2014), e de *shareworthiness*, conforme Trillin, Tolochko e Burscher (2017).

O jornalismo é uma das práticas mais características da modernidade. Conforme Souza (2008, p.88), o sistema de jornalismo moderno se ampliou e consolidou a partir do século XVIII, "devido ao clima 'de mudança' que aumentava a necessidade de informação dos cidadãos", bem como a partir da expansão da industrialização e das revoluções, como a industrial e a francesa (Sousa, 2008). Conforme o autor, diversos fatores influenciaram o desenvolvimento do jornalismo ocidental.

> A legislação liberal, a abolição de taxas, as inovações tecnológicas trazidas pela Revolução Industrial, a consolidação da economia de mercado, a urbanização, a ascensão da classe média urbana e a modernização social (urbanização, alfabetização, intervenção cívica, partidos políticos, direito de voto, etc.) consubstanciam-se como os fatores por trás do desenvolvimento que o jornalismo conheceu no século XIX.

Gomes (2009, p.12) percebe o jornalismo como "um sistema industrial de produção

de notícias", assim como Shoemaker (2006, p.106), que entende as notícias como "commodities", pois "podem ser compradas, vendidas e negociadas" como produtos. Para Gomes (2009), a prática jornalística assumiria com o "consumidor de notícias" não apenas o compromisso com a verdade, mas também um acordo subjetivo de trabalhar para "evitar o engano e o erro". Dessa forma, o jornalismo desenvolve um discurso de "autolegitimação" que "toma os relatos como se fossem a revelação das coisas mesmas e não simplesmente uma narrativa" (Gomes, 2009, p.15). Com isso, o autor afirma que se formam no jornalismo práticas e papéis que reforçam esse imaginário, consagrando o "rito da notícia". Entende-se que, a partir dessa ideia, desenvolve-se também a concepção moderna de noticiabilidade.

Herbert Gans (2004), em um estudo realizado nos anos 1970, destaca que diversas teorias foram desenvolvidas para explicar o processo de seleção de notícias, classificando-as em quatro grupos principais: 1) Teorias centradas no jornalista: argumentam que as notícias são moldadas pelo julgamento profissional dos repórteres e editores; 2) Teorias organizacionais: influenciadas pelos estudos das ciências sociais, abordam como a rotinização dentro das redações influencia a seleção das histórias; 3) Teorias focadas no evento: conhecidas como teorias do espelho, sugerem que o jornalismo reflete a realidade como ela é; 4) Teorias macrossociais: explicam a seleção de notícias com base em forças externas à organização noticiosa, como aspectos políticos, econômicos ou culturais.

Conforme Souza (2004, p.31), a tese *The Relationibus Novellis*, de Tobias Peucer (1690), é considerada a precursora na abordagem da ideia de "noticiabilidade no mundo ocidental". Nela, o erudito alemão analisa o cenário do jornalismo europeu à época, abordando questões éticas e retóricas, bem como acerca dos critérios de seleção das notícias. Sobre o relato jornalístico, Peucer (2000, p.15) entende que é uma "forma da história" que "discorre e resenha em uma determinada ordem os fatos ou as palavras escolhidas e dignas de serem contadas que se extraiu separadamente da narração contínua dos fatos históricos".

Peucer (2000, p.20) não se refere diretamente aos critérios de noticiabilidade, contudo aponta para uma ideia de seleção noticiosa sobre "a matéria dos periódicos" quando observa que "como estes fatos [singulares] são quase infinitos, cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dado preferência aos axiomnemóneuta, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos". No horizonte do final do século XII, o teórico alemão cita uma série de tipos de ocorrências cotidianas que merecem receber destaque em detrimento de outros:

> São desta natureza, em primeiro lugar, os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados

> ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes que nunca neste século. Depois, as diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignitários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimônias públicas que parecem se instituir novamente ou que parecem mudar ou que são abolidas, o óbito de varões ilustres, o fim de pessoas ímpias, e outras coisas. Finalmente os temas eclesiásticos e literários: como a origem desta ou daquela religião, seus autores, seus progressos, as novas seitas, os preceitos doutrinais, os ritos, os cismas, a perseguição que sofrem, os sínodos celebrados por motivos religiosos, os decretos, os escritos mais notáveis dos sábios e doutos, as disputas literárias, as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja ou da literatura (Peucer, 2000, p.21).

Sobre os atributos que um fato deve possuir para se tornar um acontecimento noticioso, Peucer (2000, p.21) aponta que não devem ser publicadas "coisas de pouco peso ou as ações diárias dos homens; ou as desgraças humanas, das quais há uma fecunda abundância na vida comum" – um raciocínio que já endereça à lógica de ruptura a regularidade da vida cotidiana. Dessa forma, entende-se que, para o autor, ações que ocorriam com certa regularidade nos parâmetros da época não possuíam os atributos necessários para se tornarem notícias.

Conforme Traquina (2005), uma das primeiras teorias sistematizadas na literatura acadêmica sobre jornalismo foi proposta por David Manning White em 1950, ao aplicar o conceito de *gatekeeper*, desenvolvido pelo psicólogo alemão Kurt Lewin. Esse conceito se refere à "pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões" (Traquina, 2005, p.150).

Em termos históricos, a primeira vez que os termos *gatekeeping* e comunicação apareceram juntos foi em uma publicação póstuma de um manuscrito não terminado de Kurt Lewin. Enquanto pesquisador do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), "argumentava que psicólogos podem definir matematicamente as forças que modelam o comportamento das pessoas" (Shoemaker; Vos, 2011, p.24). As primeiras pesquisas de Lewin abordavam as mudanças nos hábitos alimentares de um determinado grupo, mas o objetivo do pesquisador era entender como psicólogos poderiam realizar transformações sociais mais amplas. Na pesquisa sobre hábitos alimentares, Lewin partiu do pressuposto de que alguns membros de uma comunidade têm mais relevância para determinar o que é um alimento do que outros. Por conseguinte, "uma mudança social seria mais bem efetuada se o foco fosse centrado nas pessoas com maior controle na seleção dos alimentos que chegarão à mesa" (Shoemaker; Vos, 2011, p.24).

O pesquisador alemão acreditava que os alimentos chegavam até a mesa das pessoas por meio de "canais", sendo que "cada canal é subdividido em seções, e o início de cada uma delas representa um ponto de ação" (Shoemaker; Voz, 2011, p.25), no qual pode haver a

seleção dos alimentos que chegam até a mesa das pessoas. Shoemaker e Vos (2011, p.26) explicam que "o processo de *gatekeeping* envolve não somente a seleção ou rejeição de itens, mas também o processo de modificá-los de forma a torná-los mais atraentes para o consumidor final".

Discípulo de Lewin, White (1950) realizou uma pesquisa participante acompanhando um jornalista conhecido como Mr. Gates, que possuía cerca de 25 anos de experiência como repórter e editor. Na época, Mr. Gates era editor de um jornal com circulação de 30 mil exemplares em uma cidade de aproximadamente 100 mil habitantes nos Estados Unidos. A proposta do estudo era determinar os motivos que levaram esse editor a selecionar ou rejeitar as novas histórias recebidas pelas fontes, como as agências de notícias. Essa teoria realiza uma reflexão sobre as notícias sob a ótica do jornalista, ou seja, do produtor da notícia. Conforme White,

> Este é o estudo de caso de um "gatekeeper", mas um que, como várias centenas de seus colegas gatekeepers, desempenha um papel muito importante como "gate" no complexo processo de comunicação. Através do estudo de suas razões explícitas para rejeitar as notícias das agências de notícias, vemos quão altamente subjetivo, como baseado na própria experiência, atitudes e expectativas do "gatekeeper" a comunicação de notícias realmente é (White, 1950, p.390, tradução nossa).

Com a pesquisa, White (1950, p.386) concluiu que os motivos para seleção de um fato eram altamente subjetivos, sendo baseados nos *gatekeepers* e em suas "próprias experiências". Traquina (2005, p.151), por seu turno, desenvolve uma crítica à teoria do *gatekeeping*, afirmando que ela "avança igualmente uma concepção bem limitada do jornalismo", pois se baseia na ideia de "seleção", à medida que negligencia outras instâncias importantes do processo de produção jornalística, promovendo, assim, "uma visão limitada do processo de produção das notícias".

Outro estudo referencial para a sistematização e compreensão dos processos de seleção noticiosa foi conduzido nos anos 1960 pelos dinamarqueses Galtung e Ruge (1993), pesquisadores considerados pioneiros em registrar no ambiente acadêmico a tese da "existência de parâmetros orientadores da seleção de notícias" (Silva, 2014, p.33). A pesquisa teve origem em uma investigação sobre a "cobertura de crises internacionais em jornais europeus". Nessa perspectiva, os autores utilizam o termo "fator" e não critérios para definir a lógica da seleção noticiosa. Silva (2014, p.34) aponta que, nesse estudo, existe "a predominância do caráter desviante dos fatores que caracterizam a seleção de notícias". Os pesquisadores dinamarqueses entendiam que a comunicação de uma notícia se organiza como

uma sucessão de processos encadeados, com início “a partir dos acontecimentos caóticos do mundo e encerrada na imagem pessoal produzida pelo receptor” (Silva, 2014, p.34).

Quanto à determinação do acontecimento no sistema da mídia, Galtung e Ruge (1993, p.61) abordam “os fatores que influenciam o fluxo de notícias”. Partindo de uma comparação com a estrutura metafórica de uma transmissão radiofônica, os autores destacam que “os acontecimentos tornam-se notícias até ao ponto de satisfazerem as condições de”:

> F1) frequência; F2) *threshold* (limiar de intensidade); F2.1) intensidade absoluta; F2.2) aumento de intensidade; F3) inequivocidade; 4) significância; F4.1) proximidade cultural; F4.2) relevância; F5) consonância; F5.1) previsibilidade; F5.2) exigência; F6) Imprevisibilidade; F6.1) impredicabilidade; F6.2) escassez; F7) continuidade; 8) Composição; F9: referência a nações de elite; F10) referência a pessoas de elite; F11) referência a pessoas; F12) referência a algo negativo (Galtung; Ruge, 1993, p.61).

Na teoria de Galtung e Ruge (1993), quanto mais fatores de interesse um fato possuir, mais chances terá de se transformar em notícia. Contudo, outro fator determinante é a complementaridade, ou seja, se uma ocorrência cotidiana possui um valor pouco relevante e for complementada por outro que detêm maior relevância, este poderá se transformar em notícia com maior frequência.

Com o reconhecimento crítico das teorias voltadas à ação individual dos jornalistas ou às características intrínsecas dos eventos, passaram a ganhar corpo, a partir da segunda metade do século XX, as chamadas teorias de ação sócio-organizacional. Tais teorias compreendem que a ação dos jornalistas depende de circunstâncias que estão relacionadas às organizações e a uma “ação sócio-organizacional de conformação das notícias” (Sousa, 2002, p.53). Breed (1955), por meio da teoria do “controle social”, foi um dos primeiros a sistematizar a compreensão na qual os jornalistas são influenciados por forças socializadoras na redação. Conforme o autor, no contexto da metade do século XX, essa socialização dependeria de seis processos implícitos de recompensa e punição, sendo eles: 1) autoridade institucional e sanções; 2) progressão na carreira profissional; 3) sentimento de obrigação e estima para com os seus superiores; 4) ausência de conflitos e lealdade; 5) prazer do exercício profissional; e 6) jornalismo como valor.

Enquanto a teoria do *gatekeeping* aborda o processo de seleção das notícias, a teoria do “controle social” trata de fatores que envolvem a cultura profissional dos jornalistas. Conforme Silva (2014, p.27), a teoria de Breed (1955) reflete “sobre os eventuais procedimentos operacionais compartilhados por jornalistas no processo de captação das

notícias".

Ainda sobre as teorias relacionadas às organizações, Tuchman (1973) aborda as questões ligadas à organização das rotinas produtivas dos jornalistas e como estas podem influenciar no processo de produção das notícias. Para a socióloga norte-americana, os jornalistas se destacam como trabalhadores que precisam dar conta rotineiramente de uma ampla variedade de eventos inesperados. Assim, segundo Tuchman (1973), a urgência seria uma característica intrínseca à notícia. Por conseguinte, segundo a autora, a prática de os jornalistas imporem rotinas ao seu trabalho proporciona um problema em relação a esses fatos imprevistos.

A partir dessa ideia, Tuchman (1973, p.111, tradução nossa) questiona "como uma organização pode rotinizar o processamento de eventos inesperados? Especificamente, como os jornalistas rotinizam o tratamento de uma variedade de eventos inesperados para processar e apresentar relatos e explicações sobre eles?[8]". A socióloga reflete que, sem métodos de rotina para tratar eventos inesperados, as organizações jornalísticas, no modelo industrial da segunda metade do século XX, poderiam fracassar (Tuchman, 1973).

Gans (2004, p.82, tradução nossa), também em estudo referencial nos EUA, aponta que "a seleção das histórias é um processo de decisão e um processo de escolha, mas que é realizado de forma rápida"[9]. Portanto, as considerações devem ser rápidas e facilmente aplicáveis, permitindo que a seleção seja realizada sem grandes discussões. Contudo, Gans (2004, p.83, tradução nossa) observa que "por outro lado, as considerações devem ser flexíveis para que possam ser adaptadas às infinitas variedades de notícias disponíveis"[10].

Nelson Traquina (2005, p.63) entende que o conceito de noticiabilidade está relacionado às características em si de um fato. Conforme o pesquisador, "podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir um valor como notícia". Assim, para o autor norte-americano, noticiabilidade equivale a um complexo de valores-notícia, pois afirma que "os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, se ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo 'valor-notícia' (*newsworthiness*)" (Traquina, 2005, p.63).

---

[8] Originalmente em inglês: "how can an organization routinize the processing of unexpected events? Specifically, how do newsmen routinely handle a variety of unexpected events in order to process and to present accounts and explanations of them?" (TUCHMAN, 1973, p.111).

[9] Originalmente em inglês: "Story selection is a decision-making and choice-making process, but a hurried one".

[10] Originalmente em inglês: "Conversely, the considerations have to be flexible so that they can be adapted to the endless variety of available news".

Semelhantemente, Mauro Wolf (1995, p.195) entende que a noticiabilidade é composta por "um conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias". Desenvolve-se, por conseguinte, um agrupamento de critérios de noticiabilidade. Em outras palavras, o autor conceitua como "um conjunto de critérios, de relevância, que definem a noticiabilidade (*newsworthiness*) de cada acontecimento, isto é, a sua 'aptidão' para ser transformado em notícia" (Wolf, 1995, p.189). No quadro 1 realiza-se uma sistematização dos valores-notícia, apontados em Wolf (1995) e Traquina (2005), com base em Silva (2013):

Quadro 2: Sistematização dos valores-notícia com base em Wolf (1995) e Traquina (2005).

Valores-notícia de seleção: critérios substantivos	**Valores-notícia de seleção: critérios contextuais**	**Valores-notícia de construção**
Notoriedade Morte Proximidade Relevância Tempo Notabilidade Inesperado Conflito/controvérsia Infração Escândalo	Disponibilidade Equilíbrio Visualidade Concorrência Dia noticioso	Simplificação Amplificação Relevância Personificação Dramatização Consonância

Fonte: Silva (2013, p.44).

Como indicado no quadro 1, os valores-notícia apresentados por Wolf (1995) e Traquina (2005) podem ser classificados em três categorias: 1) Valores-notícia de seleção – critérios substantivos: referem-se aos aspectos intrínsecos ao evento noticioso; 2) Valores-notícia de seleção – critérios contextuais: relacionam-se ao contexto em que o fato ocorre; 3) Valores-notícia de construção: envolvem os critérios que influenciam diretamente o processo de produção da notícia.

Por outro lado, em uma leitura crítica das concepções tradicionais, Silva (2005) propõe uma abordagem mais ampla. A pesquisadora define a noticiabilidade como qualquer elemento "potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde

características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia" (Silva, 2005, p.97).

Conforme a pesquisadora brasileira, esse processo envolve diversos aspectos da produção noticiosa e incide em um reducionismo conceituar a noticiabilidade apenas como "conjunto de elementos por meio dos quais a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos", ou ainda, somente como o "conjunto de elementos intrínsecos que demonstram a aptidão ou potencial de um evento para ser transformado em notícia" (Silva, 2005, p.97). Para Silva (2005), a noticiabilidade é o resultado dos dois primeiros conceitos acrescentados de um terceiro, o qual se refere às questões ético-epistemológicas da prática jornalística.

3.1 Da perspectiva culturalista à concepção cognitiva nos estudos sobre noticiabilidade

Num horizonte culturalista, Muniz Sodré (2009) entende que o processo de noticiabilidade envolve fatores culturais e sociais e está ligado a aspectos como a regularidade e o ritmo da vida cotidiana. Para Sodré (2009, p.33), o acontecimento é um "termo para a representação social do fato", podendo ser compreendido ainda como "uma construção ou uma produção de real, atravessada pelas representações da vicissitude da vida social" (Sodré, 2009, p.37). Entende-se que, para o autor, os acontecimentos são os fatos quando se tornam públicos através de mediações próprias do olhar humano – entre elas, sua transformação em notícias.

O sociólogo brasileiro define a notícia como "o relato de algo que foi ou será inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado" (Sodré, 2009, p.24). Tendo em vista isso, é possível compreender que a notícia se configura por ocorrências cotidianas, as quais estão inseridas em um contexto sócio-histórico previamente determinado a depender da comunidade de sentido em que irão circular.

Sodré (2009, p.58) aponta que a notícia "se trata de uma singularidade temporalmente marcada, num 'aqui e agora' da existência cotidiana efetiva e sensível, apreendida pelo código de construção do texto do jornal". Logo, entende-se que a temporalidade e a atualidade se mostram presentes no texto noticioso enquanto processos de construção social oriundo da cotidianidade.

O sociólogo brasileiro Muniz Sodré (2009) apresenta dois conceitos para explicar a dinâmica de seleção de uma ocorrência cotidiana em detrimento de outra: marcação temporal e pontuação rítmica. Segundo Sodré (2009, p.89), "o acontecimento jornalístico é a marcação

semiótica do fato por meio de uma pontuação rítmica". Nesse sentido, o fato transforma-se em acontecimento não apenas pelo rompimento com a ordem habitual do cotidiano, mas também pelo "valor rítmico" atribuído a ele pelo sistema informacional. Esse valor é construído pelo "código de produção de informação pública" e pode ser influenciado tanto pela marcação quanto por outros fatores, como a identificação com uma determinada comunidade de sentido (Sodré, 2009).

Sodré (2009, p.87) analisa como a informação jornalística se insere na "lógica moderna de estruturação do tempo social", destacando a periodização como a marcação temporal característica da imprensa convencional. Na sua perspectiva, o acontecimento é introduzido como o "aspecto temporal do fato social". A pontuação rítmica, por sua vez, é descrita como um "desdobramento operativo da periodização". Para o sociólogo (2009, p.94), todos os fatos que se transformam em acontecimentos jornalísticos exigem uma pontuação rítmica, que os dota de ciclos específicos, cuja duração é condicionada pelo "valor jornalisticamente atribuído ao fato".

Quanto aos motivos para um acontecimento ser escolhido para ser ritmicamente pontuado no jornalismo em detrimento de outro, Sodré (2009) destaca que critérios como a novidade e a ruptura do ordenamento cotidiano não seriam suficientes para essa escolha, pois "as referências instituídas como valor-notícia são geralmente puros e simples estereótipos, cujo ritmo de repetição gera valor-notícia" (Sodré, 2009, p.94). Para Muniz Sodré (2009, p.21),

> Na prática, os valores que sustentam a noticiabilidade de um fato, ou seja, a condição de possibilidade para que este venha a transformar-se em notícia - podem variar segundo o lugar do fato, do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunicação. Se um cachorro morde o presidente da república, haverá certamente notícia.

Semelhantemente, Shoemaker, Danielian e Brendlinger (1991, p.781, tradução nossa) desenvolvem uma revisão crítica das pesquisas que demonstram preocupação em torno de listar os critérios sobre noticiabilidade. Os autores observam que muitos desses estudos empenham-se demasiadamente em identificar os critérios de noticiabilidade "sem fornecer explicações teóricas satisfatórias sobre por que esses itens devem ser considerados como tal"[11].

Diante disso, torna-se necessário realizar uma breve explicação sobre as diferenças conceituais dos termos "noticiabilidade", "critérios de noticiabilidade" e "valores-notícia",

[11] Originalmente em inglês: "[...] without providing satisfactory theoretical explanations for why such items should be considered newsworthy".

tendo em vista que pode ocorrer uma confusão conceitual devido à proximidade semântica das expressões. Neste estudo, com base em Silva (2014) e Silva (2005), tais expressões são interpretadas com diferentes definições.

Silva (2014) aponta que os conceitos de seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia – fundamentais para o jornalismo – nem sempre são abordados de forma diferenciada, ou seja, essas expressões são recorrentemente interpretadas como sinônimas. Embora muitos pesquisadores empreguem como sinônimos, Silva (2005) recomenda compreender esses conceitos de maneira distinta. Para a autora, seleção e valores-notícia "são componentes da noticiabilidade" (Silva, 2005, p. 97).

De acordo com Silva (2005, p.98), os jornalistas se valem dos valores-notícia quando realizam a produção dos materiais e a seleção e hierarquização, contudo esses seriam apenas "uma parte do processo", dos quais fariam parte outros critérios de noticiabilidade, como "formato do produto, qualidade da imagem, linha editorial, custo, público-alvo, etc". Dessa forma, os valores-notícia se referem às características intrínsecas do fato, e o segundo conjunto diz respeito "ao tratamento" dado a esse fato. Sobre a importância dessa distinção, Silva (2005, p.106) aponta que:

> Delimitar valores-notícia separadamente do conceito de seleção de notícias, definir valores-notícia como atributos do acontecimento e reconhecê-los ao mesmo tempo como construção social e cultural é apenas um primeiro procedimento para pensar a noticiabilidade, cujo processo exige muitas outras reflexões, passando, como etapas seguintes, pelo tratamento dos fatos noticiosos e pela interpretação que a notícia faz desses acontecimentos.

Quanto ao conceito de noticiabilidade, Shoemaker (2006, p.110, tradução nossa) oferece uma nova perspectiva, definindo-o como "um julgamento mental, um processo cognitivo que só pode prever relativamente o que realmente se torna notícia". Nesse viés, a "noticiabilidade é um constructo cognitivo, um julgamento feito pelos seres humanos" (Shoemaker, 2014, p.16). A autora destaca que tal ideia está relacionada às "dimensões do desvio e da significância social de um acontecimento". Ao encontro disso, Silva (2013) observa que tal dinâmica diz respeito a "julgamentos individuais", de modo que o acontecimento não poderia receber status de notícia devido apenas às características próprias.

Shoemaker e Cohen (2006) testaram o conceito de noticiabilidade por meio de uma pesquisa sobre o tema em dez países por mais de dois anos. Foram desenvolvidos grupos focais com jornalistas, profissionais de relações públicas e membros da audiência de diferentes classes sociais. Os autores destacam duas premissas que embasam as dimensões do

desvio e do significado social:

> (1) a evolução biológica levou as pessoas a pesquisar instintivamente o ambiente em busca de desvios (geralmente "más" notícias); e (2) a evolução cultural resultou em pessoas prestando atenção a diferentes tópicos entre os países, mas que esses tópicos devem ter alto significado social, bem como desvio. Em outras palavras, acreditamos que esses dois construtos podem prever a noticiabilidade de eventos, ideias e pessoas em todo o mundo[12] (Shoemaker; Cohen, 2006, p. 335, tradução nossa).

Os pesquisadores explicam que o conceito de desvio ocorre quando um fato não está de acordo com "valores e crenças" socialmente estabelecidas. Dessa forma, é passível de reconhecê-lo como um "evento desviante" em relação a tais regras (Shoemaker; Vos, 2011, p.177). Adicionalmente, Shoemaker e Cohen (2006) destacam ainda três tipos de desvios: a) o normativo, b) o de mudança social; e o c) estatístico. O normativo se relaciona ao descumprimento de regras e leis sociais; o de mudança social às questões que podem ameaçar a ordem social vigente, como grandes protestos; e o estatístico aos eventos extraordinários ou incomuns.

Para definir a concepção de significância social, Shoemaker e Cohen (2006, p.178) explicam que "muitos eventos podem conter também um alto grau de significância para uma sociedade ou cultura". A pesquisadora complementa que esse processo é composto por quatro dimensões, sendo elas: 1) política; 2) econômica; 3) cultural; e 4) pública.

Entre as conclusões do estudo internacional, Shoemaker e Cohen (2006, p.335) pontuam que notícia e noticiabilidade não podem ser interpretadas como expressões sinônimas e afirmam que estes "são dois conceitos teóricos distintos e devem ser explicados como tal"[13]. Outro conceito abordado por Shoemaker e Cohen (2006, p.335, tradução nossa) em suas conclusões é o de complexidade no processo de noticiabilidade. De acordo com os pesquisadores, a complexidade "está relacionada ao construto intensidade, [...] mas oferece uma forma diferente de olhar para os processos cognitivos que determinam se um evento, ideia ou pessoa é considerado jornalisticamente interessante"[14], isto é, "quanto mais complexo

---

[12] Originalmente em inglês: "[...] our work is based in two main notions: (1) biological evolution has led people to instinctively survey the environment for deviance (generally "bad" news); and (2) cultural evolution has resulted in people paying attention to different topics among countries, but that these topics should be height in social significance, as well as in deviance. In other words, we believe that these two constructs can predict the newsworthiness of events, ideas, and people around the world".

[13] Originalmente em inglês: "[...] but rather are two distinct theoretical concepts and must be explicated as such".

[14] Originalmente em inglês: "we have added a new construct to our theory , the complexity of an event. Complexity is related to the construct intensity , [...] but the complexity offers a different way of looking at the cognitive processes that determine whether an event , idea or person is considered newsworthy".

é um evento, é mais provável que ele seja considerado noticiável"[15] (Shoemaker; Cohen, 2006, p.342, tradução nossa). Conforme Shoemaker e Cohen (2006, p.340, tradução nossa):

> A complexidade é um constructo bastante complicado, sendo resultado de fatores moldados quer pela evolução biológica quer pela evolução cultural e, a um nível mais concreto, pela combinação dos conceitos desvio e significado social e as suas sete dimensões. Quanto mais dimensões de desvio e significância social um evento abrange, mais complexo ele é e mais interessante as pessoas pensam que ele é[16].

A partir da pesquisa, Shoemaker e Cohen (2006, p.337) concluem que o público busca acesso a assuntos desviantes e socialmente significantes, mas discordam dos jornais sobre o que deve receber mais destaque, pois a instância midiática, pela rigidez de seus *modus operandi*, não oferece cobertura suficiente para a lógica cognitiva das audiências. Os autores concluem, assim, que notícia e noticiabilidade são constructos teoricamente distintos.

Nesse sentido, Shoemaker e Cohen (2006, p.342, tradução nossa) sustentam a perspectiva teórica, segundo a qual a noticiabilidade constitui "não uma característica de um evento, mas sim o resultado do julgamento mental de uma pessoa"[17]. Tal raciocínio explica os motivos pelos quais pessoas julgam de formas distintas o grau de importância das ocorrências cotidianas, ou seja, "se a noticiabilidade fosse uma simples característica do evento"[18] as pessoas seriam capazes de percebê-la de forma idêntica. Os autores destacam que embora haja certo nível de concordância sobre o que deve ser noticiado, "há variações em seus julgamentos com base em diferenças nas suas realidades sociais. Portanto, a noticiabilidade é uma variável cognitiva"[19] (Shoemaker; Cohen, 2006, p.343, tradução nossa).

Em perspectiva semelhante, Silva (2013, p.32) explica o processo de noticiabilidade "baseado no modo como um acontecimento se conecta a uma determinada realidade ocorre o entendimento do mundo por parte das pessoas envolvidas nessa dinâmica interpretativa". Para o pesquisador brasileiro, esse processo também proporciona que a noticiabilidade se configure como uma "construção sociocultural" (Silva, 2013). Conforme Silva, tal dinâmica envolve um grande número de variáveis, que se sedimentam na concepção de vida cotidiana.

> Reconhece-se, nesse contexto, a existência de grades, dinâmicas e multifacetadas variáveis econômicas, políticas e socioculturais que resultam na elaboração simbólica de uma concepção de vida cotidiana - esta de fato orientadora dos

---

[15] Originalmente em inglês: "the more complex an event is, the more likely it is to be considered newsworthy".
[16] Originalmente em inglês: In fact, the construct complexity is rather complicated, being a result of factors shaped by both biological and cultural evolution and, at a more concrete level, the combination of concepts deviance and social significance and the seven dimensions. The more dimensions of deviance and social significance an event taps into, the more complex it is and the more newsworthy people think it is".
[17] Originalmente em inglês: "not a characteristic of an event but rather the outcome of a person's mental judgment".
[18] Originalmente em inglês: "If newsworthy were a simple characteristic of the event".
[19] Originalmente em inglês: "that there is variation in their judgments based on differences in their social realities. Therefore, newsworthiness is a cognitive variable".

> diferentes padrões noticiosos socialmente estabelecidos (Silva, 2014, p.132).

Nesse horizonte, Sodré (2009, p.26) entende que o "jornalismo não é reflexo, mas construção social de uma realidade específica". Semelhantemente, Silva (2014, p.133) reconhece que o processo de percepção do jornalismo é um "jogo dialético de construção social da realidade, ou seja, da compreensão do jornalismo como uma atividade cultural que somente encontra respaldo e legitimidade ao transcodificar e disseminar elementos culturais vigentes no mundo social". Quanto às categorizações acerca dos critérios de noticiabilidade, Silva (2014, p.133) analisa que "por trás de toda categorização pragmática e operacional dos eventos noticiáveis, há diferentes padrões culturais que não podem ser deixados de lado quando em questão a dinâmica da seleção noticiosa".

Sobre a relação entre as noções de noticiabilidade e de quebra na regularidade da vida cotidiana, Silva (2014, p.133), explica que os fatos classificados como detentores de critérios de noticiabilidade precisam ser analisados em "consonância com a concepção teórica de *paradoxos* cotidianos; isto é, em relação aos elementos simbólicos responsáveis por quebrar as expectativas da regularidade cotidiana que caracteriza o modo de vida moderno".

Silva (2013) desenvolve uma proposta teórica de "metáfora pendular" a fim de explicar os processos de seleção das notícias e de construção da narrativa noticiosa. Conforme o pesquisador,

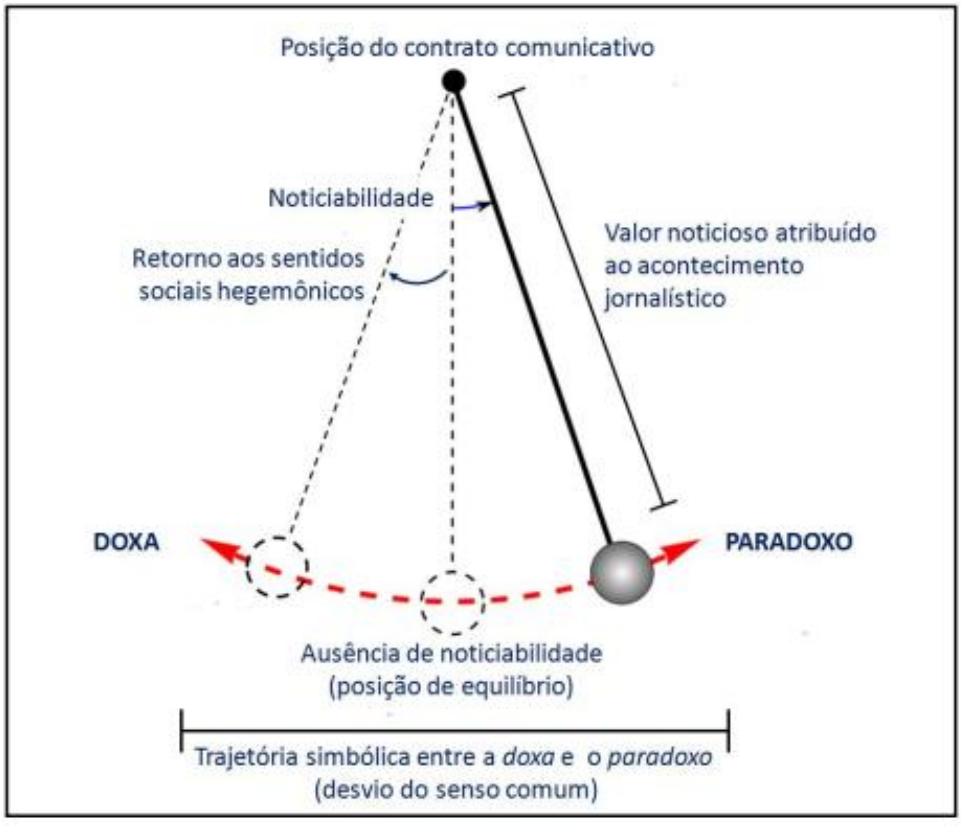
> Ao transcodificar e, ao mesmo tempo, disseminar padrões culturais de racionalidade, frutos da experiência moderna, o jornalismo - atividade social inscrita no senso comum - colabora para um processo de atenuação dos sentidos *paradoxais* da vida cotidiana, racionalizando-se e desenvolvendo-os à ordem simbólica consensual (Silva, 2013, p.211).

O modelo elaborado por Silva (2013, p.212) possui cinco elementos, sendo eles: a) posição do contrato comunicativo: que se refere ao posicionamento do pêndulo "nos sistemas semiodiscursivo e social; reveste-se de pertinência na compreensão das concepções de doxa e paradoxo então instituídas e, em última instância, do diálogo entre a narrativa noticiosa e a construção cultural da regularidade cotidiana"; b) noticiabilidade: compreendida em paralelo com a ideia de paradoxo cotidiano. No modelo "passa a configurar a amplitude do ângulo que determina a distância entre a *doxa* e seu desvio *paradoxal;* [...] quanto mais paradoxal (desviante do senso comum) um evento se apresenta, mais aspectos de noticiabilidade ele eventualmente terá" (2013, p.214); c) Valor noticioso atribuído ao acontecimento jornalístico: representa o comprimento do pêndulo e "em combinação com a amplitude do ângulo que

ilustra a noticiabilidade, resulta na caracterização da trajetória simbólica entre a *doxa* e o *paradoxo*" (2013, p.215); d) retorno aos sentidos sociais hegemônicos: "remete diretamente às dinâmicas de atribuição de sentidos explicativos aos *paradoxos* cotidianos em pauta"; e) trajetória simbólica entre a doxa e o paradoxo: "remete ao desvio que um acontecimento institui na regularidade do senso comum e ao seu retorno a partir da atribuição pela narração noticiosa de um sentido explicativo". A seguir, é possível observar a representação gráfica para a relação entre doxa, paradoxo e jornalismo, desenvolvida por Silva (2013).

Conforme o autor, essa trajetória é definida pela "combinação entre o grau de noticiabilidade (o ângulo do pêndulo no modelo gráfico) e o valor noticioso por ele recebido (o comprimento da haste)", correspondendo então ao período da cobertura jornalística (Silva, 2013, p.215-216).

Figura 01: Modelo gráfico para a relação entre doxa, paradoxo e jornalismo de Silva (2013)



Fonte: Silva (2013, p.212).

Conforme o autor, a trajetória é definida pela "combinação entre o grau de noticiabilidade (o ângulo do pêndulo no modelo gráfico) e o valor noticioso por ele recebido (o comprimento da haste)", correspondendo então ao período da cobertura jornalística (Silva, 2013, p.215-216).

3.2 Perspectivas contemporâneas da noticiabilidade: *gatewhatched* e *sharewhortness.*

Com a expansão das possibilidades trazidas pelo jornalismo em plataformas digitais, a concepção de seleção noticiosa – e, consequentemente, o conceito de *gatekeeping* – tem sido revisitada e atualizada por meio do conceito de *gatewatching*. Segundo Bruns (2014, p.224), este conceito se baseia na ideia de que, a partir dos recursos proporcionados pela ampliação do ambiente online e da sociabilidade digital – por exemplo, as redes sociais – os interagentes[20], atuam como "comentaristas que podem não fazer reportagem das notícias de primeira mão, porém fazem a curadoria e avaliam as notícias e outras informações fornecidas pelas fontes oficiais, e assim prestam um serviço importante".

Bruns (2014, p.224) aponta que esse processo ocorre "quase em tempo real: usando as redes sociais mais recentes, que divulgam, compartilham, comentam, questionam e desacreditam as matérias noticiosas dentro de minutos". Em resumo, esse fenômeno estaria acontecendo de forma cada vez mais rápida.

Nesse contexto, surge também o conceito de *shareworthiness.* Trillin, Tolochko e Burscher (2017, p.39) explicam que "o ato de compartilhar notícias pode ser descrito como um novo fenômeno que se situa entre a criação e a recepção de notícias"[21]. Além disso, destacam que, no contexto atual, há um aumento no número de pessoas que visitam portais de notícias na *Internet* por meio de *links* em redes sociais digitais. Assim, baseado na "teoria do valor-notícia e integrando teorias sobre identidades online e auto-representação"[22], os pesquisadores holandeses desenvolveram o conceito de *shareworthiness* com o objetivo de entender como o número de compartilhamentos que uma notícia recebe nesses portais pode ser previsto.

Em síntese, Trillin, Tolochko e Burscher (2017, p.39) buscam responder a seguinte questão: "Como o compartilhamento de notícias nas redes sociais pode ser previsto pelas características da notícia?"[23]. Após uma vasta análise de mais de 130 mil artigos noticiosos holandeses, os pesquisadores descobriram que os fatores elencados por eles se mostraram

---

[20] C.f. Primo (2005, p.2) "O termo 'usuário', tão utilizado nos estudos da 'interatividade', deixa subentendido que tal figura está à mercê de alguém hierarquicamente superior, que coloca um pacote a sua disposição para uso (segundo as regras que determina). Isso posto, [...] defende o abandono desse problemático conceito e preferirá adotar o termo "interagente" (uma tradução livre de *interactant*, não raro utilizado em pesquisas de comunicação interpessoal), que emana a própria ideia de interação".

[21] Originalmente em inglês: "We argue that the act of news sharing can be described as a new phenomenon that lies somewhere in between news creation and news reception".

[22] Originalmente em inglês: "Drawing on news value theory and integrating theories about online identities and self-representation"

[23] Originalmente em inglês: "How can news sharing on social media be predicted by characteristics of the news article?"

determinantes para o compartilhamento das notícias. A lista é composta pelos fatores: distância geográfica, distância cultural, negatividade, positividade, conflito, interesse humano (não suportado no modelo do *Twitter*) e exclusividade (no *Facebook*, suportado apenas para o indicador de agência de notícias, não para o indicador de popularidade do tópico) (Trillin, Tolochko e Burscher*,* 2017, p.54).

Ainda sobre os resultados, Tolochko e Burscher (2017, p.39) apontam que "os critérios tradicionais de interesse jornalístico desempenham de fato um papel na previsão do número de compartilhamentos"[24]. E afirmam que a elaboração de uma "teoria do compartilhamento", com base nos princípios da noticiabilidade jornalística, poderia gerar contribuições para os processos de disseminação das notícias (Trillin, Tolochko e Burscher, 2017).

A partir da discussão realizada, entende-se que os aspectos que envolvem os conceitos de *gatekeeping* e de *shareworthiness* são fundamentais para problematizar a perda do monopólio das rotinas produtivas do jornalismo nos processos de seleção e construção das notícias, em especial em um cenário de pós-convergência.

Com base nas pesquisas revisitadas e analisadas neste capítulo, parte-se para as próximas etapas deste estudo. No próximo capítulo é realizada uma discussão teórico-conceitual sobre a concepção de pós-convergência (Nash, 2012; Fagerjord, 2010; Ramírez, 2020) enquanto fenômeno sociocultural característico da modernidade tardia, seus desdobramentos no jornalismo a partir de uma possível pós-convergência jornalística e suas prováveis implicações em aspectos tradicionais da noticiabilidade.

[24] Originalmente em inglês: Findings suggest that traditional criteria of newsworthiness indeed play a role in predicting the number of shares.

CAPÍTULO IV
CONVERGÊNCIA E PÓS-CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO

Após refletir criticamente sobre as teorias que envolvem a modernidade (Giddens, 1991; Souza Martins, 2009), a pós-modernidade (Lyotard, 2009; Lipovetsky, 2005; Bauman, 2009) e as alterações no ritmo da vida cotidiana (Heller, 2016; Martín-Barbero, 2003; Thompson, 1998; Souza Martins, 2009) e revisitar algumas das principais bases teóricas que buscam explicar a noticiabilidade (Shoemaker; Cohen, 2006; Sodré, 2009, Silva, 2013), realiza-se neste capítulo uma discussão teórico-conceitual sobre a concepção de cultura da convergência (Jenkins, 2008) e a convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008; Barbosa, 2009) com o objetivo de fornecer bases teóricas para a compreensão do fenômeno contemporâneo da pós-convergência (Nash, 2012; Ramírez, 2020; Fagerjord, 2010). A partir dessa revisão teórico-conceitual, avança-se em direção à ideia do surgimento de uma possível pós-convergência jornalística nesse contexto.

Discutir esses conceitos é relevante, considerando que, conforme mencionado na introdução, poucos trabalhos acadêmicos sobre o tema foram produzidos no Brasil nos últimos dez anos. Assim, torna-se necessário expandir os estudos relacionados a essas temáticas. Essas discussões, juntamente com as já apresentadas, servirão de base para a pesquisa empírica que dá corpo à tese

4.1 Cultura da Convergência

O pesquisador e professor da Universidade da Carolina do Sul, nos Estados Unidos, Henry Jenkins foi pioneiro no desenvolvimento do conceito de "cultura da convergência". Em 2001, anteriormente à publicação da obra intitulada originalmente como *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide* (2006), Jenkins publicou o artigo *Convergence? I diverge*[25] (2001) no qual inaugura a definição da noção de cultura da convergência como um fenômeno que vai além da conjunção de tecnologias.

Jenkins (2001) realiza uma crítica à ideia de convergência tecnológica que não considera fatores sociais e culturais no processo. Nesse sentido, o autor não poupa palavras em sua provocação ao campo: "sobre o que é toda essa conversa 'convergência de mídia', essa ideia burra da indústria de que toda a mídia se fundirá em uma só, e que receberemos

[25] Tradução livre para o português: "Convergência? Eu discordo".

todas as nossas notícias e entretenimento em uma única caixa?"[26] (Jenkins, 2001, p.93, tradução nossa). O pesquisador afirma que nunca haverá uma "caixa preta" controlando todas as mídias e que "a convergência de mídia é um processo contínuo, ocorrendo em várias interseções de tecnologias de mídia, indústrias, conteúdo e audiências; não é um estado final"[27] (Jenkins, 2001, p.93, tradução nossa).

Sobre o desenvolvimento das relações sociais e culturais a partir da ampliação dos canais e das formas de sociabilidade em contexto digital, Jenkins (2001) aponta para a onipresença da mídia e o desenvolvimento de novas habilidades. Para o pesquisador,

> graças à proliferação de canais e a natureza cada vez mais onipresente de informática e comunicações, estamos entrando em uma era em que a mídia estará em todos os lugares, e usaremos todos os tipos de mídia em relação um ao outro. Desenvolveremos novas habilidades para gerenciar informações, novas estruturas para transmitir informações em todos os canais e novos gêneros criativos que exploram as potencialidades dessas estruturas de informação emergentes[28] (Jenkins, 2001, p.93, tradução nossa).

Uma das premissas da cultura da convergência é o não desaparecimento das mídias. Henry Jenkins (2001) afirma que, depois que uma mídia se estabelece, ela continua a fazer parte do ecossistema midiático, mesmo que o seu conteúdo, seu público e até mesmo seu prestígio na sociedade se transformem. Para o autor, "gêneros e tecnologias de entrega vêm e vão, mas a mídia persiste como camadas dentro de um sistema de informação e entretenimento cada vez mais complicado"[29] (Jenkins, 2001, p.93, tradução nossa).

Jenkins (2008, p.29), por conseguinte, define a convergência como o "fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação". O pesquisador (Jenkins, 2001; 2008) aponta que a convergência envolve, pelo menos, cinco processos, sendo eles: a) convergência tecnológica; b) convergência econômica; c) convergência social ou orgânica; d) convergência cultural; e e) convergência global.

Mais especificamente, a convergência tecnológica se refere à "digitalização de todo o

---

[26] Originalmente em inglês: "What's all this talk about "media convergence," this dumb industry idea that all media will meld into one, and we'll get all of our news and entertainment through one box?".

[27] Originalmente em inglês: "Media convergence is an ongoing process, occurring at various intersections of media technologies, industries, content and audiences; it's not an end state".

[28] Originalmente em inglês: "thanks to the proliferation of channels and the increasingly ubiquitous nature of computing and communications, we are entering an era where media will be everywhere, and we will use all kinds of media in relation to one another. We will develop new skills for managing information, new structures for transmitting information across channels, and new creative genres that exploit the potentials of those emerging information structures".

[29] Originalmente em inglês: "Genres and delivery technologies come and go, but media persist as layers within an ever more complicated information and entertainment system".

conteúdo da mídia", enquanto a econômica é entendida como a integração horizontal das indústrias informativas de entretenimento. A social ou orgânica é definida como o conjunto de estratégias realizadas pelos "consumidores multitarefas" nesse novo ambiente de informação. Por exemplo, esse processo ocorre quando uma pessoa assiste a uma *live* em sua *smartv* e, ao mesmo tempo, realiza comentários por meio do *smartphone* e ainda faz anotações no seu *notebook*. Jenkins (2001, p.93, tradução nossa) explica que esse tipo de convergência "pode ocorrer dentro ou fora da 'caixa', mas, em última análise, ocorre dentro da mente do usuário"[30].

A convergência cultural está relacionada ao desenvolvimento da criatividade a partir das interseções de várias tecnologias de mídia, indústrias e consumidores. Portanto, para Jenkins (2001), a convergência promove uma nova cultura participativa. Ademais, a convergência global é representada pelo "hibridismo cultural" que é resultado da circulação internacional dos conteúdos midiáticos (Jenkins, 2001, p.93, tradução nossa).

A convergência se desenvolve, assim, principalmente como um processo que ocorre a partir das construções cognitivas dos indivíduos e de suas interações sociais. Jenkins (2008, p.30) destaca:

> A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana.

A linha argumentativa de Jenkins (2008, p.43) sobre a concepção de convergência vai além das evoluções tecnológicas, pois "altera a lógica pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento", ou seja, ela transforma as relações entre mercados, gêneros e públicos. Não por acaso, o pesquisador explica que "a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos" (Jenkins, 2008, p.29). A partir dessa discussão, entende-se que tais fenômenos e processos também podem abranger o jornalismo e suas manifestações contemporâneas.

4.1.1 Convergência jornalística

[30] Originalmente em inglês: "It may occur inside or outside the box, but ultimately, it occurs within the user's cranium".

No contexto descrito por Jenkins (2008) surgem manifestações de "subconvergência" que se desenvolvem a partir de práticas específicas (Barbosa, 2009). A convergência jornalística, por conseguinte, configura-se como um desses processos.

A convergência jornalística também é reconhecida como integração de redações ou redações multimídia (Barbosa, 2009); é um processo dinâmico que está sempre sujeito a variações. Barbosa (2009, p.38) compreende a "convergência jornalística como um processo sujeito a gradações e em evolução contínua". Dessa forma, do mesmo modo como na convergência midiática, embora o fator tecnológico seja importante para os processos que envolvem a convergência jornalística, este não é o elemento determinante para o seu desenvolvimento.

Mudanças organizacionais que acarretam alterações nas formas de produção dos veículos são fatores que envolvem o processo de convergência jornalística. Conforme Barbosa (2009, p.38), esse fenômeno possui características específicas que impactam diretamente nas rotinas de produção das empresas jornalísticas. Entre elas,

> [...] a integração entre meios distintos; a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7; a reorganização das redações; jornalistas que são *plataform-agnostic*, isto é, capazes de tratar a notícia de forma correta, seja para distribuir no impresso, na web, nas plataformas móveis, etc.; a introdução de novas funções, além de habilidades multitarefas para os jornalistas; a comunidade/audiência ativa atuando segundo o modelo Pro-Am (profissionais em parceira com amadores), o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais (Barbosa, 2009, p. 38).

Conforme Salaverría e Negredo (2008), a redação integrada é um dos elementos mais característicos do processo de convergência jornalística. Os pesquisadores explicam a redação integrada como a união de "duas ou mais equipes editoriais em uma única, para que uma vez concluída a integração, a escrita resultante trabalhe em conjunto em um único ambiente físico, sob um único comando editorial e com uma infraestrutura tecnológica comum" (Salaverría; Negredo, 2008, p.51)[31].

Salaverría e Negredo (2008, p.46) ressaltam quatro dimensões da convergência jornalística, a saber: a) a dimensão empresarial; b) a tecnológica; c) a profissional; d) a comunicativa. Os autores entendem que, para que a convergência jornalística ocorra de fato nas redações, não basta uma nova organização do espaço de trabalho dos jornalistas ou a reorganização das funções, mas é necessário aplicar medidas com base nas outras dimensões

[31] Originalmente em espanhol: "[...] de dos o más equipos redaccionales en un solo, de modo que, una vez completada la integración, la redacción resultante trabaja reunida en un mismo entorno físico, bajo un mando editorial único y con una infraestructura tecnológica común".

que envolvem esse processo.

De acordo com Barbosa (2009), a implantação da convergência jornalística pelas empresas tem acontecido a partir de diversos fatores, entre eles, o fato das empresas jornalísticas terem percebido uma necessidade de adaptação às novas demandas dos públicos. Outro motivo está relacionado à convergência jornalística ter começado a ser considerada como um meio de atualizar as práticas jornalísticas. Tal fator é entendido como um elemento fundamental para promover a inovação de gestão e distribuição de conteúdos (Barbosa, 2009, p.38). Conforme Barbosa (2013, p.46), a convergência proporciona o surgimento de estratégias inovadoras para a produção e publicação de informações jornalísticas:

> Observando as estratégias das organizações jornalísticas direcionadas para a multiplicação das suas marcas em produtos multiplataformas, para ações voltadas para o digital *first* e mirando as mídias móveis (especialmente os tablets) como oportunidade para viabilizar modelos de negócios pagos nesse momento de crise econômica, concretiza-se cada vez mais o que apontou Rich Gordon há dez anos: a convergência fazendo emergir formas inovadoras para a produção e apresentação das informações jornalísticas a partir, principalmente, dos dispositivos móveis, dos computadores, além da televisão interativa. Agora, naquela que é a quinta fase de evolução para o jornalismo nas redes digitais, configurada por meio do continuum multimídia dinâmico de fluxo horizontal (Barbosa, 2013, p.46).

A distribuição multiplataforma possibilita a veiculação de conteúdos através de diferentes suportes e práticas, tais como o *shovelware* e o *repuposing*. Salaverría e Negredo (2008, p.58) descrevem *shovelware* como a publicação de informações de forma massiva, sem qualquer seleção ou adaptação ao suporte em que são disponibilizadas, De forma semelhante, Souza e Mielniczuk (2010, p.36) explicam que o termo designa a prática de replicar conteúdos jornalísticos em diferentes plataformas sem considerar as especificidades de cada meio. Já *repurposing* é o "reaproveitamento de conteúdo ajustado ao meio em que será veiculado" (Souza e Mielniczuk, 2010, p. 36). Por exemplo, no *shovelware*, a empresa disponibiliza no *site* o texto integral e a mesma foto veiculada pelo jornal impresso, enquanto, no *repurposing*, esse conteúdo será veiculado de forma adaptada para cada plataforma. Nessa forma de distribuição, poderia ser veiculado um texto e uma foto no jornal impresso e, sobre o mesmo tema, um texto breve, acompanhado de vídeo ou *podcast* no *site*. Segundo Salaverría e Negredo (2008, p. 58), o *repurposing* "expressa a adaptação editorial da matéria-prima informativa, para que o conteúdo reutilizado aproveite ao máximo os potenciais comunicativos da nova plataforma".

Nesse contexto, surgem as franquias jornalísticas[32], formadas a partir de uma organização estruturada e desenvolvida com uma marca específica, que ao longo do tempo cria representações próprias – como é o caso do Correio do Estado, objeto desta pesquisa. Essas franquias passam a atuar em outros espaços, seguindo seus princípios organizacionais, mas adaptando-se aos diferentes públicos que alcançam. Esse processo ocorre por meio da geração de novos componentes associados à empresa e à marca que originaram o negócio (Zago; Belochio, 2014).

Quando se discute sobre convergência jornalística também precisam ser considerados os fatores econômicos e as questões relacionadas à precarização do trabalho jornalístico. Barbosa (2009) destaca que "em nome da convergência" empresas instituíram essa prática com o objetivo de realizar reduções nos custos diante da crise econômica que atinge a indústria do jornalismo impresso. Já Deuze e Witschge (2016, p.18) afirmam que "os jornalistas na era digital têm de se comprometer, além de tudo, porque o seu trabalho é inseguro, o seu salário limitado, a confiança do público precária e o seu tempo de trabalho se estende além do *deadline* e do cronograma previsto", demandando, assim, um nível ainda maior de compromisso dos profissionais.

A pandemia de Covid-19 impactou significativamente na prática profissional dos jornalistas, dos quais muitos passaram a trabalhar em *home office*. O Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima et al., 2022, p.85) aponta que, em 2021, cerca de 62% dos/as jornalistas que responderam à pesquisa afirmaram que, nos últimos seis meses, executaram seu principal trabalho na maior parte do tempo em casa, "com todas as consequências que esse 'novo ambiente' pode representar para a qualidade final da informação jornalística e precarização do trabalho". Em consonância com o relatório nacional, mais da metade dos jornalistas do centro-oeste (51,6%) respondeu que, majoritariamente, trabalharam em casa (Lima et al., 2023, p.52).

Além disso, conforme Lima et al. (2022, p.150), o jornalismo se caracteriza por ser uma atividade colaborativa. No processo de produção das notícias, muitas vezes, as tarefas e as responsabilidades são divididas entre os profissionais, mas "a lógica da empresa enxuta, vivenciada pelas organizações, tem afetado o trabalho dos profissionais que acumulam

[32] O termo "franquia" pode ter diferentes significados, dependendo do contexto em que é utilizado. Segundo o Dicionário Oxford, no âmbito comercial, refere-se ao "contrato em que o titular de uma marca registrada, patente ou registro de propriedade industrial concede a outrem licença para a utilização de sua marca, bem como de seu processo de produção, produtos ou sistema de negócios, mediante o cumprimento de determinadas condições". Além disso, o termo pode designar o "direito de asilo de que desfrutam certas instituições, como as embaixadas", bem como um local de refúgio ou abrigo. Também pode significar "isenção de certos deveres, encargos ou tributos". No contexto midiático, Jenkins (2008) emprega a expressão "franquias transmidiáticas" para descrever séries de filmes, livros, jogos ou outras produções que compartilham o mesmo universo e personagens.

funções e, com elas, mais responsabilidades". Essa prática reforça a precarização do trabalho dos jornalistas.

4.2 Bancos de dados, plataformização e metrificação no jornalismo

Com o objetivo de compreender a trajetória evolutiva dos estágios do jornalismo em redes digitais, aborda-se a classificação desenvolvida por Barbosa (2013). Na terceira geração prevalecem os elementos: ampliação do acesso, maior nível de implementação, especialização, *sites* originais, multimídia, interatividade, hipertexto estruturando as narrativas, arquivos/memória (Barbosa, 2013, p.42). Na quarta geração, há o desenvolvimento de: produtos dinâmicos, Sistemas de Gestão de Conteúdo (SCG), redação integrada, qualificação, agilidade, informação estruturada, narrativa dinâmica, cibermeios mais autênticos, nova metáfora, produção multiplataforma, *smartphones* e *tablets*. Na quinta geração, aparecem: medialidade, horizontalidade, *continuum* multimídia, mídias móveis, aplicativos, produtos autóctones. Conforme a autora, "as mídias móveis, especialmente smartphones e *tablets*, são os novos agentes que reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas" (Barbosa, 2013, p.42).

Cassiano e Santos (2023) destacam três termos da literatura estrangeira no que envolve o conceito de jornalismo de dados: "data journalism", "data-driven journalism" e "database journalism", traduzidos livremente como Jornalismo de Dados, Jornalismo Guiado por Dados e Jornalismo de Base de Dados, respectivamente. Ribeiro et al. (2018, p. 65) explicam que o "data journalism" se refere a utilização de dados "como apoio às reportagens", enquanto no "data-driven journalism os dados são elementos centrais nas narrativas, ou seja, são definidores do fluxo do trabalho jornalístico", com o enfoque no 'contar' ou 'narrar'. Já conforme Barbosa (2005, p.1311), "as bases de dados podem ser entendidas como o aspecto que torna o produto digital uma experiência mais autêntica e envolvente para o usuário". A pesquisadora propõe o termo Jornalismo Digital em Base de Dados (JBDB), definido como:

> o modelo que tem as bases de dados como definidoras da estrutura e da organização, além da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística, de acordo com funcionalidades e categorias específicas, que vão permitir a criação, a manutenção, a atualização, a disponibilização e a circulação de produtos jornalísticos digitais dinâmicos (Barbosa, 2007, p.29).

No contexto comunicacional contemporâneo, com a presença marcante das mídias e

dos recursos digitais, alguns conceitos são desenvolvidos com base em uma nova infraestrutura digital, a exemplo da plataformização, da dataficação e da metrificação.

A plataformização é definida como "a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida" (Poell; Nieborg; Dijki, 2020, p.2). Além disso, abrange a "reorganização de práticas e imaginários culturais em torno"[33] delas (Poell; Nieborg; Dijki, 2020, p.2). Em síntese, as dimensões da plataformização são definidas por Poell, Nieborg e Dijki (2020). Os pesquisadores concluem que a primeira delas corresponde ao desenvolvimento das infraestruturas de dados. A segunda aponta para a reorganização dos mercados econômicos, com foco nos mercados multilaterais. Por fim, a terceira se refere ao âmbito da governança das plataformas: "essa forma de governança das plataformas se materializa por meio de classificação algorítmica, privilegiando sinais de dados específicos em detrimento de outros [...]" (Poell; Nieborg; Dijki, 2020, p.7).

Complementarmente, a dataficação, conforme Kalsing (2021, p.15), configura-se como elemento de uma "nova fase do capitalismo", definido como "capitalismo de dados ou de vigilância" (Zuboff, 2015). Sua atuação "está vinculada a cinco grandes empresas – Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft" (Kalsing, 2021, p.15). Em pouco mais de dez anos, as plataformas digitais se tornaram, inegavelmente, parte da rotina de grande parcela da sociedade, conquistando, assim, a audiência e obrigando "os meios de comunicação a repensar processos e estruturas" (Kalsing, 2021, p.35).

Lemos (2021, p.194) aponta que a dataficação torna possível a transformação de ações em dados digitais que são rastreáveis, "produzindo diagnósticos e inferências nos mais diversos domínios". Nesse sentido, as mais variadas plataformas passam a ser utilizadas também para fins jornalísticos, de modo que "as próprias empresas jornalísticas – das empresas de renome e credibilidade pública às produtoras de desinformação – passam a enxergar e buscar nessas plataformas uma oportunidade de distribuição e monetização de conteúdo" (Jurno; D'Andrea, 2020, p.184).

As métricas de audiência são sistemas de medição que "quantificam uma tendência, uma dinâmica ou uma característica. Usam-se bases de dados para gerar métricas, procurando-se desta forma explicar fenômenos, diagnosticar causas, partilhar descobertas e projetar os resultados de eventos futuros" (Canavilhas, Torres e Luna, 2016, p.136).

---

[33] Conforme Van Dijck, Thomas Poell, Martijn de Waal (2018, p.10) "A plataforma é alimentada por dados automatizados e organizados por meio de algoritmos e interfaces, formalizados por meio de relações de propriedade impulsionadas por modelos de negócios e governados por acordos de usuários".

Conforme Nguyen (2016, p.91-92), as métricas podem ser divididas em duas categorias, são elas: 1) Internas: referentes ao comportamento antes, durante e depois de uma visita específica a uma plataforma, envolvendo dados indicadores de tráfego e de comportamentos dos usuários; e 2) Externas: referentes ao assunto na rede em geral.

A metrificação tornou-se parte da vida cotidiana contemporânea. Contudo, segundo Kalsing (2021, p.63), suas origens remetem a um passado mais remoto, isto é, "as ferramentas e técnicas de medição de audiência remota" começaram a ser utilizadas no jornalismo no final do século XIX. Só a partir da expansão da empresa *Google* e lançamento do *Google Analitcs,* em 2005, entretanto, ocorreu um aumento da utilização desses recursos pelas empresas de mídia. Kalsing (2021, p.189) afirma que o "jornalismo digital foi profundamente impactado, a ponto de ser reconfigurado a partir da mensuração de dados". Nesse cenário,

> redações passam a depender de softwares que fornecem dados detalhados, em tempo real, que apontam a popularidade dos conteúdos (ANDERSON, 2011). Nas redações, editores e repórteres têm acesso a relatórios diários, semanais e mensais de audiência, ou seja, um feedback quantitativo do seu trabalho materializado na forma de tabelas e gráficos. Mas não só: o jornalismo fica à mercê de regras impostas por grandes plataformas – leia-se Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft –, que agenciam as notícias publicadas e consumidas por usuários, ao passo que não operam com as responsabilidades das organizações jornalísticas (Kalsing, 2021, p.189).

No jornalismo as métricas são empregadas para realizar a mensuração do desempenho das plataformas, para analisar o ritmo e hábito de consumo de notícias, bem como para desenvolver estratégias de produção jornalística (Canavilhas; Torres; Luna, 2006).

Nesse horizonte, a utilização de recursos digitais para realizar a mensuração do comportamento dos interagentes em plataformas de notícias tem proporcionado, em um curto espaço de tempo, transformações significativas nas práticas de empresas de comunicação, podendo influenciar nas rotinas de produção e nos critérios de seleção noticiosa (Kalsing, 2021). É nesse ínterim que se inscreve o fenômeno denominado de pós-convergência, tema desta pesquisa.

4.3 Pós-convergência[34]

Devotados às alterações profundas nos sistemas de comunicação contemporâneos, pesquisadores como Fagerjord (2010), Nash (2012) e Ramírez (2020) apontam para a

[34] Destaca-se que, embora este estudo utilize o termo, sua aplicação é meramente instrumental, sem que isso represente seu endosso.

superação do conceito original de convergência. O pesquisador da Universidade de Porto Rico, Rubén Ramírez (2020), destaca que o conceito de convergência recebeu "um lugar privilegiado" nos estudos de comunicação durante a última década. Não casualmente, Ramírez (2020, p.9, tradução nossa) aponta ainda que, "nesse contexto, as tecnologias digitais progressivamente, e decisivamente, entraram em importantes dimensões da existência, como econômica, profissionais, tecnológicas e culturais".

Por seu turno, Anders Fagerjord (2010, p.3, tradução nossa) já afirmava há mais de uma década que a convergência enquanto "um desenvolvimento deveria logicamente terminar em algum ponto"[35]. O pesquisador previa que isso ocorreria "ou porque a mídia pararia de convergir, ou porque todas as mídias convergiram em uma ou atingiram um limite onde uma maior convergência é impossível"[36], contudo acreditava que essas previsões não "pareciam muito prováveis ou desejáveis"[37] (Fagerjord, 2010, p.3, tradução nossa). Naquele momento histórico, marcado pelas tecnologias e ferramentas em ascensão na década de 2010, Fagerjord (2010, p.5) passou a defender que o conceito de "remix é o que vem depois da convergência"[38].

Convergência retórica, portanto, é o termo utilizado por Fagerjord (2003; 2010) para caracterizar o processo no qual "a representação digital tornou-se uma língua franca; criou um espaço partilhado onde formas de diferentes gêneros em diferentes meios podem ser combinadas de novas formas, criando novos gêneros"[39] (Fagerjord, 2010, p.5). No ensaio *Four Axes of Rhetorical Convergence*, o autor explica que a "convergência retórica é a combinação em um meio de formas ou dispositivos retóricos que antes só eram vistos em meios separados" (Fagerjord, 2003, p.1).

Fagerjord (2010, p.5, tradução nossa), ao utilizar a expressão *remix* para demonstrar como a convergência retórica se desenvolve, aponta que o termo é empregado para afastar do centro das discussões a "compreensão do desenvolvimento dos meios de comunicação como convergência"[40], pois a entende como "o processo de nivelar as diferenças entre os diferentes meios de comunicação"[41].

---

[35] Originalmente em inglês: "convergence as a development must logically end at some point".
[36] Originalmente em inglês: "Either because media cease to converge, or because all media have converged into one, or have reached a limit where further convergence is impossible".
[37] Originalmente em inglês: "It doesn't seem very likely or desirable".
[38] Originalmente em inglês: "is that remix is what comes after convergence".
[39] Originalmente em inglês: "Digital representation has become a lingua franca; it has created a shared space where forms from different genres in different media may be combined in new ways, creating new genres".
[40] Originalmente em inglês: "from an understanding of media development as convergence".
[41] Originalmente em inglês: "Convergence is the process of levelling the differences between the different media".

No terreno jornalístico, o pesquisador norueguês argumenta que "uma das formas mais comuns de remixagem de gênero na web é a utilização das características formais da notícia ou do documentário, mas com uma relação diferente com a ficção"[42] (Fagerjord, 2010, p.10, tradução nossa) – o que ajuda a explicar, por exemplo, a lógica da desinformação. Também aponta que outro exemplo são os *blogs*, os quais, muitas vezes, usam um *layout* semelhante ao design dos jornais, mas o conteúdo não apresenta características da linguagem jornalística (Fagerjord, 2010) – uma vez mais a sobreposição dos aspectos formais do jornalismo sobre suas dimensões pragmática e ético-epistemológica.

No livro "Cultura da Convergência", Jenkins (2008) cita diversas vezes a expressão "futuro". No prefácio da obra, a partir da frase "o futuro já chegou, só não está distribuído de forma equilibrada"[43], o pesquisador Faris Yakob promove uma reflexão sobre a emergência desse fenômeno e sua relevância na investigação sobre as transformações nas funções de produtores e públicos nessa nova configuração. Nesse sentido, Jenkins (2008, p.21) afirma que "prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência". Entretanto, após mais de uma década, as tecnologias, os processos, os recursos e as formas de socialização no meio digital permanecem em evolução, já que estes caracterizam fenômenos que estão sempre em transformação (Nash, 2012).

Adam Nash (2012, p.10, tradução nossa), pesquisador do *Royal Melbourne Institute of Technology* (*RMIT University*), afirma que "a constante movimentação de dados em um processo de modulação, demodulação e remodelação é uma das características definidoras do meio digital"[44]. Dessa forma, entende-se que esse meio tem como um de seus aspectos mais marcantes o movimento contínuo no sentido de uma "evolução".

Assim, com base em Nash (2012), propõe-se uma releitura dos argumentos presentes no livro "Cultura da Convergência" (Jenkins, 2008). Pode-se dizer que, "prontos ou não, o futuro do futuro já está em andamento". Nesse contexto, desenvolve-se o conceito de pós-convergência[45], definido por Nash (2012), com base na ideia do surgimento de um novo meio a partir de práticas inauguradas pelos próprios interagentes. Para Nash (2012, p.13, tradução nossa), a pós-convergência:

---

[42] Originalmente em inglês: "one of the most common forms of genre remix on the web is to use the formal characteristics of news or documentary, but with a different relation to fiction".

[43] Frase atribuída ao escritor William Gibson no prefácio do livro Cultura da Convergência (Jenkins, 2008).

[44] Originalmente em inglês: "The constant movement of data in a process of modulation, demodulation and remodulation is one of the defining characteristics of the digital medium".

[45] Originalmente em inglês: "post-convergent" (Nash, 2012; Ramírez, 2020) ou "after convergence" (Fagerjord, 2010).

> designa a fase no desenvolvimento de um novo meio em que se reconhece como tal, quando os praticantes começam a operar dentro do meio para explorar suas qualidades intrínsecas – em oposição a meras expressões de seu conteúdo, isto é, mídias anteriores – para criar um trabalho que seja somente possível no novo meio[46].

Ramírez (2020, p.9, tradução nossa) entende que as reflexões, fundamentadas na convergência, desenvolveram-se principalmente quanto às dimensões, práticas e mídias específicas, como o jornalismo e a cultura, tornando "o conceito de senso comum, como o ponto de partida necessário para uma análise de como o estado atual das mídias digitais – seu impacto, escopo e projeção – podem ser combinados"[47]. Dessa forma, Ramírez (2020, p.9, tradução nossa) argumenta ainda que a convergência se configura como uma "explicação de *rigor*"[48] que contempla as transformações proporcionadas pela mediação digital e o seu porvir.

Para Ramírez (2020, p.16, tradução nossa), a "pós-convergência não é simplesmente um próximo estágio de convergência, mas um contexto que reflete percepções fundamentais sobre o futuro da vida por meio e dentro da mídia digital"[49]. Assim, o autor aponta que esse fenômeno é essencial para o desenvolvimento de uma reflexão mais aprofundada acerca da natureza da mídia. A pós-convergência proporciona a elaboração de "metáforas e metodologias para examinar a mídia emergente que vai além daquelas que foram moldadas por entendimentos anteriores da mídia e do digital, ou seja, obriga-nos a examinar o digital do ponto de vista do digital nativo"[50] (Ramírez, 2020, p.16, tradução nossa).

O caráter provisório da convergência é apontado por Ramírez (2020, p.17, tradução nossa), que reitera a importância do conceito para a compreensão do fenômeno durante o seu surgimento. Contudo, o autor destaca que "a pós-convergência não é uma teoria em si, mas uma realização teórica"[51]. Nas palavras de Ramírez (2020, p.17, tradução nossa):

> como precursora da pós-convergência, a convergência como teoria da mídia digital sempre esteve destinada a se tornar obsoleta dentro de sua própria lógica e promessa.

---

[46] Originalmente em inglês: "It designates the phase in the development of a new medium when it recognizes itself as such, when practitioners begin operating within the medium to explore its intrinsic qualities – as opposed to mere expressions of its content, that is, prior media – to create work that is only possible in the new medium".

[47] Originalmente em inglês: "Discussions about convergence, which have gained their force in the context of specific media, such as journalism, and dimensions, such as culture, have rendered the concept commonsensical, as the necessary starting point from which an analysis of the current state of digital media – their impact, scope, and projection – can be conjure".

[48] Originalmente em inglês e francês: "explanation *de rigeur*".

[49] Originalemte em inglês: "Post-convergence is not simply the next stage of convergence, but a context that reflects fundamental insights about the future of life through and within digital media".

[50] Originalmente em inglês: "metaphors and methodologies for examining emergent media that go beyond those that have been shaped by previous understandings of media and the digital. That is, it obliges us to examine the digital from the point of view of the native digital".

[51] Originalmente em inglês: "post-convergence is not a theory in itself, but a theoretical realization".

> Ela forneceu a plataforma necessária para lançar um novo terreno teórico para mapear e delinear um terreno que estamos apenas começando a discernir e entender. Assim, a pós-convergência não deve ser compreendida simplesmente como uma teoria para explicar todo e qualquer aspecto específico da mídia. Em vez disso, deve ser vista como um truísmo ontológico que só pode permitir observações, teorias e metodologias sobre a mídia digital conforme elas se adaptam.[52]

Com base em tais considerações, entende-se que a pós-convergência, enquanto realização teórica, objetiva o estudo dos fenômenos, recursos e processos que envolvem a mídia digital em sua complexidade durante o desenvolvimento de suas adaptações e transformações. Dessa forma, "se a convergência foi o ponto de inflexão que marcou o momento em que a mídia começou a penetrar profundamente na vida, então o futuro da mídia só existirá na pós-convergência"[53] (Ramírez, 2020, p.17, tradução nossa). Assim, o desenvolvimento do conceito de pós-convergência promove a necessidade da teoria da mídia "ir além do presente para imaginar o futuro e suas implicações, a fim de fornecer avaliações, previsões e intervenções que possam acompanhar a velocidade da evolução digital"[54] (Ramírez, 2020, p.17, tradução nossa).

Nesse cenário, o digital se consolida como um elemento fundamental na vida cotidiana das sociedades contemporâneas em um contexto de pós-convergência. Ramírez (2020) define essa relação como uma simbiose, dando origem a uma nova realidade. Argumenta o autor:

> A análise das mídias digitais, nas lentes da pós-convergência, não se preocupa apenas com a forma como o digital interage com a vida, mas também pressupõe que o digital se tornou um aspecto fundamental dela. Pressupõe que o estágio de interação corresponde à convergência, enquanto o da simbiose corresponde à pós-convergência. Assim, **a pós-convergência assume a visão de que processos, eventos e afetos digitais não são apenas "misturados" na experiência vivida, mas que adquiriram uma "gravidade" própria – uma densidade material – que tem o potencial de abandonar completamente o virtual para se tornar um novo tipo de real**[55] (Ramírez, 2020, p.18, tradução nossa, grifo nosso).

---

[52] Originalmente em inglês: "As the precursor of post-convergence, convergence as a theory of digital media was always destined to become obsolete within its own logic and promise. It provided the necessary platform from which to launch a new theoretical ground from which to map and delineate a terrain that we are only beginning to discern and understand. Thus, post-convergence should not be understood simply as a theory for explaining any and every specific aspect of media. Instead, it should be viewed as an ontological truism that can only enable observations, theories, and methodologies about digital media as they become fit".

[53] Originalmente em inglês: "If convergence was the point of inflection that signaled the moment media began to penetrate life in profound ways, then the future of media will only exist in post-convergence".

[54] Originalmente em inglês: "to go beyond the present in order to imagine the future of media and its implications in order to provide assessments, predictions, and interventions that can accommodate to the velocity of digital evolution".

[55] Originalmente em inglês: "The analysis of digital media, within the lens of post-convergence, is not only preoccupied with how the digital interacts with life, but also presumes that the digital has become a fundamental aspect of it. It presupposes that the stage of interaction corresponds to convergence, while that of symbiosis corresponds to post-convergence. Thus, post-convergence assumes the view that digital processes, events, and

Nesse sentido, Ramírez (2020, p.18, tradução nossa) explica o fenômeno "além do encontro para aceitar uma síntese da vida e do digital, que resulta em novas formas e afetos que devem ser examinados por direito próprio, a partir do digital"[56]. Diante do contexto contemporâneo da mediação digital, o pesquisador estabelece quatro categorias que servem como exemplos "na direção de uma ecologia de mídia pós-convergente: hipermediação, biodigitalidade, hiperconexão e hipersimulação"[57] (Ramírez, 2020, p.19, tradução nossa). Ressalta-se ainda que, apesar de tais categorias não compreenderem todas as possibilidades de evolução da mídia pós-convergente, elas "abrangem um ponto de partida observável para pensar sobre a mediação além dos limites da mídia convergente"[58] (Ramírez, 2020, p.19, tradução nossa).

A hipermediação "implica a capacidade de acesso à realidade com suporte integrado de sistemas de informação digital semântica"[59]. É pela mídia de hipermediação que esses dados são reunidos, acessados e disponibilizados através de "códigos de comunicação semântica". Assim, atualmente, uma grande quantidade é desenvolvida, processada e configurada "em termos pós-convergentes como 'legíveis por humanos'"[60]. Ramírez (2020, p.19, tradução nossa) explica que:

> Isto significa que os pontos de dados e os metadados são processados e renderizados como informação semiótica, mas também que os dados "renderizados por humanos", em código linguístico, são "compreensíveis" pelo software. Nesse sentido, a mídia pós-convergente, por meio da hipermediação, pode efetivamente produzir semioses[61].

Para Ramírez (2020, p.19, tradução nossa), a hipermediação não se desenvolve apenas no entretenimento, mas já atinge todos os setores da vida cotidiana. Isto ocorre, pois há um contexto de hipermediação; por conseguinte, "a mediação torna-se uma necessidade da

---

affects are not only "blended" in the lived experience but that they have acquired a "gravity" of their own – a material density – that has the potential of fully abandoning the virtual in order to become a new kind of real".

[56] Originalmente em inglês: "goes beyond the encounter in order to accept a synthesis of life and the digital, which results in new forms and affects that must be examined in their own right, from the digital".

[57] Originalmente em inglês:" the direction of a post-convergent media ecology: hyper-mediation, bio-digitality, hyper-connection, and hyper-simulation".

[58] Originalmente em inglês: "they do encompass an observable starting point for thinking about mediation beyond the boundaries of convergent".

[59] Originalmente em inglês: "Hyper-mediation entails the capability to access reality with integrated support of semantic digital information systems".

[60] Originalmente em inglês: "Vast amounts of data are created, processed, and configured in post-convergent "human-readable" terms".

[61] Originalmente em inglês: "This means that data points and metadata are processed and rendered as semiotic information, but also that "human-rendered" data, in linguistic code, is "comprehensible" by software. In this sense, post-convergent media, through hyper-mediation, can effectively produce semiosis".

existência cotidiana, à medida que as tecnologias de representação se tornam um aspecto intrínseco de objetos e lugares [...] e de atividades cotidianas – como trabalho, lazer, relações sociais”[62].

> Em um contexto hipermidiático, as dimensões cotidianas de existência e experiência podem ser experimentadas. Saúde, produtividade, parentalidade e sociabilidade exemplificam o alcance e como a vida cotidiana é afetada. Os dados coletados são renderizados como representações de mídia visual que fornecem ciclos de feedback, métricas gráficas, comportamento em tempo real, modificação e inteligência ambiental aumentada[63] (Ramírez, 2020, p.19, tradução nossa).

A biodigitalidade se refere à ligação entre as tecnologias digitais e o corpo humano, propiciando a coleta e processamento dos dados “a partir da fusão entre o corpo e o nano-hardware, criando a possibilidade de conexão virtual permanente” (Ramírez, 2020, p.19, tradução nossa). O autor explica que essa ligação proporciona a infraestrutura necessária para que os meios pós-convergentes, já que oportuniza uma mediação “de dentro para fora”.

Já a hiperconectividade se refere à ubiquidade dos pontos de acesso às mídias pós-convergentes, ou seja, sua onipresença na vida cotidiana moderna. O acesso, nesse sentido, “refere-se à capacidade de conexão a sistemas digitais de computação e software. Implica trocas constantes e contínuas entre sistemas internos e externos e organização de redes de informação, como a web”[64] (Ramírez, 2020, p.20, tradução nossa).

O pesquisador reflete que a hiperconectividade também abarca o acesso ubíquo aos dados e redes de informação, como por exemplo, os sistemas de GPS, já acoplados a smartphones e “equipamentos vestíveis”, como relógios e óculos. Conforme Ramírez (2020, p.20, tradução nossa), “isto desencadearia um contexto hiperconectado no qual o biodigital e a hipermídia seriam capazes de coletar amostras e processar informações naturais, sociais e computacionais e direcioná-las para uma rede organizadora (como a web)”[65]. Dessa forma, os

---

[62] Originalmente em inglês: “In a hyper-mediated context, mediation becomes a necessity of everyday existence, as representation technologies become an intrinsic aspect of objects and places (such as cars, classrooms, offices, and living spaces) and everyday activities – such as work, play, and social relations”.

[63] Originalmente em inglês: In a hyper-mediated context, everyday dimensions of existence and experience can be sampled. Health, productivity, parenting, and sociability exemplify the reach and scope of everyday life affects. The data collected is rendered as visual media representations that provide feedback loops, graphic metrics, real-time behavioral modification, and augmented environmental intelligence.

[64] Originalmente em inglês: “refers to a connection capability to digital systems of computation and software. It entails constant, seamless exchanges between internal and external systems and organizing networks of information, such as the web”.

[65] Originalmente em inglês: “This would unleash a hyper-connected context in which bio-digital and hyper-media would be able to sample and process natural, social, and computer information and feed it back to an organizing network (such as the web). Different devices connect seamlessly through continuous-access networks”.

mais variados dispositivos conectam-se por meio de "redes de acesso contínuo"[66] (Ramírez, 2020, p.20, tradução nossa).

O estado de hipersimulação é descrito por Ramírez (2020, p.20) como um contexto no qual a "realidade biológica e as realidades virtuais, baseadas em simulações perfeitas do mundo, coincidiriam em formas orgânicas e não lineares"[67]. Essa categoria não se baseia apenas na ubiquidade da representação, mas também na sua qualidade. A hipersimulação, enquanto mídia pós-convergente, desenvolve-se por meio de manifestações como a realidade virtual e a realidade aumentada, as quais envolvem "planos de interação múltiplos e multidimensionais e de imagens e visualizações computacionais contínuas. Tais características manifestam-se através de experiências biodigitais, hipermediadas e hiperconectadas que aumentam ou se sobrepõem à realidade"[68] (Ramírez, 2020, p.21, tradução nossa).

4.3.1 Rumo à pós-convergência jornalística

Segundo Rubén Ramírez (2020, p.12, tradução nossa), a "convergência profissional no jornalismo é regida pelo papel histórico do jornalista e pelas competências tradicionais exigidas"[69]. Assim, compreende-se que, no contexto da convergência jornalística, o fenômeno ocorre de forma tradicional, com funções e competências historicamente estabelecidas ainda predominando na prática profissional. No entanto, acredita-se que a convergência jornalística é um processo "sujeito a gradações e em evolução contínua" (Barbosa, 2009, p.38). Nesse sentido, as transformações em curso, discutidas no âmbito da pós-convergência, também estão influenciando as práticas jornalísticas. Como consequência, argumenta-se que a convergência jornalística oferece o "terreno" necessário para a definição de uma pós-convergência jornalística

Defende-se que as transformações debatidas por Ramírez (2020), Nash (2012) e Fagerjord (2010) envolvem também o jornalismo. Entende-se que, assim como a convergência proporcionou o "terreno" para a pós-convergência, de modo semelhante, o

---

[66] Originalmente em inglês: "continuous-access networks".

[67] Originalmente em inglês: "Biological reality and virtual realities, based on perfect simulations of the known world, would coincide in organic and non-linear forms".

[68] Originalmente em inglês: "Hyper-simulation, as a typology of post-convergent media, manifests itself through virtual reality, augmented mediation, multiple and multidimensional planes of interaction, and seamless computer imagery and visualizations. These characteristics manifest themselves through bio-digital, hyper-mediated, hyper-connected experiences that augment or superimpose on reality."

[69] Originalmente em inglês: "professional convergence in journalism is governed by the historical role of the journalist and the traditional competencies required of him or her".

conceito de convergência jornalística pode auxiliar a traçar uma definição conceitual de "pós-convergência jornalística".

A proposição da existência de uma "pós-convergência jornalística" envolve a ideia de que o jornalismo também desenvolve manifestações específicas a partir das quatro categorias da mídia pós-convergente, citadas por Ramírez (2020): 1) hipermediação; 2) biodigitalidade; 3) hiperconexão; e 4) hipersimulação. Dessa maneira, são desenvolvidas práticas, como o jornalismo imersivo de realidade virtual, a gamificação, a utilização de recursos de inteligência artificial e *softwares* de análise de dados.

Essa ideia também se baseia no argumento apresentado por Silva (2023, p.6) de que "o jornalismo, [...], como uma espécie de narrativa híbrida do cotidiano (Faro, 2011), também dialoga com as estruturas simbólicas que estão presentes na vida cotidiana não somente em termos de conteúdo" ou seja, dos assuntos que são abordados, mas sobretudo na "sua dimensão-estético expressiva", isto é, no modo como estas narrativas são apresentadas. O pesquisador aponta ainda que o jornalista, em sua prática profissional, precisa articular duas "instâncias de produção de efeitos: os efeitos de sentido e os efeitos de realidade" (Silva, 2023, p.7).

> Deriva daí a importância do entendimento de que o processo de conformação das notícias – a seleção dos acontecimentos noticiáveis e a construção da narração noticiosa –, pode envolver elementos relacionados tanto com a dimensão estético-expressiva[70] quanto com a estrutura pragmática da realidade (Silva, 2023, p.7).

Diante disso, a partir da transição para um contexto de convergência para a pós-convergência jornalística, acredita-se que as práticas profissionais passam a ser adaptadas, transfiguradas e até mesmo substituídas por recursos e técnicas que envolvem componentes característicos da digitalidade, como plataformas e conteúdos oriundos do meio digital. Finalmente, o exercício do jornalismo passa a considerar elementos e práticas provenientes desse meio e que se tornam determinantes, por exemplo, o processo de seleção das notícias começa a levar em conta as transformações constantes nas diversas formas de interação em redes sociais, bem como as métricas digitais e os algoritmos. Compreender o modo como as características da pós-convergência se manifestam em um contexto específico do jornalismo regional e abstrair desse cenário reflexões sobre as reconfigurações da ideia de noticiabilidade no campo jornalístico e na vida cotidiana passam a ser finalidades substanciais que o recorte empírico do estudo pretende absorver.

---

[70] A dimensão estético-expressiva se refere, nesse sentido, "ao conjunto de elementos relacionados a estilo, apresentação e formato do jornalismo".

CAPÍTULO V
ANÁLISE DESCRITIVA DOS PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Após o Exame de Qualificação[71], realizou-se a submissão do presente estudo para avaliação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS). No dia 14 de março de 2024, o projeto foi submetido na Plataforma Brasil e, em 21 de junho de 2024, foi liberado o parecer do CEP/UFMS, considerando a pesquisa aprovada para realização. Diante disso, foi dado início na etapa da pesquisa empírica, realizada de 26 de junho a 02 de julho de 2024 na empresa jornalística Correio do Estado (Campo Grande/MS)[72].

A partir de 26 de junho de 2024, quarta-feira, iniciou-se o desenvolvimento do trabalho de observação participante da rotina de trabalho na redação do veículo, por seis dias, cinco horas diárias, incluindo dias úteis e um plantão de final de semana. O objetivo foi verificar as possíveis transformações nas rotinas produtivas características do contexto de convergência jornalística. Os dados foram anotados em forma de diário com base nas questões de pesquisa e os relatos completos da observação podem ser verificados no *Anexo B*.

Concomitantemente ao procedimento metodológico de observação participante foram dinamizadas entrevistas semiestruturadas com seis jornalistas do Correio do Estado, com o objetivo de obter dados sobre suas impressões a respeito de possíveis transformações nos processos de noticiabilidade. Conforme os critérios previamente estabelecidos, foram selecionados três homens e três mulheres, sendo que três dos jornalistas possuíam mais de 10 anos de experiência e tinham idades e posições hierárquicas distintas no momento da entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente de forma presencial e registradas em áudio. A transcrição das entrevistas na íntegra encontra-se no *Anexo C*. Antes do início das entrevistas, solicitou-se aos entrevistados a leitura e assinatura do TCLE.

Destaca-se que, inicialmente, as entrevistas seriam realizadas após a etapa de análise. Por questões de gestão do tempo e conveniência, tanto para a pesquisadora quanto para os entrevistados, foram realizadas as entrevistas nos mesmos dias da observação participante, nas dependências do Correio do Estado, sem comprometer a rotina de trabalho dos entrevistados e o tempo destinado à observação.

Na etapa da análise descritiva, foram selecionados os dados da observação e das

---

[71] Realizado em 12 de junho de 2023, com banca avaliadora formada pelos professores: Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva (orientador/UFMS), Prof. Dr. Mário Fernandes (UFMS) e Prof. Dra. Susana Barbosa (UFBA).

[72] Destaca-se que a pesquisa inicialmente pretendia realizar a investigação empírica em outros contextos, como em um jornal nativo digital. No entanto, devido a dificuldades na obtenção de autorização dos veículos, essa proposta não pôde ser concretizada.

entrevistas com base na construção de categorias de pesquisa. Para isso, foram estabelecidas categorias de análise, fundamentadas no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores.

Quadro 03: Categorias de análise

1. Categoria 1: perspectivas de noticiabilidade; 2. Categoria 2: elementos da convergência jornalística: 2.1. Subcategoria 1: integração entre meios distintos; 2.2. Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7; 2.3. Subcategoria 3: a reorganização das redações; 2.4. Subcategoria 4: jornalistas *plataform-agnostic*; 2.5. Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais; 3. Categoria 3: banco de dados, plataformização e metrificação; 4. Categoria 4: elementos da pós-convergência jornalística: 4.1. Subcategoria 1: hipermediação; 4.2. Subcategoria 2: biodigitalidade; 4.3. Subcategoria 3: hiperconexão; 4.4 Subcategoria 4: hipersimulação.

Fonte: Quadro elaborado pela autora para as finalidades da pesquisa.

Após essa etapa, os trechos foram analisados interpretativamente. A etapa de interpretação, consiste na fase em que os dados empíricos são teorizados a partir da perspectiva teórica escolhida (Lopes, 2003, p.151).

No próximo tópico, desenvolve-se a construção de apontamentos sobre a estrutura dos meios de comunicação em Mato Grosso do Sul (MS), com ênfase na capital Campo Grande, como forma de fornecer subsídios para interpretação dos dados a partir do contexto do meio jornalístico que constitui o recorte empírico da pesquisa.

5.1 Apontamentos sobre a estrutura dos meios de comunicação em Mato Grosso do Sul

Serviram como base para este levantamento sobre a estrutura dos meios de comunicação no MS, o *site* do projeto Atlas da Notícia[73] e do Portal de Mídia de Mato Grosso do Sul, projeto de pesquisa vinculado ao Curso de Jornalismo e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O Estado do MS, que foi implantado em 1º de janeiro de 1979, a partir da divisão do sul do então estado unificado de Mato Grosso, localiza-se no Centro-Oeste do Brasil e possui 79 municípios e faz fronteira com -, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, São Paulo, e com os países Bolívia e Paraguai. Conforme o portal Atlas da Notícia, o MS possuía, no período de coleta de dados da pesquisa[74], 434 veículos de mídia ativos, sendo 176 veículos online, 164 rádios, 74 impressos e 20 TVs. Dentre eles está o Correio do Estado, empresa jornalística criada em 07 de fevereiro de 1954.

Conforme Schwengber (2005, p.1), o Correio do Estado "foi fundado por um grupo ligado à União Democrática Nacional (UDN), com o objetivo de disseminar as ideias do partido. Em 1960 passou para a propriedade de José Barbosa Rodrigues, que era o editor desde 1957. Naquele ano, o jornal deixou de ser partidário", contudo sua linha editorial continuou dando destaque à política e os acontecimentos de Campo Grande (Schwengber, 2005, p.1). O fundador do veículo foi Fernando Corrêa da Costa, que de acordo com Gonçalves (2024, p.22) "era uma figura politicamente contraposta a Filinto Müller, do Partido da Social 22 Democracia (PSD)".

O Correio do Estado apoiou a divisão de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul (Dal Moro, 2012). Gonçalves (2024, p.22) destaca que, enquanto um dos "principais meios de comunicação da região, o Correio do Estado desempenhou um papel fundamental na formação das representações do Estado e de Campo Grande durante os movimentos divisionistas". Destaca-se que, embora o veículo se intitule como um jornal regional, não possui sucursais no interior do estado, o que pode limitar sua cobertura e o alcance de suas reportagens em diferentes localidades.

Constitui-se como uma franquia jornalística com mídia matiz impressa. Integram a empresa: o jornal impresso, as emissoras de rádio Mega 94 FM e Rádio Hora, o *site*[75] e os perfis nas redes sociais *Instagram*[76] e a página no *Facebook*[77]. Conforme seu *site* oficial, o

---

[73] Disponível em: https://www.atlas.jor.br/. Acesso em: 05 ago. 2024. Destaca-se que tais dados podem estar sujeitos a variações.
[74] Disponível em: https://atlas.jor.br/dados/app/ . Acesso em 24 jan. 2025.
[75] *Site* Correio do Estado. Disponível em: https://correiodoestado.com.br. Acesso em: 23 jul. 2024.
[76] O perfil no *Instagram*, possuía, em julho de 2024, 67,1 mil seguidores e 4.753 publicações. Disponível em: https://www.instagram.com/correioestado/. Acesso em: 23 jul. 2024.

portal de notícias foi lançado no ano de 2014. Ressalta-se que o Correio do Estado só passou a ter uma representação digital dezenove anos depois do primeiro jornal no país a possuir uma página na *Internet* (Silva, 2014). Conforme Spannenberg e Barros (2016, p.239), "em 1995, o JB foi o primeiro periódico brasileiro a ter uma página na *Internet*, no que foi seguido por diversos outros que, atentando-se para a nova tendência, começaram a considerar a convergência como mecanismo de publicação de conteúdo". Silva (2014) sinaliza que apenas em 2011 o Correio do Estado passou a adotar estratégias características da convergência, consolidando uma redação específica para o jornalismo digital com a contratação de repórteres e editores exclusivos para o meio. Além disso, realizou a reconfiguração da infraestrutura da redação, integrando as reuniões de pauta e o espaço físico. Já a página no *Facebook* foi criada em 2011 e o perfil no *Instagram* em 2016.

Atualmente, o veículo integra um grupo homônimo que também administra as emissoras de rádio Mega 94 FM e Rádio Hora, além das empresas Agium Soft, Portal de Imóveis Vem Pra Casa, Portal de Veículos Vip Marcas e a produtora de vídeo Macaw. O grupo já contou, ainda, com a TV Campo Grande - atualmente SBT-MS, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão) e a Fundação Barbosa Rodrigues.

A distribuição do *Correio do Estado* abrange 24 dos 79 municípios de Mato Grosso do Sul, com uma tiragem diária de 11 mil exemplares. O número de assinantes no estado é de 9 mil, segundo dados da empresa[78]. No período de realização desta pesquisa, na redação trabalhavam 16 jornalistas (um editor-chefe, três editores, três subeditores e nove repórteres), três estagiários, dois fotógrafos e um analista de *marketing*.

5.2 Análise descritiva na observação na redação do Correio do Estado

Realiza-se neste tópico a descrição do processo de observação na redação da empresa jornalística Correio do Estado, cujo objetivo foi verificar as possíveis transformações nas rotinas produtivas características do contexto de pós-convergência. Em sintonia com o planejamento prévio, foram realizadas 30 horas de observação participante, divididas igualmente em seis dias (26/06, 27/06, 28/06, 30/06, 01/07, 02/07), nos meses de junho e julho de 2024, na redação do Correio do Estado, localizada à Av. Calógeras, n.º 356, bairro Centro, Campo Grande/MS.

---

[77] A página no *Facebook* possuía, em julho de 2024, 408 mil curtidas e 502 mil seguidores. Disponível em: https://www.facebook.com/correiodoestado. Acesso em: 23 jul. 2024.

[78] Disponível em: https://cdn.correiodoestado.com.br/upload/dn_arquivo/2022/11/midia-kit-regional-2022.pdf. Acesso em 18 mar. 2025.

A descrição, segundo Lopes (2003, p.149), é o processo que "faz a ponte entre a fase de observação dos dados e a da interpretação". Dessa forma, a "descrição é desenvolvida através da operação de análise descritiva e é feita em dois passos: o primeiro é constituído por procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados" e o segundo se refere a "procedimentos propriamente analíticos, que visam a construção dos 'objetos empíricos' e a reprodução do fenômeno nas condições de sua produção".

As operações técnicas e de análise que são empregadas na fase da descrição "conferem ao investigador a capacidade de descrever, de modo unívoco e sintético, as condições concretas de produção dos fenômenos estudados" (Lopes, 2003, p.151).

5.2.1 Categoria 1: perspectivas de noticiabilidade

Durante o período de pesquisa de campo, foi possível observar integralmente três reuniões de pauta, nas quais se verificou a sugestão de notícias e a definição de abordagens pelos jornalistas. Constatou-se que a maioria das pautas propostas nessas reuniões tinha como base dados ou conteúdos disponibilizados online. Por exemplo, uma matéria sobre "a seca no Pantanal[79]" teve origem em dados publicados no *site* MapBiomas[80], segundo o jornalista. Da mesma forma, a matéria "a entrada de drogas pela fronteira do MS[81]" foi baseada em uma pesquisa divulgada pela entidade Esfera Brasil em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, segundo a jornalista proponente. Complementarmente, a matéria "Fila de espera por benefícios do INSS reduz 30% em seis meses"[82] foi sugerida com base no relatório de transparência elaborado pelo Ministério da Previdência Social. Diante disso, percebe-se que a seleção de informações se mostra muito relacionada a conteúdos coletados ou recebidos pela *Internet*.

---

[79] MARINHO, Judson. Pantanal é o bioma que mais secou em 38 anos, mostra pesquisa. Correio do Estado, Campo Grande, 27 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/pantanal-e-o-bioma-que-mais-secou-em-38-anos-mostra-pesquisa/432400/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[80] MapBiomas é uma "rede colaborativa, formada por ONGs, universidades e startups de tecnologia". Essa rede produz o "mapeamento anual da cobertura e uso da terra e monitoramos a superfície de água e cicatrizes de fogo mensalmente com dados a partir de 1985". Além disso, valida e elabora relatórios para cada evento de desmatamento detectado no Brasil desde janeiro de 2019, por meio do "MapBiomas Alerta". Disponível em: https://brasil.mapbiomas.org/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[81] GOMES, Ketlen. Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil. Correio do Estado, Campo Grande: 27 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/fronteira-de-ms-e-por-onde-passa-mais-de-60-da-cocaina-que-entra-no/432401/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[82] THAMARYS, Evelyn. Fila de espera por benefícios do INSS reduz 30% em seis meses". Correio do Estado, Campo Grande: 29 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/fila-de-espera-por-beneficios-do-inss-reduz-30-em-seis-meses/432499/. Acesso em: 29 jun. 2024.

No dia 1° de julho de 2024, segunda-feira, também foi possível acompanhar a reunião de pauta do turno da tarde. Nela, os jornalistas apresentaram suas pautas para o editor, seguido por avaliações e comentários pelo chefe hierárquico sobre a qualidade e exequibilidade das sugestões e sobre como as matérias poderiam ser desenvolvidas. Na ocasião, uma das jornalistas sugeriu uma pauta sobre o "PL do Aborto" e o editor pediu para ela "segurar" a matéria, pois o assunto havia "esfriado". Observou-se que, durante a reunião, a pauta sobre "o aumento da conta luz" não foi entendida como possível destaque, mas no website e na edição impressa do dia posterior que a notícia havia sido publicada como manchete nos dois meios[83].

Na reunião de pauta de terça-feira, 2 de junho, os jornalistas realizaram diversas sugestões, entre elas matérias com base em bancos de dados, editais online e relatórios oficiais publicados na *Internet*. Além disso, uma matéria havia sido sugerida pelo diretor do jornal. A manchete do dia 3 de julho sobre o "aumento do preço do etanol[84]" foi indicada na reunião do dia anterior. Percebeu-se que os temas mais frequentes das pautas nos dias de observação estavam relacionados às queimadas no Pantanal, às eleições municipais, à economia e a apreensões de drogas na fronteira do Mato Grosso do Sul.

Ainda sobre o processo de noticiabilidade, foi possível presenciar outra situação que se considera relevante. O editor pediu para que a repórter fizesse mudanças em um dos seus textos que abordava uma reunião sobre a greve dos professores da rede federal de ensino. O editor-chefe solicitou que a reportagem desse maior destaque às resoluções tomadas na ocasião e não na reunião em si. Logo após, ele afirmou que a "reunião não é importante, o que é importante é o que foi decidido na reunião". Ficou claro, a partir disso, o papel central do editor-chefe no enfoque das matérias.

Também foi possível presenciar o momento em que uma editora realizou a hierarquização de matérias no *site*. Na ocasião, informou aos colegas que seria retirada uma matéria dos destaques para colocar outra, pois a editora considerava que havia mais relevância.

Em outra ocasião houve a mudança de uma manchete a partir de um telefonema com informações sobre uma reunião referente às eleições municipais. Após o jornalista responsável pela editoria de política passar a informação ao editor, este comunicou aos

---

[83] BENITES, Evelyn. Conta de luz pode ficar até R$72 mais cara neste mês no estado. Correio do Estado: Campo Grande, Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/conta-de-luz-pode-ficar-ate-r-72-mais-cara-neste-mes-no-estado/432617/. Acesso em: 03 jun. 2024.

[84] THAMARIS, Evelyn. Litro do etanol aumenta mais de 12% no primeiro semestre em Mato Grosso do Sul. Correio do Estado: Campo Grande, 03 jul. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/litro-do-etanol-aumenta-mais-de-12-no-primeiro-semestre-em-mato/432666/#:~:text=Levantamento%20da%20Ag%C3%AAncia%20Nacional%20do,de%20R%24%200%2C41. Acesso em: 03 jul. 2024

demais que iria mudar a manchete estabelecida na reunião para a pauta de política devido à relevância da informação.

No dia 30 de junho de 2024, foi possível acompanhar o plantão de domingo no turno da tarde. Ao chegar, o editor solicitou que os repórteres fizessem uma matéria sobre o impacto da diminuição da temperatura nos focos de incêndio no Pantanal. Em determinado momento, o editor pediu aos jornalistas a mudança da foto de uma notícia sobre apreensão de drogas. Mais tarde, o mesmo enviou uma matéria para ficar em destaque no *site*[85] até que tivessem atualizações sobre as queimadas no Pantanal.

Em determinado momento do dia 1° de julho de 2024, segunda-feira, foi possível observar quando o subeditor solicitou a um dos jornalistas para mudar o título de uma matéria de "Motorista de caminhonete atropela ciclista, capota e os dois morrem" para "Motorista bêbado atropela ciclista, capota e os dois morrem"[86], mudando, assim, o enfoque do título da matéria.

5.2.2 Categoria 2: elementos da convergência jornalística[87]

5.2.2.1 Subcategoria 1: integração entre meios distintos

No processo de observação, foi possível notar que existe relativa colaboração entre o *site*, o jornal impresso e os perfis nas redes sociais. Contudo, há profissionais específicos para cada meio e, quando uma matéria é publicada em ambos os meios, ocorrem poucas adaptações no texto ou aos recursos de cada plataforma, de modo que se pode verificar apenas alterações na extensão dos textos e nos títulos – isto é, trata-se de uma integração majoritariamente instrumental.

5.2.2.2 Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7

Diante do observado, constata-se que a maior parte dos jornalistas cumpre cerca de cinco horas de trabalho na redação. Durante esse período, é utilizado um recurso que

---

[85] MIRANDA, Eduardo. Após desistência na capital, PSD pode largar candidaturas para apoiar PSDB. Correio do Estado: Campo Grande, 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/politica/apos-desistencia-na-capital-psd-pode-largar-candidaturas-para-apoiar/432548/ . Acesso em: 03 jul. 2024.

[86] NETO, Alanis. Motorista bêbado atropela ciclista, capota e os dois morrem". Correio do Estado: Campo Grande, 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/acidente-envolvendo-caminhonete-e-bicicleta-deixa-dois-mortos-na/432565/ . Acesso em: 03 jul. 2024.

[87] Cf. Barbosa (2009, p. 38).

possibilita programar as publicações de materiais no *site* para horários fora do expediente. Além disso, o jornal impresso do final de semana (sábado e domingo) é publicado em edição única (Figura 02). Com base nas restrições técnicas e de recursos humanos, não foi constatada a produção de conteúdos em um ciclo contínuo de 24 horas, 7 dias por semana.

Figura 02: Edição única do final de semana do jornal impresso Correio do Estado.

CORREIO DO ESTADO 70 anos

SÁBADO/DOMINGO, 29/30 DE JUNHO DE 2024 | ANO 71 | Nº 22.463 | CORREIODOESTADO.COM.BR | FUNDADO EM 7 DE FEVEREIRO DE 1954 | CAPITAL E OUTROS R$ 2

MEIO AMBIENTE

Pantanal tem carta-branca para gastos contra incêndios

Governo federal já enviou R$ 100 milhões nesta semana, mas ministra disse que presidente Lula liberou mais investimentos no combate às chamas; Marina Silva e Simone Tebet sobrevoaram o bioma ao lado do governador

REDUÇÃO

GERSON OLIVEIRA

Fila de espera por benefícios do INSS

Fonte: Correio do Estado, ano 71, nº 22.463, 29/30 de junho de 2024. [Versão digital]. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/edicao-impressa/listar/p/7/. Acesso em 05 de set. 2024.

5.2.2.3 Subcategoria 3: a reorganização das redações

A redação "Jornalista Júlio da Silva" ocupa um espaço de tamanho médio, com dimensões aproximadas de 4,8 metros de largura por 13,2 metros de comprimento. Conta com duas estações de trabalho, cada uma composta por 14 mesas delta em formato "L", totalizando 28 mesas, todas equipadas com computador individual e telefone. Além disso, o espaço possui em anexo uma sala de reuniões com equipamento de vídeo. No período de pesquisa, cerca de metade das mesas estava desocupada. A estrutura da redação pode ser conferida na imagem a seguir:

Figura 03: Foto da sala de redação Jornalista Júlio da Silva.

Fonte: Imagem captada pela autora para as finalidades da pesquisa.

Na sala de redação, existem duas televisões, uma que permaneceu sintonizada no canal de notícias CNN Brasil e outra que na maior parte do tempo estava sintonizada na TV Morena, afiliada da Rede Globo em Mato Grosso do Sul. Além disso, há quatro monitores fixados lado a lado na parede, mas apenas um deles permanece constantemente em funcionamento, mostrando os dados e métricas gerados pela plataforma *Marfeel*[88], empresa de gerenciamento que trabalha para pessoas ou empresas que atuam como veículo para a publicação de conteúdo. Essa plataforma atende veículos noticiosos e utiliza algoritmos para fornecer informações referentes a buscas, acessos, reações, tempo de leitura e

[88] MARFEEL. ***Site* oficial**. Disponível em: https://www.marfeel.com/. Acesso em: 27 jun. 2024.

compartilhamentos sobre os conteúdos publicados no *site* e redes sociais pelo jornal. Além disso, gera relatórios sobre os desempenhos das matérias produzidas por cada jornalista individualmente e faz sugestões de temas para serem abordados nas notícias.

5.2.2.4 Subcategoria 4: jornalistas que são *plataform-agnostic*

Não foi observada a presença de jornalistas *plataform-agnostic* na redação, pois a maior parte dos profissionais produz conteúdos para um meio específico, com exceção do editor-chefe. Além disso, há um funcionário que atua apenas no gerenciamento das redes sociais, identificado no expediente do jornal como Analista de Marketing. Ademais, a redação conta com dois fotógrafos profissionais que acompanham os jornalistas nas pautas e produzem fotos que integram o conteúdo jornalístico.

5.2.2.5 Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais

Não foi possível verificar durante a observação o efetivo emprego da interatividade e nem da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais, mas se constatou que são utilizados hipertextos nas matérias jornalísticas publicadas nos meios digitais do veículo, tal como o seguinte exemplo:

Figura 04: Hiperlink na matéria "Após desistência na Capital, PSD pode largar candidaturas para apoiar PSDB".

POLÍTICA

MATO GROSSO DO SUL

Após desistência na Capital, PSD pode largar candidaturas para apoiar PSDB

O movimento deve ser sentido a partir deste mês de julho e já definido antes das convenções, com as primeiras desistências de pré-candidaturas

EDUARDO MIRANDA
30/06/2024 - 14h29

Nos siga no Google News

No início de março, Nelsinho surpreendeu com anúncio que partido apoiaria o PSDB na Capital, o que frustrou planos de Pedrossian Neto - Gerson Oliveira/Correio do Estado

Participe do grupo do Correio do Estado no WhatsApp e receba as notícias do dia direto no seu celular.

O diretório regional do PSD em Mato Grosso do Sul, presidido pelo senador Nelsinho Trad, irá ampliar as alianças com o PSDB nas candidaturas pelo interior e desistir de concorrer em municípios onde há pré-candidaturas.

Com isso, as candidaturas do PSD em cidades onde o PSDB está à frente, como Figueirão, Corumbá e Ponta Porã, devem retiradas para dar mais "conforto" à aliança.

MAIS LIDAS

1 PREJUÍZOS BILIONÁRIOS / 2 DIAS
Banco do Brasil pode ser galinha dos ovos de ouro em esquema de venda de sentenças em MS

2 VALOR COMPANY / 2 DIAS
"Empresa de investimentos" aplica golpe milionário no sul de MS

3 LOTERIAS / 2 DIAS
Mega-Sena acumula, mas campo-grandenses faturam mais de R$136

O movimento deve ser sentido a partir deste mês de julho e já definido antes das convenções, com as primeiras desistências de pré-candidaturas.

A manobra busca espaço e, quem sabe, se alinhar mais com o PSDB para as eleições de 2026. Nelsinho Trad tentará a reeleição para o senado e espera ser o parceiro de chapa de Reinaldo Azambuja no voto duplo.

O PSD também virou uma extensão do ninho tucano, inclusive com o plano de filiar o governador Eduardo Riedel em suas fileiras.

Até o momento, o desenho financeiro das pré-candidaturas do PSD ainda está sem definição, segundo pré-candidatos, o que indica que podem ficar a ver navios.

No início de março, de surpresa, Nelsinho anunciou que o partido apoiaria o PSDB em Campo Grande, frustrando os planos do deputado estadual Pedro Pedrossian Neto, que almejava a candidatura.

Pequeno ninho

O PSD se tornou uma espécie de plano B das lideranças tucanas. Apesar de grande em MS, o PSDB é pequeno nacionalmente e não tem grande representação no Congresso Nacional.

A partir disso, os tucanos estão buscando influência em outros partidos, como o citado PSD e o Podemos.

Há quem diga que o PSD, que já abriga o vice-governador Barbosinha, poderia filiar até mesmo o governador Eduardo Riedel.

Diversos integrantes do grupo "riedelista" estão filiados ao partido, como o também super secretário Jaime Verruck.

Fonte: MIRANDA, Eduardo. Após desistência na capital, PSD pode largar candidaturas para apoiar PSDB. Correio do Estado: Campo Grande, 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/politica/apos-desistencia-na-capital-psd-pode-largar-candidaturas-para-apoiar/432548/ . Acesso em: 03 jul. 2024.

5.2.3 Categoria 3: Banco de dados, plataformização e metrificação.

Na observação, foi possível presenciar os jornalistas utilizando bancos de dados tanto para a sugestão de pautas quanto no processo de apuração das matérias. Em uma das ocasiões, um jornalista escreveu uma matéria com base em um boletim epidemiológico *online* sobre os índices da dengue. Além disso, foi perceptível que a maior parte das pautas sugeridas proviam de bancos de dados de órgãos oficiais.

O Correio do Estado atua em múltiplas plataformas, incluindo o *site* e as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, que são utilizadas como formas de distribuição e monetização dos conteúdos. Além disso, possui um grupo no *WhatsApp*, no qual veicula as notícias – o acesso a esse grupo está disponível no *site*.

Durante o período de pesquisa, foi possível observar o editor-chefe comentando, com base na plataforma *Marfeel,* sobre os dados de acessos de cada um dos jornalistas. Este relatou ainda que a plataforma, além de fornecer dados, sugere temas para notícias com base nos assuntos mais procurados, acessados, compartilhados e com mais reações em portais de busca e redes sociais.

No dia 28 de junho de 2024, sexta-feira, os jornalistas comentaram sobre um curso que haviam feito nas semanas anteriores. O curso realizado teve como temática a ferramenta *Search Engine Optimizer* (SEO), em português "Otimização para motores de busca". Na

ocasião, os jornalistas aprenderam técnicas e estratégias para posicionar melhor suas matérias em buscadores, gerar reconhecimento de marca, aumentar o tráfego no *site* e, com isso, conseguir mais acessos. Uma das técnicas que os jornalistas aprenderam se refere a reduzir os títulos e torná-los mais atrativos. Foi possível verificar isso, pois uma editora solicitou que os colegas lembrassem do curso e escrevessem títulos menores para o *site*. No período da pesquisa de campo, também se constatou o uso da plataforma *Google Trends* pelos jornalistas com a finalidade de se informar sobre os assuntos mais pesquisados.

5.2.4 Categoria 4: Elementos da pós-convergência jornalística[89]

5.2.4.1 Subcategoria 1: hipermediação

No período de observação, notou-se a produção da matéria "Confira as estreias da semana nos cinemas de Mato Grosso do Sul"[90] com utilização de informações do *Instagram*, seguindo o padrão seguido na construção de outras matérias, tendo como base informações de redes sociais.

Além disso, percebeu-se a utilização da plataforma de inteligência artificial *ChatGPT*[91] como ferramenta para edição de textos, correção gramatical, pesquisas, para a construção de títulos e para a geração de imagens a fim de ilustrar as matérias. Uma das matérias que possui imagem gerada pela ferramenta é a "Sejusp nega que em mato grosso do sul exista assassinatos não registrados"[92] (Figura 05).

Figura 05: Imagem criada por I.A utilizada para ilustrar matéria jornalística.

[89] Cf. R
[90] PIEL, do Estado, Campo Grande: ias-da-semana-nos-cine
[91] ChatG OpenAI e lançado em 30 d na possível para o ChatGP ncorretas e rejeitar solicitaç o para seguir uma instruçã om/index/chatgpt/. Acesso
[92] MARI ados. Correio do Estado: ejusp-nega-que-em-mat

Fonte: MARINHO, Judson. Sejusp nega que em Mato Grosso do Sul exista assassinatos não registrados. Correio do Estado: Campo Grande, 29 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/sejusp-nega-que-em-mato-grosso-do-sul-exista-assassinatos-nao/432524. Acesso em: 03 jul. 2024.

5.2.4.2 Subcategoria 2: biodigitalidade

Não foi verificada a utilização de recursos biodigitais na redação da empresa jornalística. Isto é, não se constatou o uso de ferramentas como relógios ou óculos inteligentes ou outros tipos de equipamentos tecnológicos digitais vestíveis.

5.2.4.3 Subcategoria 3: hiperconexão

Na observação, constatou-se que a maioria dos contatos com fontes na redação é realizada por meio do *WhatsApp*, enquanto as ligações telefônicas são pouco frequentes. Além disso, percebeu-se que poucos jornalistas saem da redação para apurar pautas, pois a maior parte das pesquisas é feita por recursos digitais, como consultas a bancos de dados, sites oficiais, portais de notícias nacionais, regionais e locais, redes sociais e o próprio *WhatsApp*. Adicionalmente, observou-se que o aplicativo também é utilizado para organizar o processo de produção de pautas, por meio de um grupo criado.

No quinto dia de pesquisa, 1° de julho de 2024, a rotina da redação do Correio do Estado foi acompanhada no turno da manhã. Nesse momento, um estagiário apurava notícias a partir de boletins de ocorrência *online* no *site* da Polícia Civil do MS.

Observou-se que o processo de produção de notícias tornou-se quase totalmente digital, em consonância com a problematização de Pereira (2004) sobre o conceito de "jornalista sentado". Os jornalistas utilizam a *Internet* e ferramentas digitais em praticamente todas as etapas do processo, desde a anotação de informações e redação de matérias no *Google Docs*, até a pesquisa em buscadores, *sites* e redes sociais para sugerir pautas. Além disso, recorrem a aplicativos para transcrever entrevistas em áudio e a ferramentas de Inteligência Artificial, como o *ChatGPT*, para auxiliar na edição e revisão dos textos.

5.2.4.4 Subcategoria 4: hipersimulação.

Não foi constatada, através da observação, a utilização de elementos ou recursos característicos da hipersimulação, ou seja, a utilização de óculos de realidade virtual ou aumentada.

5.3 Análise descritiva das entrevistas semiestruturadas com jornalistas

O tópico é composto pela análise descritiva (Lopes, 2003) das entrevistas semiestruturadas com jornalistas do Correio do Estado, as quais foram realizadas com o objetivo de obter dados sobre suas impressões acerca das possíveis transformações nos processos contemporâneos de noticiabilidade. As entrevistas foram realizadas em quatro dias, sendo eles 28/6, 30/6, 1/6 e 2/6/2024, de forma individual nas dependências do Correio do Estado.

Destaca-se que, no processo de seleção das respostas para análise descritiva e também para a análise interpretativa, foram selecionados trechos considerados pertinentes para o estudo, tendo como referência as categorias de análise e as perguntas de pesquisa elaboradas com base na metodologia, no referencial teórico e nas hipóteses desenvolvidas nos capítulos anteriores, a saber:

a. Frente ao cenário contemporâneo marcado por transformações estruturais na ritmização da vida cotidiana e de mudanças nos modos de produção, mostra-se necessário investigar: De que maneira se desenvolve uma possível dissolução da noção tradicional de regularidade como característica central das rotinas produtivas e da própria concepção de cotidiano como padrão cultural da sociedade contemporânea?
b. Como se desenvolvem possíveis alterações na operacionalização prática das dimensões constitutivas da concepção de noticiabilidade (Shoemaker, 2006; Shoemaker; Cohen, 2006) em um cenário de pós-convergência jornalística?
c. De que forma se verifica, no âmbito das redações regionais, marcadas por suas intrínsecas peculiaridades, uma hipotética materialização, concreta ou residual, das características da pós-convergência (Nash, 2013; Fargerjord, 2010; Ramírez, 2020) jornalística?

5.3.1 Categoria 1: Perspectivas de noticiabilidade

Das 23 questões elaboradas, cinco se referem diretamente ao processo de noticiabilidade: 1) “Como ocorre o processo de seleção de notícias no meio em que trabalha?”; 2) “Nesse cenário, acredita que ocorreram alterações nos processos de seleção das notícias?

Quais?"; 3)"Qual o papel das análises de dados digitais, como as métricas de redes sociais, no processo de seleção das notícias?"; 4)"Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção das notícias?" e 5) "Como jornalista, você acredita que os recursos tecnológicos como as redes sociais passam a ser determinantes para o processo de noticiabilidade? De que forma?".

Diante das respostas para a questão "Como ocorre o processo de seleção de notícias no meio em que trabalha?", destacam-se os trechos:

> Entrevistado 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): É basicamente na experiência da gente, dos profissionais que sabem ou **tentam adivinhar o que interessa para o leitor e com base naquilo que, digamos assim, rende. Rendeu ontem, vai render amanhã.** E se é um assunto que interessa a mim, interessa ao meu colega ou influencia o colega, vai influenciar a cidade como um todo, o leitor em geral. (Grifo nosso)
>
> Entrevistado 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): Então, assim, às vezes nós temos reuniões de pautas, [...], mas a gente meio que sabe o que...Quando eu entrei, me falaram assim, o Correio preza por um... Como a gente é uma redação menor do *site*, não por quantidade, mas por qualidade. Não é aquela explosão de conteúdo, mas é uma matéria bem escrita e uma seleção criteriosa. [...] A gente vê mais ou menos o que é perfil do jornal ou também, agora depois que a gente fez esse curso, nós temos acompanhado o *Google Trends*, a gente vê o que está "hypando" na *Internet*, vamos por assim, e a gente tenta "regionalizar". [...] E aí é procurar usar a *Internet* da forma que ela tá se convertendo. De maneira inteligente e sempre levando em conta Mato Grosso do Sul.
>
> Entrevistado 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Olha, isso é um eterno aprendizado, né? Porque selecionar a notícia tem que combinar um pouco com quem tá lendo. No impresso é mais fácil porque a gente dá vários tiros no escuro, mas não é tão escuro assim, porque até hoje o Correio do Estado é um é o jornal impresso mais resiliente do Mato Grosso do Sul [...]. Então, a gente mantém algumas receitas, assim, pra isso vem dando certo. Uma delas é de sempre não fugir da verdade, apurar sempre e lidar com temas que possam ser relevantes ao nosso critério, porque a relevância muda para qualquer pessoa. O que é relevante para um cidadão não é para o outro ao lado dele, mas é o que nós julgamos ser relevante para a história do Mato Grosso do Sul, para o futuro do Estado e para a organização da sociedade local. Então esse é um critério que a gente adota aqui para edição impressa. **Para edição online esse critério já é um pouco mais pulverizado. Porque a gente tem métrica de audiência. Então a gente atua mais com algumas notícias que a gente sabe que ela pode render uma audiência maior.** É claro que tem princípios que pra nós são inegociáveis. [...] A verdade é o principal deles, e a gente tem os critérios, ouvir as outras partes envolvidas, trazer coisas novas [...]. Então o ineditismo, a empatia, esses critérios de seleção da notícia. (Grifo nosso)
>
> Entrevistado 5 (Mulher/09 anos de experiência/editora): Então as formas são essas, sugestão das assessorias de imprensa, sugestão dos colegas, e também pautas encaminhadas pelo editor. Sendo que no caso do meu exercício, a maior parte acaba vindo do exército de um homem só, que eu acho que eu sou.

Para a questão "Nesse cenário, acredita que ocorreram alterações nos processos de seleção das notícias? Quais?", as respostas selecionadas foram:

> 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): Com certeza. A gente teve que aprender a linguagem do algoritmo para integrar no nosso texto. [...] Então, assim, influencia, sim, na distribuição e até na montagem do texto. Hoje é recomendado que você faça tópicos, coisa que em algum tempo atrás eu não via muito. Então, pro leitor aquilo é mais agradável em tópicos, o Google entende assim e as pessoas também não estão mais lendo textos extensos. **Também mudou a forma de consumir do próprio tempo que a pessoa passa ali. Hoje a gente tem um acesso a quanto tempo a pessoa perdeu na minha matéria.** Para site, 40 segundos é o aceitável, é ok, tudo bem, tem o tempo que ela rolou a tela. Então assim, a gente analisa tudo. (Grifo nosso)
>
> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Certamente, porque é natural que a gente tenha que trabalhar com notícia que viraliza. [...] Então, certamente, a forma de se buscar notícia naturalmente já muda por isso. Ali mesmo atrás eu falei que a gente usa o *CrowdTangle*, a gente usa o *Google Trends,* então **a gente tem que falar do que tá no *hype*,** em coisa que tá em assunto, que está sendo pautado por alguém ou que esteja pautado nesse universo da rede, né? Até como uma forma de manter a audiência. (Grifo nosso)
>
> 4 (Mulher/01 ano de experiência/ repórter): Eu acho que sim, porque igual eu falei antes, **parece que as notícias eram mais selecionadas.** Hoje em dia, não falando mal de vários e vários jornais, mas hoje em dia você abre assim, tem muito sensacionalismo, tem jornal assim que dá umas matérias bem bizarras, bem fora de contexto. (Grifo nosso)
>
> 5 (Mulher/09 anos de experiência/editora): Eu acho que em partes, porque algumas coisas a gente ainda foca nas questões do que é notícia ou não, que são coisas de política, de cidades, mesmo de serviços, mas igual eu falei, tem coisas que a gente vai buscando "trends", **o que tá bombando**, então a gente acaba selecionando o que as pessoas querem ler também, porque o foco do online, se não tem o acesso, também não adianta nada a gente ficar noticiando uma coisa que não vai ter ninguém clicando, então a gente tem essas mudanças sim. (Grifo nosso)
>
> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): O papel deles [algoritmos] tem sido fundamental, porque a gente... É complicado, eu não gosto de falar em seleção da notícia, porque ela dá meio que num processo que vem meio que num feeling. É a mesma coisa você falar pra um compositor como que ele escolhe a nota musical da melodia. Ela simplesmente acontece. **Porque é o que eu falo, a seleção da notícia, ela continua sendo a pulsação do cotidiano.** [...] É óbvio que você pode só olhar a rede social, sei lá, do presidente, do deputado, de não sei quem [...]. Mas aí você só vai fazer jornalismo declaratório. Dificilmente você vai viralizar ou você vai se destacar em alguma apuração. Então você só atende uma parte do tipo de jornalismo. Então, claro, essas métricas são muito boas pra gente atingir resultados. Mas elas não são tudo. **O importante é a gente ter outras métricas, que é a gente saber de onde tirar a informação, e a partir disso a gente tem um processo todo humano, não artificial, de ter esse feeling mesmo, de saber o que é notícia naquele exato momento.** (Grifo nosso)

Quanto à questão "Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção das notícias?", os trechos a seguir são ilustrativos:

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): Acaba interferindo porque a gente tem todo dia, a gente acompanha o *site* aqui, **vê quais as matérias que estão tendo mais acesso.** [...]. E aí a gente acaba sendo pautado pelo algoritmo, isso não tem como negar, porque ninguém mais consegue escapar do algoritmo, acho. (Grifo nosso)

> 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): Eles interferem na audiência, sim. Eles conseguem pautar um debate. Só que os algoritmos não conseguem fazer uma investigação. Os algoritmos não conseguem fazer entrevistas. Os algoritmos ainda não conseguem dar um furo jornalístico. Esse papel humano ainda é nosso, é do ser humano na notícia. (Grifo nosso)
>
> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): Creio eu que sim, porque muitas das vezes a gente quer fazer sobre um assunto, **só que a gente percebe que não tá em alta naquele momento, então ou a gente deixa na gaveta ou a gente esquece**. (Grifo nosso)
>
> 5 (Mulher/9 anos de experiência/editora): Eu acho que eles interferem no sentido do nosso caminho, né? De fazer, buscar essa matéria e utilizar ela porque é o que eles estão apontando ali pra gente. Então, acaba que a gente fica, não diria nem refém, mas é uma coisa que a gente utiliza mais em cima deles, assim, não sei se se interfere de outras formas, mas **na seleção das notícias e no que a gente descarta também.** (Grifo nosso)

Na questão: "Como jornalista, você acredita que os recursos tecnológicos como as redes sociais passam a ser determinantes para o processo de noticiabilidade? De que forma?", as respostas selecionadas foram:

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): Ah, são. Determinantes, talvez não, mas elas são, elas são importantes. Elas têm muito a ver.
>
> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): Sim, com certeza. Porque eu acho que hoje em dia a galera, eu falo mais pelos jovens, mas você não fica fissurado só no site, você não acorda assim e fala assim, não, hoje eu vou entrar no site do Correio do Estado. Então, querendo ou não, as redes sociais são fundamentais para disseminação das nossas notícias também, pra não ficar agarrado só no site.
>
> 5 (Mulher/9 anos de experiência/editora): Do jornalismo online eu acredito que sim. Porque a gente tem que estar onde as pessoas estão, onde os nossos leitores estão. Então não tem como a gente fazer uma notícia sem ser pensada para esse público de online, que as pessoas que usam online **são as pessoas que estão com o celular na mão e usam todas as tecnologias**. (Grifo nosso)
>
> 6 (Homem/29 anos de experiência/repórter): Um dos impactos seria esse, **a questão da velocidade** e junto com ela essa diversidade, o que faz com que ao mesmo tempo eu saiba mais, tenha acesso a mais informação, **mas ao mesmo tempo isso fragmenta o modo como eu chego nessa informação ou como ela me chega.** (Grifo nosso)

5.3.2 Categoria 2: Elementos da convergência jornalística[93]

5.3.2.1. Subcategoria 1: integração entre meios distintos

[93] Cf. Barbosa (2009, p. 38).

Na questão “Para quais mídias produz conteúdo?”, os entrevistados 1, 2, 4 e 5 disseram que produzem conteúdos apenas para o *site*, enquanto os entrevistados 3 e 6 afirmaram que fazem matérias também para o jornal impresso.

Sobre se ocorre algum tipo de adaptação dos conteúdos quando disponibilizados em outra mídia (do impresso para o *site* ou o contrário), selecionou-se as seguintes respostas:

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): Para o impresso tem adaptação do espaço**.** Porque o impresso é todo fixo, então você tem que adaptar os textos para o veículo, mas de linguagem especificamente não tem nada muito diferenciado. Lógico, fazemos título diferente, legenda diferente, mas tudo mais por uma questão física do que de linguagem mesmo.
>
> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): Não tinha antes, não tinha, aí veio uma consultora para o impresso também. O pessoal do impresso agora, na hora de colocar no site, eles dão uma mudada, eles falam pra mudar um pouquinho a linguagem, porque aqui é essa coisa, o empréstimo tem um jeito de escrever ou digitar o outro, e dessa forma.
>
> 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): Então, a parte do impresso para o site ainda não tem, não sofreu essa adaptação.

5.3.2.2. Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7

Quando perguntados sobre a carga horária diária de trabalho, os entrevistados 1 e 5 responderam que trabalham cerca de seis horas por dia; o entrevistado 3 oito horas; e os entrevistados 2, 4 e 6, cinco horas. Contudo, o entrevistado 6 afirmou: “**eu trabalho o dia inteiro**. Porque se eu colocar, da hora que eu tô fazendo entrevista de manhã cedo em casa, eu saio daqui e hoje pela manhã eu assisto um filme de seis às oito antes de vir. E é um filme pra trabalho, é pra fazer crítica, é **pra...tá antenado** [...]” (grifo nosso).

Destacam-se também as respostas:

> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): [...] a gente parece que tem uma sobrecarga muito maior, parece, do que antes. Antes parecia que as notícias eram dadas muito mais pesquisadas, por muito mais tempo, parece, assim, e hoje em dia, nessa correria, parece que é um pouco diferente, assim, **querendo ou não, porque tudo é muito na hora, o que a gente tem que fazer.** (grifo nosso)
>
> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Não é exigido nada deles fora daqui. Só que a gente tem que se adaptar aos tempos que a gente vive. Às vezes uma fonte passa uma informação pra mim seis horas da manhã, mandando um documento pelo *WhatsApp*. É uma relação de confiança. Ela vai passar pra mim, não vai passar pra outra pessoa. Eu vou ignorá-la? Não. Ela fala assim, ah, à tarde eu te ligo, a gente fala mais sobre isso. Então, assim, **a gente adequa aos horários de trabalho as demandas, mas a gente não pode brigar com a realidade**. (grifo nosso)

5.3.2.3. Subcategoria 3: a reorganização das redações

No tocante à reorganização das redações, dentro da perspectiva da convergência jornalística, selecionou-se as respostas:

> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): Eu acho que houve, só que eu falo, assim, daqui de Campo Grande, eu não sei fora, mas eu percebi que, [...], **antes tinha muito mais funcionário. Hoje em dia, por mais que a massa de notícias seja muito maior, parece que o número de pessoas diminuiu,** então não sei se isso é só aqui ou se fora também. (grifo nosso)

> 6 (Homem/29 anos de experiência/repórter): Sim, eu acho que...o **predicativo da velocidade**, né, por um...existe a velocidade que é a necessidade de publicar rápido, né, a ideia de furo se relativizou, se adensou, e depois eu acho que ela perdeu sentido.[...] o jornalismo digital, ele pra mim, primeiro abençoou, ou seja, intensificou, tornou mais importante, mais urgente, mais valorizada a ideia de furo, mas depois ele mesmo fragmentou isso porque você vê que os erros na *Internet* também, eles são muito rápidos, embora facilmente corrigíveis. [...] **A relação dos jornalistas com o conceito e a prática da apuração eu acho que empobreceu, eu acho que empobreceu quase que um processo cognitivo do jornalismo e do jornalismo como produção de conhecimento. [...] Então, eu acho que precarizou. Eu acho que tornou superficial a apuração.** [...] Acho que a relação com os nossos temas também ficou um pouco mais superficial. **Eu acho que a questão da velocidade, essa questão do chamado tempo líquido, aquela coisa do Bauman, que tem muito mais a ver até com afetos e relações interpessoais, também interfere interpessoalmente na nossa relação profissional**, percebe? (grifo nosso)

Sobre a precarização do trabalho jornalístico nesse cenário, dois jornalistas apontaram aspectos relevantes, como a diminuição de profissionais e a falta de recursos causada pelas redes sociais que, consequentemente, promovem uma redução de profissionais e de viabilidade financeira. Destacam-se as respostas:

> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): [...] era lotado de funcionário. Hoje em dia, você pode perceber que já tem um número muito pequeno, então eu acho que não que substitui 100%, mas eu acho que com as redes sociais, com essas coisas, fez com que o pessoal, exemplo do impresso, muita gente saísse, ficassem só alguns, então...

> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Certamente. Por causa desse fenômeno, por causa do fenômeno constante das redes sociais e por ela não repassar a verba para a grande mídia, porque se a grande mídia tivesse um pouco mais de verba, ela teria muito mais gente trabalhando e teria muito mais conforto para fazer tudo isso.

5.3.2.4. Subcategoria 4: jornalistas que são *plataform-agnostic*

Jornalista *plataform-agnostic*, conforme Barbosa (2009, p.38), é um profissional com capacidade de "tratar a informação – a notícia de maneira correta, seja para distribuir no impresso, na web, nas plataformas móveis, etc". Isto significa que o jornalista teria a

capacidade de produzir conteúdo para múltiplas plataformas, tendo as habilidades e os conhecimentos necessários para abordar a informação de forma adequada em cada uma delas.

Sobre as perguntas “Quais as suas funções” e “Em qual editoria você atua”, o Entrevistado 1 afirma que auxilia na edição do *site* no turno da manhã e atua em todas as editorias diversas; o Entrevistado 2 é repórter na editoria de Cidades; os Entrevistados 3 e o 5 atuam em todas as editorias, pois são editores do veículo; a Entrevistada 4 é repórter nas editorias de Cidades e Economia; e, por fim, o Entrevistado 6 é repórter de Cultura.

Por meio das entrevistas, foi constatado que o Correio do Estado mantém profissionais que trabalham apenas no gerenciamento de redes sociais e um fotógrafo que acompanha os jornalistas nas matérias. Dessa forma, não há a presença de jornalistas *plataform-agnostcs* na redação.

5.3.2.5. Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais

Quando questionados sobre se desenvolvem, na sua rotina de trabalho, a inserção de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, como a utilização da gamificação, da realidade virtual e realidade aumentada, todos os entrevistados responderam que não. Semelhantemente, as respostas foram negativas quando perguntados se “Na sua prática profissional você utiliza algum recurso tecnológico biodigital, ou seja, que esteja integrado ao corpo humano (óculos, relógio, etc.) para a coleta de dados?”. Portanto, as respostas não mencionam a interatividade, o hipertexto e a hipermídia.

5.3.3 Categoria 3: Banco de dados, plataformização e metrificação

No decorrer das entrevistas, os jornalistas citaram a utilização de métricas, plataformas ou banco de dados no processo de produção das notícias. As questões referentes a esse tema foram: “Você percebe que há uma onipresença do acesso a dados, redes de informações e mídias nas suas rotinas de trabalho? Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?”, “Qual o papel das análises de dados digitais, como as métricas de redes sociais, no processo de seleção das notícias?” e “Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção das notícias?”.

> 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): Mas agora, em atuação, a gente teve um curso de SEO, que é outra forma de escrita, que a gente tem que pegar um pouco de

> marketing. A gente teve que aprender a linguagem do robozinho do Google, como ele faz para ranquear nossas matérias.
>
> 5 (Mulher/09 anos de experiência/editora): Quando eu comecei como estagiária, a gente estava começando a usar o *WhatsApp* ainda, que apesar de ser um aplicativo de conversa também, é onde chega bastante sugestão de pauta. E eu vejo que hoje em dia muita coisa de conteúdo a gente tira das redes sociais. Então, eu vejo que tá cada dia maior assim, até porque a gente usa o *Google Trends* para ver o que tá em alta e é sempre coisa que tá na *Internet*, então **eu acho que hoje em dia não tem nem como dissociar.** (grifo nosso)
>
> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Para apurar reportagens, a gente usa fontes de consulta para a pauta, em relatórios de tudo quanto é lugar de transparência pública, desde o relatório da Controladoria Geral da União, aos diários oficiais, processos judiciais. Então, **a gente tem que estar muito atento ao que acontece no cotidiano.** [...] É claro que a gente usa, por exemplo, recursos-meio, atividades-meio, em cópia, em design, para diagramar a edição impressa. Vamos pra parte online, a gente tem prospecção em ferramentas de viralização. Tem o *CrowdTangle,* que vai sair agora, mas eu sempre volto e meia, olho no *Twitter*, olho em mídias concorrentes, olho na mídia nacional. [...]. Para prospectar notícia, o *Google Trends*, para saber o que está acontecendo no mundo aqui. Para auferir audiência, a gente olha o *Google Analytics* em uma plataforma que se chama *Marfeel* para ver como está a audiência do material que a gente publica, a ressonância de tudo isso. Então, é um conjunto de ferramentas que a gente usa. (grifo nosso)
>
> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): O Docs para escrever, às vezes o Excel para fazer alguma planilha, alguma coisa de economia, colocar dados, *Data Wrapper* para fazer gráficos, as redes sociais, que às vezes quem tá de plantão tem que utilizar o *Facebook*. Acho que são esses, o *WhatsApp* para falar com as fontes, e-mail também, o FolhaPress, Agência Brasil, essas agências de notícia também.
>
> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): **Ah, eu acho que muito do cotidiano**. [...] Eu acho que serve isso como exemplo, porque a gente já chega assistindo a TV, então a gente já pega informações dali. A gente, às vezes, abre rede social, já pega informações. Então, eu acho que tudo isso é muito do nosso cotidiano. Então, a gente vai pegando informação daqui, informação dali, que a gente vai vendo. [...] Até no computador mesmo, né? Quando a gente abre a página do Google, já tem aqui um monte de notícia, alguma coisa assim. (grifos nossos)
>
> 5 (Mulher/09 anos de experiência/editora): A gente acessa, [...] tipo, dados a gente tá sempre buscando coisas que tem esse banco de dados, mas geralmente de fontes, né? Do próprio IBGE, essas coisas [...].

Diante dessas questões, os jornalistas destacaram a utilização de métricas para a definição do que será noticiado.

> 4 (Mulher/1 ano de experiência/repórter): A gente sempre vê também pelo *Google Trends*, o que está em alta, o que não está, no estado, no país, no município. A gente também tem o *Marfeel*, que é esse **sistema onde a gente vê as notícias que mais estão viralizando** e então a gente vai pegando ali como base [...]. Então a gente vai ter o foco de fazer mais matérias em cima daquilo lá, em cima dessa pauta. (grifos nossos)
>
> 5 (Mulher/9 anos de experiência/editora): Essas métricas a gente utiliza bastante, **principalmente para ver o que está dando acesso para poder selecionar o tema e fazer uma matéria em cima. E também pra gente ver o que não deu**,

> porque às vezes a gente aposta num conteúdo, aí ele não tem muito acesso. Então, pelas métricas, a gente vê que talvez aquele não é o caminho. (grifos nossos)

Quando questionado sobre uma possível onipresença do acesso a dados, por exemplo, redes de informações e mídias nas rotinas de trabalho, um dos jornalistas respondeu:

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): O que eu tenho acesso são as fontes oficiais, tipo segurança pública, o Ministério da Economia, a Secretaria de Fazenda, Saúde, os dados oficiais da saúde, da educação, mas outros eu pelo menos nunca utilizei no acesso, não uso pra nada.

Para a mesma questão, outro entrevistado respondeu negativamente:

> 6 (Homem/29 anos de experiência/repórter): Em princípio, eu responderia que sim, mas **a palavra onipresença é uma palavra meio totalizante. [...] Mas, por exemplo, se eu estivesse hoje na Folha, provavelmente eu responderia que sim.** Aqui no Correio eu diria que não. [...]. Então, eu diria que não. (grifos nossos)

5.3.4 Categoria 4: Elementos da pós-convergência jornalística[94]

5.3.4.1. Subcategoria 1: hipermediação

Diante da questão "Você percebe na sua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, as tecnologias passam a fazer parte de objetos e lugares, estando integradas na vida cotidiana. Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?", os entrevistados responderam:

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): [...] hoje em dia a gente se comunica com as fontes por *WhatsApp*, basicamente, principalmente. Imagens vem com muita agilidade pelo *WhatsApp*. As outras redes sociais, por exemplo, fazemos matérias inteiras só com base no *Instagram.*

> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Claro, sim. **Acho que a forma mais latente disso aí é o próprio feedback das notícias que a gente publica**. Então, o sinal mais latente dessa "hipermedialização", isso aí que você falou, da interatividade, que ele **é um reflexo de interatividade**, ele se dá por vários meios. E as consequências também aparecem. Agora, ainda é uma coisa que está começando. Eu não vejo de uma forma tão profunda ainda. (grifos nossos)

> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): Ah, creio eu que sim, porque hoje em dia parece que a gente é movido pela tecnologia, pelo celular principalmente. Ainda mais a gente do digital, é o tempo inteiro. **É televisão, é celular, é computador. Então, eu acho que a gente tá realmente nessa situação o tempo inteiro.** (grifos nossos)

---

[94] Cf. Ramires (2020).

> 5 (Mulher/9 anos de experiência/editora) - Eu acho que o *WhatsApp* é uma das coisas que eu mais utilizo, até com o pessoal que trabalha aqui, como a tarde tá todo mundo aí impresso online, todo mundo senta meio junto, a gente tem um grupo no *WhatsApp* só do pessoal do site, que é onde a gente acaba conversando mais, onde manda as pautas, onde distribui, então é uma ferramenta que a gente usa bastante. [...] O *WhatsApp* é uma coisa que também utilizo com as fontes, que hoje em dia é mais mandando mensagem do que ligar. Mas eu não sei se entra também a questão das outras ferramentas, porque, por exemplo, a gente usa uma ferramenta que chama Transcriptor, que é de transcrever áudio, o próprio chat GPT.

Na pergunta acerca da percepção dos jornalistas sobre a substituição ou adaptação de práticas profissionais tradicionais do jornalismo por recursos e técnicas que são característicos do meio digital, destacam-se as respostas:

> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): [A apuração] é digital por causa de apps, porque as pessoas são mais digitais. Então, às vezes, a fonte vai querer mil vezes falar comigo, via *WhatsApp*, do que eu ir ao encontro dela. Mas, assim, até um relatório hoje eu puxo de um site de transparência. [...] até pra eu ver um processo judicial, baixo ele daqui da minha máquina, do computador, não preciso ir lá num fórum. Então... veio pra ajudar. **Isso, na verdade, encurta o tempo da apuração.** (grifos nossos)

> 5 (Mulher/9 anos de experiência/editora): Muita coisa, sim. Quando eu comecei, apesar de não ser muito tempo atrás, era muito mais o jornalismo de ir pra rua, que a gente tava sempre na rua atrás da fonte, tava ali com o gravador, mesmo que fosse do celular, era uma gravação, era outras coisas. E eu percebo hoje na rotina aqui, própria aqui do jornalismo, que isso ficou muito, muito raro. Geralmente agora as pessoas saem quando é uma agenda pública de político ou alguma coisa que a gente precisa ir em loco pra ver, mas a própria busca, o próprio telefone a gente já quase não usa, então é tudo muito pela *Internet*, é sempre indo atrás pelo *WhatsApp* ou às vezes ligando, mas buscando em outras fontes, as práticas de que eram mais comuns, eu acho que tá bem adaptado.

5.3.4.2. Subcategoria 2: Biodigitalidade

Todos os entrevistados responderam que não utilizam em sua prática profissional recursos tecnológicos biodigitais para a coleta de dados, como óculos ou relógios inteligentes.

5.3.4.3. Subcategoria 3: Hiperconexão

Indícios da presença de uma hiperconexão na prática profissional e na vida cotidiana dos jornalistas entrevistados foram constatados por meio de respostas para as questões: “Quais recursos, aplicativos e outras plataformas e ferramentas digitais que você utiliza na sua prática profissional?” e “Você percebe se ocorreram transformações no ritmo de trabalho e mudanças nos modos de produção das notícias nos últimos 10 anos?”

> 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): *LinkedIn*, porque é onde os institutos lançam as pesquisas bem mais rápido. *Instagram* para seguir as páginas. *Twitter*, [...]. *WhatsApp*, para estar em contato com as suas fontes. O *WhatsApp* vira um escritório, praticamente. Ligação também. Eu uso mais o [telefone] da redação, às vezes o meu, e mais um celular pra gravar, deixar registrado. E... acho que o buscador, isso daí já acontecia, mas eu acho que as Redes Sociais, elas são aliadas, assim, se você sabe usar elas de uma maneira correta, se você souber filtrar o que você tá procurando, você encontra coisas.
>
> 5 (Mulher/9 anos de experiência/editora): Sim, porque...Eu, **hoje em dia, praticamente acordo com o celular na mão, né?** Então, **cada vez que surge uma tecnologia nova, é mais um tempo que toma da gente ali.** Não que seja obrigatório, mas eu, por exemplo, tô sempre tentando, pelo menos, acompanhar um pouco por conta daqui, né? Do jornalismo, porque a gente também tem que estar atento, mas também para ver outras coisas. Então, é sempre uma mensagem, um *Instagram*, um vídeo do TikTok, assim, que toma bastante tempo. (grifo nosso)
>
> 6 (Homem/29 anos de experiência/repórter): **O modo como se apura, o modo como se faz entrevistas, o modo como se acessa uma fonte, o modo como se aproxima do assunto, o modo como você imerge no assunto,** ou seja, faz uma imersão, penetra no assunto.[...] E também **no modo como a gente se aproxima da notícia,** dos personagens, dos temas, o modo como a gente cria pauta, o modo como a gente troca ideias com os colegas e até o modo, eu acho que isso atinge até a nossa forma de escrever e até o nosso texto final. (grifo nosso)

Ademais, as respostas para a questão "A partir da disseminação das novas tecnologias digitais, você percebe alterações no ritmo de sua vida cotidiana? Como as notícias influenciam seu dia a dia?" também apontaram no sentido de uma hiperconexão e também para uma aceleração no ritmo da vida cotidiana. Contudo, um entrevistado apontou que acredita que a disseminação das novas tecnologias não impacta na alteração do ritmo de sua vida cotidiana.

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): Na minha vida cotidiana, influencia porque eu acabo, digamos assim, dando maior valor, maior importância a determinados assuntos, e **você é obrigado a correr atrás de assuntos que em outras épocas não existiam.** (grifos nossos)
>
> 2 (Mulher/15 anos de experiência, repórter): [...] às vezes eu me sinto sobrecarregada, sabia? **Com muito assunto, eu não consigo descansar.** Porque eu sou uma pessoa que, dependendo da pauta, eu não desligo. E é um exercício que eu tento aprender a fazer, que muitas vezes eu venho com a pauta apurada de casa já. E aí chego aqui, tem outra pauta, a minha cai, e aí minhas fontes ficam tudo a ver navios, já me deram entrevista. (grifos nossos)
>
> 3 (Homem/21 anos de experiência/Editor-chefe): Demais, porque exige mais da gente. [...] Então, claro, **a gente trabalha muito mais, exige muito mais da gente, a gente trabalha fora de horário, porque esse universo não para.** (grifos nossos)
>
> 4 (Mulher/1 ano de experiência/ repórter): [...] pra minha vida cotidiana, acho que não.
>
> 6 (Homem/29 anos de experiência/repórter): Percebo. [...] **A principal é a sensação de ter dificuldade em ficar off, né? Me desligar do meu ambiente profissional. E a outra é uma sensação de não dar conta**, justamente, das

> possibilidades de informação, das possibilidades de ter informação e da quantidade também de informação. (grifos nossos)

Além disso, na questão "A convergência midiática partiria do pressuposto de que diferentes meios convergem para uma única mídia. Como você percebe essa ideia com base na sua prática profissional?", o entrevistado 1 destacou que percebe que atualmente há mais celeridade na forma como as informações chegam aos jornalistas.

> 1 (Homem/30 anos de experiência/editor): A minha prática profissional é assim, embora você tenha trocentas mil fontes de te abastecer, o básico do básico é o mesmo de 15, 20, 30 anos atrás. **O que mudou é a forma e a celeridade com que essas informações chegam,** mas o básico que é escrever o que interessa ao leitor ainda continua sendo o meu critério ou a experiência para fazer determinado gancho, para escrever determinado título e para qualquer coisa. (grifos nossos)

5.3.4.4 Subcategoria 4: hipersimulação

Todos responderam negativamente à questão "Há na sua rotina de trabalho a inserção de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, como a utilização da gamificação, da realidade virtual e realidade aumentada?".

CAPÍTULO VI
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo realiza-se a discussão sobre os resultados. A interpretação dos dados foi realizada com base no cruzamento das reflexões teórico-conceituais realizadas nos capítulos iniciais e nas informações encontradas através dos procedimentos de coleta - observação participante e entrevistas. Conforme Lopes (2003, p.151), a interpretação "é a segunda etapa da análise e com ela a pesquisa atinge a condição própria de cientificidade". Essa etapa relaciona os dados empíricos à perspectiva teórica previamente estabelecida. A partir dos dados selecionados por meio das categorias de análise (apresentadas no Capítulo V) chegou-se aos resultados apresentados a seguir.

A análise foi realizada com fundamentação nas reflexões ancoradas no referencial teórico, principalmente em: Heller (2016), Souza Martins (2009), Thompson (1998), Martín-Barbero (2003), Bauman (2009), Shoemaker (2006), Shoemaker e Cohen (2006), Shoemaker e Vos (2011), Sodré (2009), Silva (2013), Salaverría e Negredo (2008), Barbosa (2009), Nash (2012), Ramírez (2020) e Fagerjord (2010).

6.1 Categoria 1: Perspectivas de noticiabilidade

Por meio da observação participante foi possível verificar como as mediações da noticiabilidade se manifestam no veículo estudado. Através das reuniões de pauta acompanhadas e da observação da rotina de trabalho dos jornalistas, percebeu-se que a noticiabilidade se confirma como um processo sociocultural (Silva, 2013) que envolve o julgamento individual relacionado às dimensões do "desvio e da significância social" de um acontecimento (Shoemaker, 2006; 2014). Em termos conceituais, os desvios podem ser tipificados de três formas: a) normativo; b) mudança social; c) estatístico. O normativo se relaciona ao descumprimento de regras e leis sociais; o de mudança social aborda as questões que podem ameaçar a ordem social vigente; e o estatístico abarca os eventos extraordinários ou incomuns. Já a significância social é um composta por quatro dimensões: 1) política; 2) econômica; 3) cultural; 4) pública. Assim, quanto mais desviante um acontecimento e mais dimensões sociais ela envolve, mais chances de ele ser considerado como noticiável (Shoemaker, 2006). Destaca-se que tais elementos, embora envolvam processos cognitivos e,

consequentemente, individuais, apenas adquirem significado no contexto social. Com base na forma como “um acontecimento se conecta a uma determinada realidade ocorre o entendimento do mundo por parte das pessoas envolvidas nessa dinâmica interpretativa” (Silva, 2013, p.32). O pesquisador explica que esse processo também proporciona que a noticiabilidade se configure como uma “construção sociocultural” (Silva, 2013), em uma dinâmica que envolve um grande número de variáveis, que se sedimentam na concepção de vida cotidiana.

Em última instância, esse processo envolve a noção de “paradoxos cotidianos” que, para Silva (2013, p.122), configuram um “aspecto privilegiado da noticiabilidade”. O autor considera a origem etimológica da palavra paradoxo, que remete a ideia de um paralelo ao conceito de doxa (um sentido comumente partilhado), com a acepção de “além da *doxa*” e “estranho à *doxa*”. Assim, o termo pode ser definido como um “desvio”, uma “instância que rompe com a ordem simbólica socialmente estabelecida no senso comum” (Silva, 2013, p.123). Dessa forma, os paradoxos cotidianos são entendidos como “acontecimentos portadores de noticiabilidade”, ou seja, que possuem “valor como notícia”. Por conseguinte, quanto mais “desviante do senso comum” se mostra um acontecimento, “mais aspectos de noticiabilidade ele terá” (Silva, 2013, p.214).

Silva (2013, p.122), com base em Gans (2004), destaca que o processo de seleção das notícias “envolve duas etapas básicas e independentes” que se influenciam mutuamente, são elas: a) a *disponibilidade* de itens noticiáveis; b) a *adequação* que os congrega em termos de notícia. A perspectiva teórica de Gans (2004) entende que a seleção noticiosa envolve a “tomada de decisão” e o processo de “escolha”, que são decisões feitas de forma intuitiva no cotidiano das rotinas jornalísticas. Assim, durante o dia a dia das redações, os jornalistas fazem, a todo momento e de forma rápida, escolhas sobre quais os acontecimentos devem ser publicados como notícias no interior das propostas editoriais dos veículos.

Constatou-se que o processo de notabilidade na redação jornalística estudada envolve tais aspectos, como as dimensões de desvio e de significância social inscritas nos sentidos partilhados da vida cotidiana e a tomada de decisão com base na disponibilidade e na adequação. No interior da proposta editorial do veículo, em termos metodológicos, constatou-se isso por meio das escolhas observadas nas reuniões de pauta. Como exemplo, a manchete da capa do jornal impresso e destaque no site do Correio do Estado no dia 27 de junho de 2024, "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no

Brasil", destaca a dimensão do desvio normativo, além de abordar questões de significância social nas esferas política e pública. Trata-se de um evento que afeta múltiplas dimensões do desvio e da relevância social, configurando-se como um fato de impacto significativo para a população de Mato Grosso do Sul, pois aborda temas relacionados à segurança e à saúde pública.

Nas entrevistas, os jornalistas apontaram, principalmente, dois elementos que influenciam na seleção de notícias na redação do Correio do Estado, são eles: 1) a experiência ou intuição; 2) as métricas de audiência, dados quantitativos que indicam o número de acessos ou menções que determinado assunto recebe em sites de busca ou redes sociais. Em uma das reuniões de pauta observadas, uma jornalista sugeriu uma pauta sobre o "PL do Aborto", mas o editor-chefe pediu pra ela "segurar" a matéria, pois o assunto havia "esfriado". Entende-se que esse episódio envolveu a "tomada de decisões" a partir da perspectiva individual do editor-chefe com base nos aspectos de significância social e desvio descritos no contexto do cotidiano em que a redação se insere.

Os entrevistados destacaram a influência de plataformas que utilizam algoritmos para gerar métricas na seleção de temas e na produção das notícias. A busca por acontecimentos com potencial para serem transformados em notícias envolve diferentes fontes e estratégias, como a observação direta, a leitura de outros periódicos, acesso a bancos de dados, releases, notas oficiais, sugestões de fontes e assessores de imprensa. Embora essas práticas tradicionais se mantenham, com a popularização dos algoritmos e das métricas, o jornalismo pode verificar o alcance dos temas antes de decidir sobre qual deles publicar. Diante disso, entende-se que tais elementos, característicos do meio digital, influenciam no processo de noticiabilidade - isto é, a própria percepção do que pode ser "desvio" e possuir um "significado social" (Shoemaker, 2006; Shoemaker e Cohen, 2006; Silva, 2013). No contexto do capitalismo de dados (Fonseca, 2020; Zuboff, 2020) a experiência humana é captada de maneira unilateral como obra prima gratuita para a tradução em dados comportamentais aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, alimentando processos de *machine learning* e produtos de predileção que antecipam ações de determinados indivíduos (Zuboff, 2020). Fonseca (2020, p.13) aponta que nesse capitalismo de base pós-industrial "a vida social e pessoal é rastreada e transformada em dados que significam poder e lucros para grandes instituições do mundo dos negócios". Acredita-se que esse processo também se traduz no processo de captação, organização e disponibilização de dados quantitativos sobre

os temas mais buscados, acessados e compartilhados, mesmo em um cenário de um veículo de porte regional localizado em um Estado de economia baseada no agronegócio. Contudo, entende-se que a decisão individual do jornalista de selecionar ou não determinado assunto - e qual será o enquadramento - ainda possui um peso substancial, com base na perspectiva de que o processo de noticiabilidade envolve o "modo como um acontecimento se conecta a uma determinada realidade" e isso acontece por meio da visão de mundo dos indivíduos envolvidos nessa "dinâmica interpretativa" calcada no cotidiano da redação (Silva, 2013, p.32).

Autores como Bell e Owen (2017, p.10, tradução nossa) afirmam que embora as notícias alcancem mais pessoas do que anteriormente, "pela primeira vez, o público não tem como saber como ou por que elas chegam até eles, como os dados coletados sobre eles são usados ou como seu comportamento online está sendo manipulado". Os autores destacam que, nesse cenário, os jornais estariam "à mercê do algoritmo". Kalsing (2021, p.35) complementa essa percepção ao argumentar que, somado aos elementos citados por Bell e Owen (2017), encontra-se o fato de o "sistema de distribuição do conteúdo das plataformas ser baseado em algoritmos". A autora destaca que a cultura da busca por "cliques" causa um impacto significativo no jornalismo, pois cria uma preocupação exacerbada com dados qualitativos. Contudo, o problema não está em torno da existência de tais dados e métricas, "mas da forma como a cultura organizacional interpreta essas métricas" (Kalsing, 2021, p.89).

As situações presenciadas e descritas no capítulo V, endereçam a resultados que se mostram divergentes, em parte, das afirmações de Bell e Owen (2017), no que se refere à ideia de que os jornais estariam "à mercê do algoritmo". Infere-se nesse estudo que, no contexto regional, o papel do editor corrobora para a confirmação da perspectiva teórica de Shoemaker e Cohen (2006, p.342, tradução nossa) na qual a noticiabilidade constitui "não uma característica de um evento, mas o resultado do julgamento mental de uma pessoa". Confirma-se, então, a ideia de que a noticiabilidade não se refere às características intrínsecas de um acontecimento, mas do julgamento pessoal, inscrito na construção de sentido coletivo da vida cotidiana, que determina se esse acontecimento tem potencial para se tornar notícia, baseado nas "dimensões do desvio e da significância social" (Shoemaker, 2014, p.16).

Complementarmente, percebeu-se que os acontecimentos relacionados ao contexto local e regional sofrem menos influência de algoritmos e métricas digitais no processo de noticiabilidade. A maior parte dos acontecimentos locais selecionados para serem noticiados

são baseados em informações diretas de fontes, outros jornais ou sites locais, documentos oficiais e relatórios disponibilizados em bancos de dados.

Em síntese, entende-se que dimensões da noticiabilidade, como o desvio e significância social, envolvem aspectos que abarcam o contexto socioeconômico e cultural de determinada região, nesse caso, especificamente, do Mato Grosso do Sul. Nesse Estado, onde o motor econômico vincula-se a cadeia produtiva do agronegócio, tais aspectos podem ser influenciados pelo enquadramento de questões ambientais, relacionadas à biodiversidade e ao Pantanal, como as queimadas, além disso podem se referir a temas como à criminalidade na fronteira, devido à posição geográfica do Estado (localizado na fronteira com o Paraguai e com a Bolívia). A relevância social no contexto do Mato Grosso do Sul pode abranger ainda questões de grande impacto como suas peculiaridades econômicas. Dessa forma, acredita-se que o processo de noticiabilidade em Mato Grosso do Sul também é moldado pelas suas especificidades culturais, econômicas e sociais. No período de pesquisa, entre os destaques da capa do jornal impresso, constatou-se a presença dos seguintes temas detalhados no quadro a seguir.

Quadro 04: Temas dos destaques das capas do jornal impresso Correio do Estado no período de 26/06/2024 a 02/07/2024.

Temas	Número de vezes que cada tema foi destaque
Meio ambiente (Incêndios no Pantanal)	05
Política (Eleições municipais de 2024)	04
Corrupção a nível estadual	02
Economia (Agropecuária)	02
Segurança pública (tráfico de drogas na Fronteira)	02
Direitos sociais (Palestra sobre direitos das mulheres)	01
Esporte	01
Obras públicas	01

Fonte: Elaborado pela autora para a finalidade da pesquisa.

Assim, pode-se observar que, durante o período analisado, o tema mais recorrente

foram os incêndios no Pantanal. Esse destaque se justifica pelo elevado nível de significância social do evento, agravado pelo grande volume de queimadas, que também caracteriza uma dimensão de desvio estatístico. Acredita-se que, devido à sua relevância social, econômica e política para o Mato Grosso do Sul - e as respectivas disputas de sentido no contexto do Estado, o tema tenha sido amplamente considerado adequado para se tornar destaque em praticamente todos os dias da pesquisa empírica.

Identificou-se, ainda que de forma residual, as transformações em curso no processo de noticiabilidade em um contexto de pós-convergência jornalística. Observa-se que, embora elementos como as dimensões do desvio e da significância social continuem a ser determinantes no processo decisório relacionado à noticiabilidade, outros fatores têm ganhado influência gradual - e mesmo tardia - nesse cenário. Entre eles, destaca-se o uso de plataformas que empregam algoritmos para coletar e organizar dados, pois a utilização pelos jornalistas evidenciou sua relevância na seleção dos acontecimentos convertidos em notícias no contexto analisado.

6.2 Categoria 2: Elementos da convergência jornalística

6.2.1 Subcategoria 1: integração entre meios distintos

A partir do observado e das respostas nas entrevistas, conclui-se que o Correio do Estado tem adotado o *shovelware* como estratégia de distribuição multiplataforma. Nesse tipo de estratégia, os conteúdos são transpostos com o mesmo conteúdo em todas as plataformas, desenvolvendo o *repurposing* de forma moderada. Já o *repurposing* constitui o "reaproveitamento de conteúdo ajustado ao meio em que será veiculado" (Souza; Mielniczuk, 2010, p. 36). A seguir é possível observar as manchetes do site e do jornal impresso no período de 26/06/2024 a 02/07/2024.

Figura 06: Matéria "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil", de 26/06/2024, no site do Correio do Estado.

correiodoestado.com.br/cidades/fronteira-de-ms-e-por-onde-passa-mais-de-60-da-cocaina-que-entra-no/432401/

CIDADES

SEGURANÇA PÚBLICA

A+ A-

Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil

Estudo aponta que após a morte de Jorge Rafaat, o PCC se instalou em Ponta Porã para comandar as operações do ponto

KETLEN GOMES
27/06/2024 - 09h00

Nos siga no Google News

Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil - Foto: Gerson Oliveira

O Boticário
Informações da loja
Rotas

MAIS LIDAS

1 ELEIÇÕES 2024 / 1 DIA
Candidato a prefeito em MS admite elo com narcotráfico e prostituição

2

Fonte: Site Correio do Estado. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/fronteira-de-ms-e-por-onde-passa-mais-de-60-da-cocaina-que-entra-no/432401/#:~:text=O%20estudo%20feito%20pela%20Esfera,para%20comandar%20as%20opera%C3%A7%C3%B5es%20do . Acesso em: 05 set. 2024.

Figura 07: Matéria "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil", de 27/06/2024, no jornal impresso (versão digitalizada).

CORREIO DO ESTADO QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2024 | CIDADES | 7

SEGURANÇA PÚBLICA

Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil

Estudo aponta que, após a morte de Jorge Rafaat, o PCC se instalou em Ponta Porã para comandar as operações do ponto

KETLEN GOMES

O estudo feito pela Esfera Brasil em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública indica que a fronteira de Mato Grosso do Sul é por onde passa 60% da cocaína que entra no País e Ponta Porã é tida como a principal cidade. Lá, o Primeiro Comando da Capital (PCC) se instalou para comandar as operações do tráfico internacional de drogas.

O levantamento que analisa a segurança pública e o crime organizado no Brasil esclarece que após a morte de Jorge Rafaat, assassinado pelo PCC em 2016, teve início o estabelecimento da facção paulista na cidade de MS que faz fronteira com o Paraguai. O documento revela que antes de ir a óbito, Rafaat abastecia tanto o PCC quanto o Comando Vermelho (CV), grupo de crime organizado do Rio de Janeiro.

"O recorde de mortes violentas intencionais no Brasil, em 2017, esteve diretamente associado a um amplo conflito entre o Primeiro Comando [...] duais para o narcotráfico. Esse conflito teve início em 2016, com o assassinato, pelo PCC, de um atacadista de drogas em Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul, que abastecia as duas facções", esclarece o estudo.

O levantamento relata ainda que essa disputa por território e rotas se estende por todo o País. Atualmente, o PCC está em 23 estados brasileiros, enquanto o CV atua em 20 unidades da federação. A Secretaria Nacional de Políticas Penais informa ainda que em MS, além da atuação das principais facções do Brasil, atuam também o Sindicato do Crime, o Bonde do Maluco, Os Mano e o Primeiro Comando Catarinense.

"A morte de Jorge Rafaat fez com que o PCC passasse a controlar a rota de Ponta Porã, que responderia, segundo relatos de investigadores que atuam na área, por mais de 60% de toda cocaína que entra no País. Isolado dessa rota, o Comando Vermelho se aliou com a facção Família do Norte, que controlava rotas alter-

Rota da cocaína

Mais de 60% da droga entra pela fronteira do Estado

Fonte: Reportagem

do crime colocam essas facções frequentemente em rota de colisão, que é a disputa por controle dessas rotas e áreas de atuação e venda de entorpecentes, já que é um "mercado não regulado juridicamente".

"A violência é um instrumento frequentemente utili-

relacionados ao tráfico internacional de drogas.

Um outro estudo, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), com base em dados do Escritório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre drogas e crimes, "estimou que só a cocaína que passa pelo Brasil e

da droga de US$ 65,7 bilhões", cerca de R$ 335,10 bilhões, o que equivale a 3,98% do produto interno bruto (PIB) do Brasil em 2021.

JORGE RAFAAT

Jorge Rafaat Toumani era empresário e líder do narcotráfico na fronteira. O sul-mato-

ballero, cidade do Paraguai.

No entanto, essa foi a terceira tentativa que o narcotraficante havia sofrido em mais de 10 anos de atuação.

A emboscada teve cerca de cem mercenários ligados a grupos paraguaios e ao PCC, atuando com uso de armamentos antiaéreos e metralhadoras de uso exclusivo das Forças Armadas, apontou na época os investigadores.

Ao todo, mais de 400 disparos foram efetuados contra o carro, que era blindado, de Rafaat. Uma metralhadora ponto 50 foi utilizada na ação. Além da morte do chefe do crime, estabelecimentos comerciais do narcotraficante foram queimados e alvos de destruição.

Em dezembro de 2018, um dos seguranças de Rafaat, Orlando da Silva Fernandes, também foi executado, dessa vez em Campo Grande, com diversos disparos de fuzil.

Saiba

Fonte: Correio do Estado, ano 71, nº 22.461, 27 de junho de 2024. [Versão digital]. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/edicao-impressa/listar/p/7/. Acesso em 05 de set. 2024.

Figura 08: Matéria “Traficantes brasileiros ‘compram’ polícia do Paraguai, diz PF”, de 01/07/2024, no site Correio do Estado.

CRIME ORGANIZADO

A+ A-

Traficantes brasileiros "compram" polícia do Paraguai, indica PF

Esquema de tráfico internacional dos irmãos Martins e clã Mota dava muita propina a policiais da Senad, do Paraguai

EDUARDO MIRANDA
01/07/2024 - 09h00

Nos siga no Google News

Mansão de um dos irmãos Martins, no residencial Porto Madero, condomínio fechado em Dourados - Foto: Divulgação

PICHAU
-15% -15% -14%
-14% -15% -14%

MAIS LIDAS

1

ELEIÇÕES 2024 / 1 DIA
Candidato a prefeito em MS admite elo com narcotráfico e prostituição

2

Fonte: Site Correio do Estado. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/traficantes-brasileiros-compram-policia-do-paraguai-indica-pf/432570/#:~:text=A%20Pol%C3%ADcia%20Federal%20tamb%C3%A9m%20identificou,dos%20principais%20traficantes%20da%20fronteira. Acesso em: 05 set. 2024.

Figura 09: Matéria “Traficantes brasileiros ‘compram’ polícia do Paraguai, diz PF”, de 01/07/2024, no jornal impresso (versão digitalizada).

CORREIO DO ESTADO
SEGUNDA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2024 | CIDADES | 7

CRIME ORGANIZADO

Traficantes brasileiros “compram” polícia do Paraguai, indica PF

Esquema de tráfico internacional dos irmãos Martins e do clã Mota dava muita propina a policiais da Senad, do Paraguai

EDUARDO MIRANDA

Saiba

Dois chefões estão foragidos

Valter Ulisses Martins e Antônio Joaquim Mendes Gonçalves da Mota são dois dos chefões do esquema de tráfico internacional que estão foragidos. Eles escaparam da PF, que não cumpriram os mandados de prisão.

Mansão de um dos irmãos Martins no residencial Porto Madero, condomínio fechado em Dourados

DROGA NO PERU

RASTREAMENTO

NEGÓCIO LUCRATIVO

Fonte: Correio do Estado, ano 71, nº 22.464, 27 de junho de 2024. [Versão digital]. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/edicao-impressa/listar/p/7/. Acesso em 05 de set. 2024.

Figura 10: Matéria "Conta de luz pode ficar até R$72 mais cara neste mês no Estado", de 01/07/2024, no site Correio do Estado.

BANDEIRA AMARELA

A+ A-

Conta de luz pode ficar até R$ 72 mais cara neste mês no Estado

Após 26 meses, Aneel anuncia cobrança extra na energia em decorrência do período de estiagem no País

EVELYN THAMARIS E SÚZAN BENITES
02/07/2024 - 08h30

Nos siga no Google News

Até junho deste ano as faturas de energia possuíam bandeira tarifária na cor verde e por isso não contavam com custo extra - Foto: Gerson Oliveira

Participe do grupo do **Correio do Estado** no **WhatsApp** e receba as notícias do dia direto no seu celular.

PICHAU

MAIS LIDAS

1
ELEIÇÕES 2024 / 1 DIA
Candidato a prefeito em MS admite elo com narcotráfico e prostituição

2
AMAMBAI (MS) / 1 DIA
Marido mata esposa a facadas na frente dos três filhos

Fonte: Site Correio do Estado. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/conta-de-luz-pode-ficar-ate-r-72-mais-cara-neste-mes-no-estado/432617/#:~:text=BANDEIRA%20AMARELA-,Conta%20de%20luz%20pode%20ficar%20at%C3%A9%20R%24%2072,cara%20neste%20m%C3%AAs%20no%20Estado&text=A%20Ag%C3%AAncia%20Nacional%20de%20Energia,tarif%C3%A1ria%20incidir%20sobre%20a%20conta . Acesso em: 05 set. 2024.

Figura 11: Matéria "Conta de luz pode ficar até R$72 mais cara neste mês no Estado", de 01/07/2024, no jornal impresso (versão digitalizada).

ECONOMIA

Aponte a câmera do celular para o código ao lado para acessar outras notícias de Economia no Portal
economia@correiodoestado.com.br

CORREIO DO ESTADO
TERÇA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 2024 | 5

BANDEIRA AMARELA

Conta de luz pode ficar até R$ 72 mais cara neste mês no Estado

Após 26 meses, Aneel anuncia cobrança extra na energia em decorrência do período de estiagem no País

EVELYN THAMARIS
SÚZAN BENITES

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou que neste mês foi acionada a bandeira amarela na cobrança de energia elétrica. O acionamento da tarifa extra entra em vigor após 26 meses desde a última bandeira tarifária incidir sobre a conta. A taxa deve impactar em aumento de até R$ 72 na conta de luz dos consumidores sul-mato-grossenses.

Conforme comunicado divulgado pela Aneel, a ação ocorre em razão das condições menos favoráveis para geração de energia no País. A previsão de chuvas abaixo da média até o fim do ano (em cerca de 50%) e a expectativa de crescimento da carga e do consumo de energia no mesmo período, somado ao inverno com temperaturas

GERSON OLIVEIRA

Até mês passado, as faturas de energia tinham bandeira tarifária verde e, por isso, não contavam com custo extra

BOLETIM FOCUS

Mercado eleva previsão da inflação de 3,98% para 4%

AGÊNCIA BRASIL

Pela oitava semana seguida, a previsão do mercado financeiro para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – considerado a inflação oficial do País – teve elevação, passando de 3,98% para 4% este ano.

A estimativa está no Boletim Focus de ontem, pesquisa divulgada semanalmente pelo Banco Central (BC), com a expectativa de instituições financeiras para os principais indicadores econômicos.

Para o ano que vem, a projeção da inflação também subiu: de 3,85% para 3,87%. Para 2026 e 2027, as previsões são de 3,6% e 3,5%, respectivamente.

A estimativa para este ano está acima da meta de inflação, mas ainda dentro de tolerância, que deve ser perseguida pelo BC. Definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), a meta é 3% para este

Fonte: Correio do Estado, ano 71, nº 22.465, 02 de julho de 2024. [Versão digital]. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/edicao-impressa/listar/p/10/. Acesso em 05 de set. 2024.

Conclui-se que das cinco manchetes publicadas no site e no jornal impresso Correio do Estado, durante o período de observação participante, entre os dias 26/06/2024 e 02/07/2024, quatro possuem o mesmo conteúdo textual e imagético. Apenas na matéria "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil", publicada no site no dia 26/07/2024 e na versão impressa do dia 27/07/2024, foi adicionado um infográfico no impresso. Entende-se que essa mudança, ainda que timidamente, configura a prática de *repurposing*.

Quanto às redes sociais, no *Facebook,* via de regra, como pode ser observado no mesmo período, são publicados links para as matérias do site, como verifica-se na figura 00 a seguir:

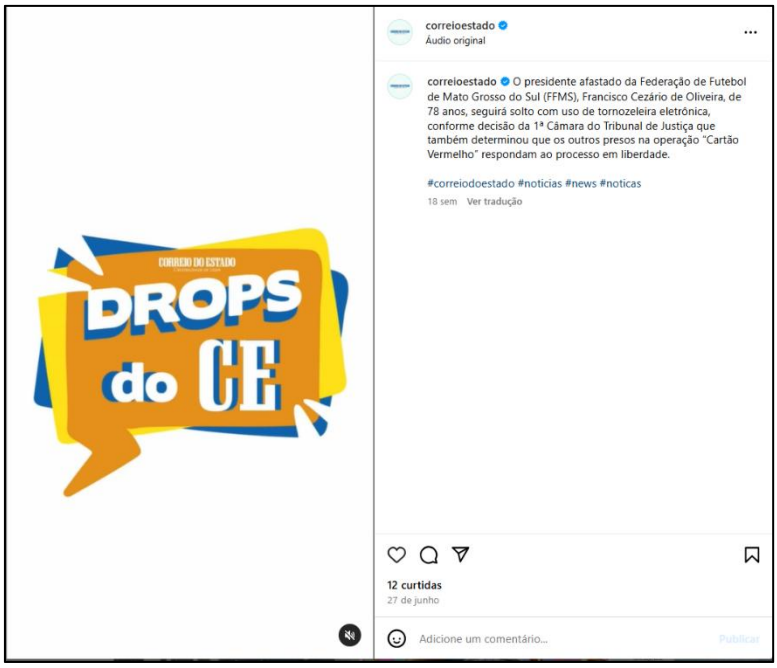
Figura 12: Captura de tela da postagem da página do *Facebook* do Correio do Estado em 30/06/2024.

Fonte: Captura de tela da página Correio do Estado. Disponível em: https://www.facebook.com/correiodoestado. Acesso em: 07 nov. 2024.

Já no perfil do *Instagram* do Correio do Estado são publicados frequentemente notícias do site, além de vídeos de "especialistas" sobre temas em pauta, colunistas e vídeos curtos (Figura 00), intitulados "Drops do CE", nos quais uma jornalista comenta notícias em

destaque. Além disso, no *Instagram* são publicadas as capas do jornal impresso, como pode-se visualizar na figura 14.

Figura 13: Captura de tela do "Drops do CE" publicado no perfil do *Instagram* do Correio do Estado em 27/06/2024.



Fonte: Perfil no *Instagram* do Correio do Estado. Disponível em: https://www.instagram.com/correioestado/ . Acesso em 07 nov. 2024.

Figura 14: Captura de tela da publicação de 27 junho de 2024, no perfil do *Instagram* do Correio do Estado.

Fonte: Perfil no *Instagram* do Correio do Estado. Disponível em: https://www.instagram.com/correioestado/. Acesso em 07 nov. 2024.

Acredita-se que, com exceção dos materiais publicados no *Instagram*, não foram feitas adaptações quanto aos recursos e ferramentas específicas das plataformas. Por conseguinte, constata-se que o Correio do Estado ainda não adaptou seus conteúdos às possibilidades oferecidas pelas plataformas, deixando de aproveitar recursos que poderiam potencializar e dinamizar suas estratégias de distribuição, mas permanece atuando de forma convencional.

Silva (2014) conclui em sua pesquisa que o Correio do Estado desenvolvia uma estratégia de distribuição multiplataforma muito semelhante uma década atrás, realizando apenas a transposição de seus conteúdos para outras plataformas sem adaptações. Percebeu-se que, dez anos depois, ocorreram poucas mudanças nesse sentido, pois foi possível verificar apenas duas adaptações aos recursos das plataformas entre os conteúdos viabilizados no período da pesquisa empírica. Verificou-se que a convergência no Correio do Estado, em consonância com o que foi debatido por Silva (2014), se desenvolve de forma parcial e residual. Acredita-se que embora o veículo apresente características da pós-convergência, como a hiperconexão e a hipermediação, devido a limitação de recursos humanos e financeiros, em seu contexto regional, práticas como a criação de conteúdos específicos para cada plataforma ainda não são adotadas pela empresa jornalística.

6.2.2. Subcategoria 2: a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7

Por meio dos dados analisados, pode-se concluir que formalmente, inclusive por entraves trabalhistas, o jornal não trabalha com a produção de conteúdos em um ciclo contínuo 24/7. Contudo, nas entrevistas, os jornalistas ressaltaram que embora não seja exigido pela empresa o trabalho além do expediente, estes realizam atividades laborais em horários nos quais não estão na redação. Além disso, destacaram que se sentem sobrecarregados, devido à ideia de aceleração no ritmo da vida cotidiana, percebida por meio da rapidez com que as informações são recebidas e devem ser publicadas, bem como pela necessidade de conexão constante. Essa informação vai ao encontro da ideia de que o tempo, que em épocas anteriores, era orientado pelas tarefas domésticas e atualmente é regido pelo relógio e pela industrialização (Giddens, 1991), transformando assim as práticas socioculturais que passam a refletir essa aceleração (Rosa, 2009).

Infere-se que a aceleração do tempo social, impulsionada pela industrialização e pela

modernização das tecnologias de comunicação e informação, passa a se refletir na vida cotidiana dos profissionais. Isto é, trata-se propriamente de uma reconfiguração no sentido de cotidiano. Isso também se relaciona às ideias de que a "aceleração do ritmo de vida" e a consequente "falta de tempo" são resultados do "aumento quantitativo logicamente independente dos processos da aceleração técnica" (Rosa, 2009, p.133). O autor destaca que, na modernidade, o volume de dados e informações produzidas, comunicadas e transportadas é imensamente maior e mais rápido do que em "todas as outras épocas sociais anteriores" (Rosa, 2009, p.133).

Para Sodré (2009), o tempo, quando posicionado sob as regras do capital, passa a ser considerado como uma mercadoria de alto valor, podendo ser comercializado. Nesse sentido, como apontado anteriormente, com base em Bauman (2009), observa-se que essa aceleração está associada à necessidade social, cultural e economicamente estabelecida de aproveitar ao máximo o tempo disponível.

Ademais, a formação da noção de temporalidade moderna está baseada em elementos que são característicos da "calculabilidade e da cotidianidade" (Silva, 2013, p.111). Conforme o pesquisador, esse processo se estabelece a partir da "mensurabilidade e da linearidade" que são integradas à dimensão temporal moderna e resulta em um "padrão mediado pelo ritmo da regularidade" (Silva, 2013, p.111). A dimensão temporal é um dos pilares constitutivos da vida cotidiana (Souza Martins, 2013; Martín-Barbero, 2009; Silva, 2013). Todavia, com base nos resultados obtidos, pode-se perceber marcas da dissolução da noção de regularidade cotidiana, que tem como elementos constitutivos as transformações na sua ritmização e nas mudanças nos padrões contemporâneos de produção e consumo.

Tradicionalmente, a rotina cotidiana era marcada por horários definidos, por atividades estruturadas e por uma separação clara entre o tempo de trabalho e o tempo da vida privada. Com as práticas socioculturais características da era da *Internet*, esses limites começaram a se dissolver, levando à uma reconfiguração nas dinâmicas sociais e profissionais. Nas entrevistas os profissionais afirmaram que realizam atividades de trabalho fora do expediente, motivados pela percepção de que, com as tecnologias digitais de informação e comunicação, o tempo se desenvolve de forma contínua e, com isso, os profissionais precisam estar continuamente atualizados. Além disso, destacaram que se sentem sobrecarregados pela aceleração do ritmo da vida cotidiana e pelo aumento do fluxo de informações. Infere-se que mudanças nos modos de produção também favorecem um

ritmo acelerado de transformação, exigindo que os jornalistas estejam constantemente se adaptando, o que pode resultar em uma sensação de exaustão.

6.2.3. Subcategoria 3: a reorganização das redações

À luz de Salaverría e Negredo (2008), compreende-se que a redação do Correio do Estado não pode ser compreendida, em sua totalidade, como uma redação integrada. A redação integrada é um dos elementos característicos do processo de convergência jornalística e consiste na união de "duas ou mais equipes editoriais em uma única, para que uma vez concluída a integração, a escrita resultante trabalhe em conjunto em um único ambiente físico, sob um único comando editorial e com uma infraestrutura tecnológica comum" (Salaverría; Negredo, 2008, p.51). Embora os profissionais do veículo observado trabalhem em um mesmo ambiente e muitas vezes colaborem entre si, percebeu-se que a forma de atuação permanece dividida por plataformas, pois há profissionais que produzem material apenas para o impresso ou para o *site.*

Salaverría e Negredo (2008) destacam as quatro fases da convergência jornalística, sendo eles: 1) unificação das ferramentas; 2) fusão das salas de redação; 3) reorganização dos métodos de trabalho; 4) linguagens adequadas para cada suporte. Silva (2014) aponta que, em 2014, o Correio do Estado estava na primeira fase da convergência jornalística, na qual as empresas buscam unificar os instrumentos e tecnologias com que os jornalistas trabalham. Foi possível verificar que o Correio do Estado encontrava-se, em 2024, na terceira fase, pois ainda não adequa a linguagem jornalística para as ferramentas e potencialidades de cada plataforma em que atua. Acredita-se que em uma década houve pouca evolução do veículo nesse sentido.

Percebeu-se que a redação do Correio do Estado apresenta apenas de modo residual o conjunto de características da Convergência Jornalística, pois para que o processo aconteça de fato não basta uma nova organização do espaço de trabalho ou a reorganização das funções, mas é necessário aplicar medidas conforme as outras dimensões que envolvem esse processo, sendo elas: a) a dimensão empresarial; b) a tecnológica; c) a profissional; d) a comunicativa (Salaverría e Negredo, 2008). Infere-se que, nesse caso, a redação não apresenta as seguintes características: integração entre meios distintos, produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7 e jornalistas que são *platform-agnostic* (Barbosa,

2009).

6.2.4. Subcategoria 4: jornalistas *platform-agnostic*

Chegou-se à conclusão de que o Correio do Estado não possui profissionais que atuam como *platform-agnostic*. Isso porque os jornalistas produzem materiais, na maior parte das vezes, para uma ou no máximo duas plataformas, de modo que o gerenciamento de redes sociais é realizado por analistas de marketing. Além disso, existem fotógrafos disponíveis na redação. Dessa forma, os repórteres, normalmente, escrevem textos apenas para o jornal impresso ou para o site.

6.2.5. Subcategoria 5: o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais

Durante a pesquisa empírica, não constatou-se o emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais pela redação do Correio do Estado. Embora o hipertexto seja utilizado nas matérias, com o objetivo de estabelecer uma conexão entre temas, o seu emprego não se estende para além disso. Não observou-se o emprego de hipermídia nas publicações do Correio do Estado no período de pesquisa de campo e não foi observada a aplicação da interatividade na produção das matérias. Diante disso, conclui-se que tais elementos não são aproveitados pela redação com emprego de suas potencialidades para a elaboração de conteúdos inovadores.

6.3 Categoria 3: Banco de dados, plataformização e metrificação

De acordo com o referencial teórico utilizado neste estudo, existem ao menos três definições distintas para se referir à aplicação dos bancos de dados no jornalismo. São elas: 1) jornalismo de dados; 2) jornalismo guiado por dados; 3) jornalismo de base de dados (Cassiano e Santos, 2023). Conforme Ribeiro et al. (2018, p. 65), “o jornalismo de dados se refere a utilização de dados como apoio às reportagens”. Destaca-se que a Categoria 3 limita-se a esse conceito.

Durante a observação, pode-se constatar o uso de dados para produzir as notícias. Foi verificado o aproveitamento de informações de bancos de dados de órgãos públicos

municipais, estaduais, federais e de organizações não-governamentais (ONGs). Além disso, pode-se perceber que esses recursos são usados diariamente, sendo empregados como fonte de pesquisa para sugestões de pautas e como base para construção das notícias. Exemplos disso podem ser verificados nas matérias "Pantanal é o bioma que mais secou em 38 anos, mostra pesquisa" (27/06/2024), "Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil" (29/06/2024) e "Fila de espera por benefícios do INSS reduz 30% em seis meses" (29/06/2024).

Para além dos bancos de dados institucionalizados, essas considerações dialogam com as ideias de que "as redes sociais atuam com um duplo papel informativo: como fontes, como filtros ou como espaço de reverberação das informações" (Recuero, 2009, p.11). Entende-se que, no contexto observado, os profissionais também têm lançado mão, frequentemente, das redes sociais como fontes de informação.

Conforme Pereira (2004, p.96), "produzir para a internet é desempenhar a função de *gatekeeper*. Ao selecionar dentre uma infinidade de informações disponíveis - quer na internet, nas agências ou disponibilizadas pelas assessorias - quais devem ser publicadas como notícia". Com base em Neveu (2006), o pesquisador afirma que, tal contexto remete à figura contemporânea do "jornalista sentado", o qual "trabalha com uma infinidade de fontes distintas, muitas delas oferecendo notícias prontas para publicação" e poucas vezes sai da redação para realizar a apuração (Pereira, 2004, p.97). Tal característica foi constatada por meio da pesquisa empírica e vai ao encontro dos apontamentos de Kalsing (2020). Para a autora, com o surgimento de aplicativos e sites que realizam a medição das métricas, as redações jornalísticas começaram a se tornar dependentes desses softwares que disponibilizam dados instantâneos sobre a popularidade dos conteúdos.

No período de observação foi possível constatar que a redação utiliza a plataforma *Marfeel* como ferramenta que realiza a captação e organização de métricas sobre os acessos no site, tempo de leitura em cada matéria e ainda faz sugestões de pautas com base nos temas mais pesquisados e acessados nos sites de busca. Entende-se que tais dados influenciam no processo de decisão dos jornalistas sobre quais temas podem receber tratamento de notícia.

Além disso, durante a pesquisa empírica, os jornalistas comentaram sobre o curso de aperfeiçoamento oferecido pela empresa que teve como temática a ferramenta *Search Engine Optimizer* (SEO), em português "Otimização para motores de busca". Esse curso, conforme relatado pelos jornalistas nas entrevistas, aborda estratégias que os profissionais devem

adotar na produção das notícias para que esses conteúdos alcancem um maior número de pessoas, conseguindo, assim, mais acessos e compartilhamentos e gerando mais engajamento.

6.4 Categoria 4: Elementos da pós-convergência jornalística

6.4.1. Subcategoria 1: hipermediação

Durante a observação participante, foi possível verificar a hipermediação na rotina de trabalho dos jornalistas. Observou-se a produção de notícias sendo realizada a partir de informações publicadas nas redes sociais (*Instagram*) e também a utilização diária de sistemas de inteligência artificial (I.A), como o *ChatGPT*, para a revisão gramatical de notícias, para pesquisas e para a geração de imagens para ilustrar matérias jornalísticas.

A inteligência artificial existe há algum tempo, mais precisamente, desde 1956, ano em que o termo foi registrado pela primeira vez, conforme Barbosa e Bezerra (2020). Contudo, as autoras afirmam que o desenvolvimento de ideias sobre a área data da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo que a primeira produção bibliográfica sobre o tema foi publicada em 1943, por Warren McCulloch e Walter Pitts, que produziram o "artigo sobre estruturas de raciocínio artificiais em forma de modelo matemático que imitam o sistema nervoso humano" (Barbosa; Bezerra, 2020, p.93).

O pesquisador português João Canavilhas (2023a, p.186) destaca que "os impactos da IA no jornalismo já são visíveis há mais de uma década, embora nunca nos tivéssemos dado conta da sua atividade". Canavilhas (2023a, p.189) destaca que a ferramenta *ChatGPT* deu visibilidade a essa tecnologia, pois popularizou a IA por meio de uma plataforma acessível e que está presente na vida cotidiana das pessoas.

Ao refletir sobre a relação entre jornalismo e inteligência artificial é necessário abordar seus desafios e potencialidades. Canavilhas (2023a) entende que a "essência do jornalismo" está em elementos que envolvem, fundamentalmente, a relação entre seres humanos, ou seja, não podem ser substituídos por "uma máquina".

A essência do jornalismo está na recolha de informação desconhecida ou pouco conhecida, na sua interpretação de acordo com padrões éticos e deontológicos, e na sua transformação num conteúdo informativo original e criativo. Acresce o facto de muita desta informação ser fornecida por fontes humanas que se relacionam com os profissionais devido

à confiança e empatia mútuas, algo que não acontece entre um humano e uma máquina. Por tudo isto, e porque "o seguro morreu de velho", as visões mais catastrofistas devem ser bem anotadas, mas o jornalismo deve concentrar-se em fazer bem o que sempre fez (Canavilhas, 2023a, p.188).

Considera-se que as características essencialmente humanas, como a curiosidade, a empatia e a criatividade são elementos que diferenciam o jornalismo produzido pela IA do realizado por seres humanos. Nesse sentido, Canavilhas (2023a) aponta que a criatividade é o elemento fundamental nessa diferenciação. Conforme o pesquisador, "a produção das máquinas resulta do tratamento de informação pré-existente numa base de dados. A novidade pode estar na forma como a máquina combina essa informação, mas não se pode dizer que produza algo original". Ademais, explica Canavilhas (2023a), o algoritmo dos sistemas de inteligência artificial está restrito "a responder a uma solicitação humana, sendo que a forma como o pedido é feito, o *prompt*, faz parte do processo criativo humano. Por isso, a criatividade é o escudo de defesa do jornalista em relação à IA (Canavilhas, 2023a).

Sobre a qualidade do jornalismo em tempos de inteligência artificial, Canavilhas (2023a, p.188) destaca que "o jornalismo exclusivamente algorítmico seria apenas mais um caso de mau jornalismo ou, no mínimo, de jornalismo sem grande impacto na sociedade, o que vai dar ao mesmo". Além disso, essa relação também envolve fatores éticos no que se refere "à atribuição de responsabilidades relacionadas à autoria dos textos", pois "resultam muitas vezes do trabalho conjunto entre os programadores que os desenvolvem e os jornalistas" (Canavilhas, 2023b, p.24). Além disso, há a possibilidade de distorção de informações, porque a automatização da busca de dados pode acabar privilegiando fontes de informação específicas e ocultar outras, disponibilizando "versões parciais dos acontecimentos" (Canavilhas, 2023b, p.24).

Como foi possível perceber, por meio dos dados coletados na pesquisa empírica, a IA é utilizada na redação do Correio do Estado em todas as etapas do processo de produção das notícias, desde a edição de textos, correção gramatical, pesquisas e construção de títulos, até na produção de imagens para ilustrar as matérias. Acredita-se que, no caso estudado, essa tecnologia é empregada como uma ferramenta que auxilia nesse processo.

Ainda sobre os resultados da pesquisa quanto à subcategoria hipermediação, destaca-se que o aplicativo *Whatsapp* é usado com frequência na redação, tanto para o contato com as

fontes, quanto para organizar a rotina de trabalho. Nas entrevistas, o aplicativo foi o mais citado pelos entrevistados. Quando questionados sobre essa categoria, eles destacaram a presença marcante do *Whatsapp* no processo de elaboração das notícias.

Também foi possível verificar a hipermediação na rotina dos jornalistas por meio dos recursos como programas de edição de texto e sistemas de I.A, das plataformas como o *Marfeel* e o *Google Analytics* e aplicativos como o *Whatsapp* e o *Transkriptor*, usados na elaboração das matérias.

Destaca-se que, nesse contexto, particularmente a hipermediação, característica da pós-convergência, se apresenta de forma integral, estando presente em todas as etapas da produção das notícias. Portanto, nesse caso, a hipermediação não se desenvolve de forma residual, mas substancial.

6.4.2. Subcategoria 2: biodigitalidade

De acordo com o observado e com as respostas obtidas nas entrevistas, nas quais todos os entrevistados afirmaram que não fazem uso de nenhum tipo de recurso biodigital para produzir os conteúdos, conclui-se que a redação do Correio do Estado ainda não emprega tais recursos no desenvolvimento de seus materiais.

6.4.3. Subcategoria 3: hiperconexão

Conforme Ramírez (2020, p.20, tradução nossa), a hiperconexão está relacionada "à capacidade de conexão a sistemas digitais de computação e software" e implica a troca constante em rede de informações e dados, como por exemplo os sistemas de GPSs acoplados em *smartphones*.

Quanto à hiperconexão, os entrevistados responderam que costumam se valer de recursos e ferramentas digitais na sua rotina de trabalho e que percebem mudanças na forma como as notícias são apuradas nos últimos dez anos, destacando principalmente a presença do *smartphone*, das redes sociais e do *Whatsapp*. Um dos entrevistados respondeu que sente "dificuldade de ficar off" devido à quantidade e à variedade de informações no meio digital - em um dialogismo com o que foi verificado na Subcategoria 2 (a proposta de conteúdos dentro de um ciclo contínuo) da Categoria 2 (elementos da convergência jornalística).

Na observação, foi possível verificar a presença do *Whatsapp* no trabalho jornalístico, que é utilizado diariamente como forma de se comunicar com fontes ou colegas. Além disso, sites de busca e bancos de dados são empregados para realização da pesquisa e também para sugestão de pautas e os jornalistas se valem das plataformas de inteligência artificial como recurso na produção de notícias. Entende-se que, muitas práticas tradicionais no jornalismo, como a entrevista presencial e a pesquisa "in loco", vem sendo substituídas pelas funcionalidades dos recursos e plataformas digitais.

Nesse sentido, percebe-se também a substituição de práticas tradicionais do jornalismo como a entrevista presencial, por recursos que promovem uma aceleração do trabalho, aumentando o ritmo do processo de produção das notícias. Dessa forma, o *Whatsapp* se mostra como uma ferramenta que corrobora para a ideia de uma possível dissolução da regularidade cotidiana, pois sua dinâmica de funcionamento oportuniza a troca de mensagens com mais de uma fonte e resulta em uma aceleração do processo de apuração noticiosa e, consequentemente, mais matérias são produzidas em menos tempo. Além disso, o fluxo contínuo de mensagens no aplicativo induz os jornalistas a estarem hiperconectados, dificultando a separação entre trabalho e vida pessoal. Já as notificações e interações constantes promovem a percepção de fragmentação do tempo e dificultam a manutenção de uma rotina linear.

6.4.4 Subcategoria 4: hipersimulação

Com base nas respostas das entrevistas (nas quais todos os entrevistados responderam que não usam recursos de hipersimulação na produção de matérias), e também na observação participante na redação, conclui-se que tais recursos ainda não estão presentes na rotina da redação do Correio do Estado.

6.5 Sistematização dos principais resultados

De acordo com a interpretação dos dados alcançados nas 30h de observação na redação do jornal Correio do Estado e por meio das entrevistas com seis jornalistas da empresa, buscou-se responder às seguintes questões previamente estabelecidas:

a. De que maneira se desenvolve uma possível dissolução da noção tradicional de

regularidade como característica central das rotinas produtivas e da própria concepção de cotidiano como padrão cultural da sociedade contemporânea?

Como resposta à primeira pergunta de pesquisa, conclui-se que, uma possível dissolução da noção tradicional da regularidade como característica central das rotinas produtivas foi constatada apenas de forma residual. Ou seja, foram encontrados indícios dessa dissolução tanto nas observações quanto nas entrevistas.

Por meio dos procedimentos de pesquisa foi possível verificar como as práticas sociais e culturais viabilizadas pela presença marcante de recursos digitais, como aplicativos de redes sociais e de mensagens instantâneas, influenciam na percepção do cotidiano, levando os indivíduos a perceberem uma aceleração do ritmo da vida cotidiana, por meio da necessidade de conexão constante e do aumento do fluxo de informações. Por conseguinte, influenciam também nas rotinas de produção, no sentido de que práticas tradicionais do jornalismo passam a ser adaptadas ou substituídas por recursos e técnicas que são característicos do meio digital.

Tais constatações aproximam-se das ideias de Rosa (2009, p.133) sobre a "aceleração do ritmo de vida". O pesquisador aponta que essa percepção está relacionada ao "aumento quantitativo logicamente independente dos processos da aceleração técnica". Conforme Rosa (2009), na modernidade, em relação às épocas anteriores, houve um aumento no volume e na rapidez das informações produzidas, comunicadas e transportadas. Contudo, vale ressaltar que esse processo não pode ser compreendido somente com base no determinismo tecnológico, mas em uma série de fatores históricos, sociais, culturais e econômicos.

Como destaca Souza Martins (2013, p.126), o capitalismo transformou o sentido do trabalho na sociedade moderna, dando origem à concepção de vida cotidiana. Contudo o pesquisador, aponta que a modernidade é composta por "ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada" (Souza Martins, 2013, p.18-19). Conforme o autor, a aceleração do desenvolvimento econômico capitalista ocasionado pela modernidade impactou a sociedade significativamente, nos âmbitos social e cultural, provocando o aumento das desigualdades. Essas transformações influenciaram o surgimento da concepção moderna de vida cotidiana e seus compassos desiguais em termos sociais e regionais.

Pode-se compreender que o desenvolvimento de tecnologias capazes de "acelerar" e

ampliar o fluxo de informações se desenvolve a partir desses fatores, que incluem o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2015) e a otimização das atividades cotidianas. Dessa forma, mais atividades podem ser feitas em menos tempo, ou mais especificamente no caso do jornalismo, os profissionais podem acessar, apurar e produzir maiores volumes de informações em menos tempo.

Já Silva (2013) aponta que "traços históricos e culturais de diferentes naturezas" estão presentes na forma como o homem moderno se relaciona com a cotidianidade (Silva, 2013, p.110). A regularidade cotidiana é abordada pelo pesquisador enquanto "figura de tempo que se estabelece como padrão cultural essencial para o entendimento da sociabilidade moderna" (Silva, 2013, p.117)**.** Com base nas transformações na ritmização da vida cotidiana e nos modos de produção constatadas por meio da pesquisa empírica, é possível argumentar que as transformações sociais, econômicas e culturais proporcionadas pelas novas formas de sociabilidade contemporânea, intensificadas pela evolução tecnológica, são fatores que estão relacionados à "dissolução" da regularidade como padrão sociocultural da segunda metade do século XXI, ainda que em compassos desiguais em termos regionais.

Nesse sentido, entende-se que fatores como a fragmentação das experiências, representada por comunicações instantâneas e descontextualizadas e, muitas vezes, sem profundidade (que ocorrem por meio de aplicativos de mensagens e publicações em redes sociais); o avanço da inteligência artificial (na qual muitas atividades da vida cotidiana passam a ser programadas e administradas por algoritmos); a hiperconectividade e a hipermediação fazem-se relevantes na ideia de "dissolução" da regularidade como característica central das rotinas produtivas e do conceito de vida cotidiana. Esses elementos refletem-se em uma progressiva flexibilização do tempo e do espaço, na aceleração das interações e na fragmentação das experiências humanas.

No contexto dessa pesquisa, a terminologia "residual" refere-se aos traços ou marcas que podem ser constatados por meio dos resultados da pesquisa empírica fundamentada na discussão teórico-conceitual. Tais marcas residuais servem como evidências do processo de dissolução da regularidade cotidiana como característica central das rotinas produtivas e da própria noção de cotidiano. Conclui-se que a mudança de práticas tradicionais do jornalismo, como a entrevista presencial pela utilização de aplicativos de mensagens instantâneas, promove uma percepção de fragmentação do tempo, além de o fluxo contínuo de mensagens estimular a hiperconexão, dificultando a separação entre o tempo do trabalho e o da vida

pessoal. Além disso, outro indício da dissolução da regularidade cotidiana pode ser percebida através das respostas das entrevistas, nas quais os profissionais afirmaram que se sentem sobrecarregados com a quantidade e a aceleração na velocidade do fluxo de informações. Também foi relatado pelos entrevistados a percepção de que houve uma aceleração no ritmo da vida cotidiana. Infere-se que isso ocorra devido à natureza contínua do tempo no meio digital, no qual os profissionais passam grande parte de sua rotina utilizando recursos, plataformas e aplicativos digitais. Nesse contexto, prevalece a sensação de que é indispensável estarem constantemente atualizados e de que o tempo passa mais rápido.

b. Como se desenvolvem possíveis alterações na operacionalização prática das dimensões constitutivas da concepção de noticiabilidade (Shoemaker, 2006; Shoemaker; Cohen, 2006) em um cenário de pós-convergência jornalística?

A noticiabilidade, para Shoemaker (2014, p.16), "é um constructo cognitivo, um julgamento feito pelos seres humanos". Por meio desta pesquisa, constatou-se que o "julgamento individual" (Shoemaker, 2006; Silva, 2013), mas que só se torna compreensível no contexto coletivo da vida cotidiana, permanece como elemento central no processo de noticiabilidade, pois pode-se observar durante a investigação empírica que, muitas vezes, a decisão final sobre o que (ou como) é publicado parte do editor-chefe ou dos demais editores. Contudo, acredita-se que os algoritmos passaram a influenciar profundamente o processo produtivo.

A utilização de plataformas que usam algoritmos para captar e organizar dados, fornecendo uma série de informações sobre os assuntos mais buscados, comentados e compartilhados, mostrou-se determinante para a seleção dos acontecimentos que serão transformados em notícias no contexto estudado. Com base nos dados coletados, percebeu-se que plataformas como o *Google Analytics* e a *Marfeel* são usadas diariamente na redação e impactam de forma direta nas decisões dos jornalistas sobre a seleção dos acontecimentos. Ainda assim, pode-se verificar que, mesmo com o manuseio dessas tecnologias, a decisão individual do que tem potencial ou não para ser notícia ainda prevalece, principalmente quando se tratam de acontecimentos em âmbito regional. Esse resultado, converge com a ideia de noticiabilidade enquanto "construção sociocultural" (Silva, 2013).

A hipermediação se configura como um processo no qual uma grande quantidade de dados são "desenvolvidos, processados e configurados em termos pós-convergentes como 'legíveis por humanos'" (Ramírez, 2020). Pode-se constatar que essa característica da pós-

convergência se desenvolve na redação do Correio do Estado em sua integralidade. Além disso, entende-se que esse processo envolve o avanço da inteligência artificial e sua utilização na redação com os mais diversos fins, desde a correção gramatical até a criação de imagens. Ademais, acredita-se que a hipermediação também envolva a ampliação do papel dos algoritmos, os quais são utilizados pelos jornalistas por meio de plataformas digitais que reúnem e disponibilizam dados sobre os assuntos mais buscados, acessados e compartilhados. Essas informações geram alterações na operacionalização prática das dimensões constitutivas da concepção de noticiabilidade nesse contexto, impactando as decisões dos jornalistas sobre quais assuntos têm potencial para se tornarem ou não notícias.

A hiperconectividade se refere à ubiquidade dos pontos de acesso às mídias pós-convergentes, ou seja, sua onipresença na vida cotidiana moderna (Ramírez, 2020). Isso afeta aspectos constitutivos da noticiabilidade por meio de elementos como a ampliação da velocidade com que as notícias são publicadas e a atualização contínua. Nesse cenário, os jornalistas passam a se sentir sobrecarregados devido à percepção de que as notícias precisam ser produzidas e publicadas cada vez mais rapidamente. Além disso, a fragmentação das experiências, processo pelo qual as notícias são consumidas por meio de pequenos trechos, como manchetes ou publicações em redes sociais, leva os profissionais a priorizarem o impacto mais imediato, evitando análises mais complexas. Ademais, a hiperconectividade alimenta os sistemas que utilizam algoritmos para personalizar os conteúdos com base nos interesses dos interagentes, esse fator influencia no tipo de conteúdo que cada pessoa terá acesso.

Por fim, enfatiza-se que as demais características da convergência não são verificadas no caso estudado, sem interferir diretamente, portanto, na operacionalização do conceito de noticiabilidade no Correio do Estado.

c. De que forma se verifica, no âmbito das redações regionais, marcadas por suas intrínsecas peculiaridades, uma hipotética materialização, concreta ou residual, das características da pós-convergência (Nash, 2013; Fargerjord, 2010; Ramírez, 2020) jornalística?

Destaca-se, como supramencionado, que manifestações residuais da pós-convergência jornalística foram constatadas por meio da pesquisa. Pode-se verificar que a redação do Correio do Estado apresenta duas das quatro características da pós-convergência, sendo elas a hipermediação e a hiperconexão. A presença das categorias hipersimulação e

biodigitalidade não foram constatadas durante a observação e as entrevistas.

Observa-se também que a redação do Correio do Estado não pode ser considerada uma redação integrada em sua integralidade, pois embora os profissionais compartilhem o mesmo espaço físico, a maior parte dos profissionais atua para uma ou no máximo duas mídias (site e jornal impresso). Dessa forma, não há profissionais *platform-agnostics*, nem produção de conteúdo em um ciclo contínuo de 24h/7 e a maior parte é publicada em *shovelware*, ou seja, sem a adaptação às potencialidades de cada plataforma.

Barbosa (2009) afirma que a convergência jornalística é um processo que está sujeito a gradações e se desenvolve em evolução contínua. Assim, embora a redação observada não apresente todos os elementos característicos dessa "subconvergência", já apresenta marcas residuais de características centrais da pós-convergência. Entende-se que o caso estudado encontra-se em uma fase de transição entre esses dois "períodos". Isto ocorre, pois a empresa ainda tenta manter a prática jornalística "tradicional", na qual o impresso tem papel central e as plataformas e recursos digitais ainda não são aproveitadas em todo o seu potencial, mas já começa a agregar ferramentas tecnológicas e práticas socioculturais inerentes ao ambiente digital. Destaca-se que, nas discussões acadêmicas, essas potencialidades são compreendidas como realidade, embora as tecnologias realmente estejam disponíveis, ocorre uma certa inconclusão no "mundo vivido" caracterizado por outras temporalidades (Souza Martins, 2013), por exemplo, no jornalismo regional do MS, que é permeado por lógicas econômicas, políticas e sociais particulares e afetado pela crescente precarização da profissão de jornalista.

Como destacado anteriormente, Barbosa (2009) menciona que "em nome da convergência" muitas empresas jornalísticas instituíram a prática com o objetivo de realizar reduções nos custos, diante da crise econômica. Infere-se que, embora outras empresas tenham seguido esse caminho (no qual os profissionais são responsáveis por produzir conteúdos para todas as plataformas, fotos e vídeos), o Correio do Estado, mesmo tendo diminuído significativamente o número de jornalistas nos últimos anos, conta com fotógrafos profissionais para produção de imagens e analistas de marketing para gerenciar redes digitais. Dessa forma os jornalistas são responsáveis apenas pela produção das matérias.

A modernidade no Brasil e em países da América Latina é caracterizada por Souza Martins (2013) como anômala e inconclusiva. Isso significa que, nesses locais, a modernidade se desenvolve de forma fragmentada e contraditória, pois elementos

característicos dela convivem com estruturas tradicionais. Além disso, há um processo de hibridização, no qual "o novo" não substitui "o velho" e estes convivem de maneira conflituosa ou complementar. Souza Martins (2013) entende a modernidade como um fenômeno complexo e desigual, em contraponto a concepção de globalização, que unifica e homogeniza a diversidade humana.

> A modernidade, porém, não é feita pelo encontro homogeinizante da diversidade do homem, como sugere a concepção de globalização. É construída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial a reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos (Souza Martins, 2013, p.18-19).

Diante disso, compreende-se que o estágio entre convergência e pós-convergência constatado na redação jornalística do Correio do Estado relaciona-se com o conceito de "modernidade anômala" (Souza Martins, 2013), pois nesse contexto, características da pós-convergência, como a hipermediação e a hiperconexão se manifestam, ao mesmo tempo, que há elementos da convergência jornalística que não são desenvolvidos, como a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7, a presença de jornalistas *platform agnostic* e a adaptação dos conteúdos aproveitando as potencialidades das diferentes plataformas, bem como, a presença de cenários típicos de sobrecarga e precarização da produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho desenvolveu-se um estudo com o objetivo principal de investigar de que modo uma suposta ideia de dissolução da regularidade da vida cotidiana e a pós-convergência jornalística, enquanto processos socioculturais complexos, podem impactar em aspectos das dimensões da noticiabilidade no vértice do campo profissional em uma realidade regionalizada.

Quanto à organização dos capítulos, o estudo dividiu-se em seis partes. A primeira contém a metodologia, na qual é apresentado o modelo metodológico de pesquisa em comunicação desenvolvido por Lopes (2003) e expõe-se o itinerário da pesquisa e os procedimentos empregados na investigação. Esse modelo metodológico é composto por quatro instâncias: a) epistemológica; b) teórica; c) metódica; d) técnica. As fases metodológicas são divididas em operações: 1) definição do objeto, por sua vez composto por problema de pesquisa, quadro teórico de referência e hipóteses; 2) observação, formada pela amostragem e pelas técnicas de coletas; 3) descrição, composta pela análise descritiva; 4) interpretação, constituída pela análise interpretativa.

A segunda parte da tese, foi dividida em três capítulos que desenvolvem a discussão teórico-conceitual. No primeiro capítulo da segunda parte, reflete-se sobre os temas da modernidade, da pós-modernidade e da vida cotidiana, analisando aspectos históricos, sociais e culturais desses conceitos, com base principalmente em Berger e Luckmann (1985), Souza Martins (2013), Sodré, (2019), Silva (2013), Heller (2016), Martín-Barbero (2003), Giddens (1991), Lipovetsky (2005), entre outros.

No segundo capítulo da segunda parte discutiu-se as diversas interpretações acerca do conceito de noticiabilidade ao longo do tempo, especialmente, a partir das ideias de Wolf (2005), Silva (2005), Shoemaker (2014), Shoemaker e Cohen, 2006, Sodré (2009) e Silva (2013). Abordaram-se principalmente a ideia da noticiabilidade como construção sociocultural inscrita nas engrenagens da vida cotidiana (Sodré, 2009; Silva, 2013).

No terceiro capítulo da segunda parte, reflete-se sobre os conceitos de cultura da convergência (Jenkins, 2001; 2008), convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008; Barbosa, 2009) e pós-convergência (Ramírez, 2020; Fagerjord, 2010; Nash, 2013), problematizando-os enquanto processos socioculturais e econômicos em evolução contínua, que buscam refletir sobre dinâmicas culturais que envolvem os cenários tecnológico e

midiático.

Na terceira parte do trabalho foi exposto o percurso desenvolvido na pesquisa empírica, realizada com base na discussão teórica-conceitual e na metodologia selecionada. Foi realizada uma investigação empírica, por meio de observação participante, na redação da empresa jornalística Correio do Estado, e da realização de entrevistas semiestruturadas com seis jornalistas desse veículo jornalístico de Mato Grosso do Sul, um dos mais representativos do Mato Grosso do Sul. A observação participante proporcionou a captação de dados em 30 horas de pesquisa, divididas em seis dias, de 26 de julho a 02 de julho de 2024, que incluíram dias úteis e um plantão de fim de semana, conforme previsto no conjunto de procedimentos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS.

As entrevistas foram realizadas no mesmo período, com seis jornalistas da empresa jornalística. O objetivo dessa fase da pesquisa foi verificar possíveis alterações na operacionalização das dimensões constitutivas da ideia de noticiabilidade, proporcionadas pelas transformações na ritmização da vida cotidiana e nos processos de produção representados pela ideia de uma eventual pós-convergência jornalística, buscando identificar suas manifestações e marcas residuais neste cenário regional específico.

Em síntese, a partir de pesquisas realizadas anteriormente, esta tese desenvolveu uma investigação sobre possíveis alterações nos processos de noticiabilidade em um cenário de pós-convergência jornalística. Para tanto, conduziu-se uma reflexão teórica e empírica a fim de investigar sobre como a pós-convergência se caracterizaria como um processo sociocultural dialeticamente tensionado pela alteração estrutural no ritmo e na rotinização da vida cotidiana contemporânea, e que, consequentemente, pode-se levar a transformações na dinâmica da noticiabilidade. Além disso, analisou-se o conceito de vida cotidiana com base no pressuposto de que diante da hipotética dissolução da noção de temporalidade regular proporcionada pelas transformações na ritmização do viver e pelas mudanças nos modos de produção capitalista contemporâneo ocorrem impactos nos processos de noticiabilidade.

Nesse contexto, o desenvolvimento da pesquisa se baseou em duas hipóteses centrais, sendo elas: 1) a possível “fragmentação” do conceito tradicional de vida cotidiana percebido no universo do jornalismo, com a dissolução da noção de regularidade a partir das transformações na sua ritmização e das mudanças nos padrões de produção; 2) a ideia de que a pós-convergência enquanto processo sociocultural impacta na operacionalização prática das dimensões constitutivas da noticiabilidade (Shoemaker, 2006; Shoemaker, Cohen, 2006;

Silva, 2013).

Entre os resultados alcançados por essa pesquisa destaca-se que o processo de noticiabilidade na redação jornalística estudada envolve as dimensões clássicas de desvio e de significância social (Shoemaker e Cohen, 2006) e a tomada de decisão com base na disponibilidade das ocorrências cotidianas e a respectiva adequação na proposta editorial do veículo regional (Gans, 2004). Confirma-se a ideia de que a noticiabilidade não se refere às características intrínsecas de um acontecimento, mas ao julgamento pessoal, inscrito na construção de sentido coletivo da vida cotidiana, que determina se esse acontecimento tem potencial para se tornar notícia no espaço simbólico da redação, baseado nas dimensões do desvio e da significância social (Shoemaker, 2014). Constatou-se ainda que os acontecimentos relacionados ao contexto local e regional sofrem menos influência de algoritmos e métricas digitais no processo de noticiabilidade. A maior parte dos acontecimentos locais selecionados para serem noticiados são baseados em informações diretas de fontes, de outros jornais ou de sites locais, de documentos oficiais e de relatórios disponibilizados em bancos de dados. Dessa forma, as dimensões da noticiabilidade, como o desvio e significância social, envolvem aspectos que abarcam o contexto socioeconômico e cultural nas especificidades do Mato Grosso do Sul e de seus jogos de forças. Assim, acredita-se que o processo de noticiabilidade no contexto Sul-mato-grossense também é moldado, sobremaneira, pelas suas particularidades culturais, econômicas e sociais.

Identificou-se ainda que, de forma residual, as transformações em curso no processo de noticiabilidade em um contexto peculiar de pós-convergência jornalística. Observa-se que, embora elementos como as dimensões do desvio e da significância social continuem a ser determinantes no processo decisório relacionado à noticiabilidade, outros fatores em diferentes ritmos e etapas, têm ganhado influência nesse cenário, como o uso de plataformas que empregam algoritmos para coletar e organizar dados.

Em comparação com pesquisa realizada por Silva (2014), foi possível verificar que, dez anos depois, ocorreram poucas mudanças na estratégia de distribuição multiplataforma do Correio do Estado. Verificou-se que a convergência no Correio do Estado, tem se desenvolvido de forma parcial e residual. Acredita-se que embora o veículo apresente características da pós-convergência, como a hiperconexão e a hipermediação, devido a limitação de recursos humanos e financeiros, e a consequente precarização do mercado regional, práticas como a criação de conteúdos específicos para cada plataforma ainda não

são adotadas pelo veículo. Além disso, foi possível perceber a substituição de práticas tradicionais do jornalismo, como a entrevista presencial, por recursos que promovem uma aceleração do trabalho, aumentando o ritmo do processo de produção das notícias.

Compreende-se que o estágio entre convergência e pós-convergência constatado na redação jornalística do Correio do Estado relaciona-se com o conceito de "modernidade anômala" (Souza Martins, 2013). Nesse contexto, características da pós-convergência, como a hipermediação e a hiperconexão, se manifestam ao passo em que há elementos da convergência jornalística que não são desenvolvidos, como a produção de conteúdos dentro de um ciclo contínuo 24/7, a presença de jornalistas *platform agnostic* e a adaptação dos conteúdos aproveitando as potencialidades das diferentes plataformas.

Diante de tudo que foi apresentado, acredita-se ser possível responder as perguntas de pesquisa que norteiam o desenvolvimento do estudo e contribuíram para a sistematização dos resultados apresentados. São elas:

1) Considerando que a dimensão temporal é um dos pilares constitutivos da vida cotidiana (Souza Martins, 2013; Martín-Barbero, 2009; Silva, 2013), diante da hipótese de dissolução da regularidade, a partir das transformações na sua ritmização e das mudanças nos padrões contemporâneos de produção e consumo, a própria concepção tradicional de vida cotidiana ainda faz sentido como conceito aplicável na sociedade contemporânea e qual o impacto disso na noticiabilidade?

Pode-se afirmar, a partir dos dados captados e analisados, que a concepção tradicional de vida cotidiana ainda é um conceito aplicável na sociedade contemporânea. Contudo foi possível perceber indícios do processo de dissolução da regularidade como característica central das rotinas produtivas e da própria concepção de cotidiano como padrão cultural da sociedade contemporânea.

Com base na análise dos dados, observa-se que os entrevistados percebem mudanças no ritmo de suas vidas, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Entre outros aspectos, o aumento da velocidade e do volume de informações cria a sensação de que o tempo disponível é insuficiente diante da grande quantidade de conteúdo digital acessível.

Acredita-se que a fragmentação proporcionada pela dinâmica das relações sociais, o avanço da inteligência artificial e dos algoritmos, a hiperconexão, a hipermediação, são elementos que compõem a ideia de "dissolução" da regularidade como característica central das rotinas produtivas e do conceito de vida cotidiana. Tais fatores se traduzem em uma

progressiva flexibilização do tempo e do espaço, na aceleração das interações e na fragmentação das experiências humanas.

2) Como a pós-convergência, enquanto processo sociocultural, impacta nas dimensões da concepção de noticiabilidade neste contexto regional?

Os resultados da observação participante e das entrevistas semiestruturadas demonstraram que as práticas profissionais mudaram significativamente nos últimos dez anos e que atualmente os jornalistas se valem de uma série de recursos, aplicativos e plataformas digitais no processo de produção das notícias. Entende-se que muitas práticas tradicionais do jornalismo foram substituídas ou adaptadas no contexto atual.

Por meio da investigação, pode-se constatar que, embora o Correio do Estado ainda não possua todas as características da convergência jornalística, este apresenta marcas residuais de elementos característicos da pós-convergência, como a hipermediação e a hiperconexão. Acredita-se, com base em Barbosa (2009), que a convergência e a pós-convergência estão em "evolução contínua" e sujeitos a "gradações", dessa forma, entende-se que o veículo encontra-se em uma fase de transição entre a convergência e a pós-convergência, porém ainda com aspectos cristalizados de um "atraso" condizente com o jornalismo tradicional (a degradação gradual das condições de trabalho se inscrevem nesse escopo, bem como as relações de hierarquia intra e extra-organizacional desta empresa tradicional e ligada uma lógica conservadora na região).

Além disso, chegou-se à conclusão de que o processo de noticiabilidade permanece sendo, essencialmente, um processo social e culturalmente construído (Silva, 2013) que tem como elemento central o julgamento individual, com base nas dimensões do desvio e da significância social (Shoemaker, 2006), mas sempre inscrito em uma dimensão coletiva do viver. Acredita-se que no contexto do capitalismo de dados, o emprego, por empresas jornalísticas, de plataformas digitais que utilizam algoritmos para reunir, organizar e disponibilizar dados sobre número de buscas, acessos, reações e compartilhamentos, influenciam no processo de noticiabilidade, e por conseguinte, impactam nas decisões individuais dos jornalistas. Contudo, percebeu-se que quando se trata de um acontecimento local, essa influência tem menos impacto.

Considerando o mencionado, constata-se que o objetivo geral deste estudo foi atingido a partir da discussão teórica-conceitual e da interpretação dos resultados da observação participante e das entrevistas semiestruturadas. Portanto, por meio dessa pesquisa,

foi possível perceber indícios de alterações no processo de noticiabilidade e verificar manifestações residuais da pós-convergência no jornalismo regional do Mato Grosso do Sul.

Infere-se que aspectos da noticiabilidade tem sido influenciados, mesmo que de forma residual no cenário estudado, por fatores como: a) a ampliação da utilização na redação de plataformas que utilizam algoritmos para reunir e disponibilizar dados sobre temas mais acessados, compartilhados e buscados; b) o emprego de sistemas de inteligência artificial para a produção de conteúdos noticiosos; c) a popularização de mensagens instantâneas com o *Whatsapp*, para a realização de contatos com fontes, pesquisas e entrevistas. Além disso, entende-se que a hiperconectividade, prática sociocultural característica da pós-convergência, intensifica a sensação de aceleração do ritmo da vida cotidiana. Essa dinâmica reflete diretamente no trabalho dos jornalistas, que se sentem sobrecarregados pela necessidade de produzir notícias em maior volume e velocidade, enquanto permanecem constantemente atualizados. Dessa forma, foi possível constatar indícios da dissolução da regularidade da vida cotidiana por meio: a) da fragmentação das rotinas e interações; b) da aceleração do ritmo de trabalho; c) da sobrecarga do fluxo de informações; c) da atualização contínua; d) das mudanças nas formas de produção e consumo das notícias.

Como limitação deste estudo, destaca-se o fato de a pesquisa ter sido conduzida exclusivamente em uma única redação. Durante o processo de seleção das redações a serem analisadas, foram contatados outros dois veículos de comunicação, no entanto, apenas o Correio do Estado se disponibilizou a participar da pesquisa.

Acredita-se que esse estudo pode contribuir com pesquisas posteriores ao proporcionar uma discussão teórico-conceitual sobre a pós-convergência, tema ainda pouco estudo no Brasil, bem como suscitar novas proposições sobre o conceito de pós-convergência jornalística apresentado neste trabalho, uma de suas principais contribuições. Além disso, pode servir como ponto de partida para investigações que busquem analisar possíveis transformações no processo de noticiabilidade no contexto da pós-convergência e auxiliar pesquisadores que buscam informações sobre o contexto das práticas jornalísticas em Mato Grosso do Sul, contribuindo para a ampliação das pesquisas nessa área. Ademais, acredita-se que os resultados dessa pesquisa podem suscitar outras discussões acerca da utilização da inteligência artificial e dos algoritmos no jornalismo regional de Mato Grosso do Sul.

Por todas as razões expostas, considera-se que esta pesquisa contribui com os estudos sobre os temas que aborda, apesar de não os esgotar. Como possíveis desdobramentos da

pesquisa, apontam-se: a) ampliar o número de veículos observados e de entrevistas a fim de expandir a coleta de dados; b) expandir a investigação sobre a utilização da Inteligência Artificial no jornalismo de Mato Grosso do Sul; e c) aprofundar a compreensão, nos campos sociológico e antropológico, da sobreposição de ritmos e temporalidades desiguais no avanço do modo de produção capitalista contemporâneo em uma região com as características moldados pelo agronegócio.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo Corrêa. Kairós e Chronos: Origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil**, v. 69, n. 7, p. 48-57, 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf. Acesso: 04 jan. 2023.

ARAÚJO, Mariah de Almeida. **Convergência Jornalística**: A Produção de Conteúdo no Núcleo Multiplataforma de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BARBOSA, Sílvio Henrique Vieira; MASSAROLO, João Carlos. Docugame: a gamificação do webdoc Vale do rio de lama. **Research gate**, 2021, p.206-2016, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Joao-Massarolo/publication/357208074_DOCUGAME_A_GAMIFICACAO_DO_WEBDOC_VALE_DO_RIO_DE_LAMA/links/62027b4a4d89183b338cdebc/DOCUGAME-A-GAMIFICACAO-DO-WEBDOC-VALE-DO-RIO-DE-LAMA.pdf. Acesso em: 23 abril 2023.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In CANAVILHAS, João [org]. **Notícias e mobilidade**, p. 33-54, Covilhã: Livros Labcom, 2013.

BARBOSA, Suzana. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para a integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo online**: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009, p. 35-55.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital em base de dados (JDBD):** um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. 2007. 329f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia. 2007.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo digital e bases de dados: mapeando conceitos e funcionalidades. **SOPCOM: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, p.1310-1321, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BELL, Emily J. et al. **The platform press**: How Silicon Valley reengineered journalism. Columbia Journalism School, 2017. Disponível em: https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8R216ZZ . Acesso em: 06 nov. 2024.

BELOCHIO, Vivian; ZAGO, Gabriela. Franquias Jornalísticas e Dispositivos Autóctones: potencialização da lógica transmídia no jornalismo para tablets. *In* **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom**. 2014.

BREED, Warren. Controlo social na redacção. Uma análise funcional. *In* **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, p. 152-166, 1993.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para

o jornalismo. **Brazilian journalism research**, v. 10, n. 2, p. 224-247, 2014. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315. Acesso em: 22 mar. 2023.

CAMPO Grande News. Página inicial. Campo Grande, 2023. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/. Acesso em: 03 out. 2023.

CASSIANO, Kátia; SANTOS, Ícaro Gonçalves dos. O jornalismo de dados e a credibilidade jornalística. **Revista Latino-americana de Jornalismo**. Ano 10. v 10. n 2. João Pessoa, JUL./DEZ. 2023, p. 127 a 145.

CANAVILHAS, João. "A criatividade é o escudo de defesa do jornalista em relação à IA". [Entrevista concedida a] Branco di Fátima. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 20, n.1, p.187-193, 2023a.

CANAVILHAS, João. Produção automática de texto jornalístico com IA: contributo para uma história. **Textual & Visual Media**, v. 17, n. 1, p. 22-40, 2023b.

CANAVILHAS, João; TORRES, Vitor; LUNA, Diógenes de. **Da audiência presumida à audiência real:** influência das métricas nas decisões editoriais dos jornais online. Imprensa da Universidade de Coimbra: 2016. Disponível em: https://ap1.sib.uc.pt/handle/10316.2/39192. Acesso em: 09 de nov. 2024.

CLEMENS, Justin; NASH, Adam. Seven theses on the concept of post-convergence. **Academia.** Disponível em: https://www.academia.edu/27057333/Seven_theses_on_the_concept_of_post_convergence. Acesso em: 20 abril 2023.

CORREIO do Estado (Online). **Quem somos**. Campo Grande, 2023. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/quem-somos/. Acesso em: 03 out. 2023.

DAL MORO, Nataniel. **O pensar da elite sobre o povo comum:** Espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70). 2012. 310f. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

DE CASTRO BARBOSA, Xênia; BEZERRA, Ruth. Breve introdução à história da Inteligência Artificial. **Jamaxi**, UFAC, ISSN 2594-5173, v. 4, n. 1, 2020.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando? **Parágrafo**, v. 4, n.2, p. 7-21, 2016.

FAGERJORD, Anders. After convergence: YouTube and remix culture. **International handbook of Internet research**, (s/l), p. 187-200, 2010.

FAGERJORD, Anders. Four Axes of Rhetorical Convergence. **Dichtung Digital**. Journal für Kunst und Kultur digitaler Medien., n.30, v.5. p.1–45, Marburg: Alemanha, 2003. Disponível em: https://d-nb.info/1251153399/34. Acesso em 23 set. 2023.

FÁVARO, Armando. **Processo de produção jornalístico**: a edição no fotojornalismo pós convergência das mídias. 2009, 173p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de estudos pós-graduados em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2013.

FENELON, Tais Marina Telarolli. A televisão aberta em Campo Grande na era digital. In: FERNANDES, Mario Luiz; PERES, Rafaella Lopes Pereira (Orgs.). **Entre tempos:** 30 anos do curso de jornalismo na UFMS. 1ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2020.

FERNANDES, Mario Luiz. Um perfil do jornal impresso. In: FERNANDES, Mario Luiz; PERES, Rafaella Lopes Pereira (Orgs.). **Entre tempos:** 30 anos do curso de jornalismo na UFMS. 1ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2020.

FONSECA, Rosa. Alexandra. (2020). **A vida mobile no capitalismo de dados**: narrativas de negócios digitais e a constituição do consumidor conectado. Pimenta Cultural. São Paulo.

FORTUNA, Fernanda França. **Perfil do ciberjornalismo em Mato Grosso do Sul** - mapeamento e avaliação dos portais noticiosos. 2014. 136f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. *In* TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Vega, 1993. p.61-73.

GANS, Herbert J. Deciding what's news: A study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time**. Northwestern University Press**, 2004. Disponível em: https://library.uniteddiversity.coop/Media_and_Free_Culture/Deciding_Whats_News-A_Study_of_CBS_Evening_News_NBC_Nightly_News_Newsweek_and_Time.pdf. Acesso em 20 mar 2023.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOIS, Alline Ribeiro de. **Correio do Estado:** porta-voz da ideologia udenista na Ditadura Militar. 2020. 164f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, Fatos e Interesses: Ensaios de teoria do jornalismo**. Ed. Insular: Florianópolis: 2009.

GONÇALVES, Loraine França. **Enquadramento Jornalístico Das Questões Socioambientais Da Serra Da Bodoquena**: uma análise longitudinal do jornal Correio do Estado (2012-2022). Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

GOODY, Jack. **O roubo da história**: como os ocidentais se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Catálogo. **Biblioteca** (online). Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=442011&view=detalhes. Acesso em 03 out. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008

JENKINS, Henry. Convergence? I diverge. **Technology review**, v. 104, n. 5, p.93, 2001.

JURNO, Amanda Chevtchouk; D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. Facebook e a plataformização do jornalismo: um olhar para os Instant Articles. **Revista Eptic**, v. 22, n. 1, p. 179-196, 2020

KALSING, Janaína. **Jornalistas metrificados e a plataformização do jornalismo**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre-RS, 2021. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232189/001133750.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 set. 2023.

LENZI, Alexandre; MARTINS, Gerson Luiz. **Jornalismo nativo digital regional:** um estudo do pioneiro Campo Grande News. Esferas, v. 17, 2020, p. 37-48.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord. Geral); FERREIRA, Fernanda Vasques [et al.]. **Perfil do jornalista do Centro-Oeste 2023** [recurso eletrônico]: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023. Disponível em: https://perfildojornalista.ufsc.br/ . Acesso em: 21 mar. 2024.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord. Geral); MICK, Jacques [et al.]. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: https://perfildojornalista.ufsc.br/ . Acesso em: 21 mar. 2024.

LIMA, Cleidson. **Convergência jornalística nos grupos de comunicação de Campo Grande/MS.** 2014. 99f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio:** ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. In CHARLES, Sébastien; LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004. p.51-101.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. Pós-modernidade. **Comunicação e sociedade**, v.18, p.21-25, 2011. Disponível em: https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1471/1451. Acesso em: 22 dez. 2022.

MANYIKA, James et al. **Big data**: The next frontier for innovation, competition, and productivity. Mckinsey Global Institute: Chicago, Illinois, EUA, 2011. Disponível em:

https://www.mckinsey.com/~/media/mckinsey/business%20functions/mckinsey%20digital/our%20insights/big%20data%20the%20next%20frontier%20for%20innovation/mgi_big_data_exec_summary.pdf . Acesso em: 08 nov. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTINS, Gerson Luiz; FORTUNA, Fernanda França. Ciberjornalismo em MS: pioneirismo e consolidação de um modo de produção em jornalismo. In: FERNANDES, Mario Luiz; PERES; PEREIRA, Rafaella Lopes (Orgs.). **Entre tempos:** 30 anos do curso de jornalismo na UFMS. 1ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2020.

NASH, A. Affect and the Medium of Digital Data. **The Fibreculture Journal**, 21, 2012, p.10–30. Disponível em: https://fibreculturejournal.org/fcj-148-affect-and-the-medium-of-digital-data/. Acesso em: 15 ago. 2023.

PEREIRA, Ana Maria de Sousa. **Telejornalismo, interação e redes sociais**: convergências na TV Cabo Branco e TV Paraíba. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique. O 'Jornalista Sentado' e a produção da notícia on-line no CorreioWeb. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2004.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Comunicação e Sociedade**, v. 33, p.199-214, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812. Acesso em 13 mar. 2023.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**, v.22, n.1, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/David-Nieborg/publication/341921979_Plataformizacao/links/5ee6725592851ce9e7e3a8cd/Plataformizacao.pdf. Acesso em: 19 set. 2023.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador.** Anais Intercom, 2003.

RAMÍREZ, Ramíres. Post-Convergent Mediatization: Toward a Media Typology Beyond Web 2.0. **Mediatizations Studies**. p.10-23. Poland, abril/2020. Disponível em: https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=1108215. Acesso em 30 mar 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v. 2, p. 1-269, 2009.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Artificial intelligence**: a modern approach. Pearson, 2016.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Perioidismo integrado: convergência de meios y reorganización de redacciones.** Barcelona: Ed. Sol90, 2008.

SCHWARCZ, Lilia M. **Quando acaba o século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHWENGBER, Isabela de Fátima. Representações do MST no jornal Correio do Estado. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206370_ff1ad48597a87e5ad39d2c1c2f74acdd.pdf. Acesso em: 05 ago 2024.

SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto; BARROS, Cindhi Vieira Belafonte. DO IMPRESSO AO DIGITAL. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 230-250, 2016.

SILVA, Cleidson de Lima. **Convergência jornalística nos grupos de comunicação de Campo Grande/MS**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia.** Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 1, 2005.

SILVA, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. **Critérios de noticiabilidade:** problemas conceituais e aplicações. Editora Insular, 2014. p.25-38.

SILVA, Marcos Paulo da. **A construção cultural da narrativa noticiosa**: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana. 2013. 243f. Tese. (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

SILVA, Nathalia Lopes da. **Jornalismo cultural e distribuição multiplataforma**: as transformações das características das seções de cultura no jornal Zero Hora e na franquia de GaúchaZH. 2019. 219f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa). Programa de pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa. Universidade Federal do Pampa, 2019.

SHOEMAKER, Pamela J. Prefácio. In SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Editora Insular, 2014. p.15-18.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Penso Editora, 2011.

SHOEMAKER, Pamela J.; COHEN, Akiba A. **News around the world**: Content, practitioners, and the public. Abingdon, Reino Unido: Routledge, 2006.

SHOEMAKER, Pamela J. **News and newsworthiness:** A commentary. Communications, 31, 2006. p.105-111.

SHOEMAKER, Pamela J.; DANIELIAN, Lucig H.; BRENDLINGER, Nancy. Deviant acts, risky business and US interests: The newsworthiness of world events. **Journalism Quarterly**, v. 68, n. 4, p. 781-795, 1991

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. **Telejornalismo Descoberto** - a origem da notícia no jornalismo televisivo regional.1ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da teoria do jornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 1, n. 2. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. p.31-46, 2004. Disponível em: https://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-tobias-peucer.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. **Jornalismo**: história, teoria e metodologia da pesquisa. Cidade do Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p. 12-93, 2008. Disponível em: http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf. Acesso em 11 fev. 2023.

SOUZA MARTINS, José de. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo II**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, v. 2, n. 2, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

TEMPOS Modernos. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Charlie Chaplin. Charlie Chaplin Film Corporation: EUA,1936.

TELLAROLI, Taís Marina. **Gestão da informação no jornalismo on-line:** estudo do portal Campo Grande News. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Bauru – SP, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial. In THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p.267-304.

TRILLING, Damian; TOLOCHKO, Petro; BURSCHER, Björn. From newsworthiness to shareworthiness: How to predict news sharing based on article characteristics. **Journalism & mass communication quarterly**, v. 94, n. 1, p. 38-60, 2017. Disponível em: https://pure.uva.nl/ws/files/14745010/From_newsworthiness_to_shareworthiness.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

TUCHMAN, Gaye. Making news by doing work: Routinizing the unexpected. **American journal of Sociology**, v. 79, n. 1, p. 110-131, 1973. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/330681606/Making-News-by-Doing-Work. Acesso em 20 mar. 2023.

VAN DIJCK, J. **The platform society**: Public values in a connective world. Oxford University Press, 2018.

WHITE, D. M. (1950). The Gatekeeper: A Case Study in the Selection of News. **Journalism Quarterly**, 27, p. 383-391, 1950. Disponível em: http://www.aejmc.org/home/wp-

content/uploads/2012/09/Journalism-Quarterly-1950-White-383-90.pdf. Acesso em: 13 mar. 2023.

WILSON, Sophie; LAING, Raechel. Wearable technologies: Present and future. In: **91st world conference of the textile institute**, Leeds, UK. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sophie-Wilson-3/publication/329687026_Wearable_technologies_Present_and_future/links/5c154bcfa6fdcc494ff7bb64/Wearable-technologies-Present-and-future.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 1995.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. **Journal of information technology**, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1057/jit.2015.5 . Acesso em: 08 nov. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020.

APÊNDICES

A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

1. Nome completo;
2. Há quanto tempo exerce o jornalismo profissionalmente?
3. Em quais meios jornalísticos já atuou?
4. Em qual veículo trabalha atualmente?
5. Em qual editoria atua?
6. Quais as suas funções?
7. Trabalha quantas horas por dia?
8. Para quais mídias produz conteúdo?
9. Percebe se ocorreram transformações no ritmo de trabalho e mudanças nos modos de produção das notícias nos últimos 10 anos?
10. Como ocorre o processo de seleção de notícias no meio em que trabalha?
11. Quais recursos, aplicativos e outras plataformas e ferramentas digitais que você utiliza na sua prática profissional?
12. Sobre mudanças na rotina de trabalho, percebeu mudanças devido a ampliação da atuação do jornalismo em meios digitais e nas redes sociais digitais?
13. Nesse cenário, acredita que ocorreram alterações nos processos de seleção das notícias? Quais?
14. Há na sua rotina de trabalho a inserção de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, como a utilização da gamificação, da realidade virtual e realidade aumentada?
15. Você percebe na sua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, as tecnologias passam a fazer parte de objetos e lugares, estando integradas na vida cotidiana. Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?
16. Na sua prática profissional você utiliza algum recurso tecnológico biodigital, ou seja, que esteja integrado ao corpo humano (óculos, relógio, etc.) para a coleta de dados?
17. Você percebe que há uma onipresença do acesso a dados, redes de informações e mídias nas suas rotinas de trabalho? Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?
18. A convergência midiática partia do pressuposto de que os diferentes meios convergiram para uma única mídia, como você percebe essa ideia com base em sua prática profissional?

19. Qual o papel das análises de dados digitais, como as métricas de redes sociais, no processo de seleção das notícias?
20. Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção das notícias?
21. Você percebe alterações no ritmo de sua vida cotidiana? Como as notícias influenciam seu dia a dia?
22. Como jornalista, você acredita que os recursos tecnológicos como as redes sociais passam a ser determinantes para o processo de noticiabilidade? De que forma?
23. Você percebe que atualmente as práticas profissionais jornalísticas passaram a ser adaptadas ou substituídas por recursos e técnicas que são característicos do meio digital, como aplicativos de redes sociais digitais ou plataformas de inteligência artificial? Como isso interfere na sua vida pessoal e profissional?

B - RELATO DAS OBSERVAÇÕES

Dia 1

Campo Grande, 26 de junho de 2024

Horário: Das 13h às 18h (5h).

Como planejado foram realizadas 30h de observação divididas igualmente em 6 dias (26/06, 27/06, 28/06, 30/06, 01/07, 02/07 de 2024) na redação do Correio do Estado, localizada à Av. Calógeras, nº356, bairro Centro, Campo Grande/MS.

A primeira observação, no dia 26 de junho de 2024, começou às 13h com a minha chegada na sede da empresa jornalística Correio do Estado. Em seguida fui conduzida até a redação. Em uma primeira observação sobre a estrutura da sala de redação "Jornalista Júlio da Silva" pude perceber que se trata de um espaço de tamanho médio, com duas estações de trabalho, cada uma contando com quatorze mesas delta, totalizando vinte e oito mesas, cada mesa possui um computador individual. Além disso, o espaço possui uma sala de reuniões com equipamento de vídeo em anexo. Observou-se também que na sala existem duas televisões, uma que, durante todo o tempo, fica sintonizada no canal de notícias CNN Brasil e outra que geralmente está sintonizada na TV Morena, afiliada da Rede Globo no Estado. Além disso, há quatro monitores fixados lado a lado na parede, apenas um deles permanece constantemente em funcionamento, mostrando os dados e métricas gerados pela pelo aplicativo *Marfeel*. Essa plataforma, conforme seu *site* oficial, é uma tecnologia de "inteligência de conteúdo" a qual proporciona que as redações "criem sinergias e alinhamento entre equipes com decisões baseadas em dados para liberar todo o potencial do seu conteúdo e do seu público". Assim, visa possibilitar a "produção de conteúdo impactante que atraia mais visitantes e ofereça experiências personalizadas para maximizar os resultados" em tempo real, conforme a empresa.

Durante a tarde, dezenove jornalistas estavam trabalhando na redação. Percebeu-se que estes possuem horários de entrada e saída distintos uns dos outros.

Nesse dia foi possível observar a reunião de pauta, na qual pode-se verificar a sugestão de notícias por parte dos jornalistas. Constatou-se que a maior parte das notícias sugeridas nessa reunião, partiam de conteúdos presentes no meio digital. Por exemplo, a matéria sobre a seca no Pantanal[95] partiu, segundo o jornalista, de dados publicados no *site*

[95] MARINHO, Judson. Pantanal é o bioma que mais secou em 38 anos, mostra pesquisa. Correio do Estado, Campo Grande, 27 jun. 2024. Disponível em:

MapBiomas[96]. Outra matéria proposta, sobre a entrada de drogas pela fronteira do MS[97], também estava baseada na pesquisa publicada pela Esfera Brasil em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Da mesma forma, a matéria "Fila de espera por benefícios do INSS reduz 30% em seis meses"[98], foi sugerida com base no relatório de transparência elaborado pelo Ministério da Previdência Social. Já a notícia "MS tem 6,1 milhões de hectares de pastagens aptas para a agricultura"[99] foi proposta com base em um e-mail recebido. Diante disso, pode-se perceber que a seleção dos temas para publicação se mostra muito relacionada a dados e informações coletadas ou recebidas pela *Internet*.

Além disso, foi observada a produção de uma notícia com base em matéria publicada em outro jornal online. Percebe-se que os jornalistas realizam diariamente a verificação de outros portais de notícias, assim entende-se que essa verificação, que anteriormente era realizada de forma analógica, atualmente é exclusivamente digital. Também foi percebida a produção da matéria "Confira as estreias da semana nos cinemas de Mato Grosso do Sul"[100] utilizando informações do Instagram.

Sobre o processo de noticiabilidade, foi possível presenciar uma situação que considera-se relevante, nela o editor-chefe pediu para que a repórter fizesse mudanças em um dos seus textos, que abordava uma reunião sobre a greve dos professores da rede federal de ensino. O editor solicitou que a reportagem desse maior destaque às resoluções tomadas na ocasião e não na reunião em si. Logo após, ele afirmou que: "a reunião não é importante, o que é importante é o que foi decidido na reunião".

Observou-se também como o processo de produção de notícias se tornou primordialmente digital. Raramente ocorrem telefonemas na redação, a maior parte dos

---

https://correiodoestado.com.br/cidades/pantanal-e-o-bioma-que-mais-secou-em-38-anos-mostra-pesquisa/432400/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[96] MapBiomas é uma "rede colaborativa, formada por ONGs, universidades e startups de tecnologia". Essa rede produz o "mapeamento anual da cobertura e uso da terra e monitoramos a superfície de água e cicatrizes de fogo mensalmente com dados a partir de 1985". Além disso, validam e elaboram relatórios para cada evento de desmatamento detectado no Brasil desde janeiro de 2019, por meio do "MapBiomas Alerta". Disponível em: https://brasil.mapbiomas.org/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[97] GOMES, Ketlen. Fronteira de MS é por onde passa mais de 60% da cocaína que entra no Brasil. Correio do Estado, Campo Grande: 27 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/fronteira-de-ms-e-por-onde-passa-mais-de-60-da-cocaina-que-entra-no/432401/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[98] THAMARYS, Evelyn. Fila de espera por benefícios do INSS reduz 30% em seis meses". Correio do Estado, Campo Grande: 29 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/fila-de-espera-por-beneficios-do-inss-reduz-30-em-seis-meses/432499/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[99] BENITES, Suzan. MS tem 6,1 milhões de hectares de pastagens aptas para a agricultura". Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/ms-tem-61-milhoes-de-hectares-de-pastagens-aptas-para-a-agricultura/432399/. Acesso em: 29 jun. 2024.

[100] PIEL, Mariana. Confira as estreias da semana nos cinemas de Mato Grosso do Sul. Correio do Estado, Campo Grande:26 jun. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/confira-as-estreias-da-semana-nos-cinemas-de-mato-grosso-do-sul/432365/ Acesso em: 29 jun. 2024.

contatos com fontes é realizado apenas pelo *WhatsApp*. Além disso, foi possível perceber que os jornalistas também utilizam o *WhatsApp* para organizar o processo de produção das pautas, de modo que cada um deve indicar no "grupo" qual matéria está produzindo. Também se constatou a utilização da plataforma de inteligência artificial *ChatGPT*[101] como ferramenta de edição de textos, pesquisa e até mesmo para a construção de títulos.

Dia 2

Campo Grande, 27 de junho de 2024.

Horário: Das 13h às 18h (5h)

No dia 27 de junho de 2024, quinta-feira, a observação começou às 13h. Ao chegar, realizei o contato com um dos jornalistas selecionados para a realização das entrevistas, ele solicitou que a entrevista fosse feita naquele momento, pois ele já havia encerrado o seu horário de trabalho e estava disponível. Assim, realizei a entrevista em sala anexa à redação. A entrevista teve uma duração de cerca de 30 minutos, logo após retornei para a redação.

Nesse dia estavam presentes quatorze jornalistas. Foi possível observar que um dos jornalistas recebeu telefonema de uma fonte, a qual informou sobre um fato para ser noticiado, mas solicitou que não fosse identificada na matéria. Diante disso, uma das jornalistas passou a investigar a informação, contudo após pesquisas na Internet e consulta a fontes oficiais ligadas à pauta não conseguiu confirmação oficial do fato, dessa forma optou por aguardar a confirmação pela fonte oficial[102].

Nesse dia também foi possível observar a utilização da plataforma de inteligência artificial "ChatGPT" por jornalistas. Ela foi utilizada para a edição de textos e criação de títulos.

Constatou-se também que quase não há ligações na redação, sendo que a maior parte dos contatos com fontes são realizados por meio do aplicativo *WhatsApp.* Além disso, percebeu-se que poucos jornalistas saem da redação para apurar pautas, a maioria das apurações são realizadas através de recursos digitais, como consultas a bancos de dados, portais de notícias e pelo *WhatsApp*.

---

[101] *ChatGPT* (Chatboot + Generative Pre-trained Transformer) é um chatbot desenvolvido pela OpenAI e lançado em 30 de novembro de 2022 e interage de forma conversacional. O formato de diálogo torna possível para o *ChatGPT* responder perguntas de acompanhamento, admitir seus erros, desafiar premissas incorretas e rejeitar solicitações inapropriadas. O *ChatGPT* é um modelo irmão do InstructGPT , que é treinado para seguir uma instrução em um prompt e fornecer uma resposta detalhada. Disponível em: https://openai.com/index/chatgpt/. Acesso em: 27 jun. 2024.

[102] https://correiodoestado.com.br/cidades/restaurante-que-fornecia-comida-para-penitenciarias-de-campo-grande-e/432431/

Também se observou que os jornalistas utilizam a *Internet* em quase todas as etapas do processo de produção das notícias, desde a utilização do *Google Docs* para anotar informações, a pesquisa para sugestões de pautas, a escrita das matérias em ferramentas de texto online, até o processo de edição e revisão realizado em sites de inteligência artificial, como o ChatGPT.

Na observação foi possível presenciar o momento em que uma jornalista, editora da seção Cidades, realizou a hierarquização de matérias no site. Na ocasião, ela informou aos colegas que iria retirar uma matéria do topo do site e colocaria outra no lugar, pois considerava que tinha mais relevância.

Nesse dia, também houve a mudança de uma manchete a partir de um telefone com informações sobre reunião em Brasília referente às eleições municipais. Após o jornalista responsável pela editoria de política passar a informação para o editor-chefe, ele comunicou aos demais que iria mudar a manchete estabelecida na reunião de pauta, devido a relevância da informação.

Ao final da tarde foi possível observar o editor comentando sobre os dados de acessos de cada um dos jornalistas, com base na plataforma *Marfeel*. O editor-chefe comentou ainda que a plataforma, além de fornecer dados de acessos, comentários e tempo médio de leitura em cada matéria, sugere temas para notícias, com base nos assuntos mais acessados, comentados e compartilhados em portais de busca.

Dia 3

Campo Grande, 28 de junho de 2024.

Horário: Das 13h30 às 18h30.

No dia 28 de junho de 2024, sexta-feira, realizou-se a observação das 13h30 até às 18h30. Nesse dia, pode-se observar que um estagiário saiu, juntamente com o fotógrafo, para cobrir uma pauta sobre um evento. Destaca-se que no Correio do Estado há um fotógrafo à disposição dos jornalistas para realizar as fotos ou acompanhar pautas.

Nesse dia, por volta das 14h às 14h30, foi realizada a entrevista com outra jornalista. A entrevista foi realizada antes do começo da jornada de trabalho da jornalista, a fim de não atrapalhar o andamento do trabalho na redação e não prejudicar a entrevistada.

Durante a observação, os jornalistas comentaram sobre um curso que haviam feito no jornal há algumas semanas, conforme comentaram, o curso de *Search Engine Optimizer* (SEO), em português “Otimização para motores de busca”, apresentou técnicas e estratégias

para posicionar melhor suas matérias em buscadores, gerar reconhecimento de marca, aumentar o tráfego no *site* e com isso conseguir mais acessos. Pode-se observar que uma das técnicas que os jornalistas aprenderam se refere a reduzir os títulos e torná-los mais atrativos. Pode-se verificar isso, pois a editora de Cidades solicitou que os colegas lembrassem do curso e escrevessem títulos menores.

Percebeu-se também os jornalistas combinando os horários para os quais agendariam as notícias para serem divulgadas no *site*. Esse recurso possibilita que os profissionais trabalhem apenas nos horários em que estão na redação.

Dia 4

Campo Grande, 30 de junho de 2024

Horário: Das 13h30 às 18h30 (5h).

Nesse dia acompanhei o plantão de domingo no turno da tarde. Estavam presentes quatro jornalistas e o fotógrafo. Ao chegar, o editor solicitou que os repórteres fizessem uma matéria sobre o impacto da diminuição da temperatura nos "focos de calor" (incêndios) no pantanal.

Durante a maior parte da tarde os jornalistas trabalharam em silêncio. Em determinado momento, o editor solicitou aos jornalistas a mudança da foto que acompanhava a notícia sobre apreensão de drogas. Mais tarde, foi possível observar que os jornalistas estavam terminando a edição impressa de segunda-feira. O editor enviou uma matéria para ficar em destaque provisoriamente no site[103], até que houvesse atualizações sobre as queimadas no pantanal. Dessa forma, decidiram colocar a notícia sobre política em destaque até que surgisse outra mais "relevante" (palavras do editor-chefe).

Após a observação, aguardei o término do expediente e realizei a entrevista com um dos jornalistas presentes.

Dia 5

Campo Grande, 1 de junho de 2024

Horário: Das 8h30 às 13h30 (5h).

---

[103] MIRANDA, Eduardo. Após desistência na capital, PSD pode largar candidaturas para apoiar PSDB. Correio do Estado: Campo Grande, 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/politica/apos-desistencia-na-capital-psd-pode-largar-candidaturas-para-apoiar/432548/ . Acesso em: 03 jul. 2024.

No quinto dia de pesquisa, pude observar a rotina da redação do Correio do Estado no turno da manhã. Nesse dia havia cinco jornalistas trabalhando. Foi possível verificar que um dos jornalistas estava apurando notícias a partir de boletins de ocorrência online no site da Polícia Civil do MS, enquanto realizava essa atividade tirava dúvidas com o editor sobre a melhor forma de redigir a notícia.

Durante a manhã foi possível observar o editor orientando os estagiários sobre a melhor forma de redigir algumas frases e também sanando dúvidas. Em determinado momento foi possível observar quando o editor solicitou a um dos jornalistas para mudar o título da matéria de "Motorista de caminhonete atropela ciclista, capota e os dois morrem" para "Motorista bêbado atropela ciclista, capota e os dois morrem"[104].

Também foi possível observar os jornalistas consultando bases de dados e sites de outros portais de notícias, nacionais, regionais e locais, para desenvolver matérias ou buscar pautas. Além disso, foi possível observar a utilização de plataformas como o *Google Trends*[105] e o *Marfeel*. Além disso, também se verificou a utilização do *ChatGPT* para pesquisas e edição de textos e títulos.

Nesse dia também foi possível acompanhar a reunião de pauta do turno da tarde. Nela, os jornalistas apresentaram suas pautas para o editor-chefe avaliar. Ele comentava se era uma boa sugestão ou não e como poderiam desenvolver a matéria. Na reunião uma das jornalistas sugeriu uma matéria sobre a "PL do Aborto", o editor pediu para ela "segurar" a matéria, pois o assunto havia "esfriado".

Observou-se que durante a reunião a pauta sugerida sobre o aumento da conta luz não foi entendida como possível destaque, mas pode-se observar na edição impressa do dia posterior e no *site* que a notícia havia sido publicada como manchete nos dois meios[106].

Percebeu-se que as pautas mais frequentes nos dias de observação estavam relacionadas às queimadas no pantanal, as eleições municipais e as apreensões de drogas.

Dia 6

Campo Grande, 02 de julho de 2024.

---

[104] NETO, Alanis. Motorista bêbado atropela ciclista, capota e os dois morrem" . Correio do Estado: Campo Grande, 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/acidente-envolvendo-caminhonete-e-bicicleta-deixa-dois-mortos-na/432565/ . Acesso em: 03 jul. 2024.

[105] Conforme o suporte do Google: O *Google Trends* fornece acesso a uma amostra essencialmente não filtrada de pedidos de pesquisa reais efetuados à Google. Os dados são anónimos (ninguém é identificado pessoalmente), categorizados (ao determinar o tópico para uma consulta de pesquisa) e agregados (agrupados). Disponível em: https://support.google.com/trends/answer/4365533?hl=pt#:~:text=O%20Google%20Trends%20fornece%20acesso,). Acesso em 03 jul. 2024.

[106] BENITES, Evelyn. Conta de luz pode ficar até R$72 mais cara neste mês no estado. Correio do Estado: Campo Grande, Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/conta-de-luz-pode-ficar-ate-r-72-mais-cara-neste-mes-no-estado/432617/. Acesso em: 03 jun. 2024.

Horário: 12h30 às 17h30 (5 horas)

Na terça-feira, último dia de observação, pode-se verificar que os jornalistas estavam utilizando o *Google Docs* para redigir as matérias. Além disso, percebeu-se que na apuração das matérias os repórteres utilizam sites, banco de dados e o *WhatsApp*. Também pode-se verificar uma jornalista utilizando o aplicativo de redes sociais *Instagram* para buscar informações. Jornais impressos de outras empresas jornalísticas também são utilizados para pesquisa.

Na reunião de pauta os jornalistas realizaram diversas sugestões, entre elas matérias com base em banco de dados, editais online e em relatórios oficiais publicados na Internet. Nessa reunião novamente apareceram os temas relacionados a desdobramentos sobre os incêndios no pantanal, as eleições municipais e apreensões de drogas. Além disso, uma matéria sobre o preço do hectare do terreno degradado no pantanal havia sido sugerida pelo diretor do jornal. A manchete do dia 03 de julho foi a pauta sugerida na reunião sobre o aumento do preço do etanol[107].

Nesse dia também foi possível observar jornalistas utilizando sites institucionais, bancos de dados, redes sociais e outros portais de notícias para realizar a apuração das notícias. Por exemplo, um dos jornalistas enquanto fazia a apuração para uma matéria sobre a dengue pesquisava informações e dados no boletim epidemiológico da dengue online.

Também verificou-se a utilização do *ChatGPT* para realização de correção gramatical e edição de títulos. Assim como foi possível verificar a utilização da ferramenta para a geração de imagens para ilustrar as matérias. Uma das matérias que possui imagem gerada pela ferramenta é a "Sejusp nega que em mato grosso do sul exista assassinatos não registrados"[108].

---

[107] THAMARIS, Evelyn. Litro do etanol aumenta mais de 12% no primeiro semestre em Mato Grosso do Sul. Correio do Estado: Campo Grande, 03 jul. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/economia/litro-do-etanol-aumenta-mais-de-12-no-primeiro-semestre-em-mato/432666/#:~:text=Levantamento%20da%20Ag%C3%AAncia%20Nacional%20do,de%20R%24%200%2C41. Acesso em: 03 jul. 2024

[108]MARINHO, Judson. Sejusp nega que em Mato Grosso do Sul exista assassinatos não registrados. Correio do Estado: Campo Grande, 29 jun 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/sejusp-nega-que-em-mato-grosso-do-sul-exista-assassinatos-nao/432524/. Acesso em: 03 jul. 2024.

C - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS DE 28 DE JUNHO DE 2024 A 02 DE JUNHO DE 2024.

Entrevistado 1
Dia: 28 de junho de 2024
Local: Correio do Estado
Duração: 24'16

Pesquisadora: Há quanto tempo o senhor exerce o jornalismo profissionalmente?
Entrevistado: Faz 30 anos. Em meados de 1994 comecei. Sempre no jornalismo diário. Jornalismo de área factual.

Pesquisadora: Em quais meios jornalísticos o senhor já trabalhou?
Entrevistado 1: Rádio, TV e agora *Internet*, no *site* [do Correio do Estado].

Pesquisadora: E em quais veículos o senhor trabalha atualmente?
Entrevistado 1: Basicamente no *site* do Correio de Estado, mas como aqui tem impresso também, então às vezes vai para o impresso, mesmo que saia o material que fazemos no *site*, fazemos para o impresso também, então tem uma mescla, mas minha prioridade é o *site*.

Pesquisadora: E em qual editoria que o senhor atua?
Entrevistado 1: Como é *site*, a gente faz desde esporte até polícia, economia.

Pesquisadora: O Sr. exerce algum cargo? É editor?
Entrevistado 1: Eu ajudo na edição do *site* no período da manhã.

Pesquisadora: E quantas horas o senhor trabalha por dia?
Entrevistado 1: Entre seis e sete.

Pesquisadora: Para quais mídias o Sr. produz conteúdo? Redes sociais?
Entrevistado 1: Não, não. É que o *site* põe no *Facebook*, divulga algumas chamadinhas no Instagram também, mas é basicamente isso. Quase tudo que se faz pro *site* vai para o *Facebook*, mas é tudo do Correio do Estado, então é só uma extensão.

Pesquisadora: E existe alguma adaptação entre os meios, por exemplo, entre uma matéria que está no *site*, um material que vai para a rede social ou uma matéria que vai para o impresso? Tem uma adaptação na linguagem?
Entrevistado 1: Para o impresso tem adaptação do espaço**.** Porque o impresso é todo fixo, então você tem que adaptar os textos para o veículo, mas de linguagem especificamente não tem nada muito diferenciado. Lógico, fazemos título diferente, legenda diferente, mas tudo mais por uma questão física do que de linguagem mesmo. Pelo menos aqui, eu não sei se em outros lugares é diferente.

Pesquisadora: O senhor percebe que ocorreram transformações no ritmo de trabalho e também nas mudanças nos modos de produção das notícias nos últimos 10 anos?
Entrevistado 1: Ah, teve muita mudança. Nos últimos 10 anos surgiram essas redes sociais. WhatsApp, por exemplo, há 10 anos eu acho que não tinha WhatsApp. E hoje em dia a gente se comunica com as fontes por WhatsApp, basicamente, principalmente. Imagens vem com muita agilidade pelo WhatsApp. As outras redes sociais, por exemplo, fazemos matérias inteiras só com base no Instagram. Tipo, tem um prefeito do interior, prefeito mais

louco do Brasil, de Ivinhema. Ele tem um milhão de seguidores nas redes sociais. Volta e meia, por causa das redes sociais, ele é acionado pela justiça, é acionado pelo Ministério Público, é acionado pelos opositores e a gente se baseia nas redes sociais. Outra, a forma de proliferação de *sites* e notícias também mudou da água para o vinho o trabalho da gente. *Sites* já são um pouco mais antigos, já tem 20 anos. Aqui os primeiros surgiram em 98, já tem um pouco mais de 10 anos. Mas esses também estão se alastrando, digamos assim, e influenciam muito no ritmo e na captura de conteúdo. O conteúdo chega de formas muito diferentes do que chegava antes do advento das redes sociais.

Pesquisadora: E como ocorre o processo da seleção de notícias aqui no Correio do Estado?
Entrevistado 1: É basicamente na experiência da gente, dos profissionais que sabem ou tentam adivinhar o que interessa para o leitor e com base naquilo que, digamos assim, rende. Rendeu ontem, vai render amanhã. E se é um assunto que interessa a mim, interessa ao meu colega ou influencia o colega, vai influenciar a cidade como um todo, o leitor em geral. É basicamente...E tem muito, e o jornalismo no mundo inteiro funciona assim, é com base no calendário, né? Se eu tô chegando perto do Natal, tem os assuntos de Natal, se eu tô chegando perto do verão, são os assuntos do verão. E assim vai, né? Inícios das aulas, são conteúdos de volta às aulas, sabe?

Pesquisadora: E quais são os recursos, aplicativos e plataformas que o senhor utiliza no seu trabalho no dia-a-dia?
Entrevistado 1: Aplicativos? O WhatsApp, basicamente. Como eu já sou um pouco mais das antigas, até tenho dificuldade em me adaptar às novidades, alguns programas de edição de texto, de vídeos, de fotos. Mas é que tem a molecada mais nova que a gente faz um trabalho em conjunto, mas eu tenho dificuldade para aproveitar muitas novidades que existem, que poderiam enriquecer o material muitas vezes.

Pesquisadora: A pergunta 11 o senhor já respondeu, que se relaciona à questão das mudanças causadas na atuação do jornalismo por causa das redes sociais, o senhor quer complementar com mais alguma opinião nessa pergunta?
Entrevistado 1: A questão das redes sociais, elas funcionam, muitas das redes sociais, ou tudo, sei lá, como tipo uma fonte de informação paralela. Então, muitas vezes, a gente, inclusive, tem que trabalhar para combater o que sai de informação incompleta ou inverídica ou de má-fé mesmo nas redes sociais e a gente acaba quase que tentando ser um mediador entre a sociedade e a loucura, essa maluquice que se percebe nas redes sociais, nessas bolhas criadas pelas redes sociais.

Pesquisadora: E como isso afeta o processo de seleção de notícias?
Entrevistado 1: É quando a gente vê coisas muito malucas assim, sabe? É isso aí. Tipo, hoje, nessa madrugada, em Campo Grande, um guri, um guri não, um cara de 22, 23 anos, fugiu de uma abordagem policial, de moto. Bateu a moto e a moça que estava na garupa dele morreu. E aí você vai, olha as redes sociais, ele era adepto das manobras radicais de moto, empinar moto, fazer zerinho, o que tem. E aí, em Campo Grande, por exemplo, tem o pai do "Randandan", tem um cara do "Randandan" que faz eventos, inclusive já houve eventos com morte, ele tem 106 mil seguidores no Instagram, é um universo paralelo, então essa morte dessa noite é mais uma dessas bolhas, desse universo paralelo que surge, são inflados pelas redes sociais e criam um mundo paralelo, e aí isso acaba, quando chega até a gente, a gente toma conhecimento, a gente acaba se envolvendo nessas bolhas, porque elas influem diretamente no dia a dia, na realidade, não só nossa, mas da polícia, porque o nosso filho, nosso vizinho, nosso neto, nosso sei lá o que, de repente pode entrar nessas bolhas e sendo

nesse mundo paralelo. Paralelo não, nesse mundo diferente.

Pesquisadora: Na sua rotina, há utilização de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, por exemplo, utilização da gamificação, da realidade virtual ou até da realidade aumentada, por exemplo, existem matérias jornalísticas feitas com realidade aumentada, aqueles óculos?
Entrevistado 1: Não. Eu pessoalmente não conheço nada.

Pesquisadora: Você percebe na sua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, as tecnologias passam a fazer parte de objetos e também de lugares, estando integradas na vida das pessoas. Como se desenvolve isso na sua prática jornalística?
Entrevistado 1: Eu há 30 anos de..., praticamente não utilizo. Eu faço o método tradicional, escrevo tudo, mas sei que tem gente que põe outros pra fazer ou põe a máquina pra fazer, mas pra mim não... Nem conheço e não entendo que seja algo confiável.

Pesquisadora: Na sua prática profissional, o senhor utiliza algum recurso tecnológico biodigital, que são, por exemplo, aqueles óculos inteligentes, ou relógios inteligentes, que são biodigital, são tecnologias que estão integradas com o corpo humano.
Entrevistado 1: Não, não.

Pesquisadora: E o senhor percebe uma onipresença de acesso a dados, por exemplo, redes de informações e mídias nas rotinas de trabalho?
Entrevistado 1: Não entendi.
Pesquisadora: Assim, uma onipresença do acesso a banco de dados, o banco de informações, e se isso influencia na sua rotina de trabalho?
Entrevistado 1: O que eu tenho acesso são a fontes oficiais, tipo segurança pública, o Ministério da Economia, a Secretaria de Fazenda, Saúde, os dados oficiais da saúde, da educação, mas outros eu pelo menos nunca utilizei no acesso, não uso pra nada.

Pesquisadora: A convergência midiática partiria do pressuposto de que diferentes meios convergem para uma única mídia. Como você percebe essa ideia com base na sua prática profissional?
Entrevistado 1: A minha prática profissional é assim, embora você tenha trocentas mil fontes de te abastecer, o básico do básico é o mesmo de 15, 20, 30 anos atrás. O que mudou é a forma e a celeridade com que essas informações chegam, mas o básico que é escrever o que interessa ao leitor ainda continua sendo o meu critério ou a experiência para fazer determinado gancho, para escrever determinado título e para qualquer coisa. Assim, isso, a nossa audiência, pode ser que a audiência do nosso *site* seja também um pouco mais tradicional, mas...Isso a gente percebe que os jornalistas, digamos, um pouco mais antigos, mais experientes, o acesso das matérias dessas pessoas um pouco mais, digamos assim, antigas é quantas vezes maior do que pessoas que apelam, digamos assim, a certas novidades e acham que essa máquina pode resolver a sua...fazer quase o seu trabalho. O leitor percebe.

Pesquisadora: E como o senhor vê o papel das análises de dados digitais das redes sociais, por exemplo, as métricas, como o senhor falou, que têm conteúdos que têm muitos seguidores, muita repercussão no processo de seleção das notícias, por exemplo, essas métricas digitais, elas interferem no processo da seleção das notícias?
Entrevistado 1: Interfere se o assunto é sério. Mas, por exemplo, se tem um *site*, inclusive o Campo Grande News, que adora um conteúdo de apelo sexual. Mas eu prefiro não ser lido

do que fazer esse tipo de apelo, usar os "cataclicks". Se eu sei, por exemplo, que no nosso *site* o nosso leitor gosta do assunto celulose, eu procuro fazer matérias sobre o assunto celulose, que é um boom na economia. Se eu vejo que o nosso leitor gosta de assunto soja, que é o motor da nossa economia, eu vou pelo assunto soja. Mas isso não tem nada a ver com rede social ou "isso ou aquilo". Há 20, 30 anos atrás, você fazia a mesma coisa, teria feito a mesma coisa. Ou se eu sei que o nosso leitor gosta e se interessa pelo acidente de trânsito, eu vou, a gente faz matérias sobre acidente de trânsito, porque são assuntos que têm a ver com o dia a dia das pessoas e não Taylor Swift vai dar a leitura, eu vou fazer matéria com Taylor Swift, que está lá na "cochinchina", que não tem nada a ver com a nossa realidade aqui. Eu simplesmente evito, ou me recuso a fazer determinadas, se é para simplesmente dizer que muita gente acessou. Então prefiro que não acesse.

Pesquisadora: Os algoritmos que são tecnologias digitais que são capazes de captar o que as pessoas mais querem ouvir ou ver, tem alguma influência, interfere de alguma forma no processo de seleção noticiosa?
Entrevistado 1: Acaba interferindo porque a gente tem todo dia, a gente acompanha o *site* aqui, vê quais as matérias que estão tendo mais acesso. Então, se a gente percebe, como eu falei, que a celulose está dando muito acesso, possivelmente por conta do algoritmo também, a gente direciona matérias nesse sentido, mas sempre preocupado com a questão da relevância social, de assuntos relevantes, não só porque dá clique, que a gente se norteia por isso. Mas acaba sendo influenciado pelo algoritmo, porque o algoritmo faz, digamos assim, bombar ou não determinada matéria, porque pouca gente acessa diretamente o nosso *site*. A maioria dos acessos do nosso portal são ou por rede social, ou pelo Google Discover, pelo Google. Então, sabe, e isso é algoritmo, né? Então, a rede social também é. Mas aí a gente acaba, não tem como, isso não tem como escapar, não. Mas por conta, e aí tem alguns assuntos que a gente tem um pouco, o portal tem alguma autoridade, digamos assim, e que o algoritmo daí... Redireciona. E aí a gente acaba sendo pautado pelo algoritmo, isso não tem como negar, porque ninguém mais consegue escapar do algoritmo, acho.

Pesquisadora: E a partir dessas novas tecnologias, você percebe alterações no ritmo da sua vida cotidiana? Como as notícias influenciam no seu dia a dia?
Entrevistado 1: Na minha vida cotidiana, influencia porque eu acabo, digamos assim, dando maior valor, maior importância a determinados assuntos, e você é obrigado a correr atrás de assuntos que em outras épocas não existiam. Mas isso porque a realidade também mudou, e não necessariamente porque a tecnologia, os meios, as redes sociais têm a ver. Tem a ver principalmente mais porque celulose, por exemplo, 10, 15 anos que tem o "boom" aqui no estado. Outros fenômenos da economia são mudanças sociais e econômicas que são mais relevantes no nosso rumo, no nosso dia a dia do nosso trabalho, do que nas próprias redes sociais, eu acho.

Pesquisadora: Com base nisso, a senhor acredita que as redes sociais podem ser determinantes para o processo de noticiabilidade?
Entrevistado 1: Processo da?
Pesquisadora: De noticiabilidade.
Entrevistado 1: Ah, são. Determinantes, talvez não, mas elas são, elas são importantes. Elas têm muito a ver. Até porque essas bolhas do "randandan", por exemplo, isso não existia. E aí vira notícia, porque as próprias redes sociais criam realidades novas. E a gente acaba acompanhando essas novas realidades. Criam personagens novos, tipo o prefeito mais louco do Brasil. E a gente acaba tendo que noticiar ou falar. Criam deputados, vereadores, totalmente do nada, que a gente imaginava, não conhecia, ninguém conhecia. De repente

eles estão aí no mundo real, digamos assim, e a gente tem que acompanhar essas novas realidades impulsionadas pelas redes sociais.

Pesquisadora: O senhor percebe se atualmente as práticas profissionais jornalísticas, elas passaram a ser adaptadas ou até substituídas por recursos e técnicas que são característicos dos meios digitais, como por exemplo, os aplicativos de redes sociais, as plataformas de inteligência artificial e se isso interfere na sua prática profissional?
Entrevistado 1: Na minha prática profissional, por conta disso, a gente acaba usando mais imagens no portal, por exemplo. O vídeo, na produção do dia-a-dia, simplesmente faz parte. Então você faz quase TV e impresso, não existia antigamente, algum tempo atrás era menos ou o celular não existia, até porque câmera não existia, havia uma profusão de celulares, de câmeras, de circuitos de segurança, que toda a tecnologia impulsionou tudo isso, mas inteligência artificial, essas coisas eu, na minha atividade, para produzir texto, essas coisas, nunca nem cheguei perto.

Pesquisadora: O senhor já utilizou alguma inteligência artificial, não para produzir, mas por exemplo para editar um texto?
Entrevistado 1: Também não.
Pesquisadora: Não utiliza esse tipo de recursos?
Entrevistado 1: Se falar a verdade, eu nunca abri o ChatGPT. Meu filho um dia me convenceu, queria me convencer. Ah, usa que você vai, ao invés de fazer duas, você vai fazer 20 matérias por dia. Aí então, eu falei, me entrevista agora, aí ele me entrevistou. Nem um guri de quarta série escreve tão mal, sabe? No meu entendimento. Lógico, eles são úteis para determinadas situações. Hoje em dia tem jornalista que não sabe mais escrever. Não consegue fazer três parágrafos, se não jogar nesse ChatGPT, mas você vê na hora que não é... E também não dá...não dá clique. Parece que o próprio algoritmo barra esse tipo de material. Não tem estudo nenhum, mas pelo que eu vejo, parece que o próprio algoritmo, digamos, não impulsiona muito isso.

Entrevistado 02
Dia: 28 de junho de 2024
Local: Correio do Estado
Duração: 38’41

Pesquisadora: Há quanto tempo tu exerces uma vez profissionalmente?
Entrevistado 02: Eu comecei em 2008 como estagiária no Estado, que é aqui na esquina de cima. Eu fazia roteiro de um jornal web, depois eu fui para o impresso. Aí eu fiquei na editoria de política, Como eu já tinha outra faculdade e eles assinaram minha carteira naquele período, né? Eu era estagiária, mas eles acabaram assinando minha carteira. Depois eu me formei em 2009, fiquei um tempo parada e voltei a convite de uma amiga minha para ajudar ela num *site* de notícias. Era um *site* pequeno, eram notícias policiais, não era nada grande, era só eu na equipe e ela, e mais eu que ela. Depois, em setembro, me chamaram para uma entrevista aqui e eu comecei no Correio. E aí eu considero que realmente eu comecei como jornalista pela editoria do Correio, pela forma que o Correio notícia que é o mais próximo do que a gente aprende na UFMS. A forma de apuração e o cuidado que a gente tem com dados e esse tipo de coisa.

Pesquisadora: Então, fazendo um resumo, quais os meios que você já trabalhou?
Entrevistado 02: Eu já trabalhei no impresso, como jornalista, para editoria de política e *site*.

Pesquisadora: Atualmente tu trabalhas só aqui no Correio?
Entrevistado 02: Só aqui no Correio.

Pesquisadora: E em qual editoria que tu atuas?
Entrevistado 02: Agora eu tô em cidades, mas eventualmente surge alguma outra coisa, por exemplo, polícia. Ontem surgiu o Cesário, que era da Confederação de Futebol, que tem aquele caso de corrupção. Aí eu acabo fazendo, porque como a nossa redação para o *site* é mais enxuta, a gente vai fazendo coisas que são fora da nossa linha editorial. Então a gente faz um pouquinho de tudo.

Pesquisadora: Quais são as tuas funções? Tu és repórter?
Entrevistado 02: Eu sou repórter. No final de semana a gente alimenta o *Facebook* do jornal. Às vezes, quando o fotógrafo não tá fazendo outra pauta, eu faço foto e vídeo para o *site*, mas eu particularmente, tomo cuidado de não creditar minhas fotos e meus vídeos porque eu acho que já há um sucateamento da nossa profissão e eu não quero que se extingua, que tenham aquela ideia de que não precisamos de fotos de jornalistas. Então eu ponho um "arquivo Correio, divulgação", a forma fica melhor.

Pesquisadora: E quantas horas você trabalha para o dia?
Entrevistado 02: Cinco horas.

Pesquisadora: E para quais mídias você produz conteúdo?
Entrevistado 02: Só para o *site* mesmo. Você disse de texto para alguma outra...

Pesquisadora: Impresso, *site*, rede social...
Entrevistado 02: Às vezes uma matéria do *site* minha vai para o impresso, depende das editoras do impresso. Tem essa ponte, né? Como para fechar uma página, às vezes tem uma matéria interessante, eu converso com a Daiane de Cidades, eu com a Kathleen, que é a subeditora. Falo, tô com uma matéria que eu acho legal, sugiro, aí entra. Já aconteceu também da época do fogo do Mandela, da favela do Mandela, que foi uma das maiores tragédias aqui de Campo Grande. Graças a Deus não houve vítimas, mas em questão de moradias e tal. A minha matéria foi o abre do impresso, eu guardei aquele jornal e fiz a página toda de cidades e também o restante eu fiz pro *site*.

Pesquisadora: Tu percebes se ocorrem transformações no ritmo de trabalho e mudanças nos modos de produção das notícias nos últimos 10 anos?
Entrevistado 02: Com certeza, inclusive, recentemente, não sei nos últimos 10 anos, mas eu posso te falar... Sim, também, porque eu consumo. Mas agora, em atuação, a gente teve um curso de SEO, que é outra forma de escrita, que a gente tem que pegar um pouco de marketing. A gente teve que aprender a linguagem do robozinho do Google, como que ele

faz para ranquear nossas matérias, por exemplo, uma foto, hoje em dia, se eu tiro uma foto tua, geralmente era assim: Nathalia, doutoranda, ou então assim, a foto: 1-se-o-quê-Gerson Oliveira, eu tenho que pôr teu nome. Porque o robozinho do *Google* vai ler isso, o algoritmo vai levar em consideração na hora dele lançar a sua notícia, o *Google* engoliu a *Internet*. Então isso influencia na matéria jornalística como um todo.

Pesquisadora: E como ocorre o processo de seleção da notícia?
Entrevistado 02: Então, assim, às vezes nós temos reuniões de pautas, né, ultimamente a gente não tá tendo pro *site*, mas a gente meio que sabe o que...Quando eu entrei, me falaram assim, o Correio preza por um... Como a gente é uma redação menor do *site*, não por quantidade, mas por qualidade. Não é aquela explosão de conteúdo, mas é uma matéria bem escrita e uma seleção criteriosa. Eu vejo que tem muita preocupação com histórico do Estado, por exemplo, desde o começo, cobrindo o mais recente, agora é a "ponte da rota bioceânica Porto Murtinho", então tudo que tem disso eu sei que é relevante, eu acompanho. Eu acho que eu esqueci sua pergunta, se puder repetir.
Pesquisadora: Como ocorre o processo de seleção de notícias?
Entrevistado 02: Isso, a gente vê mais ou menos o que é perfil do jornal ou também, agora depois que a gente fez esse curso, nós temos acompanhado o *Google Trends*, a gente vê o que está "hypando" na *Internet*, vamos por assim, e a gente tenta "regionalizar". Por exemplo, teve uma matéria na época da enchente no Rio Grande do Sul, que o Whindersson Nunes ia doar uns drones. Foi logo depois que a gente teve esse curso. E o Whindersson estava com mais de 380% de busca ativa no Google. Fui lá e chequei e aí eu consegui falar com o comandante de uma aeronave de salvamento aqui do Mato Grosso do Sul. E aí eu perguntei pra ele por que aquilo prejudicava. E aí eu coloquei especialista de MS e fala porque drones de Whindersson prejudicam... Drones de Whindersson, você coloca no título, coloca lá dentro da matéria, vê as palavras que estão buscando no *Google* e monta seu texto. Era uma matéria do Rio Grande do Sul que eu "regionalizei" com um perito de Mato Grosso do Sul que tem busca ativa de fora. Ela não foi divulgada no *Facebook* do jornal. Por quê? Porque não era uma matéria que é relevante a nível de Mato Grosso do Sul. Mas se você olhar o [*site*] Metrópole, todos os portais eram Whindersson Nunes, drones e o Whindersson chama muito, porque tem um apelo no nome dele. Mas a nossa foi diferente, porque a gente mostrou porque era prejudicial o uso de drones sem consentimento, sendo que a defesa civil do Rio Grande do Sul havia proibido. E aí é procurar usar a *Internet* da forma que ela tá se convertendo. De maneira inteligente e sempre levando em conta Mato Grosso do Sul. Sempre recorte de Mato Grosso do Sul. Às vezes tem uma matéria na Folha Press citando Mato Grosso do Sul. A gente reescreve, dando crédito, tal, em gancho.

Pesquisadora: E quais recursos, aplicativos e outras plataformas e ferramentas digitais que você utiliza na sua prática profissional?
Entrevistado 02: LinkedIn, porque é onde os institutos lançam as pesquisas bem mais rápido. Instagram para seguir as páginas. *Twitter*, eu acho uma ferramenta maravilhosa porque você está sempre por dentro do que os políticos estão falando, o que está acontecendo. Eventualmente, se você ver um comentário, você já vai correr atrás e ver o que é. WhatsApp, para estar em contato com as suas fontes. O *WhatsApp* vira um escritório,

praticamente. Ligação também. Eu uso mais o [telefone] da redação, às vezes o meu, e mais um celular pra gravar, deixar registrado. E... acho que o buscador, isso daí já acontecia, mas eu acho que as redes sociais, elas são aliadas, assim, se você sabe usar elas de uma maneira correta, se você souber filtrar o que você tá procurando, você encontra coisas...

Pesquisadora: E plataformas de inteligência artificial, você utiliza alguma para edição?
Entrevistado 02: ChatGPT, veio uma consultora, que é uma das fundadoras do Comprova, ela deu uma dica pra gente, porque a gente usava pra preencher buracos do *site* matérias da Folha Press, só que essas matérias não "ranqueavam", aí a gente pede pra ele [ChatGPT] reescrever, porque a gente não pode parar pra fazer isso. Reescreva, dá uns comandos para ele, mantenha isso, mantenha aquilo, não altere o lead. Às vezes eu tô com dúvida de uma vírgula, eu quero um sinônimo de uma palavra, de uma maneira mais rápida, assim. E aí eu vou, eu falo com ele, eu tô com dúvida de uma crase ou de coisas bobas. O Chat GPT e o Gemini, né. Mas o GPT é melhor, eu acho pelo menos, o Gemini tá meio estranho.

Pesquisadora: E sobre mudanças na rotina do trabalho, você percebeu se devido a elas há uma ampliação do jornalismo nos meios digitais também, por exemplo, nas redes sociais digitais?
Entrevistado 02: Quando eu estava na faculdade, eu acho que o New York Times já tinha saído do *Facebook*. Porque o *Facebook* restringiu muito a divulgação. Mas no Brasil o *Facebook* é forte, então as pessoas ainda seguem a página do Correio do Estado, que é o que acontece. Nesse caso ainda ajuda, mas elas têm criado ferramentas para limitar o acesso da notícia. E também aquela coisa da criação de bolhas, né? Que a *Internet* vai criando aquelas suas bolhas e você não consegue furar elas, as suas próprias bolhas. Então, assim, eu acho difícil, hoje em dia, o jornalismo ser alcançado e a gente ver, assim, aquela notícia mais rápida. Que são, tipo, aquelas fotinhos com informações. A forma de consumo não está mudando, eu acredito.

Pesquisadora: Nesse cenário da digitalização, das redes sociais, da inteligência artificial e dos algoritmos, o processo de seleção das notícias teve alguma alteração?
Entrevistado 02: Com certeza. A gente teve que aprender a linguagem do algoritmo para integrar no nosso texto. Por exemplo, a gente compara qual palavra é mais usada, estudante ou aluno? Ah, não, quem é estudante aqui é mais aluno do que estudante. A gente faz uma comparação. Dá pra se fazer isso pelo próprio Google. Então, assim, influencia, sim, na distribuição e até na montagem do texto. Hoje é recomendado que você faça tópicos, coisa que em algum tempo atrás eu não via muito. Então, pro leitor aquilo é mais agradável em tópicos. O Google entende assim e as pessoas também não estão mais lendo textos extensos. Também mudou a forma de consumir do próprio tempo que a pessoa passa ali. Hoje a gente tem um acesso a quanto tempo a pessoa perdeu na minha matéria. Para *site*, 40 segundos é o aceitável, é ok, tudo bem, tem o tempo que ela rolou a tela. Então assim, a gente analisa tudo.

Pesquisadora: E na tua rotina de trabalho, tu utilizas a inserção de práticas que vão além da convergência das mídias, por exemplo, a utilização da gamificação, da realidade virtual, da realidade aumentada, tem alguma prática dessas?

Entrevistado 02: Realidade aumentada não pela tecnologia do próprio portal, que é o Dot News. Você fala uma reportagem que tem conteúdo mais imersivo, gráficos.
Pesquisadora: É, reportagem com conteúdo imersivo...
Entrevistado 02: É, por questão de estrutura, né, que é o Dot News, que é uma plataforma aqui do Mato Grosso do Sul, a gente ainda não trabalha com isso. Até seria interessante uma grande reportagem, fazer aquele modelo estandarte, assim, fica bonito assim, né? Mas não, ainda não. A gente faz assim, às vezes fazemos gráficos, assim deixa a matéria mais interessante do que fazer uma tabelinha. Toma tempo, porque é a gente mesmo que tem que fazer, mas o resultado fica visualmente interessante.

Pesquisadora: Tu percebes que há uma presença da hipermediação, na hipermediação as práticas digitais, a vida digital, passam a integrar objetos e lugares, estando integrada na vida cotidiana. Como tu vê que isso se desenvolve na tua prática jornalística?
Entrevistado 02: Me explica melhor essa.
Pesquisadora: A hipermediação funciona assim. Ela é um conceito que entende que a vida digital está integrada na vida cotidiana das pessoas. O digital não é só mais uma ferramenta, mas faz parte no todo da vida de uma pessoa. Por exemplo, hoje a gente muito pouco vai ao banco, fazemos tudo por Pix, o digital integra desde a parte financeira até a comunicação, como o WhatsApp, a comunicação interpessoal, que antes as pessoas se encontravam mais, ligavam, hoje em dia é tudo pelo WhatsApp, mandamos fotos, mandamos vídeos, fazemos vídeo chamadas. Então é assim, a vida digital envolve a vida cotidiana. Como é que tu percebes isso no jornalismo?
Entrevistado 02: É, o jornalismo tem que caminhar junto com essas tendências, né? Eu não sei se eu vou fugir um pouco, mas eu vou entrar nesse âmbito. O jornalista vira um influencer, eu acho também. Eu ainda não me vejo assim, mas a Maria [responsável pelo curso de SEO], quando ela veio ela disse que a gente tem que virar uma autoridade. Por exemplo, eu estava até comentando com um amigo, ele falou assim, se você ficar nesse tema, se especializar, se o pessoal não ver, você vai falar tanto tempo disso que daqui a 10, ele falou, não, se fulana ela fala disso, ela sabe do que ela tá falando. A gente tem uma jornalista aqui, Cláudia Geiger, especialista em Pantanal. Se a Cláudia Geiger falar, todo mundo vai parar e vai ouvir. Então, assim, eu acho que influencia no jornalismo, sim. Eu nunca tinha me visto como um produto. Eu, "Entrevistado 02", sou um produto. Falaram pra mim.
Pesquisadora: Por exemplo, em uma redação, como que tu vês essa presença do digital?
Entrevistado 02: Ah, eu acho que a gente tem que se adaptar, né? Por exemplo, a gente tem um quadro do Drops que a colega apresenta. O Drops, ela dá um resumo das notícias no Instagram. E você "pode ler mais aqui, não sei o que", porque as pessoas também, elas não vão abrir a página do Correio do Estado. Então nós temos que estar presentes em outras mídias. Outro dia eu precisei que o Denis colocasse uma matéria minha no *Twitter*, porque uma colunista sempre "retweeta" umas matérias e eu a marco lá, ela me segue, eu troco mensagens com ela, e aí dá mais amplitude. Então, assim, a gente precisa estar engajado nesse meio e estar comentando e marcando território.

Pesquisadora: Tem alguma adaptação das matérias que vão para o *site* quando elas são publicadas no impresso, ou quando elas vão para o *Twitter*, ou para o Instagram, por

exemplo. Há mudanças para o conteúdo ficar adaptado ao meio?
Entrevistado 02: Então, a parte do impresso para o *site* ainda não tem, não sofreu essa adaptação. A Maria, inclusive, falou que as matérias do impresso são muito extensas. E ela tem uma outra linguagem. No Instagram, eu vejo que tem, porque a gente tem os colegas que trabalham nessa parte, eles fazem o modelinho que você vê nos outros jornais mesmo, as manchetes do GloboNews, sabe? Uma "manchetezinha", um textinho e "leia ali na coluna digital da fulana". Temos assim.

Pesquisadora: Na sua prática profissional você utiliza algum recurso tecnológico biodigital, ou seja, que esteja integrado ao corpo humano (óculos, relógio, etc.) para a coleta de dados?
Entrevistado 02: Ainda não, mas eu gostaria. Eu fui numa feira rural e tive minha primeira experiência imersiva, era nadar nos leitos do Rio de Bonito. E nem era o óculos mais moderno, mas era maravilhoso. Eu costumo falar com algumas pessoas porque, enquanto eu ainda tenho colegas tentando engajar canais no Instagram, eu vejo matérias de pessoas que já estão ganhando dinheiro com o metaverso, porque o metaverso já é uma realidade, talvez que não para quem não tem acesso. E às vezes eu acho que a gente fica um pouco analfabeto digital por não ter isso. Mas, tipo assim, a pessoa ainda tentando engajar um canal no YouTube, pra mim isso é passado. Isso já foi. Então, talvez a gente deveria estar pensando em ampliar já ganhar espaço, mas nós ainda não estamos nesse patamar.

Pesquisadora: E tu percebe que há uma onipresença do acesso a dados e redes de informações e mídias na tua rotina de trabalho?
Entrevistado 02: Se eu uso, se eu utilizo isso. Mais pra fazer pesquisa ou para levantar pauta, para levantar dados para matérias?
Entrevistador: Para levantar dados para matérias?
Entrevistado 02: O WhatsApp, desde receber por e-mail, ainda enviam por e-mail. No *WhatsApp* eu tô numa página de professores, uma fonte me colocou lá. Então assim, a gente ainda... isso acontece muito. Instagram, eu sigo um indígena que foi o primeiro indígena de Mato Grosso do Sul a ser aceito na academia do Wolf Maya, falta um ano e meio pra ele se formar como ator, já tá fazendo os primeiros trabalhos, então sempre que tem alguma novidade eu vejo, eu dou uma olhada. Então, assim, tem bastante disso sim.

Pesquisadora: A convergência midiática partia do pressuposto de que os diferentes meios convergiram para uma única mídia, como você percebe essa ideia com base em sua prática profissional?
Entrevistado 02: Aí eu posso até voltar um pouco pra quando eu trabalhava em TV, que eu tinha formação só de rádio e TV. Porque aquela ideia de que a gente ia assistir televisão e a gente ia pegar uma blusa de uma personagem, comprar aquela blusa, ver o preço, ver a música, ver... Eu lembro que quando eu comecei a ver o Amazon Prime, você pausava e tinha o nome da música, eles até começaram a fazer isso. Mas aí parou. Não aconteceu. Eu acho que por falta de recursos, né? Até porque na época que eu estava em outra empresa de TV, a gente precisava mudar uma peça da antena, que era caríssima, pra poder ver o sinal digital. Então a gente ainda tá caminhando. Essa conversão não aconteceu. Mas o cara que deu o curso pra gente, de SEO, ele falou que a próxima ferramenta que vai sair do Vale do

Silício vai substituir o celular, por exemplo. Por isso a gente precisa adaptar a nossa escrita. Porque a tendência é, tipo, você nem lê mais no celular. É um device que é superior a Alexa, que vai ser capaz de fazer leitura. Por isso, você precisa ter o nome na foto, uma legenda que ela vai ler e você vai dar os comandos. Então, desde que a gente falou sobre aquilo, eu comecei já a pensar no próximo pássaro. Vai haver um boom em breve. E a gente precisa estar preparada. Talvez no Brasil demore.

Pesquisadora: Como é o nome do curso que vocês fizeram?
Entrevistado 02: Foi uma tarde que ele deu uma pequena esplanada do SEO no jornalismo.
Entrevistador: Tu já falaste um pouco sobre isso, mas queria que tu falasses mais um pouco qual o papel da análise de dados digitais, como as métricas de redes sociais, ou mesmo do Google, no processo de seleção das notícias?
Entrevistado 02: Já aconteceu de me passarem uma matéria que me falaram, essa sua matéria é fria. Era pra eu ir pra rua pra falar da taxação das blusinhas versus uma outra PEC, tinha uma outra PEC, era recente. Eu tinha falas dos pré-candidatos à prefeitura de Campo Grande. O próprio editor falou "a sua é fria, porque todo mundo já deu". Falei, tá, eles deram, como é que fulano votou? Porque era um deputado, que agora é pré-candidato a prefeito. Pra eu tirar a dúvida, eu fui no *Google Trends*, coloquei taxação das blusinhas, era um assunto morto em Mato Grosso do Sul. Daí eu fui nessa PEC das Praias, estava todo mundo falando, inclusive, aqui. Aí o editor falou, não, então faz a tua. E aí realmente, bombou. Aí você usa a ferramenta a seu favor para saber o que as pessoas estão fazendo em busca ativa. O que é mais relevante? Eu sair na rua pra conversar com alguém do centro pra saber da taxação das blusinhas, que a gente sabe que isso vai atingir as grandes empresas, o dono de loja tal, não vai estar lá, vai estar o gerente, não vai querer falar, mas assim, quando você vê, mas era a minha palavra contra dele. E aí quando você pega e olha, eles estão pesquisando mais isso do que aquilo. Isso te dá um escopo maior pra você brigar por uma pauta, relevância. Assim, brigar em sentido de relevância.

Pesquisadora: E a partir da disseminação dessas novas tecnologias digitais, tu percebes alterações no ritmo da tua vida cotidiana?
Entrevistado 02: Cara, às vezes eu me sinto sobrecarregada, sabia? Com muito assunto, eu não consigo descansar. Porque eu sou uma pessoa que, dependendo da pauta, eu não desligo. E é um exercício que eu tento aprender a fazer, que muitas vezes eu venho com a pauta apurada de casa já. E aí chego aqui, tem outra pauta, a minha cai, e aí minhas fontes ficam tudo a ver navios, já me deram entrevista. Então, assim, eu sou uma pessoa que eu preciso dar uma segurada. Às vezes eu vejo um assunto e vou bem longe assim, e a gente recebe uma enxurrada de informações, né? Que nem eu te falei, no Instagram mesmo, que é um lugar que você tem desde os seus amigos, tua família, mas quando você é jornalista, você tem outras coisas também, né?

Pesquisadora: E tu percebe uma aceleração no ritmo da vida cotidiana devido, por exemplo, a grande presença das tecnologias na vida das pessoas, por exemplo, as redes sociais?
Entrevistado 02: Sim. Às vezes... Como pessoa, às vezes olhando o perfil de um amigo, fazendo alguma coisa, dá a impressão que ele tá fazendo um monte de coisa e eu não tô

fazendo nada. Quando é uma realidade meio distópica, né? Tipo assim, eu posso segurar um monte de foto e, enfim... É aquela coisa que a gente estuda na teoria da comunicação, né? Essa massificação das coisas, sabe? Até mesmo eu fiz... Embora eu tenha gostado muito da exposição imersiva do Van Gogh, e não só crítica a isso, eu acho que as pessoas têm que ir, cada um consome como quer. Eu fui como jornalista, cobri, como eu tinha fotógrafo, quando eu pude parar, era uma exibição só para jornalista, eu fiquei num cantinho e apreciei, e me entreguei à arte, assim, até o momento que eu até falo, que eu obliterei, porque sumiu o problema, sumiu tudo, de tão poderoso que é você ver uma beleza da arte diante dos seus olhos, e aí some tempo, some noção. Então assim, eu acho que sim, a gente tem, faz a gente correr mais. Quando chega a pesquisa, você já quer ver, correr atrás, você já quer separar. Então, assim, não só no pessoal, como no profissional, a rede social, se você... Eu até evito olhar stories de amigos, né? Eu não sou uma consumidora de stories das outras pessoas. Eu jogo uns meus, eu vejo quem olha e tal, mas... Não é algo que me... Mas eu não consumo stories, então, assim... Porque às vezes eu fico assim... É muita visualização, muita visualização, especialmente na época da pandemia, né? Porque a gente ficou em casa, e foi horrível, então eu ainda tô me recuperando daquilo.

Pesquisadora: Como jornalista, tu acreditas que os recursos tecnológicos, como as redes sociais passaram a ser determinantes para o processo de noticiabilidade?
Entrevistado 02: É, pra uma pauta minha foi, né? Mas, confesso pra você que, é que nem um colega fala, você pode pegar um texto, um texto seu, jogar pro chat de GPT para ele pegar a tua linguagem e escrever. A gente não sabe até onde isso vai. Por exemplo, outro dia eu estava fazendo um teste da inteligência artificial. Eu a fiz tirar a média. A gente tem os dados aqui da SEJUSP e era de abuso infantil. A inteligência artificial tem algumas limitações. E aí ela me deu toda a média, não sei o que, aí eu falei, então "quantas crianças são estupradas por hora com base...", porque eu queria seguir um padrão de matéria. Aí ele já não me deu porque ele fala que é contra a linguagem de políticas deles lá, enfim. Daí eu acho assim que... o futuro, pra ser honesta, é preocupante. O cenário para o jornalismo, ao meu ver, é que a gente vê que o impresso está morrendo e em alguns lugares e em alguns lugares já morreu literalmente. Para o jornalismo, se a gente não se adaptar, a gente vai se afogar. E me preocupa um pouco... A gente tem essas inteligências artificiais como aliadas, mas até que ponto elas vão ser nossas aliadas e elas vão assumir nossas funções.

Pesquisadora: E tu percebes se atualmente as práticas profissionais jornalísticas tradicionais elas passaram a ser adaptadas ou até mesmo substituídas por recursos e técnicas do meio digital como os aplicativos de redes sociais, as plataformas de inteligência como estava falando, e como que isso interfere na tua vida pessoal e profissional?
Entrevistado 02: Se está substituindo? Como assim?
Pesquisadora: Se as práticas profissionais do jornalismo, as tradicionais, estão sendo adaptadas ou até mesmo substituídas por esses novos recursos, plataformas?
Entrevistado 02: Sim, hoje em dia, por isso que eu falo pra você assim, quando eu tiro foto eu não gosto de me dar o crédito. Eu estou substituindo outra pessoa. Isso sou eu. Mas o leitor também faz isso. E você percebe, o leitor te alimenta. E aí o fotógrafo pode sumir. Tem um jornal aqui que o jornalista tem que ser motorista, tem que ser não sei o quê. Então

assim, é pra e tem que escrever. Então assim, às vezes você pega uma foto na própria página do Instagram da pessoa e traz pra essa matéria, dá o crédito, lógico, né, conversa com a pessoa, mas sim, substitui e por enquanto parece inofensivo. Parece, né, embora que se você for ver a tua função é sucateada, porque, por exemplo, parece bobo eu colocar um link do jornal no Face, mas essa não é minha função, só que está no meu contrato que eu tenho que fazer isso, mas em tese seria outra pessoa e eu tiro emprego de outra pessoa. Então assim, vai haver uma redução e daqui um dia eu acho que você não vai precisar nem de um, que nem você que tá falando do universo [I.A], seleciona aqui dados de tal ano, aqui de Mato Grosso do Sul. Puxa a fala do fulano, desse vídeo, porque aí de culpa áudio, né? Minha amiga me falou que ela é designer, ela comprou um pacote especial do Adobe lá, coisas que ela perdia horas faz não, aliás, ela comprou um programa para deletar o fundo da imagem, coisas que ela perdia horas fazendo em questões de segundo. Aí a gente teve esse debate, falei assim, cara, a sua função pode sumir. Porque se a pessoa tiver um pouco de... Lógico que você precisa ter uma visão ampla do que você quer criar, do que você quer atingir, mas se a pessoa for uma autodidata, são mínimas, mas ela vai montar tudo. A IA faz filme, eu já fiz um "videozinho" com a IA de brincadeira, fazendo um jornalzinho, e uma âncora, você escolhe a cor da pele da âncora, o cabelo, se você quer voz, tudo, é de web. Então, assim, eu acho que altera muita coisa e eu tenho uma tendência a ser pessimista em relação a isso, em relação a empregos. Eu acho que a gente vai ter que se adaptar a muitas coisas e.

Pesquisadora: Eu vi que vocês têm uma tela que passa os números das métricas. Isso influenciou alguma coisa na sua prática jornalística?

Entrevistado 02: Ah, é assim, ontem eu vi, não sei se você estava ouvindo o Editor comentando, que ele falou assim, tem um negócio aqui que me sugere para eu escrever mais sobre isso e tal, não sei o que, eu não sei do que ele estava falando ali, de onde ele estava, qual que é aquela ferramenta. Mas sim, às vezes eu vejo que esse conteúdo aqui, ele dá resultado. Então, eu vou dar um desdobramento para ele, ou às vezes eu vou dar um... Ou, às vezes, eu tenho muito material, vou dar um material não muito curto, né, que aqui a gente não dá materiais curtos, mas vou dar um pouco e vou dando continuidade, que até...Então, assim, influencia de você prestar atenção naquilo. Tem coisas que você sabe que já...que dá resultado pra si só. Eu fiz uma boba, que se você olhar, ela já deve ter sumido. Dá o UEMS sob portador de diploma. Eu fiz sabendo que um monte de gente ia clicar. Essa daí é uma só, é uma matéria de serviço. Mas tem coisas assim que você vê, nossa, olha, deu resultado isso aqui e eu preciso continuar mexendo com ela. Dá desdobramento até...tem gente interessada. E outras coisas que já são... que eu vou até falar, usar a palavra, talvez não seja correta, mas orgânicas, por exemplo. Falar da Suzana e da Eldorado é batata, você vai ter visualização pra caramba, porque são empresas do ramo do eucalipto, com dinheiro e com o interesse do Brasil inteiro, então todo mundo quer ler das fábricas que elas estão montando aqui em Mato Grosso do Sul. Então, óbvio que você vai ter um estouro ali. Mas falar com propriedade também, não qualquer coisa. Saber o que você tá falando, que são as matérias que o Editor faz e lindamente, ele faz de uma maneira que eu admiro muito a escrita dele. Outro colega também, porque tem uma experiência de longa data, eu tenho pouca experiência. Ainda não cheguei lá, estou caminhando, eu brinco como eu me formei. Depois eu chamava um jovem jornalista de foca, eu me autoproclamo "foca velha". Quando eu chego na universidade, eu

até aprendo mais com os mais novos.

Entrevistado 03
Dia: 30 de junho de 2024
Local: Correio do Estado
Duração: 34’08

Pesquisadora: Há quanto tempo tu exerces o jornalismo profissionalmente?
Entrevistado 03: Vinte e quatro anos.

Pesquisadora: E em quais meios jornalísticos tu já atuou?
Entrevistado 03: Eu comecei no Campo Grande News. Quando eu ainda era um estagiário, mas não era um estágio, propriamente dito, porque eu tinha carteira assinada, o que não foi mal pra mim. Né? Enfim. Eu comecei no Campo Grande News, que é um jornal daqui, online, quando eu estava no segundo ano da faculdade. E por lá eu fiquei praticamente até eu me formar. Mas não chegava a ser um estágio, mas também não chegava a ser uma coisa total profissional, porque no começo eu fazia o serviço de rádio e escuta. Eu apurava e passava as informações para outras pessoas escreverem. Então, eu tinha muita noção do conteúdo. Eu passava o conteúdo para os outros escreverem. Daí, eu fui trabalhar na...Eu recebi um convite para trabalhar na Folha do Povo, era um jornal impresso que concorria com o Correio do Estado à altura. Eu trabalhei lá por uns três meses...Depois estava passando por umas dificuldades financeiras, saí com um dos cortes que eles fizeram. Daí voltei para o Campo Grande News já depois de ter me formado. Me formei em março de 2003. Me formei na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Me formei em março porque era para eu ter me formado em novembro, dezembro, mas como naquele ano, nos anos anteriores, teve greve e essas outras coisas, então, o nosso calendário foi comprometido. Em janeiro eu já tinha sido contratado como repórter pelo Campo Grande News e em junho eu recebi um convite para trabalhar aqui no Correio do Estado. E estou aqui até então. Entrei como repórter de polícia. Sempre gostei demais de fazer a coisa investigativa e tudo mais. E estou aqui até hoje.

Pesquisadora: Em junho de que ano foi isso?
Entrevistado 03: 2003.

Pesquisadora: Atualmente, tu trabalhas apenas aqui?
Entrevistado 03: Só aqui no Correio do Estado.

Pesquisadora: Tem alguma editoria que tu és responsável, além da parte da edição?
Entrevistado 03: Não, em geral. Eu sou responsável por toda a edição, mas eu escrevo, né? Eu escrevo reportagem de economia, reportagem de política, de cidade. Eu escrevo de tudo. Se precisar, eu fecho a capa. Eu faço matéria do online também. Então, se precisar, eu faço.

Pesquisadora: Quantas horas por dia você trabalha?
Entrevistado 03: Olha, eu trabalho em torno de oito horas por dia. Eu chego aqui em volta

de uma hora, uma e meia. Saio em torno de oito e meia, nove horas. Então dá em torno de oito, oito horas e meia por dia.

Pesquisadora: Você faz conteúdo para quais mídias?
Entrevistado 03: Para o Jornal Impresso e para a edição online do *site*, para o portal.

Pesquisadora: Como que ocorre o processo da seleção das notícias aqui?
Entrevistado 03: Olha, isso é um eterno aprendizado, né? Porque selecionar a notícia tem que combinar um pouco com quem tá lendo. No impresso é mais fácil porque a gente dá vários tiros no escuro, mas não é tão escuro assim, porque até hoje o Correio do Estado é um é o jornal impresso mais resiliente do Mato Grosso do Sul, certamente um dos mais do centro-oeste, ele tem 70 anos de idade já, os outros da mesma idade já sucumbiram, né? Então, a gente mantém algumas receitas, assim, pra isso vir dando certo. Uma delas é de sempre não fugir da verdade, apurar sempre e lidar com temas que possam ser relevantes ao nosso critério, porque a relevância muda para qualquer pessoa. O que é relevante para um cidadão não é para o outro ao lado dele, mas é o que nós julgamos ser relevantes para a história do Mato Grosso do Sul, para o futuro do Estado e para a organização da sociedade local. Então esse é um critério que a gente adota aqui para edição impressa. Para edição online esse critério já é um pouco mais pulverizado. Por quê?. Porque a gente tem métrica de audiência. Então a gente atua mais com algumas notícias que a gente sabe que ela pode render uma audiência maior. É claro que tem princípios que pra nós são inegociáveis. Que é isso que eu falei. A verdade é o principal deles, e a gente tem os critérios, ouvir as outras partes envolvidas, trazer coisas novas, é uma coisa que eu sempre fico martelando em cima das pessoas, sobretudo alguns mais jovens que não tem uma criação de mídia impressa, já foram tocados direto na mídia online. Então o ineditismo, a empatia, esses critérios de seleção da notícia.

Pesquisadora: E quais recursos, aplicativos ou outras plataformas e ferramentas digitais que você utiliza na sua prática profissional?
Entrevistado 03: Para apurar reportagens, a gente usa fontes de consulta para a pauta, em relatórios de tudo quanto é lugar que vê de transparência pública, desde o relatório da Controladoria Geral da União, aos diários oficiais, processos judiciais. Então, a gente tem que estar muito atento ao que acontece no cotidiano. Isso eu tento passar para os outros repórteres sempre. Porque como eu tenho um histórico de ser pauteiro lá atrás, não é fácil. Mas é o que a gente tenta fazer, pegar essa pulsação do cotidiano. Eu acho que isso responde um pouco da pergunta lá de trás, que isso é igual um médico pegando a pulsação, a pressão, os indicadores. Então, a gente tem que pegar esses indicadores da sociedade e a gente vê por meio dessas publicações e a gente sabe o que está acontecendo. Então, esse é um dos recursos. É claro que a gente usa, por exemplo, há recursos-meio, atividades-meio, em cópia, em design, para diagramar a edição impressa. A gente tem a nossa equipe de reportagem fotográfica que vai, que a gente tira... Eles fazem as fotos, a gente aproveita as fotos que eles tiram. A gente também, daí vamos pra parte online, a gente tem prospecção em ferramentas de viralização. Tem o CrowdTangle, que vai sair agora, mas eu sempre volto e meia, olho no *Twitter*, olho em mídias concorrentes, olho em mídia nacional. Então, são todos esses

recursos que a gente tem, que é mais...Enfim, são alguns dos aplicativos. Para prospectar notícia, o *Google Trends*, para saber o que está acontecendo no mundo aqui. Para auferir audiência, a gente olha o Google Analytics em uma plataforma que se chama *Marfeel* para ver como está a audiência do material que a gente publica, a ressonância de tudo isso. Então, é um conjunto de ferramentas que a gente usa.

Pesquisadora: Sobre as mudanças na rotina de trabalho, você percebeu que houve mudanças na rotina de trabalho com essa inserção maior do jornalismo nas redes sociais digitais e nas plataformas digitais?
Entrevistado 03: Sim. Sim, aumentou o nosso trabalho. Em dois lados, assim, e por causa das redes sociais. Número um, porque as redes sociais, elas drenaram parte do financiamento que a mídia tradicional tinha até 12 ou 15 anos atrás. O financiamento, digo, na forma de publicidade. A verba que uma empresa anunciante tem para publicidade é uma só. Então, hoje, ela divide a verba dela. A mídia tradicional é parte dela, vai pra mídia social. Então, naturalmente, com menos verba publicitária, os recursos para investimentos são menores na mídia tradicional, da qual o jogo é que a gente se "insira". Entretanto, a mídia social, a rede social, por ela se considerar apenas uma plataforma, o gerador do conteúdo é o próprio usuário e, às vezes, a própria empresa de mídia, que também está na mídia social, aumenta a responsabilidade nossa perante esse universo. Por quê? Porque a ressonância de um cidadão comum na mídia social, conforme se ele tiver muitos seguidores, se ele tiver um algoritmo que possa favorecê-lo, ela é similar à ressonância de um meio de comunicação. E nem sempre esse cidadão comum, por mais que ele seja resguardado de todos os princípios como liberdade de opinião, liberdade de expressão e tudo mais, ele não...muito embora ele seja, mas ele não se sente no dever de ter alguns deveres que são rotina do jornalismo tradicional, que é a busca da verdade, que é o dever de apuração, que é você se expor, inclusive você expor o seu CPF, o seu CNPJ, para, no caso de alguém não gostar do conteúdo que você publique, para que a pessoa até eventualmente busque reparar um dano, seja na justiça, seja extrajudicialmente, de alguma forma assim. Então, ele não tem essa responsabilidade. Então, isso aumenta a nossa responsabilidade. Onde eu quero chegar? A mídia social? Ela ajuda e atrapalha. Primeiro que ela faz a gente chegar onde a gente não chegava antes. Mas, segundo ela drena a publicidade da mídia tradicional e, ao mesmo tempo, ela faz com que a mídia tradicional trabalhe mais para desmentir notícia falsa, para desmentir rumores, para fazer um básico do jornalismo que até a gente já tivesse superado algum tempo pra voltar a fazer, pra desmentir de ser falsa, pra fazer checagem de coisa, que é um procedimento padrão. Então a gente tem que gastar mais energia com isso e com menos recurso. Então, claro, a gente trabalha muito mais e com menos recurso por causa de redes sociais.

Pesquisadora: E tu acredita que nesse cenário do jornalismo mais atuante nos *sites*, nas mídias sociais, houve algum processo de alteração na seleção das notícias?
Entrevistado 03: Certamente, porque é natural que a gente tem que trabalhar com notícia que viraliza. Ali mesmo atrás eu falei que a gente usa o CrowdTangle, a gente usa o *Google Trends*, então a gente tem que falar do que tá no hype, em coisa que tá em assunto que tá sendo pautado por alguém ou que esteja pautado nesse universo da rede, né? Até como uma

forma de manter a audiência. Então, certamente, a forma de se buscar notícia naturalmente já muda por isso. O que acontece também com o teor da reportagem, apesar de a gente poder "nichar" um pouco em cada grupo, se a gente for fazer buscar o tráfico, que é o que todo mundo busca, basicamente, certamente, se você não tiver uma estrutura para manter uma redação grande com muito pessoal, você vai perder em sofisticação. Então, quem perde, você sempre aumenta o alcance, mas é difícil não... o produto não é tão sofisticado como outrora.
Ele é ok, ele é... checado, ele não é um produto... Ele é uma notícia. Ainda é, normalmente. Ele é uma notícia, mas ele não entra com o nível de uma grande sofisticação, de uma grande reportagem, que pode levar uma semana para ser feita, três, quatro dias, igual a outra hora era possível. Hoje são casos raros.

Pesquisadora: Há na sua rotina de trabalho a inserção de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, como a utilização da gamificação, da realidade virtual e realidade aumentada?
Entrevistado 03: Ainda não. Eu já tomei conhecimento dessas práticas, né? Mas a gente aqui, no jornal, no Correio do Estado, ainda não.

Pesquisadora: Você percebe na sua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, as tecnologias passam a fazer parte de objetos e lugares, estando integradas na vida cotidiana. Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?
03: Claro, sim. Acho que a forma mais latente disso aí é o próprio feedback das notícias que a gente publica. Então, o sinal mais latente dessa "hipermedialização", isso aí que você falou, da interatividade, que ele é um reflexo de interatividade, ele se dá por vários meios. E as consequências também aparecem. Agora, ainda é uma coisa que está começando. Eu não vejo de uma forma tão profunda ainda.

Pesquisadora: E tu utiliza algum recurso tecnológico biodigital, ou seja, onde a digitalidade está integrada com o corpo humano. Por exemplo, relógios digitais, óculos digitais, esse tipo de recurso para realizar as matérias, pra fazer atuação?
Entrevistado 03: Olha, ainda não. O que a gente começou a fazer no último treinamento que eu tô passando pro pessoal, dá muito mais valor às narrativas e aos "storytelling". Então, por exemplo, ao salvar uma foto, não salvar um simples código. Caprichar muito mais numa legenda o nome de um arquivo. Por quê? Porque já há uma certa convergência com essa popularização, especialização e avanço das inteligências artificiais, e com essa... baseado também na sua pergunta desses hardwares que são mais modernos nesse sentido, de que o futuro para a leitura de para a audiência jornalística, ele passa pelo automático, pelo uso da voz na leitura do texto. Então, aos poucos aqui, a gente já está começando a desenvolver para os nossos jornalistas que escrevam um texto sabendo que ele deverá ser lido na forma do tipo de um audiobook, de uma inteligência artificial, ser lido por uma ferramenta, a grosso modo é uma Alexa, mas tem muitos outros, por um fone de ouvido, num carro, alguma coisa nesse sentido. Então, assim, esse é o primeiro grande passo desse tipo de mídia. Então, acho que toda mídia escrita vai ter uma convergência em áudio em breve, já para os próximos anos, talvez seja o primeiro passo praticamente instantâneo. Então, a forma até da

gente diagramar os títulos é bom já fazer dos dois jeitos.

Pesquisadora: E tu percebe essa presença do acesso a dados, das redes de informações e das mídias na rotina onde eu trabalho?
Entrevistado 03: Sim. Sim, certamente. Pra todo mundo. Inclusive muitos deles, às vezes, os novos repórteres talvez não tenham nem consciência disso. Por isso que eu tô estudando isso, mas é... Certamente.

Pesquisadora: E qual o papel dessas análises de dados, como métricas e de redes sociais no processo de seleção das notícias? Tu já falaste um pouco, né? Gostaria que tu falasses um pouco mais sobre esse *site* que vocês olham ali no painel. E também gostaria que tu comentasses um pouco mais sobre o curso que os jornalistas tiveram, que também está relacionado a parte de análise de métricas, reposicionamento de buscadores?
Entrevistado 03: Sim, pois é. O curso que a gente fez foi basicamente para reposicionar todos eles. A gente estava tendo uma troca muito grande aqui na redação, então a gente reciclou o SEO para muita gente que não teve contato. Mas é claro, o SEO vive em constante mudança, porque se uma pessoa fez um curso do padrão SEO há um ano, há dois anos, certamente ela vai ter que se atualizar, porque os robôs do Google e de outros buscadores, mas certamente o Google é o maior deles, eles vivem mudando os algoritmos. E atualmente, eles tentam padronizar esse critério de posicionamento de busca para elencar critérios cada vez mais humanos. Eles se aproximam muito dos critérios jornalísticos tradicionais, que a gente já conhece, que é a pirâmide invertida, que é o lead tradicional. Então, assim, quem faz isso normalmente não tem grandes desafios. O desafio maior é da geração que não foi educada na mídia impressa tradicional. Então, assim, quem tem um texto já humanizado nesse sentido pode ficar tranquilo. Agora, o papel, por exemplo, quem faz um texto escolhendo a palavra-chave e ainda assim fica um texto um pouco sem sentido, meio robotizado, essas pessoas vão ter que fazer um texto cada vez mais humanizado. Então é isso. Voltando até na minha resposta anterior, que eu estava falando que o próximo passo é a gente falar, praticamente escrever o texto escrito. Tem que ser um texto narrável, não só um texto com um padrão escrito para leitura silenciosa, digamos. Claro, nem sempre todo mundo tem essa consciência, mas a gente aqui tem e vai orientando, vai moldando as pessoas aos poucos.
Entrevistado 03: Você poderia repetir o finalzinho da pergunta?
Pesquisadora: Se tu achas que os dados, as métricas, qual é o papel deles na seleção da notícia?
Entrevistado 03: Ah, sim, o papel deles tem sido fundamental, porque a gente... É complicado, eu não gosto de falar em seleção da notícia, porque ela dá meio que num processo que vem meio que num *feeling*. É a mesma coisa você falar pra um compositor como que ele escolhe a nota musical da melodia. Ela simplesmente acontece. Porque é o que eu falo, a seleção da notícia, ela continua sendo a pulsação do cotidiano. É claro, se a pessoa se basear apenas em rede social para selecionar a notícia, essa pessoa tá lascada. É óbvio que você pode só olhar a rede social, sei lá, do presidente, do deputado, de não sei quem, de não sei quem, não sei quem é outro. Mas aí você só vai fazer jornalismo declaratório. Dificilmente você vai viralizar ou você vai se destacar em alguma apuração. Então você só

atende uma parte do tipo de jornalismo. Então, claro, essas métricas são muito boas pra gente atingir resultado. Mas elas não são tudo. O importante é a gente ter outras métricas, que é a gente saber de onde tirar a informação, e a partir disso a gente tem um processo todo humano, não artificial, de ter esse feeling mesmo, de saber o que é notícia naquele exato momento. São os critérios da notícia, que é, por exemplo, abrangência, empatia, proximidade, ineditismo, são vários os critérios das notícias que os manuais de redação elencam. Então, eu tenho uma certa reserva. Eu respeito muito o avanço da mídia digital, só que eu falo, até porque na hora que a coisa aperta, as plataformas, elas não se consideram geradoras de conteúdo. Elas falam, não, eu não crio nada, a gente só é plataforma. Então, assim, a criação ainda é nossa.

Pesquisadora: Então, tu acreditas que os algoritmos não interferem nesse processo?
Entrevistado 03: Não, eles interferem. Eles interferem na audiência, sim. Eles conseguem pautar um debate. Só que os algoritmos não conseguem fazer uma investigação. Os algoritmos não conseguem fazer entrevistas. Os algoritmos ainda não conseguem dar um furo jornalístico. Esse papel humano ainda é nosso, é do ser humano na notícia. Porque eu vejo notícia muito como...Eu comecei a falar da minha origem lá atrás, que eu fazia jornalismo, comecei a fazer reportagem policial e tudo. Eu fazia rádio escuta e ficava pegando dados, informações aleatórias. Então eu acredito muito na apuração. Eu acredito muito em jornalismo e em investigação. E o algoritmo ainda não faz Mesmo a inteligência artificial ainda não faz uma forma que consiga calcular eventuais danos, que consegue fazer uma estratégia boa de divulgação, de medir o impacto social de um furo jornalístico, de saber a melhor data, o melhor momento, porque ela não vive o cotidiano. Então, assim, esse feeling ainda é muito humano. Agora, assim, olhar essa métrica para potencializar a audiência de uma reportagem, até desrespeito com o termo reportagem, mas de uma notícia com viés declaratório, ah, o fulano de tal disse tal coisa, o Beltrão de tal disse outra coisa, tá, isso aí sim, as métricas são importantes. Os dados, sabe?

Pesquisadora: Diante de todo esse novo cenário, das novas tecnologias digitais, ampliação do alcance das redes digitais, das redes sociais digitais, tu percebes alguma alteração no ritmo da tua vida cotidiana?
Entrevistado 03: Demais, porque exige mais da gente. Eu volto a dizer lá atrás. As redes sociais ficaram com a verba da mídia e não assumiram o ônus de apurar e fazer jornalismo. Elas só entregaram um algoritmo lá pra entregar mais clique, mais alguma coisa pra quem paga pra elas. E daí, às vezes, quando dá um lapso de consciência nelas, elas falam, nossa, a gente tá sendo nocivo para sociedade. Daí eles vão lá e bancam três ou quatro grandes projetos nacionais ou mundiais de checagem de notícias falsas pra ver se dá uma atenuada no problema. Então, sim, exige muito mais de quem gosta, de quem precisa fazer jornalismo profissional e, às vezes, até nocivo para a sociedade, porque muita gente, uma parte significativa da população. Isso não envolve a questão de a pessoa ser letrada ou não, ser alfabetizada ou não, mas é uma questão de consciência, é uma questão de ela ter uma certa consciência educacional, não estar relacionada com a alfabetização, mas é uma questão de contextualização. Muita gente não consegue diferenciar uma notícia real de uma falsa, porque elas são propensas a acreditar naquilo que elas querem. Então, claro, a gente trabalha

muito mais, exige muito mais da gente, a gente trabalha fora de horário, porque esse universo não para.

Pesquisadora: E tu percebe, então, uma aceleração no ritmo da tua vida?
Entrevistado 03: Certamente. Certamente. Por causa desse fenômeno, por causa do fenômeno constante das redes sociais e por ela não repassar a verba para a grande mídia, porque se a grande mídia tivesse um pouco mais de verba, ela teria muito mais gente trabalhando e teria muito mais conforto para fazer tudo isso.

Pesquisadora: Você percebe na sua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, as tecnologias passam a fazer parte de objetos e lugares, estando integradas na vida cotidiana?
Entrevistado 03: Ah, sim, claro, certamente. Eu acho que isso até ajuda. Para o bom jornalista ajuda, para o mau jornalista equilibra ele no jogo. Mas, por exemplo, hoje em dia não é admissível, com o ChatGPT aí, não é admissível que um *site* tenha erros de português e de gramática, porque é só o cara escrever um texto. E tipo, o ChatGPT não mudar, claro, e a pessoa relê aquele texto, talvez mudar humanamente, mas falar assim, olha, corrija a ortografia disso aqui pra mim, então ele vai fazer um trabalho de revisor. Excelente, por sinal. Então, assim, não precisa pedir para o chat escrever para a pessoa, mas se a pessoa tiver uma certa limitação intelectual, até isso ele faz. Então assim, vem para ajudar. E para a pessoa que já é especializada, que já consegue fazer uma boa apuração, ela consegue otimizar demais o tempo dela, sem que a inteligência artificial trabalhe para ela, mas que a inteligência artificial faça um trabalho, tipo um secretário dela. Então, a gente também não pode demonizar isso.

Pesquisadora: E tu percebe se a apuração, hoje em dia, é muito mais digital do que anteriormente?
Entrevistado 03: Ela é digital por causa de apps, porque as pessoas são mais digitais. Então, às vezes, a fonte vai querer mil vezes falar comigo, via WhatsApp, do que eu ir ao encontro dela. Depois da pandemia, então, isso...estava todo mundo falando por Zoom, isso potencializou. Mas, assim, até um relatório hoje eu puxo de um *site* de transparência. Eu não preciso, até pra eu ver um processo judicial, baixo ele daqui da minha máquina, do computador, não preciso ir lá num fórum fazer uma carga. Então... veio bem, veio pra ajudar. Isso, na verdade, encurta o tempo da apuração. Para quem faz um bom uso disso, é muito bom. O problema é se a pessoa não...A gente não pode acomodar a cabeça. A pessoa tem que esforçar o cérebro, a cabeça. Porque se a pessoa quiser comodidade demais, ela emburrece. E se ela continuar com o mesmo nível de exigência e usando esses recursos em seu favor, mas sabendo que ele deve ser a matriz da apuração, ou seja, manter sob controle humano tudo isso, essas ferramentas vêm para ajudar todo mundo.

Pesquisadora: Outras duas perguntas que não estão no roteiro, mas para elucidar algumas coisas. Os jornalistas trabalham apenas quando eles estão aqui, na redação?
Entrevistado 03: Olha, hoje, sim. Não é exigido nada deles fora daqui. Só que a gente tem que se adaptar aos tempos que a gente vive. Às vezes uma fonte passa uma informação pra

mim seis horas da manhã, mandando um documento pelo WhatsApp. É uma relação de confiança. Ela vai passar pra mim, não vai passar pra outra pessoa. Eu vou ignorá-la? Não. Ela fala assim, ah, à tarde eu te ligo, a gente fala mais sobre isso. Então, assim, a gente adequa aos horários de trabalho as demandas, mas a gente não pode brigar com a realidade. Então, a realidade hoje, ela é conectada. É claro que, assim, fora daqui do horário de trabalho, todo mundo tem o direito à desconexão. A pessoa saiu daqui ela não precisa trabalhar. Não é exigido dela isso. Mas convenhamos que facilita muito mais que se eu tenho uma reportagem para fazer, que as fontes ou elas venham até a mim, ou que às vezes eu as chame num horário mais conveniente para elas e que na hora que eu vier trabalhar eu tenha tudo pronto. Então é tudo uma questão de conveniência isso. Mas ninguém é exigido trabalhar no horário aqui não, mas que as coisas acontecem. A gente não pode brigar com a realidade.

Pesquisadora: E a última questão, o *site*, ele suporta, por exemplo, outros materiais, como por exemplo, vídeos, animações, multimídia?
Entrevistado 03: A questão é o seguinte, a gente não deu esse salto, primeiro que a gente não é uma empresa de TV. E pra fazer isso, a gente precisaria de um profissional full-time dedicado a isso. O trabalho de edição de vídeo, de TV, bem feito, pra padrão, pra não ser muito tosco, ele demanda um certo investimento. Então, é muito mais uma decisão interna, estratégica, mas que o *site* suporta qualquer trabalho multimídia.
Pesquisadora: Gráficos animados também?
Tudo. Vai do desenvolvedor. A gente contrata uma empresa desenvolvedora e eles fazem. Tudo que tá disponível no mercado, o *site* pode fazer. Ele pode carregar.

Entrevistado 04
Dia: 1 de julho de 2024
Local: Correio do Estado
Duração: 17’26

Pesquisadora: Há quanto tempo que tu exerces o jornalismo profissionalmente?
Entrevistado 04: Profissionalmente faz bem pouco tempo, porque eu me formei no fim do ano passado. Então, aqui foi o meu primeiro estágio, meu primeiro serviço. Então, eu tô aqui desde maio, desde maio. Faz muito pouco tempo. Profissionalmente, depois de formada faz menos de um ano, desde maio, mas antes de me formar eu exerci como estagiária aqui mesmo no Correio do Estado em 2020, 2021 e 2022.

Pesquisadora: Em quais meios jornalísticos tu já atuou?
Entrevistado 04: Na redação, como repórter de redação.
Pesquisadora: Impresso e digital?
Entrevistado 04: Às vezes a gente faz, às vezes eles pedem uma matéria por impresso, gosto de escrever pro B, mas é mais pro digital mesmo.

Pesquisadora: Atualmente tu trabalhas apenas aqui?
Entrevistado 04: Só.

Pesquisadora: E qual a tua editoria?
Entrevistado 04: Maioria cidades e economia, na maior parte das vezes.

Pesquisadora: Quais são as tuas funções?
Entrevistado 04: Redigir o texto, entrevistar as fontes, apresentar pautas, ir pra rua quando é preciso, essas coisas.

Pesquisadora: Quantas horas você trabalha por dia?
Entrevistado 04: Cinco.

Pesquisadora: E tu percebe se ocorreu transformações no ritmo de trabalho e também nos modos de produção das notícias nos últimos 10 anos?
Entrevistado 04: Olha, apesar de não ter feito parte de uma redação há 10 anos atrás, creio eu que sim, observando como telespectadora, eu percebi, porque hoje em dia, querendo ou não, a gente parece que tem uma sobrecarga muito maior, parece, do que antes. Antes parecia que as notícias eram dadas muito mais pesquisadas, por muito mais tempo, parece, assim, e hoje em dia, nessa correria, parece que é um pouco diferente, assim, querendo ou não, porque tudo é muito na hora, o que a gente tem que fazer.

Pesquisadora: E como ocorre o processo de seleção das notícias no Correio do Estado?
Entrevistado 04: A gente apresenta pra editora, que é a Gláucia. Na verdade assim, a gente pesquisa, traz alguma ideia de casa, ou às vezes a gente pega algumas coisas que eles mandam também, mas quando a gente traz de casa, a gente apresenta pra ela e ela fala assim, faz, se não faz, alguma coisa assim, a gente também fica de olho, no caso eu, né, que sou de economia, fico de olho em pesquisas, que podem ser, podem sair, que daí eu já pego e já puxo algum gancho, e é isso.

Pesquisadora: E quais recursos e ferramentas digitais, plataformas que você utiliza na sua prática profissional?
Entrevistado 04: O *Docs* para escrever, às vezes o *Excel* para fazer alguma planilha, alguma coisa de economia, colocar dados, *Data Wrapper* para fazer gráficos, as redes sociais, que às vezes quem tá de plantão tem que utilizar o *Facebook*. Acho que são esses, o *WhatsApp* para falar com as fontes, e-mail também, o FolhaPress, Agência Brasil, essas agências de notícia também. E é isso.

Pesquisadora: Sobre mudanças na rotina de trabalho, percebeu mudanças devido a ampliação da atuação do jornalismo em meios digitais e nas redes sociais digitais?
Entrevistado 04: Eu acho que houve, só que eu falo, assim, daqui de Campo Grande, eu não sei fora, mas eu percebi que, às vezes, antes tinha muito mais funcionário. Hoje em dia, por mais que a massa de notícias seja muito maior, parece que o número de pessoas diminuiu, então não sei se isso é só aqui ou se fora também, mas eu percebi isso e acabou essa...como você falou essa...Como é a pergunta? Desculpa.
Pesquisadora: A ampliação da atuação no jornalismo digital.

Entrevistado 04: É, então, e eu percebi que foi isso, tipo, teve uma ampliação muito grande, porém, parece que o número diminuiu e parece que houve uma sobrecarga na massa jornalística.
Pesquisadora: E no processo de apuração das notícias? Quando vocês estão apurando, fazendo a notícia, você acha que houve alguma mudança nesse sentido?
Entrevistado 04: Eu acho que agora, com o celular, antigamente, há 10 anos atrás, eu acho que a pessoa tinha que ir mais, né? Até o local, falar pessoalmente. Hoje em dia, com o WhatsApp, você fica muito refém, né? Você fica refém da pessoa te atender, da pessoa te responder. Você vai no tempo da pessoa ali, antes você já saía daqui, você ia lá encontrar. Hoje em dia você fica refém disso.

Pesquisadora: E nesse cenário, tu achas que também ocorreram alterações no processo de seleção da notícia?
Entrevistado 04: Eu acho que sim, porque igual eu falei antes, parece que as notícias eram mais selecionadas. Hoje em dia, não falando mal de vários e vários jornais, mas hoje em dia você abre assim, tem muito sensacionalismo, tem jornal assim que dá umas matérias bem bizarras, bem fora de contexto...
Pesquisadora: E por que tu acreditas que eles fazem isso?
Entrevistado 04: Eu acho que por visualização, porque hoje o ser humano tá ali no seu mar e quanto mais absurdo é, parece que a gente tem essa curiosidade dentro da gente de clicar ali pra ver o que que é aquilo ali. Então, creio eu que seja isso.

Pesquisadora: E na sua prática profissional, tu tens práticas que vão além da convergência das mídias? A convergência é aquele processo em que as mídias acabam convergindo em apenas um meio. Você utiliza algo além, como gamificação, estratégias de news games, realidade virtual.
Entrevistado 04: A inteligência artificial a gente utiliza para matéria de agência. Quando a gente vai colocar no *site*, a gente utiliza a inteligência artificial para redigir o texto, para ficar mais rápido o processo.

Pesquisadora: E tu percebe na tua prática profissional a presença de uma hipermediação. Essa hipermediação é um conceito que diz que a gente está sempre hipermediado pelo digital. Ele faz parte de todas as nossas etapas do nosso dia a dia, estando tanto em objetos como em lugares. Tu percebes que existe essa hipermediação?
Entrevistado 04: Ah, creio eu que sim, porque hoje em dia parece que a gente é movido pela tecnologia, pelo celular principalmente. Ainda mais a gente do digital, é o tempo inteiro. É televisão, é celular, é computador. Então, eu acho que a gente tá realmente nessa situação o tempo inteiro.

Pesquisadora: Na sua prática profissional você utiliza algum recurso tecnológico biodigital, ou seja, que esteja integrado ao corpo humano (óculos, relógio, etc.) para a coleta de dados?
Entrevistado 04: Não, nada.

Pesquisadora: Você percebe que há uma onipresença do acesso a dados, redes de

informações e mídias nas suas rotinas de trabalho? Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?
Entrevistado 04: Ah, eu acho que muito do cotidiano. Eu acho que porque eles tanto, assim, na televisão, né. Eu acho que serve isso como exemplo, porque a gente já chega assistindo a TV, então a gente já pega informações dali. A gente, às vezes, abre rede social, já pega informações. Então, eu acho que tudo isso é muito do nosso cotidiano. Então, a gente vai pegando informação daqui, informação dali, que a gente vai vendo. Às vezes no... Até no computador mesmo, né? Quando a gente abre a página do Google, já tem aqui um monte de notícia, alguma coisa assim.

Pesquisadora: A convergência midiática partia do pressuposto de que os diferentes meios convergiram para uma única mídia, como você percebe essa ideia com base em sua prática profissional?
Entrevistado 04: Peraí, deixa eu pensar em uma forma de responder. Faz a pergunta de novo.
Pesquisadora: A convergência midiática, ela parte desse pressuposto que os diferentes meios vão convergir para uma única mídia. Como você percebe essa ideia com base na sua prática profissional cotidiana?
Entrevistado 04: Nossa senhora, eu não tô tendo a resposta.
Pesquisadora: Tu percebes que existe algum resíduo da convergência na tua prática profissional, por exemplo, tem várias mídias em um só meio?
Entrevistado 04: Ah, eu acho que... Como eu percebo isso no meu trabalho... Menina, acho que pela forma que a gente publica, talvez. Porque. Acaba que tudo que a gente junta acaba indo só para o *site*, então não vai, não tem escapatória, não tem para onde ir, a gente vai tudo para o *site*, então acho que talvez isso.

Pesquisadora: Qual o papel das análises de dados digitais, como as métricas de redes sociais, no processo de seleção das notícias?
Entrevistado 04: A gente sempre vê também pelo *Google Trends*, o que está em alta, o que não está, no estado, no país, no município. A gente também tem o Marfeel, que é esse sistema onde a gente vê as notícias que mais estão viralizando e então a gente vai pegando ali como base, por exemplo, se tiver fábrica da Suzano, vamos colocar. Então a gente vai ter o foco de fazer mais matéria em cima daquilo lá, em cima dessa pauta. E assim vai, a gente vê o *Google Trends*, tá uma palavra lá futebol, aí a gente vai ver o que que tá tendo de futebol, então é dessa forma.

Pesquisadora: Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção das notícias?
Entrevistado 04: Creio eu que sim, porque muitas das vezes a gente quer fazer sobre um assunto, só que a gente percebe que não tá em alta naquele momento, então ou a gente deixa na gaveta ou a gente esquece.

Pesquisadora: E com a disseminação das novas tecnologias digitais, tu percebes alterações no ritmo da tua vida cotidiana?

Entrevistado 04: Eu acho que não tanto. Um exemplo. A inteligência artificial, que é uma coisa mais nova pra minha geração, que é a coisa que mais tá bombando hoje em dia, eu acho, pra minha vida cotidiana, acho que não. A gente acha muito interessante, a gente fica um pouco, na verdade, com medo disso daí às vezes roubar um dia o trabalho da gente, né? Mas na vida cotidiana, assim, não.

Pesquisadora: Como jornalista, você acredita que os recursos tecnológicos como as redes sociais passam a ser determinantes para o processo de noticiabilidade? De que forma?
Entrevistado 04: Sim, com certeza. Porque eu acho que hoje em dia a galera, eu falo mais pelos jovens, mas você não fica fissurado só no *site*, você não acorda assim e fala assim, não, hoje eu vou entrar no *site* do Correio do Estado. Então, querendo ou não, as redes sociais são fundamentais para disseminação das nossas notícias também, pra não ficar agarrado só no *site*.

Pesquisadora: E há, por exemplo, aqui no Correio do Estado uma adaptação dos conteúdos? Por exemplo, é verificado o que tem mais perfil para a rede social, o que tem mais perfil para o impresso? E se tem uma adaptação assim na linguagem?
Entrevistado 04: Não tinha antes, não tinha, aí veio uma consultora para o impresso também. O pessoal do impresso agora, na hora de colocar no *site*, eles dão uma mudada, eles falam pra mudar um pouquinho a linguagem, porque aqui é essa coisa, o empréstimo tem um jeito de escrever ou digitar o outro, e dessa forma. Em questão do que vai pra cada rede social, eu não vou saber te responder porque é parte do deles, mas eu acho que também tem isso.

Pesquisadora: Tu percebes se atualmente as práticas profissionais, jornalísticas, tradicionais, elas passaram a ser adaptadas ou até mesmo substituídas por recursos e técnicas que são características do meio digital, assim como as redes sociais, plataforma de inteligência artificial, WhatsApp? Como isso interfere na sua vida pessoal e profissional?
Entrevistado 04: Creio eu que... porque era lotado de funcionário. Hoje em dia, você pode perceber que já tem um número muito pequeno, então eu acho que não que substitui 100%, mas eu acho que com as redes sociais, com essas coisas, fez com que o pessoal exemplo do impresso, muita gente saísse, ficassem só alguns, então... Eu acho que nisso, assim, não afetou tanto. Eu acho até que um pouco ajudou, porque igual antes, quando não existia redes sociais, nem nada, você tinha que ir até o lugar. Você não conseguia receber a informação daquela pessoa pelo *WhatsApp*, nem nada. Então, eu acho que isso ajudou um pouco.

Pesquisadora: Tu acreditas que o processo de apuração teve uma aceleração devido aos recursos digitais?
Entrevistado 04: Sim, sim. Nessa parte ajudou bastante, porque hoje em dia a gente consegue falar com qualquer pessoa do mundo pelo celular e ter as informações que a gente quer naquela hora ali. Você não precisa ir até o local. Então, eu acho que acelerou bastante.

Entrevistado 05
Dia: 02 de julho de 2024

Local: Correio do Estado
Duração: 13’09

Pesquisadora: Há quanto tempo tu exerces o jornalismo profissionalmente?
Entrevistado 05: Profissionalmente tem nove anos. Foi em 2015 que eu comecei, então tem nove. Porque eu comecei em 2013 como estagiária, na TVMorena, mas profissional em 2015.

Pesquisadora: E em quais meios jornalísticos tu já atuou? Jornal, *site*?
Entrevistado 05: Praticamente só *site* e assessoria de imprensa.

Pesquisadora: E quais veículos você trabalha atualmente?
Entrevistado 05: Só aqui no Correio do Estado, que é o online, né? Eu faço só o online aqui.

Pesquisadora: E qual a tua editoria?
Entrevistado 05: Todas. Porque o online, diferente do impresso, que é separado por editorias, a gente não tem uma para cada editoria, né? Cada um faz um pouco de tudo.

Pesquisadora: E quais são as tuas funções?
Entrevistado 05: Agora eu tô como editora, então eu é mais ou menos como se fosse distribuir pautas para os repórteres ou eles me passam também o que eles estão fazendo e aí depois eu tenho que editar capa, essas coisas no site ali.

Pesquisadora: Você é editora do *site*?
Entrevistado 05: Do site, só do *site*.

Pesquisadora: E quantas horas você trabalha por dia?
Entrevistado 05: Seis horas oficialmente.
Pesquisadora: E não oficialmente? Quanto tempo do seu dia é de trabalho?
Entrevistado 05: Mas na verdade, agora que eu passei pra tarde, né? Quando eu tava de manhã era um pouco mais de tempo. Agora a tarde dificilmente passa das 6 horas.

Pesquisadora: Tu produzes conteúdo apenas para o *site*?
Entrevistado 05: Sim.
Pesquisadora: Para redes sociais, tu produzes?
Entrevistado 05: Não. Assim, o que a gente faz, na verdade, tudo que a gente faz no online, acaba indo para as redes sociais, mas não é um conteúdo pensado. O que tem que é pensado para isso é o TikTok, que é a Colega que faz de manhã, né, que ela faz vídeos com os principais assuntos do dia, ela faz e a gente posta no TikTok, e o outro colega que cuida do Instagram, mas de minha parte mesmo, especificamente para a rede social, não. Acaba sendo só a disseminação que a gente faz por meio das redes.

Pesquisadora: E tu percebes se ocorreram transformações no seu ritmo de trabalho e também mudanças nos modos de produção da notícia nos últimos dez anos?

Entrevistado 05: Eu acredito que sim. É que, igual eu falei, profissionalmente mesmo eu tô há 9 anos. Mas, por exemplo, quando eu comecei como estagiária, a gente estava começando a usar o *WhatsApp* ainda, que apesar de ser um aplicativo de conversa também, é onde chega bastante sugestão de pauta. E eu vejo que hoje em dia muita coisa de conteúdo a gente tira das redes sociais. Então, eu vejo que tá cada dia maior assim, até porque a gente usa o *Google Trends* para ver o que tá em alta e é sempre coisa que tá na *Internet*, então eu acho que hoje em dia não tem nem como dissociar. A rede social, ela puxa muito. A gente tem que fazer, principalmente no online, tem que fazer um conteúdo pensando, porque muitos dos nossos acessos vêm ainda do *Facebook*. Quando a gente compartilha lá, que a gente tem outra ferramenta, que fica ali naquela televisão. A gente vê que compartilhando no *Facebook* sobe o acesso da matéria específica, então a gente tem que estar sempre pensando. Chega muito a sugestão também por meio do Instagram, do próprio... Quase ninguém manda e-mail mais, tirando as próprias assessorias, né? As pessoas que sugerem pra gente vêm tudo de rede social.

Pesquisadora: Sobre mudanças na rotina de trabalho, percebeu mudanças devido a ampliação da atuação do jornalismo em meios digitais e nas redes sociais digitais?
Entrevistado 05: Sim. A gente faz até cursos, né? Agora, pouco tempo atrás, veio uma consultora aqui que deu uns cursos pra gente de SEO voltados especificamente pro online, que é exatamente por questão de muitas ferramentas, agora com a inteligência artificial também. Que não é o foco, mas ajuda, né? Às vezes a gente fazer um título, alguma coisa. Então, tem que estar sempre se atualizando. Muda muita coisa. A gente tem que estar sempre atento. Porque, por exemplo, até uma rede social que hoje tá bombando, amanhã não tá mais. O próprio *Twitter* agora tá... Pra gente, já vimos que não funciona muito. Então, aí tem que buscar.
Agora o TikTok, que o pessoal mais jovem usa muito. Então, a gente tem que estar sempre procurando o meio. Todos os dias.

Pesquisadora: E nesse sentido tu acredita que ocorreu alterações no processo de seleção das notícias? Quais?
Entrevistado 05: Eu acho que em partes, porque algumas coisas a gente ainda foca nas questões do que é notícia ou não, que são coisas de política, de cidades, mesmo de serviços, mas igual eu falei, tem coisas que a gente vai buscando "trends", o que tá bombando, então a gente acaba selecionando o que as pessoas querem ler também, porque o foco do online, se não tem o acesso, também não adianta nada a gente ficar noticiando uma coisa que não vai ter ninguém clicando, então a gente tem essas mudanças sim.

Pesquisadora: Há na sua rotina de trabalho a inserção de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, como a utilização da gamificação, da realidade virtual e realidade aumentada?
Entrevistado 05: Ainda não.

Pesquisadora: E tu percebe na tua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, na hipermediação as tecnologias elas começam a fazer parte também de objetos, de lugares e se integram na vida cotidiana como um todo? Como você vê isso se desenvolver

no jornalismo?
Entrevistado 05: Eu não entendi, desculpa.
Pesquisadora: A hipermediação é um conceito que diz que a vida digital acaba se integrando na sua totalidade e a vida das pessoas. Como você vê isso na sua prática jornalística?
Entrevistado 05: Eu acho que o *WhatsApp* é uma das coisas que eu mais utilizo, até com o pessoal que trabalha aqui, como a tarde tá todo mundo aí impresso online, todo mundo senta meio junto, a gente tem um grupo no *WhatsApp* só do pessoal do *site*, que é onde a gente acaba conversando mais, onde manda as pautas, onde distribui, então é uma ferramenta que a gente usa bastante. Eu acho que o principal é o *WhatsApp*. Fora isso, não sei quais seriam as outras.
Pesquisadora: Por exemplo, no teu processo de desenvolver uma matéria, escrever e publicar...
Entrevistado 05: Dependendo, a gente usa bastante... a gente não, eu, né? Não posso falar por todos, mas... o *WhatsApp* é uma coisa que também utilizo com as fontes, que hoje em dia é mais mandando mensagem do que ligar. Mas eu não sei se entra também a questão das outras ferramentas, porque, por exemplo, a gente usa uma ferramenta que chama Transcriptor, que é de transcrever áudio, o próprio chat GPT pra dar... eu uso mais é pra sugestão de títulos mesmo, quando tá muito comprido e eu não consigo pensar. Utilizo também, então essas ferramentas, e aí as redes sociais que é pra ir tirando sugestões, né?

Pesquisadora: E na tua prática profissional, tu utilizas algum recurso tecnológico, biodigital, ou seja, são recursos que estão integrados ao corpo humano, como os relógios digitais, os óculos inteligentes?
Entrevistado 05: Não.

Pesquisadora: Tu percebes que há uma onipresença do acesso a dados, redes de informações e mídias na tua rotina de trabalho?
Entrevistado 05: De dados? Como assim?
Pesquisadora: Uma onipresença do acesso a bancos de dados ou informações e também mídias digitais durante o teu trabalho.
Entrevistado 05: Ah, sim. A gente acessa, não sei se eu entendi direito, mas, tipo, dados a gente tá sempre buscando coisas que tem esse banco de dados, mas geralmente de fontes, né? Do próprio IBGE, essas coisas, não sei se eu entendi a pergunta se seria isso, mas...

Pesquisadora: A convergência midiática partia do pressuposto de que os diferentes meios convergiram para uma única mídia, como você percebe essa ideia com base em sua prática profissional?
Entrevistado 05: Eu acho que ainda tem espaço pra muita coisa, pelo menos por enquanto, eu acredito que tá crescendo muito as mídias, mas eu acho que ainda, por exemplo, principalmente aqui que a gente trabalha com o impresso, que ainda é muito mais forte do que o online, pelo menos no nosso caso, eu acredito que vai existir sim uma convergência, mas talvez a médio e longo prazo, não por agora.

Pesquisadora: E qual o papel das análises de dados digitais, como as métricas das redes sociais, no processo de seleção de notícias?
Entrevistado 05: Essas métricas a gente utiliza bastante, principalmente para ver o que está dando acesso para poder selecionar o tema e fazer uma matéria em cima. E também pra gente ver o que não deu, porque às vezes a gente aposta num conteúdo, aí ele não tem muito acesso. Então, pelas métricas, a gente vê que talvez aquele não é o caminho. Então, tem os dois lados, né? A gente busca o que tá dando pra fazer em cima e também usa para monitorar as outras coisas que a gente pegou de outros lugares que não necessariamente surgiram da rede social e não deu certo. Ou talvez também para apostar mais nesse conteúdo, que às vezes uma matéria bombou, A gente vai lá e faz mais conteúdo, mais suítes em cima delas. É um monitoramento constante.

Pesquisadora: Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção das notícias?
Entrevistado 05: Eu acho que eles interferem no sentido do nosso caminho, né? De fazer, buscar essa matéria e utilizar ela porque é o que eles estão apontando ali pra gente. Então, acaba que a gente fica, não diria nem refém, mas é uma coisa que a gente utiliza mais em cima deles, assim, não sei se se interfere de outras formas, mas na seleção das notícias e no que a gente descarta também.

Pesquisadora: A partir da disseminação dessas novas tecnologias, tu percebes alterações no ritmo da tua vida cotidiana? Como as notícias influenciam no teu dia a dia?
Entrevistado 05: Sim, porque...Eu, hoje em dia, praticamente acordo com o celular na mão, né? Então, cada vez que surge uma tecnologia nova, é mais um tempo que toma da gente ali. Não que seja obrigatório, mas eu, por exemplo, tô sempre tentando, pelo menos, acompanhar um pouco por conta daqui, né? Do jornalismo, porque a gente também tem que estar atento, mas também para ver outras coisas. Então, é sempre uma mensagem, um Instagram, um vídeo do TikTok, assim, que toma bastante tempo.

Pesquisadora: E como jornalista tu acredita que os recursos tecnológicos, como as redes, passam a ser determinantes no processo da noticiabilidade? De que forma?
Entrevistado 05: Do jornalismo online eu acredito que sim. Porque a gente tem que estar onde as pessoas estão, onde os nossos leitores estão. Então não tem como a gente fazer uma notícia sem ser pensada para esse público de online, que as pessoas que usam online são as pessoas que estão com o celular na mão e usam todas as tecnologias. Então a gente tem que focar nisso.

Pesquisadora: E tu percebes se atualmente as práticas profissionais tradicionais do jornalismo passaram a ser adaptadas ou substituídas por recursos e técnicas que são característicos do meio digital?
Entrevistado 05: Muita coisa, sim. Quando eu comecei, apesar de não ser muito tempo atrás, era muito mais o jornalismo de ir pra rua, que a gente tava sempre na rua atrás da fonte, tava ali com o gravador, mesmo que fosse do celular, era uma gravação, era outras coisas. E eu percebo hoje na rotina aqui, própria aqui do jornalismo, que isso ficou muito, muito raro. Geralmente agora as pessoas saem quando é uma agenda pública de de político ou alguma

coisa que a gente precisa ir em loco pra ver, mas a própria busca, o próprio telefone a gente já quase não usa, então é tudo muito pela *Internet*, é sempre indo atrás pelo *WhatsApp* ou às vezes ligando, mas buscando em outras fontes, as práticas de que eram mais comuns, eu acho que tá bem adaptado.

Entrevistado 06
Dia: 02 de julho de 2024
Local: Correio do Estado
Duração: 37'29

Pesquisadora: Há quanto tempo tu exerces o jornalismo profissionalmente?
Entrevistado 06: Ano que vem eu faço 30 anos de jornalismo. Ano que vem é 25, né? Eu comecei em 95.

Pesquisadora: E em quais meios tu já trabalhou?
Entrevistado 06: O nome dos veículos?
Pesquisadora: Não, os meios impressos, digitais.
Entrevistado 06: Eu já trabalhei em todos. Eu já trabalhei no impresso bastante, televisão também, *Internet* também já colaborei. Enfim, tanto colaborar com um colaborador na proatividade e no *probono*, como dizem, quanto empresas. E rádio também.

Pesquisadora: E atualmente tu trabalhas só aqui?
Entrevistado 06: Em termos de jornalismo, sim. Eu eventualmente colaboro para alguns veículos. Muito esporádico, tá? Muito menos, inclusive de um ano pra cá, pouco. E faço outras atividades ligadas a essa minha formação da pós que eu te falei, né? Uma pós, ligada a cinema, cinema experimental, arte, que eu abri um pouco.

Pesquisadora: E qual é a tua editoria?
Entrevistado 06: Aqui no Correio eu sou específico do Correio B, então trabalho num chamado caderno cultural, um caderno de cultura.

Pesquisadora: E quais são as tuas funções especificamente?
Entrevistado 06: Eu sou a pessoa responsável pela página, pelas páginas de conteúdo próprio. Eu não sou o editor do caderno, mas eu sou a pessoa que penso as pautas, executo as pautas, dou o texto final, fecho a página, junto com o paginador. Eu não opero lá o software, o programa de edição da página, justamente porque achei que não deveria, por vários motivos, inclusive esse volume, mas eu vou desde a definição da pauta até o fechamento da página. Claro que o diretor do jornal e o editor da redação são pessoas que pedem coisas, solicitam, eventualmente podem colocar alguma questão sobre determinada pauta, mas eu me sinto como o responsável mesmo pela página que eu publico, as páginas que são duas por dia.

Pesquisadora: E quantas horas tu trabalhas por dia?
Entrevistado 06: Pelo meu contrato aqui? Ou geral?

Pesquisadora: Quantas horas tu trabalhas efetivamente?
Entrevistado 06: Bom, meu contrato aqui é de 5 horas, ou 5 ou 6 horas, mas eu trabalho o dia inteiro.
Porque se eu colocar, da hora que eu tô fazendo entrevista de manhã cedo em casa, eu saio daqui e hoje pela manhã eu assisto um filme de seis às oito antes de vir. E é um filme pra trabalho, é pra fazer crítica, é pra...tá antenado, então...Eu, sei lá...Eu não paro, na verdade, assim, sabe? Não é querendo me vender, sabe? Acho até ruim isso pro profissional, acho ruim pro profissional que já tem a meia-idade, sobretudo, que já tem um tempo, né? Mas na conversa, pra responder de um jeito simples, seria isso. Porque é o fato.

Pesquisadora: E nos últimos 10 anos, tu percebes se ocorreram transformações no ritmo de trabalho? E também mudanças nos modos de produção das notícias?
Entrevistado 06: Eu vou responder que sim e você vai perguntar quais. Então eu respondo sim.
Pesquisadora: Sim, quais?
Entrevistado 06: Das mais diversas. Posso até colocar o fator pandemia em algum momento, que deve estar na fala de todos os colegas, é incontornável. A pandemia sim trouxe novidades, mudanças, alterações, mas mais do que isso, talvez ela tenha acelerado e aprofundado mudanças que já estavam em curso. A principal mudança nesse sentido seria a efetivação do chamado home office, ou seja, do trabalho remoto, do trabalho em casa. Mas isso eu tô falando da relação com o empregador. Além dessa relação com o empregador, mudou também a relação com o objeto do teu trabalho. O modo como se apura, o modo como se faz entrevistas, o modo como se acessa uma fonte, o modo como se aproxima do assunto, o modo como você imerge no assunto, ou seja, faz uma imersão, penetra no assunto. Pra mim, que tenho quase três décadas de jornalismo, então é muito tempo, sabe? Eu mesmo, no espanto, peguei desde a máquina de teletrografar na redação, sabe? Então, mudou muita coisa mesmo nesses 30 anos e nesses 10 anos também. A principal está relacionada a isso que eu te falei, né? A relação com o empregador ou com a empresa empregadora nesse sentido. E também no modo como a gente se aproxima da notícia, dos personagens, dos temas, o modo como a gente cria pauta, o modo como a gente troca ideias com os colegas e até o modo, eu acho que isso atinge até a nossa forma de escrever e até o nosso texto final. Dá pra entender essas diferenças todas que eu trouxe, né? Ou seja, todo o processo de trabalho. Eu considero essas mudanças que eu marquei tanto positivas quanto também coisas que talvez desfavorecem o trabalho do jornalismo, sempre sublinhando que eu me coloco muito como um profissional à moda antiga, né? Não sou velhão, mas peguei um momento lá de início nos anos 90 que você ainda tinha um resquício de um outro sabor, uma outra dificuldade, uma outra prática, sabe? E uma compreensão do chamado jornalismo generalista, ou seja, que um bom repórter deve ser capaz de dar conta de todas as editorias minimamente, suficientemente, que hoje eu não vejo as pessoas dessa forma. Então, o que eu vejo hoje são, muitas vezes, jornalistas que parecem que não gostam do que eu entendo como jornalismo. Se você quiser desdobrar alguns desses pontos. Aí que eu trouxe... Mais pra frente. A gente vai desdobrar. Não precisa ser agora. Estou tentando falar mais blocado pra eu tentar ir no fluxo.

Pesquisadora: E como que ocorre o processo de seleção de notícias aqui no Correio do Estado?

Entrevistado 06: De ambas as formas, ou seja, de ambas as formas, tanto no que eu posso arbitrar quanto o que me vem de cima ou de chefia, ou até de sugestão de colegas de dentro e de fora, de ambas as formas, ou seja, eu crio pautas pela minha observação, mas também recebo muitos releases, às vezes um release já é uma outra pauta, você enxerga um dado no release que você faz uma outra coisa, e às vezes isso também não dá certo. Então as formas são essas, sugestão das assessorias de imprensa, sugestão dos colegas, e também pautas encaminhadas pelo editor. Sendo que no caso do meu exercício, a maior parte acaba vindo do exército de um homem só, que eu acho que eu sou. Até demais. Quando vem alguém para colaborar, eu acho até bom. Como semana passada teve um texto da Mariana, nossa colega.

Pesquisadora: E quais recursos, plataformas e ferramentas digitais que tu utilizas na tua prática profissional?

Entrevistado 06: Digitais? Você quer o nome das plataformas, etc? Algumas? São tantas. Diversas, diversas. Pode estar algumas mais. Uai, é... Bom, todo mundo usa Google, eu uso Google. Todo mundo usa Wikipedia, eu uso Wikipedia. Tem alguns bancos de dados de cinema mais específicos que eu uso, que eu não sei se todo mundo usa. O IMDB, acho que muita gente já usa, mas, por exemplo, o *site* da Cinemateca Brasileira, que é uma fonte de confiança, eu não sei se as pessoas usam. Repositórios de teses. Talvez por ser uma pessoa que frequentou academia, após da vida, volta e meia eu estou também nos bancos de tese, recorro muito ao FMG porque fiz meu doutorado lá, recorro à USP porque fiz meu mestrado lá, mas aparecem tantas outras, né? Aparece a UNICAMP, enfim, as federais aparecem muito. O que mais que eu não tô me lembrando aqui? Via Google você acessa um mundo, né? Então o Google já é bem genérico. Tamo nas digitais, eu já ia falar outras que não são digitais.

Pesquisadora: Sobre mudanças na rotina de trabalho, percebeu mudanças devido a ampliação da atuação do jornalismo em meios digitais e nas redes sociais digitais?

Entrevistado 06: A gente está pensando nos últimos 10 anos? Ou sem os 10 anos? Porque você falou primeiro 10 anos. Porque os digitais estão aí já há 30 anos.

Pesquisadora: Sim, no geral.

Entrevistado 06: No geral, até onde eu entendo como digital, né? Muitas mudanças, sim. Você quer que eu as enumere ou que eu as qualifique?

Pesquisadora: sim.

Entrevistado 06: Ah, tá. Sim, eu acho que...o predicativo da velocidade, né, por um...existe a velocidade que é a necessidade de publicar rápido, né, a ideia de furo se relativizou, se adensou, e depois eu acho que ela perdeu sentido. Porque as pessoas viram que ser rápido na *Internet* necessariamente não vai ser bom, pelo contrário, você gerou muitos erros. No entanto, o caso mais clássico do jornalismo brasileiro, pelo menos da minha geração, não foi pela *Internet*, né? A escola base. Então eu gosto muito de lembrar disso, porque eu não sei se eu tô me repetindo. Uma compreensão do que é o jornalismo, o tempo que você tem que gastar pra fazer um texto, ter que ter texto final, não entregar pra revisão, os erros me

deixam triste pelos colegas, pelo time todo aqui, então tem um preciosismo meu que ele é quase babaca aos olhos da moçada de hoje. Aí por que eu tô te falando isso? Porque eu gosto muito também de identificar o que seria erros e equívocos graves dentro desse jornalismo à moda antiga, que é aquele no qual eu acredito mais. Então, assim, se eu daqui a pouco vou começar um discurso que vai parecer que eu sou contra a *Internet* ou menos favorável do que a maioria das pessoas, eu mesmo sou um cara que lembra que nesse jornalismo mais tradicional ou mais consistente que eu estou dizendo, o caso mais importante, esse é só um, não tem outros graves. Peguei só o mais fácil da gente lembrar. Foi uma coisa praticada na maior emissora do país. Esse profissional continua atuando, ele voltou, tem uma série sobre esse caso. Então, feito esse preâmbulo, eu digo o seguinte, o jornalismo digital, ele pra mim, primeiro abençoou, ou seja, intensificou, tornou mais importante, mais urgente, mais valorizada a ideia de furo, mas depois ele mesmo fragmentou isso porque você vê que os erros na *Internet* também, eles são muito rápidos, embora facilmente corrigíveis. A opinião pública e o leitor, se quiser pegar aquilo pra ferrar, ou o veículo, ou o repórter, ou até os objetos, ou o tema, ele pode fazer aquilo. Então eu acho que a ideia de furo é algo que foi em parte perdida mesmo, e em parte requalificada. Furo hoje é uma outra coisa. A relação dos jornalistas com o conceito e a prática da apuração eu acho que empobreceu eu acho que empobreceu quase que um processo cognitivo do jornalismo e do jornalismo como produção de conhecimento isso eu acho muito grave eu acho que a gente precisava ter ferramentas melhores de mediação entre nós e a web ou seja, coisas que fossem além dos tutoriais Na minha primeira experiência mais intensa com a *Internet*, fui fazendo um curso de trainee de jornalismo, eu diria que eu tive uma formação sobre isso, ou a possibilidade de uma formação, porque eu não era o melhor aluno. Então, eu tive na faculdade ainda, não lembro se antes ou depois, porque foi muito próximo, uma disciplina que era o jornalismo digital, e na época parecia que era das primeiras turmas, porque o professor era muito orgulhoso, até o professor Gaúcho, Elias, que embora Gaúcho deve ter passado a vida na Bahia. Ele citava os primeiros do mundo, que era de San José, faculdade ou universidade de San José, nos Estados Unidos. Acho que San José ou Santo Antônio News e tal. Aí citavam os três, depois vinha a gente, sabe? Acho que tinha um orgulho dele. Pra mim isso hoje não quer dizer nada, mas mostra que na época tinham poucos e na mesma época fazendo um curso de trainee na Folha de São Paulo, onde depois eu fiquei trabalhando. Isso exatamente, acho que há 30 anos. Ou quase. Na mesma hora que falaram do digital, da ferramenta digital da *Internet*, já veio junto a organização Jornalistas Sem Fronteiras, cuja articulação internacional é toda via web, sabe? Então, se eu não fui o melhor aluno disso, me parece que eu tive a preocupação lá atrás em tentar qualificar essa ferramenta como todas as outras que eu já utilizava antes. Manuais de jornalismo, jornalismo impresso. Os manuais impressos e tal. Eu comi todos na minha época. Eu tenho até hoje, não sei se todos, mas alguns. Usava-se muito da Folha nas faculdades, mas também eu quis ter o de Estadão, o da Abril, sabe? De vez que já trouxe pra redação, pra alguns colegas dar uma olhada, já tem até uma pessoa que já saiu daquela empresa. Então, acho que a gente precisa se qualificar, independente que seja a ferramenta pedagógica, a ferramenta de aprendizado ou de apuração. Então, eu acho que precarizou. Eu acho que tornou superficial a apuração. Falei do furo, que eu acho que relativizou, já tá gravado. Acho que a relação com os nossos temas também ficou um pouco mais superficial. Eu acho que a questão da velocidade, essa questão do chamado tempo líquido, aquela coisa

do Bauman, que tem muito mais a ver até com afetos e relações interpessoais, também interfere interpessoalmente na nossa relação profissional, percebe?

Pesquisadora: E nesse cenário, tu acreditas que houve alterações no processo de seleção das notícias?
Entrevistado 06: Sim, né? Todo mundo deve ter respondido a mesma coisa, mas eu agora não consigo responder diferente, porque a primeira coisa que me vem é uma seleção de notícias a partir do que pontua mais, do que tem mais view, do que tem mais acesso, do que permite mais tempo de leitura. Apesar que a ideia de tempo de leitura, de permanência na página, nos remete a um sentido de envolvimento com o que está sendo narrado, porque hoje em dia o negócio é escrito e também com o modo como você articula esse assunto, né? O modo como você traz o assunto. O que é que eu quero dizer? Às vezes você tem uma apuração boa, escrito, redigido, filmado, editado, de um jeito que não tá interessante. Às vezes você tem um tema que parece mais banal e ele aparece de um jeito... Posso dar um exemplo? Teve um momento aqui, no meu começo no Correio, que eu acabei fazendo uma pauta sobre banho de piscina durante a pandemia. Eu nem sei se eu fiz isso tão bem, eu sei que... eu não sei... perceba... acho até que era mais mérito do tema naquele momento do que o que eu escrevi. Foi uma coisa que foi transformada aqui no chamado Evergreen. Aquela coisa que sempre volta e tal. Não sei porquê. Então também tem isso, né? Aquilo que é incomensurável, aquilo que a. Gente não...

Pesquisadora: Há na sua rotina de trabalho a inserção de práticas profissionais que vão além da convergência das mídias, como a utilização da gamificação, da realidade virtual e realidade aumentada?
Entrevistado 06: Não, eu não utilizo.

Pesquisadora: Você percebe na sua prática profissional a presença de uma hipermediação, ou seja, as tecnologias passam a fazer parte de objetos e lugares, estando integradas na vida cotidiana. Como isso se desenvolve na sua prática jornalística? Por exemplo, a hipermediação é um conceito que diz que o digital media a nossa vida em todos os sentidos, desde objetos até lugares, em tudo. Tu vês isso na tua prática profissional?
Entrevistado 06: Sim.
Pesquisadora: De que forma?
Entrevistado 06: Do modo como os próprios assuntos chegam a nós, ou do modo como nós, cada vez mais, temos que nos aproximar dos assuntos, dos temas e dos personagens. Posso dar exemplos mais uma vez e aí você vai me dizer se eu compreendi corretamente. Se você recebe um release de uma assessoria de imprensa, pergunta coisas pro assessor, e ele fala pra você consultar, por exemplo, o Instagram. Não sei se isso tem a ver, por exemplo, se quando as pessoas armam uma coletiva, e essas coletivas acontecem cada vez mais virtualmente, às vezes até com pessoas que são aqui da cidade. Acertei de novo? Não sei se ele, né? Ou seja, o artefato do remoto e do remoto via vídeo aí, né? No caso da entrevista, o remoto via rede social, no caso do Instagram, interfere totalmente. Por que o assessor não me manda isso por e-mail, pelo menos? Ou, antigamente, ele mandaria entregar um envelope de papel com a coisa impressa. Ou recomendaria pra gente imprimir, ou sei lá o quê. Aí qual é a minha insistência com esse suporte físico? até mais do que a tela e o papel. Essa compreensão do

que é o processo de leitura, o que é o processo de aprendizagem e o que é o processo também de cognição. Não sei porque, eu acho que você consulta... pode ser banal o que eu estou dizendo, mas você consultando pelo papel aqui pode ser melhor pra você do que pela tela, ou do que pelo celular, como muitos pesquisadores fariam a essa altura. Não sei, é uma coisa que está entre a intuição e o que eu ouvi falar muito. Eu não sou um especialista exatamente nessa sociabilidade, nessa pedagogia da vida digitalizada, mas juntando tudo isso, o que falaram, o que eu vi, o que eu li, o que eu experimentei, me permite falar que sempre é melhor a gente estar lendo aqui. No momento eu estou lendo um livro em PDF no meu telefone, porque eu vou entrevistar um escritor essa semana, eu não comprei o livro, preferiria comprar porque é um livro até que eu queria ter, mas estou numa fase que eu não estou podendo assim, todo mundo falaria, é sua prioridade, não é sua prioridade, até seria, mas eu tô precisando, eu tô numa fase que eu não posso, então eu tô lendo por aqui, aí pra mim tá sendo bom demais, porque talvez eu não pudesse estar lendo, ou eu fosse fazer uma Xerox, eu ia gastar muito na Xerox, só pra te mostrar o tempo inteiro que a coisa tem dois lados, que eu consigo me reconhecer muito de um lado como partidário, que gostaria até de defender, mas que acaba a própria fala, traz o contraditório. Eu acho que a gente perde. Eu acho que o jornalista, quando vê informação na tela, ou na rede social, ou no *site* do evento, é pior. Eu tive que ligar para duas pessoas ontem para checar coisas na matéria que eu publiquei hoje, porque eu fiquei meio tenso. Posso até te falar o que é. Vai ter um evento grande no estado, um evento literário. Tinha um grande convidado que tava no *site* num dia, no outro não tava. Eu comecei a achar que eu vi, não vi. Vi, não vi. Vi, não vi. Vi, não vi. Fui checar o último release que eu tinha recebido. O último release dizia que esse convidado tava no evento. Tá eu, domingo, procurando assessora. Por isso que me atrasei até na minha saída. Aí eu tive que ligar pra assessora, que é um amor de pessoa, sempre me atende no fim de semana, não é a primeira vez que eu a busco. Mas pensando bem agora, talvez eu busquei ela no fim de semana, porque as coisas não chegam até sexta no papel. Aí depois liguei pra dona do evento, porque a assessora demorou. Aí o convidado que viria, que é um grande ator do Rio de Janeiro, veterano, ia fazer uma peça sobre um anel de barro, tá doente. Pra mim já é outro assunto, percebe? No caso do Correio não é importante. Mas qualquer outro veículo que eu trabalhei, se o cara tá doente, é importante. É um grande artista brasileiro doente, esse cara tem 80 e tantos anos, ele pode morrer, que doença é essa? Ele vai fazer falta? Já virou uma pauta! Tá bom nessa? Não, mas...tudo é relevante. E me diz uma coisa... Você entendeu essa parte? Que eu olhava no *site*, não via lá a cara do cara mais, aí via a cara de um outro famoso. Aí eu falava, nossa, mas será que eu tô me atrapalhando? E às vezes, na minha avaliação, as interfaces também não ajudam muito. Às vezes elas são muito boas, mas às vezes elas são muito atrapalhadas. Esse *site*, por exemplo, que eu precisei checar desse evento, mistura propaganda de barbear com o tema, porque deve ser alguma plataforma mais barata, sabe? Aquelas publicidades que entram meio malucas. Aí você tem, em termos da dimensão na tela, você tem quatro dedos da imagem da publicidade aqui pra ter um da informação. Aí eu fiquei maluco. Como eu já tô quase 50 anos, tava com fome, tava triste, domingo, e minha vida pessoal às vezes também, como vem todos nós, eu falei, meu, eu não quero errar isso. Essa matéria é sobretudo matéria de serviço também, eu tô dizendo pro leitor o que que vai ter lá, porque que é legal. É como se às vezes o excesso de informação confundisse a gente, né?

Pesquisadora: Na sua prática profissional você utiliza algum recurso tecnológico biodigital, ou seja, que esteja integrado ao corpo humano (óculos, relógio, etc.) para a coleta de dados?
Entrevistado 06: O que é um recurso tecnológico biodigital?
Pesquisadora: É um recurso tecnológico digital que é integrado ao corpo. Por exemplo, aqueles relógios digitais, os óculos inteligentes.
Entrevistado 06: Relógios inteligentes, óculos inteligentes. Fone de redução não, né? Na verdade, eu estou a dizer que eu não sei se o fone é... Então, se o fone for, eu utilizo. Então, o que eu consigo responder disso seria o fone. Porque são recursos que estão integrados ao corpo humano. Eu acredito que o fone seja.

Pesquisadora: Você percebe que há uma onipresença do acesso a dados, redes de informações e mídias nas suas rotinas de trabalho? Como isso se desenvolve na sua prática jornalística?
Entrevistado 06: Eu percebo o quê? Se eu percebo que há...
Pesquisadora: Uma onipresença do acesso às redes de dados, redes de informações.
Entrevistado 06: Em princípio, eu responderia que sim, mas a palavra onipresença é uma palavra meio totalizante. Aí eu estou vacilando um pouco mesmo, sabe? Não sei também, pelo fato de eu ter trabalhado em diversos estados, nasci em um, fui para outro, para outro, para outro, se isso também, o tempo inteiro eu quero responder fazendo um mosaico geográfico. Mas, por exemplo, se eu estivesse hoje na Folha, provavelmente eu responderia que sim. Aqui no Correio eu diria que não. Eu não sei nem se em Campo Grande, porque aqui eu só trabalhei aqui no Correio. E em casa. Então, eu diria que não, tá?

Pesquisadora: E a convergência midiática, que parte do pressuposto de que os diferentes meios convergem para uma única mídia. Como que tu percebes essa ideia na tua prática profissional?
Entrevistado 06: Sem querer polemizar e ficar tirando onda o tempo inteiro, em primeiro lugar, eu diria que ao mesmo tempo que pensamos e constatamos o que é convergência midiática, devemos também nos atentar até que ponto essa suposta convergência não redunda em divergência. Convergência midiática se não redunda em divergência semântica ou até informativa, às vezes. Dito isto, essa nota de rodapé é meio blasé, eu acho que eu respondi um pouco antes. Eu acho que o status da informação, ou seja, mesmo antes da notícia, o status da informação, mas também da notícia, ou da constatação do fato no ambiente do jornalismo, está muito guiado por todas essas ferramentas que nós mencionamos, todas essas frentes, todas essas estruturas que normalmente a gente costuma citar somente rede social, mas não é só rede social. Não sei se eu fugi da pergunta. É isso, né?

Pesquisadora: Qual o papel das análises de dados digitais, como as métricas de redes sociais, no processo de seleção das notícias?
Entrevistado 06: A tabulação de dados?
Pesquisadora: É, das análises de dados digitais, as métricas até mesmo das redes sociais, dos *sites*...
Entrevistado 06: O papel é importante, né? Eu considero cada vez mais importante. Eu

considero que muitos colegas não dominam isso. Talvez eu me coloque no time daqueles que não dominam. Isso só mostra o quanto é importante também, hoje, o jornalista, além da formação tradicional que eu estava falando, ter também essa capacidade de compreender. No meu tempo, falaria de estatística, mas hoje a palavra é muito mais do que isso. A palavra é o que você está dizendo, na verdade. Eu acho que existe bastante, mais do que talvez eu mesmo possa vislumbrar, mas, tanto na minha prática quanto na minha observação que eu faço dos colegas, aqui e fora, eu acho que é algo ainda muito...não vou dizer acessório, mas algo que está colocado já como importante, que a gente utiliza, mas é um domínio superficial, o que redunda em performances artificiais no uso dessas ferramentas.

Pesquisadora: Os algoritmos interferem de alguma forma no processo de seleção?
Entrevistado 06: Acredito que interferem.
Pesquisadora: De que forma?
Entrevistado 06: Fazendo bombar um assunto que às vezes necessariamente não estaria bombando numa recepção mais natural. Tanto na recepção, mais uma vez, do leitor, do espectador, do público, quanto na recepção dos editores, dos pauteiros, dos repórteres, dos donos de jornal que vão estar escolhendo. Porque aí você tem o vetor da produtividade capitalista, para usar um termo antigo, ou seja, se bombar cabelo, a pauta cabelo, pode ter três guerras como tem quatro guerras acontecendo agora. Se bombar afro...que é até um tema mais profundo, mas que também tem uma forma de banalizá-lo como o próprio feminino. As pautas identitárias todas, por exemplo, talvez seja um bom exemplo pra mim, porque são pautas muito profundas, muito complexas, que requerem muito tutano de nós, muita atenção, muito cuidado, a chance de errar é muito grande, e elas são tratadas muito na crista da onda de uma audiência.

Pesquisadora: A partir da disseminação das novas tecnologias digitais, você percebe alterações no ritmo de sua vida cotidiana? Como as notícias influenciam seu dia a dia?
Entrevistado 06: Percebo.
Pesquisadora: Quais?
Entrevistado 06: A principal é a sensação de ter dificuldade em ficar off, né? Me desligar do meu ambiente profissional. E a outra é uma sensação de não dar conta, justamente, das possibilidades de informação, as possibilidades de ter informação e da quantidade também de informação. Eu fico me achando como um indivíduo profissional menos do que o mundo oferece, do que o mundo pode me dar. Então, sempre vai ser melhor surfar no *site* do que ler um livro de filosofia, mesmo que o assunto seja filosofia. Surfar no *site* sobre as queimadas, os incêndios que estão tendo, do que ler um livro que me explique, talvez de uma forma até mais conjuntural, a questão das queimadas.

Pesquisadora: E como jornalista, tu acreditas que os recursos tecnológicos, como as redes sociais, passam a ser determinantes nesse processo de noticiabilidade?
Entrevistado 06: Sim, eu acredito que sim.
Pesquisadora: De que forma?
Entrevistado 06: Antigamente a gente falava que deu no jornal, é verdade, hoje em dia dá na rede social, é verdade. Por mais que haja uma contraofensiva que parece robusta, no

sentido de ter uma legislação, no sentido das campanhas, no sentido dos filtros, que envolve não só crianças como nós, é muito sedutor, muito eficiente, muito forte, muito direto, muito... É uma agulha ali, profunda, qualquer coisa que você vê na *Internet*, justamente por ela trabalhar com o que você já está me dizendo que é pós-convergência, que é o quê? A imagem, a imagem em movimento, o grafismo bem feito, a manchete nela pode ser levada... Olha aqui, a gente está numa sala que tem um conjunto de manchetes ao número de décadas. Olha como é que se colocava as manchetes. Não tem variação quase nenhuma. Qual é a variação ali de fonte, de cor, e de tipo de fonte. Três coisas mudam. O formato continua o mesmo, o formato da página e tal. Na *Internet* você pode mudar. Isso aí é quase nada na *Internet*. Você vai ter várias cores, várias fontes. O título até muda. Você pode ter uma página que fala, né? Morre John Lennon. E aquilo vai piscar dizendo, né? O maior Beatle do mundo. Tá entendendo assim? Imagina se em 80, quando John Lennon morreu, tivesse isso. Como é que seria a cobertura, por exemplo? Né? Você teria... A manchete muda nos seus olhos. Significa que na fração de segundo que eu leio ali, terror nos Estados Unidos e choque ao mundo, eu estaria lendo, terror nos Estados Unidos e choque ao mundo. Dois prédios derrubados. O atentado foi feito por Bin Laden. Sabe assim? Aquilo tudo é mais rápido. Então, um dos impactos seria esse, a questão da velocidade e junto com ela essa diversidade, o que faz com que ao mesmo tempo eu saiba mais, tenha acesso a mais informação, mas ao mesmo tempo isso fragmenta o modo como eu chego nessa informação ou como ela me chega. Esse é só um exemplo. Se a gente pensar aqui, vai ter vários outros.

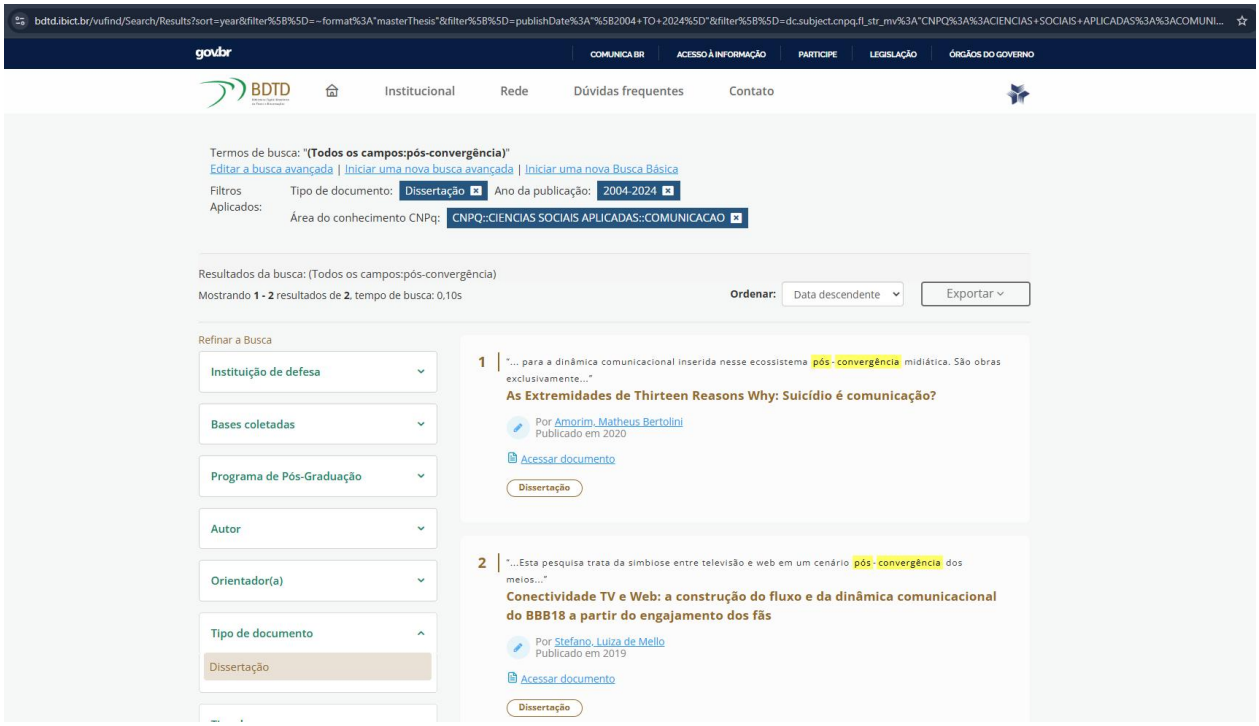
Pesquisadora: E tu percebes se atualmente as práticas profissionais tradicionais, elas passaram a ser adaptadas ou até mesmo substituídas por recursos e técnicas que são característicos do meio digital?
Entrevistado 06: Sim, percebo. Talvez menos em um meio, o rádio. Eu acho que o rádio mesmo, por mais que o rádio tenha outras interfaces hoje, do podcast que nada mais é do que um programa de rádio congelado ali, por mais que ele use, têm até WebTV de rádios, blá blá blá, etc e tal, *sites*, eu acho que o rádio, em essência, ele permanece aquilo ali. O jeitinho de falar, o jeito de fazer a notícia, o jeito de... Porque o rádio tem um pessoal, um tético, um ouvinte que até agora me parece insubstituível.
Pesquisadora: E na tua prática jornalística diária, como que tu vês essa situação?
Entrevistado 06: Qual situação?
Pesquisadora: De perceber se algumas práticas tradicionais estão sendo adaptadas ou substituídas por recursos e técnicas do digital.
Entrevistado 06: Ah, sim. Sim. Ah, por exemplo, quando você está escrevendo um texto, a revisão já está ali, automática. Muitas vezes o revisor erra. Toda hora vem um com erro, porque erra mesmo, sabe? Eu, por exemplo, que trabalho dentro do processador de texto do Google, que por um lado é bom para mim por vários motivos, ele erra. Língua portuguesa, bastante. E até, às vezes, outras línguas também. O próprio fato da gente estar ali online e toda hora eu estou consultando as outras janelas, ou seja, se eu tivesse a *Internet* hoje e toda essa interatividade e eu tivesse um pouco mais de dificuldade ou menos facilidade para acessar as outras janelas, talvez eu conseguisse escrever melhor, escrever mais rápido, valorizar essas consultas. Provavelmente a gente não fica um minuto ou dois na tela escrevendo, toda hora a gente muda, eu pelo menos, eu não sei se todo mundo é igual a mim.

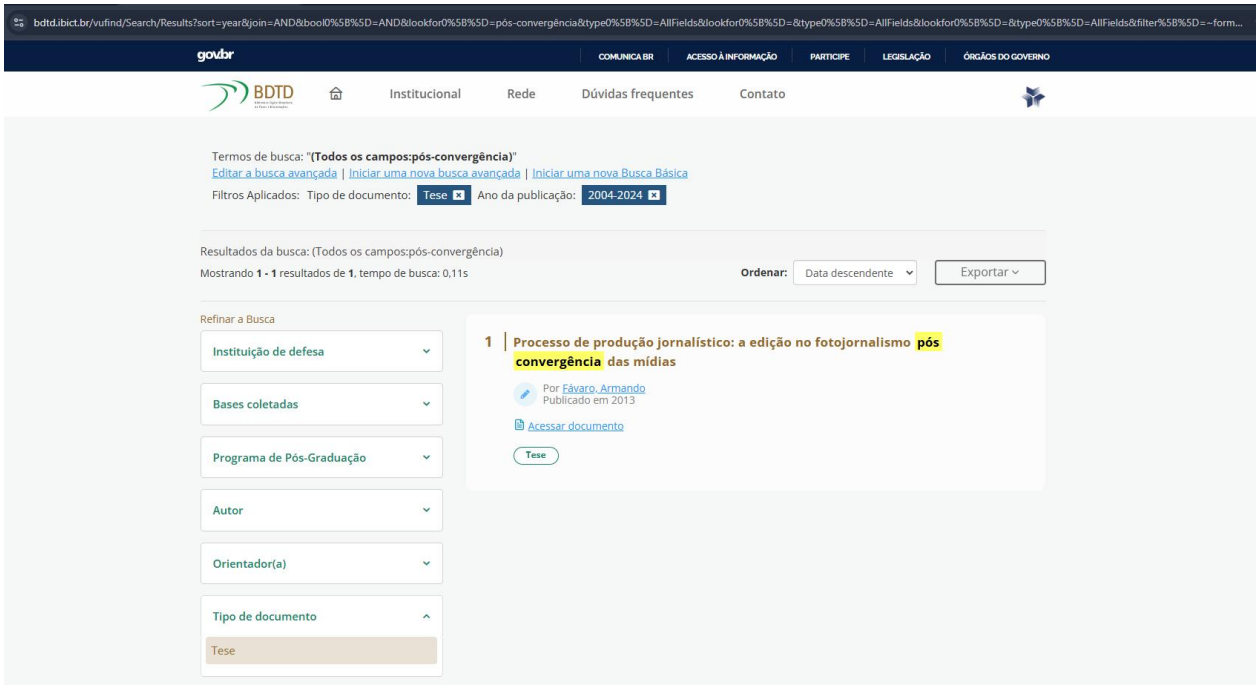
Quando eu acho que eu tenho que fazer um texto sem isso, sem essa consulta recorrente, sabe o que é que eu faço? Eu programo. Por exemplo, uma crítica de um show. Uma crítica de um show, eu vi o show. Então eu tenho que estar ali muito com as minhas impressões, com o que eu lembro, até com o que eu tenho anotado do lado, uma coisinha, tudo bem, mas não precisa toda hora estar saindo dali. E atrapalha a fluência desse raciocínio, dessa fruição *aposteriore* que a gente tenta se proporcionar para falar de um filme, e às vezes mais do que falar de um filme, falar de uma sessão de um filme. Mas até para falar de um filme, se for um filme antigo, você tem acesso ao filme no seu computador. Para buscar o filme no seu computador, você pode ver aquilo N vezes, que pode te favorecer ou te desfavorecer, o trecho, a cena. E às vezes, na busca do trecho da cena, você já viu outras coisas antes. Eu tô aqui querendo lembrar de um filme do final dos anos 30 do Hitchcock, que de repente quando eu clico aparece lá, né? Vasco empata com Bahia. Meus dois times. Como é que eu não vou clicar naquilo? Por exemplo, sabe?

Eu lembrei desse assunto porque futebol é um assunto que me atravessa muito aqui. E eu devo ser o menos boleiro de todos, da redação inteira. Mas mesmo assim gosto. E tenho dois times. Então, nesse ponto, só isso aí, basicamente eu falei o que? As janelas. Eu acho que a possibilidade das janelas, como também do hipertexto às vezes, a coisa rizomática de você poder clicar, porque às vezes você clica no hipertexto pra, de fato, turbinar a informação que você precisa, mas às vezes você vai derivando. Tô fazendo um texto sobre o Chanel e o nazismo, quando você vê, você está vendo o tipo de bolsa que ela fez, ou o tipo de corte, sabe? E eu tô dando exemplo até de qualidade, né? Porque eu tô dentro da moda, mas aí você vai pra uma coisa que vai pra vida pessoal da pessoa. Realmente não interessa. Eu tô vendo o caso do P.C. Farias, pra fazer uma matéria histórica. Aí eu clico lá em Tereza Collor. De repente eu tô vendo que ela era uma das mulheres mais bonitas de sua geração e que ela faz propaganda pra tal marca, sabe? Isso não vai interessar na matéria. E às vezes até eu incluo na matéria. Como hoje o hipertexto tem um vício, eu faço um hipertexto com ela. Tereza Collor, considerada a musa da política na época e tal, aí você traz uma coisa. Poxa, musa pra quem? Pro jornalista que era o chefe da Folha na época? Pros três ou quatro que eram da Contigo? Se você for olhar, de fato, beleza na época, já deve ter mulheres muito mais lindas que ela, ou mais interessantes, sabe? Então, até pra um cotejo de gênero, por mais machista que seja, você me perdoa, mas é um exemplo bom que me ocorreu aqui, a gente perdeu um pouco a mão mesmo, de ponderar o que é que vale a pena trazer. Aí eu lembro que, na época, bombou Tereza Collor como musa, de repente o trago hoje não faz nem sentido pro leitor de hoje, sabe? Ou então vai fazer pra aquele leitor que já é superficial. Então se ele já é, eu como jornalista desperdicei a chance de tirar um pouco disso. Porque talvez foi a coisa mais importante de falar do protagonismo dela em outras áreas. Apesar de ter sido considerada musa em algum momento, ela se qualificou, ou ela provou que podia fazer outras coisas. Tô lembrando dela. Cê lembra dessa mulher? Depois ela virou...até secretária, editoria, e ela se moveu na política. Esposa do irmão do Collor, lá que morreu. Como era o nome do irmão? Era a mulher do irmão do Collor. Acho que virou secretária.

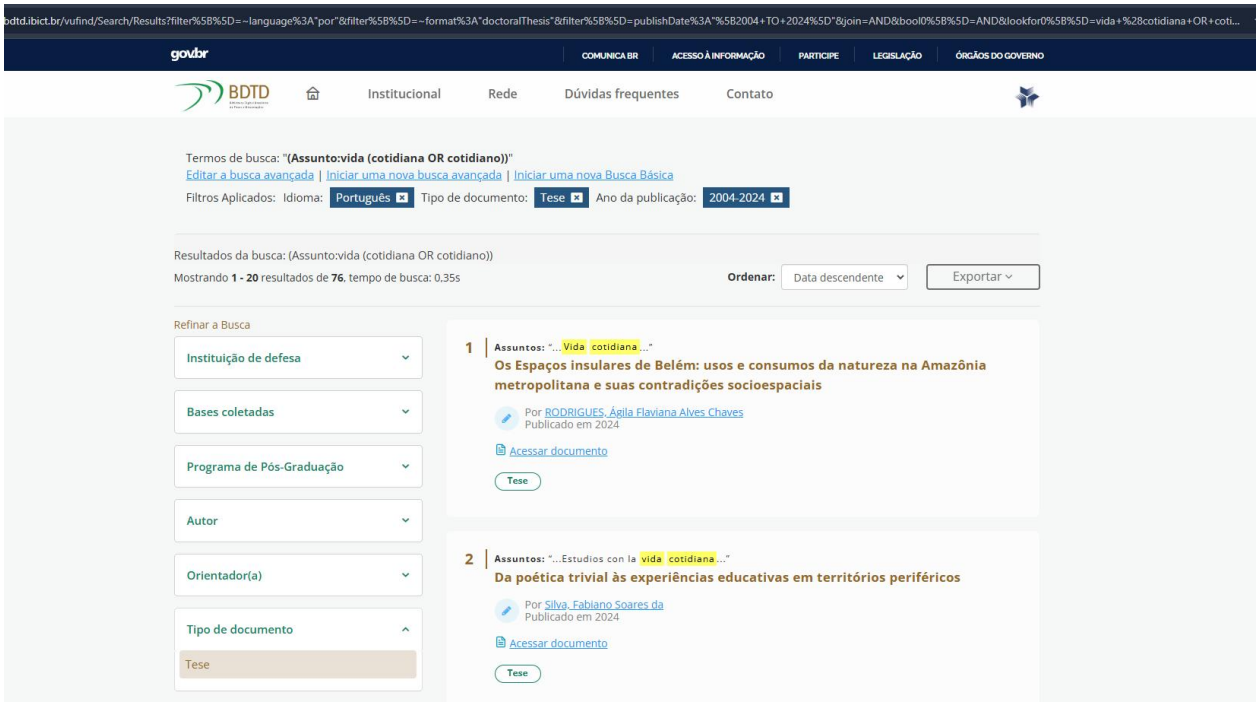
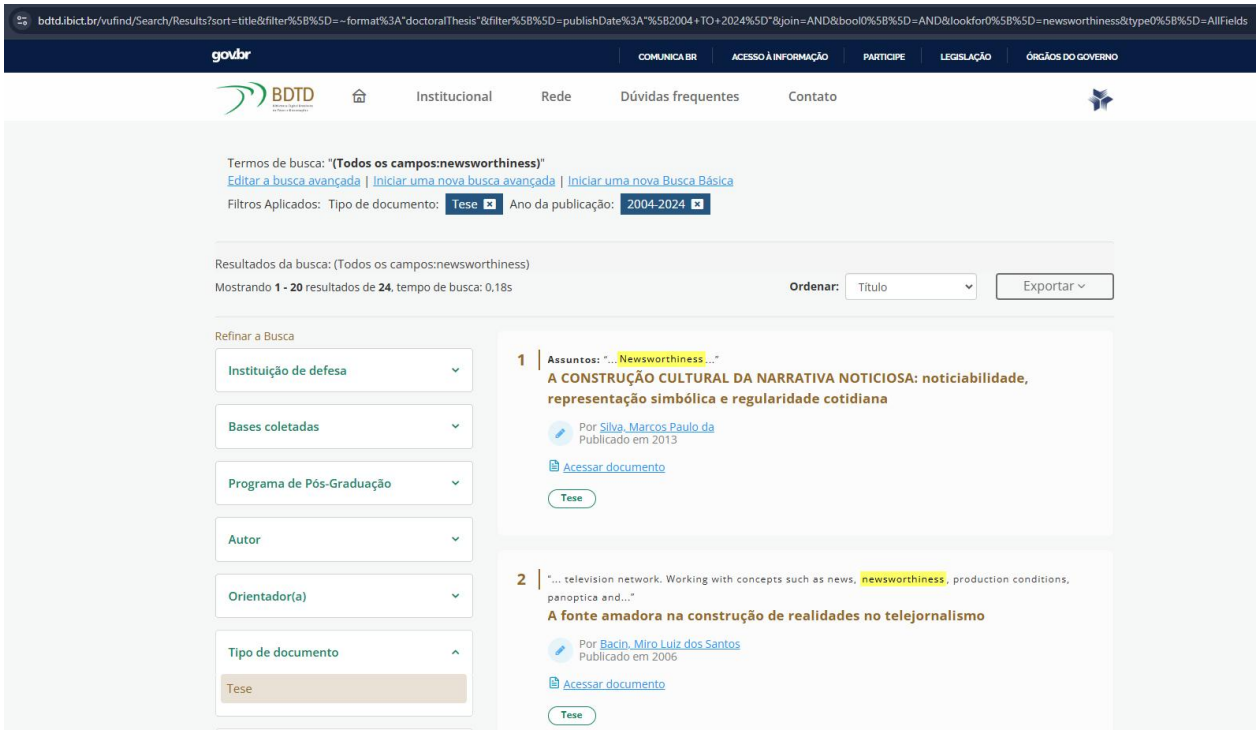
ANEXOS

A – Pesquisas termo “pós-convergência” *site* Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (22/01/2025).





B – Pesquisa termo “Vida Cotidiana” no *site* Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (22/01/2025).



C – Pesquisa do termo “Noticiabilidade/Newsworthiness” *site* Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (22/01/2025).